



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ANDERSON ALMEIDA DA SILVA

**A (IN)DEFINITUDE NO SINTAGMA NOMINAL EM
LIBRAS: UMA INVESTIGAÇÃO NA INTERFACE
SINTAXE-SEMÂNTICA**

**CAMPINAS,
2019**

ANDERSON ALMEIDA DA SILVA

**A (IN)DEFINITUDE NO SINTAGMA NOMINAL EM LIBRAS: UMA
INVESTIGAÇÃO NA INTERFACE SINTAXE-SEMÂNTICA**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor(a) em Linguística.

**Orientador (a): Prof(a). Dr(a). Ruth Elisabeth Vasconcellos
Lopes (IEL – UNICAMP)**

**Co-Orientador (a): Prof (a). Dr (a). Josep Francisco Quer
Villanueva (ICREA – UPF – Barcelona)**

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pelo aluno Anderson Almeida da Silva e orientada pela Profa. PhD. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes com a co-orientação do Prof. PhD Josep Francisco Quer Villaneuva.

**CAMPINAS,
2019**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

AL64i Almeida-Silva, Anderson, 1987-
A (in)definitude no sintagma nominal em libras : uma investigação na interface sintaxe-semântica / Anderson Almeida da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes.
Coorientador: Josep Quer Villanueva.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sintagma nominal. 2. Gramática comparada e geral - Determinantes. 3. Língua brasileira de sinais. 4. Língua brasileira de sinais - Artigo. I. Lopes, Ruth Elisabeth Vasconcellos. II. Quer, Josep. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: (In)definiteness in libras noun phrases : a syntax-semantics interface-based analysis

Palavras-chave em inglês:

Noun phrase

Grammar, comparative and general - Determiners

Brazilian sign language

Brazilian sign language - Article

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora:

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes [Orientador]

Ronice Muller de Quadros

Renato Miguel Basso

Adeilson Pinheiro Sedrins

Aquiles Tescari Neto

Data de defesa: 19-12-2019

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4369-4885>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1837778435254840>



BANCA EXAMINADORA

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Ronice Muller de Quadros

Renato Miguel Basso

Adeilson Pinheiro Sedrins

Aquiles Tescari Neto

**IEL/UNICAMP
2019**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós-Graduação do IEL.

Dedico esta tese ao povo surdo e a Auridéia, que me fez aprender a libras.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a minha orientadora, prof. Dra. Ruth Lopes, por desde o começo ter abraçado meu tópico de investigação e ter me dado total apoio para que eu pudesse concluir esse trabalho de tese. Eu admiro a precisão, a leitura minuciosa e o respeito ao conhecimento científico que ela empreende em tudo que faz. Da mesma forma, o meu coorientador prof. Dr. Josep Quer foi fundamental nesse processo. Sempre pronto a me ajudar com as referências teóricas e com minhas dúvidas, por vezes, estapafúrdias, mas que me motivaram a construir esse trabalho autoral (*Gràcies per tot!*). Pra mim, são os *caras* que mais entendem de sintaxe no mundo. Obrigado aos dois!

Agradeço a UFPI por ter me concedido o afastamento integral para cursar o doutorado na UNICAMP. E ao colegiado de ciências biológicas da UFPI pelo apoio integral que obtive.

Ao Banco Santander pela concessão da Bolsa de Mobilidade Internacional que me permitiu fazer meu período sanduíche na *Universitat Pompeu Fabra* em Barcelona em 2017.

A FAPEPI pela concessão de uma bolsa do Programa de Auxílio à Participação em Eventos Científicos que me permitiu apresentar partes deste trabalho na ABRALIN/2017.

A ABRALIN pela concessão de apoio financeiro à pesquisa de alunos não-bolsistas, do edital 01/2018. Os equipamentos adquiridos por meio do edital garantiram com que esta pesquisa fosse realizada com toda qualidade digital, e ainda, garantirá o prosseguimento das pesquisas com a libras na UFPI.

A minha banca de defesa, pela leitura minuciosa do trabalho e pelas contribuições, Prof. Dr. Renato Basso, Prof. Dra. Ronice Quadros, Prof. Dr. Adeilson Sedrins e Prof. Dr. Aquiles Tescari.

Na UNICAMP contei com o apoio das pessoas que compõem o núcleo FORMA de pesquisa: Antônio Codina (o cara que fala mais línguas que eu conheço), um amigo que levarei para sempre, Aline Pires, Giovana (nunca vou esquecer o que você me disse sobre escrever uma tese!), Williane (coisa mais querida!), Fernanda Mendes (a ordem importa!), Ruan Mariano, Lara, Cláudio Vasconcellos (amigo, para além da UNICAMP) e os professores com quem aprendi coisas valiosíssimas: Charlotte Galves

(pelas aulas incríveis de sintaxe gerativa), Angel Mori (pelas indicações de leituras), Tiago Motta, e alguns professores visitantes como a profa. Cristina Schimitt.

Durante o período que fui para Recife para cuidar da recuperação da minha mãe de uma doença grave fui abraçado pelo grupo de pesquisa mais querido do universo, o GETEGRA, e sou eternamente grato aos ensinamentos e discussões sobre teoria sintática e minimalismo que tive com os profs. Dra. Cláudia Roberta, Dr. Adeilson Sedrins, Dr. Marcelo Sibaldo, Dra. Malu Freitas e Dra. Dorothy. Nídia. Aos queridos companheiros de pesquisa Alane Luma, Déreck Ferreira, Edney e Sivaldo.

Na Universitat Pompeu Fabra, no laboratório de pesquisas em língua de sinais catalã, em Barcelona, onde fiz um período sanduíche da pesquisa tive a chance de discutir o meu trabalho com colegas incríveis e partes desses diálogos se encontram nas páginas desta tese. São eles: Gemma Barberà (*Gràcies!*), Giorgia Zorzi (an undescrivable person! Beyond a perfect tea buddy, you are super human, thanks for all!), Raquel Veiga (obrigado pela companhia nas viagens e nas discussões teóricas), Alexandra, Sara, Antonia e Kata. Agradeço também a Jordina e Delfina pela companhia nos almoços sinalizados.

I want to thank prof. Dr. Roland Pfau for your friendship and all the encouragement you gave me. You are such an inspiration to us.

Ao meu orientador do mestrado, prof. Dr. Ronald Taveira da Cruz, um amigo e cúmplice de tudo isso estar acontecendo comigo. Se não fosse por ele me perguntando há 8 anos atrás como se diz ‘A casa’ e ‘Uma casa’ em libras, toda essa minha história com os sintagmas nominais jamais teria existido. Agora, todas as vezes que um aluno me pede um tema de pesquisa eu dou. Vai que, como aconteceu conosco, a fome se encontra com a vontade de comer e as coisas acontecem. Espero que você goste desse texto.

Uma tese não se faz sozinho, e neste trabalho eu contei com um auxílio na filmagem e edição dos experimentos do amigo Carlos Oliveira, muito obrigado. Obrigado também ao Jó Carlos pelas transcrições dos vídeos. Liliana Tavares pela parceria profissional e pessoal.

Na Universidade Federal de Alagoas – UFAL contei com o apoio do prof. Dr. Jair Farias que me abriu as portas para a coleta de dados e para a minha qualificação durante a ABRALIN. Aos prof. Humberto Meira, pela autorização concedida e Adir, experiente linguista de línguas indígenas, pelo envio das referências.

A profa. Dra. Ronice Muller de Quadros por ter aceitado me orientar no trabalho de qualificação de área, por ter cedido os dados anotados do Corpus, por ter me incentivado todos esses anos a seguir firme com as pesquisas na linguística da libras, certamente, você é uma referência para nós pesquisadores de línguas de sinais no Brasil. Gratidão!

Aos professores que gentilmente compuseram a banca da minha qualificação de área, profa. Dra. Aline Pizzio (UFSC) e Prof. Dr. David Quinto-Pozos (Universidade de Austin-Texas), vocês fizeram com que o trabalho crescesse muito com as sugestões, obrigado!

No Brasil, eu conto com o apoio de uma dupla de linguistas maravilhosos e que adoram trocar áudios que superam os 5 minutos, uma verdadeira prova de amor pelos estudos linguísticos, são eles: André Xavier (UFPR), Angélica Rodrigues (UNESP-Araraquara). Além de João Paulo (UFSCAR), Cilene Rodrigues (PUC-RJ), Andrew Nevins (UFRJ), Janice Temoteo (UNICAMP) e Guilherme Lourenço (UFMG).

No Piauí, também contei com o apoio de muitas pessoas. Na Universidade Federal do Piauí eu contei com o apoio, tanto físico como emocional, da minha amiga Natália Simeão.

No CAS-Teresina, os surdos Kelly Lemos, Marcos Patrício, Rachel Andrade e Elizabeth Lemos.

Ainda em Teresina, agradeço ao Mário Augusto por ter me cedido sua câmera para que eu pudesse efetuar grande parte da minha coleta de dados. E aos que me auxiliaram como monitores nas coletas: Rômulo Lima, Heron Silva, Sanatiana Alencar e Francílio, que gentilmente cedeu seu apartamento para que eu ficasse por mais de uma semana, obrigado.

Aos amigos professores da UNICAMP, e que apesar de não terem sido meus professores, foram fundamentais durante a minha estada em Campinas: Juanito Avelar, Marcos Babai e Markos.

Aos meus amigos TILS que acompanharam de perto esta trajetória da escrita da tese, e que são aqueles que te valorizam, estimulam e sofrem junto com você: Ângela Russo, Neiva de Aquino Albres, Iran Scantbelruy, César Rafael, Marcos Luchi, Issac Gomes (INES) e Abymael.

Aos surdos participantes da pesquisa, que cederam seu tempo, suas imagens e sua língua para este trabalho. Sem a participação de vocês, trabalhos como este seriam inexequíveis. Por isso, agradeço aos surdos alunos do letras libras da UFAL que

participaram da coleta-piloto e da entrevista em 2016: Bruno Pedra, Daniel Barbosa, Evely Mendonça, Jéssica Cedrim e Rafael Bernardo. Aos 20 surdos alunos do letras libras da UFPE e aos 20 surdos da cidade de Teresina, que gentilmente contribuíram para o desenvolvimento desta tese. Sem o talento de vocês, o meu não é nada. Obrigado!

A minha família nuclear, minha mãe Solange Almeida e minha irmã Daniele Almeida, elas são a razão de todo esse esforço. Meu Pai Amaro Alves, o leitor mais assíduo das minhas produções. E outros que acompanharam esse processo e também são uma família para mim: Juraci, Fábio Costa e Mauro Jonas. Amo todos vocês.

Aos amigos acadêmicos, Daniel Galeno, pelas intermináveis conversas sobre a vida e a pesquisa, e ao amigo e pesquisador Dr. Reginaldo Trindade que é um exemplo para mim. Ao Glauber Moreira, pela companhia e estímulos. A Ana Paula Lima de Carvalho, parceira na vida de na academia.

RESUMO

Esta tese investiga *se e como* a (in)definitude é codificada gramaticalmente na libras. Mais especificamente, investigo a possibilidade de os nomes ocorrerem com determinantes (artigos) e não somente como nomes nus. A análise toma por base o arcabouço teórico da teoria gerativa, reunido elementos da sintaxe e semântica formais, assumindo a hipótese DP (ABNEY, 1987). Minha hipótese é de que a libras possui itens funcionando como artigos na gramática da língua e que os surdos bilíngues, devido ao contato frequente com o português, teriam artigos na sua gramática, mas não os surdos monolíngues, com baixo contato com o português. Efetuei uma coleta de dados naturalísticos e elicitados para investigar a ocorrência, sistematicidade e interpretação de DPs nus e acompanhados de determinantes em posições argumentais. Para elicitar os dados, surdos monolíngues n=20 e surdos bilíngues n=20 participaram de três tarefas de produção e três tarefas de compreensão que tinham por objetivo identificar os itens utilizados para codificar definitude forte, definitude fraca, indefinidos específicos e indefinidos não específicos. Os resultados mostram que a gramática bilíngue está no caminho de uma língua de artigos generalizados (JENKS, 2018) pois possui um expoente morfológico (IX_{det}) que pode ser usado em contextos anafóricos (fortes) ou não-anafóricos (fracos). Já os falantes monolíngues comportam-se como línguas como o francês ou o mandarim, nas quais há marcas exclusivas para os contextos anafóricos, mas não há evidências para a realização de um D explícito. A tese reforça a hipótese de que a existência da camada DP não depende da existência de artigos nas línguas, já que ambas as gramáticas codificam a diferença entre definidos fortes, fracos e não específicos de alguma maneira na língua, seja por meio de um item dedicado ou alguma estratégia morfossintática. Por fim, os dados mostram que os falantes com mais contato com o português tendem a gramaticalizar artigos, diferentemente dos falantes monolíngues.

PALAVRAS-CHAVE: Sintagma determinante. Língua brasileira de sinais. Definitude. Indefinitude. Artigos

ABSTRACT

This dissertation investigates *whether* and *how* (in)definiteness is grammatically encoded in libras. Moreover, I claim that the DPs are not always found in the bare form, but may occur accompanied by determiners (articles). The analysis is based on the generative theory, reuniting elements from both formal syntax and semantics, assuming the DP hypothesis (ABNEY, 1987). My hypothesis is that libras has article-like items in the grammar and that bilingual Deaf signers, because of their frequent contact with Portuguese, have articles in their grammar, but not the monolingual Deaf, who have low contact with Portuguese. I collected spontaneous and elicited data in order to find out the occurrence, systematicity and interpretation of bare and determined DPs in argument positions. In order to elicit the data, 20 bilingual and 20 monolingual Deaf participated in three production tasks and three comprehension tasks that aimed to identify which items would be employed to encode strong definites, weak definites, specific indefinites and non-specific indefinites. The results show that the bilingual grammar is on the way to a language of generalized determiners (Jenks, 2018), that can be used in both anaphoric (strong) and non-anaphoric (weak) contexts. Yet the monolinguals behave like Fering or Mandarin languages, in which there is exclusive marking for anaphoric (strong) contexts, but there are no evidences for an explicit D. This study supports the hypothesis that the existence of the DP layer universally is not related to the availability of articles in languages systems, since both grammars have a way to encode the difference between strong, weak and non-specific indefinites, be it through the use of a morphosyntactic strategy or with a dedicated item. Therefore, our data shows that the signers who are in frequent contact with Portuguese tend to gramaticalize articles, as opposed to the monolingual signers.

KEYWORDS: Determiner phrase. Brazilian sign language. Definiteness. Indefiniteness. Articles

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 2.1 Relação entre especificidade, escopo e referencialidade	41
Figura 2.2 Critérios de identificabilidade para definitude e especificidade	45
Figura 2.3 Agrupamento universal dos artigos em línguas com artigos	48
Figura 2.4 A marcação definida nas línguas do mundo	52
Figura 2.5 A marcação indefinida nas línguas do mundo	52
Figura 2.6 Escala de individuação de artigos	58
Figura 2.7 Rota de gramaticalização de artigos definidos.....	59
Figura 2.8 Rota de gramaticalização dos sinais de apontação nas línguas de sinais.....	59
Figura 2.9. Estágios da origem dos artigos indefinidos	65
Figura 2.10 Nomes nus em línguas sem artigos	68
Figura 3.1 O par verbo-nome em ASL	100
Figura 4.1 Uso da apontação por contadores de histórias	130
Figura 4.2 Um cone de apontação	132
Figura 4.3 Locações no espaço de sinalização	140
Figura 4.4 Marcação espacial da especificidade em LSC	141
Figura 4.5 Distinção do espaço frontal vs lateral a partir do tronco.....	147
Figura 4.6 Distinção do espaço frontal vs lateral a partir da face.....	148
Figura 4.7 Locações no espaço com a face para frente e rotada para a lateral.....	149
Figura 4.8 Conjunto de estímulos 1 – mudança na orientação da face	150
Figura 4.9 Conjunto de estímulos 2 – mudança na direção do olhar somente	151
Figura 4.10 Os planos espaciais nas línguas de sinais.....	152
Figura 4.11 Uso de apontações demonstrativas não-gramaticalizadas/apontações absolutas	156
Figura 4.12 Diagrama do plano transversal (vermelho) vs plano horizontal (amarelo).....	158
Figura 4.13 Percentual dos sinais de IX no Corpus (do autor).....	161
Figura 4.14 Percentual dos sinais realizados com a apontação IX, glosados como DEM (lá)	161
Figura 4.15 Rota de gramaticalização sugerida para sinais de apontação nas LSs	171
Figura 4.16 Rota de gramaticalização da marca de tópico em ASL	177
Figura 4.17 Sinal manual NÃO.....	177
Figura 4.18 <i>Headshake</i> – movimento de cabeça negativo	177

Figura 5.1 Entrevista-piloto no Letras Libras -UFAL	198
Figura 5.2 Tela de trabalho do ELAN	200
Figura 5.3 Percentual dos sinais realizados com a apontação IX, glosados como DEM...200	
Figura 5.4 ‘Boca de ferradura’ - MNM não-específica na libras	225
Figura 5.5 Condições para os verbos e determinantes	244
Figura 5.6 Telas de visualização da sentença do teste 4 no <i>Google forms</i>	252
Figura 5.7 Condições para os tipos de nomes e determinantes	259
Figura 5.8 Frases em libras para julgamentos de aceitabilidade	261
Figura 6.1 Paradigma de artigos na libras - gramáticas monolíngue e bilíngue	269
Figura 6.2 Redução fonológica da MNM não específica na libras (do autor)	300
Figura 6.3 Sinal PALM-UP com MNM não específica na libras	301

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1. Possibilidade de nomes sem artigos nas línguas naturais	53
Quadro 2.2. Realização morfológica de artigos definidos fracos e fortes.....	61
Quadro 3.1. Boskovic (2008; 2009) – testes sintáticos para línguas DP x NP	96
Quadro 3.2. Resultados dos testes NP/DP de Boskovic aplicados a libras (ALMEIDA-SILVA, 2013)	123
Quadro 4.1. Nomes nus e com determinantes e suas funções na libras	142
Quadro 4.2. Funções das apontações: ordem de IX vs contexto discursivo.....	169
Quadro 4.3. Funções da apontação em libras	182
Quadro 5.1. DPs acompanhados ou não de apontação encontrados em dados naturalísticos.....	190
Quadro 5.2. Resultados do grupo de surdos bilíngues para o teste 1 – produção de indefinidos	209
Quadro 5.3. Resultados do grupo de surdos monolíngues para o teste 1 – produção de indefinidos	214
Quadro 5.4. Resultados dos surdos monolíngues para DPs não-específicos	221
Quadro 5.5. Resultados dos surdos bilíngues para DPs não-específicos	223
Quadro 5.6. Resultado da produção de primeira menção e retomada – surdos monolíngues	231
Quadro 5.7. Resultado da produção de primeira menção e retomada – surdos bilíngues..	235
Quadro 5.8. Sentenças e sequência do teste 4	245
Quadro 5.9 (cont.). Sentenças e sequência do teste 4	249
Quadro 5.10. Sentenças utilizadas para julgamento de aceitabilidade no teste 5	259
Quadro 6.1. Nomes nus e com determinantes e suas funções na libras	271
Quadro 6.2. Sistemática no uso dos definidos fortes e fracos em libras	279
Quadro 6.3. Sistemática no uso dos itens indefinidos em libras	282
Quadro 6.4. Agrupamento dos artigos pela especificidade – gramática monolíngue	283
Quadro 6.5. Agrupamento dos artigos de forma mista – gramática bilíngue.....	283
Quadro 7.1. Agrupamento dos artigos de forma mista – gramática bilíngue.....	303
Quadro 7.2. Agrupamento dos artigos pela especificidade – gramática monolíngue	303

LISTA DE TABELAS

Tabela 5.1. Resultado para a maximalidade - 1º formato (sentença + condição).....	252
Tabela 5.2. Julgamento de aceitabilidade - 2º formato (sentença + condição+ continuação).....	254
Tabela 5.3. Resultados para a restrição de domínio e julgamento de gramaticalidade do teste 4.....	257
Tabela 5.4. Resultados para aceitabilidade de IX pré e pós-nominal com nomes próprios.....	262

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	língua de sinais americana
AUSLAN	língua australiana de sinais
CL	classificador
CP	sintagma complementizador
D	determinante
Dem	demonstrativo
DemP	sintagma demonstrativo
DET	determinante
DGS	língua de sinais alemã
DP	sintagma determinante (<i>Determiner Phrase</i>)
DSL	língua de sinais dinamarquesa
ELAN	Eudico Linguistic Annotator
HKSL	língua de sinais de Hong Kong
IP	sintagma flexional
ISL	língua de sinais israelense
LIBRAS	língua de sinais brasileira
LIS	língua italiana de sinais
LOs	línguas orais
LS(s)	língua(s) de sinal(is)
LSC	língua de sinais catalã
LSF	língua de sinais francesa
LSJ	língua de sinais japonesa
NGT	língua de sinais dos Países Baixos
NP	sintagma nominal (<i>Noun Phrase</i>)
Num	numeral
NumP	sintagma numeral
PB	português brasileiro
PJM	língua de sinais polonesa
RSL	língua de sinais russa
SC	servo-croata
SN	sintagma Nominal

SSL língua de sinais suíça

TID língua de sinais turca

UFAL Universidade Federal de Alagoas

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

VP sintagma verbal (*Verbal Phrase*)

WALS World Atlas of Language Structures

CONVENÇÕES DAS GLOSAS

@	ausência de gênero
1-DIZER-3	identificação dos argumentos verbais ('Eu disse a ele/a')
Contra	contralateral
Ipsi	ipsilateral
IX-	sinal de apontação com indicador para a lateral
IX-1 peito do	pronome de primeira pessoa - apontação com o indicador para o sinalizador
IX-2	pronome de segunda pessoa
IX-3	pronome de terceira pessoa
IX _{adv}	apontação adverbial
IX _{dem}	apontação demonstrativa
IX _{det}	apontação determinante
IX _{pro}	apontação pronominal
Md	mão direita
Me	mão esquerda
MNM	marca não-manual
PL	plural
SG	singular
SINAL	SURD@ item lexical da Libras é glosado com letras capitalizadas

Linhas baixas com informações sobrescritas indicam suprasegmentos (traços não manuais):

_____top	marca de tópico
_____neg	balanço lateral de cabeça (negação)
_____ls	levantamento de sobrancelhas
_____ac	aceno de cabeça (afirmação)
_____eg ou	
_____eye-gaze	direção do olhar
_____rel	marca de oração relativa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
1.1 SOBRE SER UMA LÍNGUA DE SINAIS	25
1.2 SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS QUE ANALISO.....	25
1.3 SITUANDO O FENÔMENO.....	26
1.4 PERSPECTIVA TEÓRICA ADOTADA.....	29
1.5 PROBLEMAS DE PESQUISA.....	30
1.6 REFINANDO O OBJETO DE PESQUISA.....	31
1.7 HIPÓTESE	32
1.8 OBJETIVOS DA TESE	33
1.9 ORIGEM E COLETA DOS DADOS	33
1.9.1 Origem dos dados	33
1.9.2 Coleta dos dados	34
1.9.3 Participantes.....	35
1.10 ESTRUTURA DA TESE	36
2 A (IN) DEFINITUDE E OS ARTIGOS.....	37
2.1 A DEFINITUDE	37
2.2 INDEFINITUDE	42
2.3 INDEFINITUDE E ESPECIFICIDADE.....	44
2.4 OS ARTIGOS.....	50
2.4.1 Função	55
2.4.1.1. Artigos definidos	55
2.4.1.1.1 <i>Origem dos artigos definidos</i>	58
2.4.1.2 Artigos definidos anafóricos.....	60
2.4.1.3 Indefinidos específicos	62
2.4.1.4 Indefinidos não-específicos	63
2.4.1.4.1 <i>Origem dos artigos indefinidos não-específicos</i>	63
2.4.1.5 Indefinidos	64
2.4.1.5.1 <i>Origem dos artigos indefinidos</i>	65
2.4.2 Domínio de atuação	66
2.4.3 Sistemática	66

2.5 A (IN) DEFINITUDE EM LÍNGUAS SEM ARTIGOS	67
2.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	73
3 O SINTAGMA DETERMINANTE (DP) – ELEMENTOS TEÓRICOS	75
3.1 DP NAS LÍNGUAS ORAIS	76
3.1.1 Estrutura funcional	82
3.1.1.1 DemP	84
3.1.1.2 NumP	87
3.1.1.1 DP	88
3.2 DP NAS LÍNGUAS DE SINAIS	99
3.2.1 Distinção entre nomes e verbos nas LS.....	100
3.2.2 Fenômenos do DP em LS	104
3.2.2.1 Morfologia de número no N (PFAU & STEINBACH, 2005).....	106
3.2.2.2 Quantificação do N (PETRONIO, 1995)	110
3.2.2.3 Categoria vazia pronominal nos verbos com concordância (KOULIDOBROVA, 2017)	114
3.2.3 Artigos nas línguas de sinais	119
3.2.3.1 O DP na libras	123
3.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO	126
4 A APONTAÇÃO, MORFEMAS ESPACIAIS E AS MARCAS NÃO-MANUAIS NA LIBRAS	128
4.1 A APONTAÇÃO E O FENÔMENO DÊITICO	129
4.2 A APONTAÇÃO NAS LÍNGUAS DE SINAIS	132
4.3 POR QUE A APONTAÇÃO COM O INDICADOR?	133
4.4 USOS DA APONTAÇÃO NO ESPAÇO	137
4.5 MORFEMAS ESPACIAIS	140
4.5.1 Sá et al (2012) – Definidos fortes e fracos na libras.....	141
4.5.2 Barberà (2012) - Indefinidos específicos e não-específicos	143
4.6 PROPOSTA DE ANÁLISE DO ESPAÇO NA LIBRAS	144
4.6.1 Segmentação do espaço a partir da face.....	147
4.7 USOS DO ESPAÇO.....	151
4.7.1 Usos não-gramaticalizados do espaço.....	153

4.7.2 Usos gramaticalizados do espaço	153
4.8 CATEGORIAS DAS APONTAÇÕES EM LIBRAS	154
4.8.1 Formas não-sincréticas	155
4.8.1.1 Função demonstrativa não-gramaticalizada da apontação	155
4.8.1.2 Função adverbial da apontação.....	156
4.8.2 Formas Sincréticas	161
4.8.2.1 Função demonstrativa gramaticalizada da apontação	161
4.8.2.2 Função pronominal da apontação	166
4.8.2.2.1 <i>Sobre o uso possessivo das formas pronominais</i>	167
4.8.2.3 Função de artigo da apontação em libras.....	170
4.9 PROBLEMATIZANDO A APONTAÇÃO	171
4.10 AS MARCAS NÃO-MANUAIS (MNM).....	175
4.11 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	180
5 DEFINITUDE E INDEFINITUDE NA LIBRAS: COLETAS, TESTES E RESULTADOS	184
5.1 HIPÓTESE E COLETAS REALIZADAS	184
5.2 COLETA DE DADOS NATURALÍSTICOS	187
5.2.1 Vídeos da internet	188
5.2.1.1 Introdução.....	188
5.2.1.2 Materiais e método	188
5.2.1.3 Participantes	188
5.2.1.4 Procedimentos	189
5.2.1.5 Resultados.....	189
5.2.1.5.1 <i>Distribuição da apontação IX</i>	189
5.2.1.5.2 <i>O uso da apontação IX e as posições argumentais</i>	196
5.2.2 Entrevista-piloto	197
5.2.2.1 Introdução.....	197
5.2.2.2 Materiais e método	197
5.2.2.3 Participantes	197
5.2.2.4 Procedimentos	198
5.2.2.5 Resultados.....	198
5.2.3 Corpus da libras	199

5.2.3.1	Introdução	199
5.2.3.2	Materiais e método	199
5.2.3.3	Participantes	200
5.2.3.4	Resultados.....	201
5.3	COLETA DE DADOS ELICITADOS.....	201
5.3.1	Tarefas de Produção.....	202
5.3.1.1	Teste 1 – Que itens são candidatos a artigos indefinidos em libras?.....	202
5.3.1.1.1	<i>Introdução</i>	202
5.3.1.1.2	<i>Materiais e método</i>	202
5.3.1.1.3	<i>Participantes</i>	208
5.3.1.1.4	<i>Procedimentos</i>	208
5.3.1.1.5	<i>Resultados</i>	208
5.3.1.1.5.1	<u>Resultado do grupo de surdos bilíngues</u>	208
5.3.1.1.5.2	<u>Resultado do grupo de surdos monolíngues</u>	214
5.3.1.1.5.3	<u>Resultados para ambos os grupos de surdos - bilíngues e monolíngues</u>	217
5.3.1.2	Teste 2 – A libras codifica a especificidade gramaticalmente?.....	220
5.3.1.2.1	<i>Introdução</i>	220
5.3.1.2.2	<i>Materiais e método</i>	220
5.3.1.2.3	<i>Participantes</i>	220
5.3.1.2.4	<i>Resultados</i>	220
5.3.1.3	Teste 3 – Definitude x Indefinitude	227
5.3.1.3.1	<i>Introdução</i>	227
5.3.1.3.2	<i>Materiais e método</i>	228
5.3.1.3.3	<i>Participantes</i>	229
5.3.1.3.4	<i>Procedimentos</i>	229
5.3.1.3.5	<i>Resultados</i>	230
5.3.1.3.5.1	<u>Resultado do grupo de surdos bilíngues</u>	239
5.3.1.3.5.2	<u>Resultado do grupo de surdos monolíngues</u>	239
5.3.1.3.5.3	<u>Outras formas de marcar a definitude em libras</u>	241
5.3.2	Tarefas de Compreensão.....	243
5.3.2.1	Teste 4 – IX.PL pré-nominal se comporta como um artigo definido plural em libras?	243
5.3.2.1.1	<i>Introdução</i>	243

5.3.2.1.2 <i>Materiais e método</i>	243
5.3.2.1.3 <i>Participantes</i>	251
5.3.2.1.4 <i>Procedimentos</i>	251
5.3.2.1.5 <i>Resultados</i>	252
5.3.2.2 Teste 5 – Como IX.SG pré-nominal se comporta diante de nomes próprios em libras?	258
5.3.2.2.1 <i>Introdução</i>	258
5.3.2.2.2 <i>Materiais e método</i>	258
5.3.2.2.3 <i>Participantes</i>	260
5.3.2.2.4 <i>Procedimentos</i>	260
5.3.2.2.5 <i>Resultados</i>	261
5.3.2.3 Teste 6 – Indefinidos não-específicos	264
5.3.2.3.1 <i>Introdução</i>	264
5.3.2.3.2 <i>Materiais e método</i>	264
5.3.2.3.3 <i>Participantes</i>	265
5.3.2.3.4 <i>Procedimentos</i>	265
5.3.2.3.5 <i>Resultados</i>	265
5.4 SÍNTESE DOS RESULTADOS	266
6 ANÁLISE DOS DADOS	268
6.1 SEMÂNTICA DOS ARTIGOS NA LIBRAS.....	268
6.1.1 Artigo definido forte (anafórico) em libras	269
6.1.2 Artigo definido fraco (unicidade) em libras.....	276
6.1.3 Artigo indefinido em libras	280
6.1.4 Artigo indefinido não-específico em libras	280
6.2 SINTAXE DOS ARTIGOS NA LIBRAS	282
6.2.1 Distribuição dos artigos.....	283
6.2.1.1 Artigo definido fraco	283
6.2.1.2 Artigo definido – singular ou plural	284
6.2.1.3 Artigo indefinido	285
6.2.1.4 Artigo afixal indefinido não-específico	285
6.2.2 O artigo e os traços de número na libras.....	286
6.2.3 O artigo e a leitura incorporada.....	291

6.2.4 Bloqueio da leitura específica	292
6.3 ORIGEM DOS ARTIGOS NA LIBRAS	293
6.3.1 Origem do artigo definido.....	294
6.3.2 Origem do artigo indefinido	298
6.3.3 Origem do artigo indefinido não-específico	298
6.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	302
7 CONCLUSÕES.....	303
REFERÊNCIAS	307
APÊNDICES	325
APÊNDICE A - SENTENÇAS UTILIZADAS NO TESTE 5 – EM LIBRAS.....	326
APÊNDICE B - SENTENÇAS UTILIZADAS NO TESTE 4 – EM LIBRAS.....	331
ANEXOS	350
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	351

1 INTRODUÇÃO

1.1 SOBRE SER UMA LÍNGUA DE SINAIS

A linguística, de um modo geral, não se ocupou em analisar línguas sinalizadas no seu início, porque, assim como outras línguas minoritárias, seus usuários não possuíam representatividade social ou política e as línguas de sinais não eram consideradas como línguas naturais. No entanto, sabemos que para uma língua se manter viva, basta que existam usuários. E foi deste modo que as línguas de sinais se mantiveram ao longo do tempo.

Não faltam evidências nos dias de hoje de que as línguas de sinais são línguas naturais, e estudos como este, servem para desfazer o mito de que as línguas sinalizadas não servem para os surdos, pois seria preferível o uso de uma língua oral. E, embora esta tese não se ocupe em analisar este tipo de crença, é importante asseverar que as línguas de sinais são línguas humanas e que a proibição/coibição da *aquisição* de línguas de sinais (LSs) é um desserviço para a comunidade surda, e conseqüentemente, reflete a ignorância sobre os estudos que tem sido realizado sobre as LSs. Uma língua natural é aquela que é adquirida sem esforço ou treino, por isso, nós linguistas afirmamos que as línguas de sinais se constituem como a língua materna dos surdos.

Para fechar essa pequena apresentação eu trago as palavras de Saussure (1916, p.17) quando afirma que “os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas”, e Chomsky (1995, p.2, grifo do autor) mais recentemente afirma que “o sistema cognitivo interage com apenas dois sistemas ‘externos’: o articulatório-perceptual (A-P) e o conceitual-intencional (C-I)”. E afirma que o termo “articulatório” é incipiente, e nos levaria ao engano de que a faculdade da linguagem seria específica de uma modalidade, tendo uma relação especial com os órgãos vocais. Os trabalhos de pesquisa com LSs extirpam essa premissa tão arraigada nos estudos de línguas orais (LOs).

1.2 SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS QUE ANALISO

A libras é a língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros. Em 2002, a lei federal 10.436/2002 reconheceu a libras como a língua dos surdos brasileiros e a sanção do decreto 5.626/2005, logo em seguida, permitiu à comunidade surda obter diversos avanços nas áreas de educação, saúde e trabalho.

No que concerne às pesquisas com a língua, ainda são escassos os trabalhos que se concentram em descrever o seu funcionamento gramatical. As primeiras iniciativas são as de Ferreira-Brito (1995), Quadros (1995; 1999; 2004). Remeto o leitor para uma visão geral sobre a libras contida no capítulo escrito por Xavier & Agrella (2015) na publicação denominada *Sign Languages of the world*, que apresenta um panorama com mais de 35 línguas de sinais de todos os continentes para as quais já existem alguma pesquisa linguística em andamento. De acordo com o censo do IBGE de 2010, aproximadamente 9 milhões de brasileiros possuem algum problema auditivo e dentro do grupo dos surdos profundos, 95% são filhos de pais ouvintes, ou seja, não adquirem a libras no ambiente doméstico (GODINHO, KEOGH & EAVEY, 2003).

1.3 SITUANDO O FENÔMENO

Aparentemente, a libras não faz uso categórico de artigos definidos ou indefinidos, para DPs em posição argumental, como o português brasileiro (PB) nos casos em (1) e (2). E nenhuma das descrições gramaticais disponíveis da língua apontam para tal fato.

(1) (definidos referenciais)

- a. *(O) rapaz me ligou
- b. Eu li *(a) tese do Anderson

(2) (indefinidos específicos)

- a. *(Um) Homem ligou para você ontem
- b. Eu li *(uma) tese sobre o sintagma nominal em libras

Os exemplos da libras em (3), (4) e (5) abaixo, mostram DPs em posições argumentais de sujeito, objeto e objeto indireto, sendo todas realizações de nomes nus, ou seja, desacompanhados de determinantes. Diferentemente dos exemplos acima em PB, a ausência de determinantes não resulta em agramaticalidade.

(3) a. [\emptyset JOÃO]_{DP} PESQUISAR [\emptyset LIBRAS]_{DP}

“(O) João pesquisa (a) libras”

b. [\emptyset SURD@]_{DP} CHEGAR

“(O/Os/Um/Uns surdo(s) chegou(aram)”

(4) [IX-1.SG]_{DP} QUERER-NÃO PREJUDICAR [øSURD@]_{DP}

“Eu não quero prejudicar o/os/um/uns surdo(s)”

(5) [IX-1.SG]_{DP} DAR_a [øALUN@]_{DP} [øLIVR@]_{DP}

“Eu dei o/os/um/uns livro(s) para o/os/um/uns aluno(s)”

(dados primários da tese)

O comportamento dos nomes nus em (3), (4) e (5) sugeriria, então, que a definitude talvez não seria codificada gramaticalmente por itens, como os artigos, na libras, mas que teríamos algo parecido com a língua karitiana (MÜLLER & BERTUCCI, 2012; MÜLLER & SANCHEZ-MENDES, 2016) como no exemplo em (6), no qual os DPs podem ser interpretados como existencialmente definidos, existencialmente indefinidos e como genéricos em todas as posições argumentais, ou seja, a interpretação se daria sempre pelo contexto pragmático de proferimento, mas não pela gramática da língua.

(6)

(karitiana)

Ombaky na-aka-t

i-pykyna-t

Jaguar DECL-cop-NFT

PART-run-ABS.AGR

- a. Leitura genérica: Geralmente, se algo é um jaguar, ele corre.
- b. Leitura existencial indefinida: Existe uma ou mais entidades, tais que eles(as) são jaguares e eles(as) correm.
- c. Leitura existencial definida: O único Jaguar saliente no contexto corre.

(MÜLLER & SANCHEZ-MENDES, 2016, p. 257)

O karitiana ofereceria, então, uma evidência contra a posição de Longobardi (1994), para o qual todos os nomes em posições argumentais deveriam possuir a posição sintática D, mesmo que não realizada fonologicamente, o que parece não ser o caso do karitiana, já que a língua não possui artigos, morfologia de número ou demonstrativos.

No entanto, após uma análise mais atenta dos proferimentos dos surdos em situações espontâneas de fala, elicitando dados e consultando os exemplos disponíveis na literatura,

observamos a ocorrência não somente de nomes nus, ou seja, desacompanhados de determinantes¹, mas também de DPs determinados em todas as posições argumentais, como nos exemplos em: (7) posição de sujeito, (8) de objeto direto e (9) de objeto indireto.

(7) a. [IX.SG JOÃO]_{DP} PESQUISAR [∅ LIBRAS]_{DP}
‘(O) João pesquisa (a) libras’

b. [UM SURD@]_{DP} CHEGAR
‘Um/a surdo/a (específico) chegou’

c. ______{MNM²: indefinido-não-específico} CHEGAR
[UM SURD@]_{DP}
‘Um/a surdo/a (qualquer/que eu não conheço) chegou’

(dados primários da tese)

(8) a. [IX-1.SG]_{DP} QUERER-NÃO PREJUDICAR [IX-PL SURD@]_{DP}
‘Eu não quero prejudicar as/os surdo/as’

b. [IX-1.SG]_{DP} QUERO COMPRAR [UM GAT@]_{DP}
‘Eu quero comprar um/a gato/a (carinhoso, branco, persa...)’

c. [IX-1.SG]_{DP} QUERO COMPRAR ______{MNM: indefinido-não-específico} [UM GAT@]_{DP}
‘Eu quero comprar um/a gato/a (qualquer gato)’

(dados primários da tese)

(9) a. [IX-1.SG]_{DP} DAR_a [IX.SG_a ALUN@]_{DP} [∅LIVR@]_{DP}
‘Eu dei o livro para o/a aluno/a’

(LOURENÇO, 2016, p. 2)

b. [IX-1.SG]_{DP} DAR_a [UM PESSO@]_{DP} [∅LIVR@]_{DP}
‘Eu dei o livro para uma pessoa (específica)’

c. [IX-1.SG]_{DP} DAR_a ______{MNM: indefinido-não-específico} [UM PESSO@]_{DP} [∅ LIVRO]_{DP}
‘Eu dei o livro para uma pessoa (qualquer)’

Se observarmos a tradução em PB das sentenças acima em (7), (8) e (9), aparentemente, a ocorrência de determinantes (apontações, numerais e marcas não-manuais) juntos aos nomes

¹ Por enquanto, utilizo a nomenclatura “determinante” para denominar a classe dos elementos que acompanham os nomes, sem afirmar a que categoria pertencem estes itens lexicais. Embora, a literatura sobre os DPs nus considere, como nome nu, aquele tradicionalmente desacompanhado da categoria de artigo.

² As marcas não manuais podem ser afetivas, quando representam o estado emocional do sinalizador, por exemplo, raiva, emoção, alegria, espanto, ou gramaticais, que são as que nos interessam, quando são usadas por exemplo, para codificar uma sentença negativa, declarativa, interrogativa dentre outras funções. Há uma literatura extensa sobre as MNMs em diferentes línguas de sinais. Cf. PFAU & QUER (2010) para uma revisão do tema.

altera a interpretação dos DPs. A partir disso, esta tese investiga se a contribuição desses determinantes para os DPs é a mesma que vemos na tradução para o português. E ainda, investigaremos se existe uma sistematicidade no uso de nomes nus na libras, dado que, aparentemente, os determinantes não são de uso categórico, pois (3), (4) e (5) são sentenças possíveis.

Hipotetizamos, então, que a libras estaria fazendo emergir um paradigma de artigos, definidos e indefinidos, a partir dos contextos nos quais há a necessidade de se desambiguar a interpretação nominal.

Esta tese analisa, então, *se e como* as noções semânticas de definitude e indefinitude são codificadas gramaticalmente nos sintagmas nominais (DPs) da libras.

1.4 PERSPECTIVA TEÓRICA ADOTADA

Assumindo uma teoria de base gerativa em sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995 e publicações subsequentes), a análise tenta conciliar a sintaxe e semântica formais com os estudos sobre gramaticalização.

A tese concentra-se grande parte em analisar a categoria dos determinantes definidos, uma vez que estes seriam os expoentes genuínos da expressão da definitude nas línguas naturais e por isso ocupariam o núcleo da projeção funcional D (LONGOBARDI, 1994; CHIERCHIA, 1998; GILLON, 2015 entre outros), assumindo a Hipótese DP (ABNEY, 1987) como ponto de partida, que será explicitada no capítulo 2 desta tese. Além disso, os determinantes indefinidos também estão inseridos em nossa análise, identificando, deste modo, um paradigma completo de artigos para a libras.

Ao analisar a estrutura sintática do DP na libras, formularemos respostas sobre se a libras poderia ter passado de um estágio nos quais todos os nomes eram nus³ (embora, com poucas evidências históricas), sem artigos, para um estágio com um paradigma emergente de determinantes definidos e indefinidos.

Há um debate na literatura sobre a que categoria (morfológica) pertenceria os itens de apontação que são atestados pré e pós-nominalmente, não só na Libras, como nos exemplos (7),

³ Peço licença ao leitor para apresentar uma evidência complementar que encontramos em outras LSs. Por exemplo, enquanto alguns pesquisadores analisavam a possível existência de um D explícito na ASL (McCLAUGHLIN, 1995), outros pesquisadores publicaram trabalhos seminais sobre os nomes nus nesta mesma língua (PETRONIO, 1995). Ou seja, não se pode afirmar se a ASL teve ou não um estágio só com nomes nus. Além disso, os estudos em aquisição de LS, no geral, mostram que os sinais de apontação aparecem muito cedo na fala de crianças surdas.

(8) e (9) acima, mas em outras línguas de sinais⁴ e se esta apontação pré e pós-nominal poderia estar codificando a definitude de fato, ou outras funções como a localização dos referentes no espaço de sinalização (demonstração) ou a quantidade de referentes selecionados (número).

No que concerne às mudanças categoriais, desde o início, adoto a postura de Lichtenberk (1991), para quem as mudanças categoriais são necessariamente abruptas, e defenderei que isto se aplica à criação dos artigos em libras, visto que podemos ter estágios nos quais nem todos os usuários utilizem as mesmas estruturas com as mesmas funções. O que é gradual para o autor é o espalhamento da mudança, e isto faria com que aparentemente a língua apresentasse estágios sincrônicos de variação no uso das formas. Mas não existe a opção para o item, após sofrer gramaticalização, deixar de ser mais gramaticalizado. O sincretismo em si não é um problema para a análise linguística, ou seja, pode haver estágios sincrônicos de alternância entre o novo e o velho uso da forma, até que as relações sintáticas mais rígidas, conseqüentes à gramaticalização do item, se espalhem gradualmente na gramática de todos os falantes.

Por fim, tomo por base a distinção entre definidos fracos e fortes assumida por Jenks (2018). O autor mostra que mesmo em línguas sem artigos como o mandarim ou o cantonês, a codificação da diferença entre definidos fortes e fracos é marcada gramaticalmente, o que nos leva a assumir com Jenks (2018), que a ausência de D, então, não está diretamente relacionada à inexistência da categoria morfológica de artigos. Trataremos com detalhes sobre a diferença entre definidos fortes e fracos no capítulo 1 da tese.

1.5 PROBLEMAS DE PESQUISA

1. Se há artigos em Libras, eles são opcionais? Aparentemente, se contrastarmos os exemplos de (3-5) com a sequência de (7-9) em que percebemos a ocorrência sincrônica de nomes nus e nomes acompanhados de determinantes, diríamos que sim, no entanto formularemos uma resposta para a questão da opcionalidade em termos de sistematicidade no emprego das formas;

2. Como a língua teria feito emergir um sistema de artigos? Haveria como se comprovar algum estágio somente de nomes nus na libras, já que a língua não teria artigos especificamente,

⁴ American Sign Language (ASL) – ZIMMER & PATSCHKE, 1990; McLAUGHLIN, 1995; BAHAN et al., 1995; NEIDLE et al., 2001; BERNATH, 2009; McLAUGHLIN, 1997; KOULIDOBROVA & LILLO-MARTIN, 2016; Hong Kong Sign Language (HKSL) TANG & SZE, 2002.

mas disponha de uma vasta classe de determinantes, que incluem: possessivos, quantificadores, demonstrativos, numerais, etc.

1.6 REFINANDO O OBJETO DE PESQUISA

Não está dentro do escopo deste trabalho analisar DPs em sentenças genéricas e nem em construções conhecidas como classificadoras (SUPALLA, 1986), aquelas em que a configuração de mão representa geralmente o sujeito ou o objeto da ação e o movimento da mão representa a ação verbal propriamente dita. Geralmente, os classificadores em LSs foram um complexo onde o V+N encontram-se amalgamados em um único item lexical, como no exemplo (10) abaixo:

(10) (libras)
 [IX-1.SG]_{DP} [CL-PEGAR-COP@]
 “Eu pego/peguei o/um copo”

Apesar de retomarmos essas construções para explicar a interferência dos determinantes dentro dos DPs no capítulo 5 de análise, como temos um único item lexical com V+N amalgamados, não conseguimos determinar a posição exata desse N em relação ao V.

Outro refinamento da análise é feito no capítulo 3. Este capítulo é um *intermezzo* da tese para discutir as questões ligadas aos sinais de apontação, pois como hipotetizo que a definitude pode ser encabeçada por um elemento de apontação com o dedo indicador , um item de natureza iminentemente dêitica, a primeira intuição seria a de ligar esses elementos à função demonstrativa, e os estudos apontam que de fato esta é a sua gênese (COPPOLA & SENGHAS, 2010; PFAU, 2010). No entanto, uma seleção dos dados é necessária para que não se envie a análise das estruturas em jogo. Essa seleção diz respeito à exclusão das apontações que não estejam em contextos estritamente linguísticos de demonstração como os exemplos encontrados em Koulidobrova & Lillo-Martin (2016, pp. 225-226) em (11) e (12), nos quais os referentes são *ativados* através da apontação literal para um objeto físico, como em (11), ou literalmente alcançados, como em (12), por um ato de apontação ostensiva para um objeto presente na situação de fala. Nesses contextos, embora estudos como o de Hankamer & Sag (1976) apontem para uma influência do contexto extralinguístico na gramaticalidade das expressões anafóricas utilizadas para retomar a situação de fala, não há dúvidas sobre a natureza dêitica/demonstrativa

do item, ou seja, nesses casos, essas apontações não podem ser consideradas diretamente como artigos. A despeito de toda a aparência que eles espelham destes itens.

(11) (ASL)

O-QUE **IX**(telefone) DIZ, **IX**(telefone) DOUTOR DOUTOR **IX**(telefone), O-QUE DIZ, O-QUE **IX**(telefone)

“O que ele [apontando para o telefone] disse? É o doutor [apontando para o telefone]. O que ele [apontando para o telefone] tá dizendo?”

(12) *Contexto: Alguém está com dificuldades em encher uma bola de futebol*

—top

[**IX**_a] [IX-1.SG] POSSO

A: “- Isto (encher a bola), eu posso fazer”

(Adaptado de HANKAMER & SAG, 1976, p. 392)

A apontação pré-nominal que analiso como um artigo definido é sincrética com o pronome de 3ª pessoa em libras e por vezes a apontação pode receber uma interpretação, pelo menos na tradução para o PB, diferente do artigo, como no exemplo em (13), em que o pronome receberia uma interpretação possessiva ou outras. No entanto, explicarei no capítulo 3 de forma detalhada como isso também é possível sem perder de vista a categorização que sugiro na tese.

(13) ALGUNS SURD@.SG CRIANÇ@.SG-a IX-a (,) FAMÍLIA-a IX.PL-a SABE
ESCREVER PORTUGUÊS BOM

“Algumas crianças surdas, as famílias (delas) escrevem bem em português”

(dados primários da tese – dados naturalísticos - *vídeo 1*)

1.7 HIPÓTESE

Minha hipótese é de que a libras é uma língua que codifica as diferenças de (in)definitude gramaticalmente, com a presença da camada funcional DP realizada por itens abertos ou nulos, e que por isso, não seria uma língua NP, nas quais nomes nus ocorrem livremente em todas as posições argumentais.

Uma hipótese adicional é a de que o emprego de alguns itens como artigos na libras pode ter se dado a partir do contato com o PB, já que línguas em contato, podem sofrer algum nível de influência, por isso, sugeri que surdos bilíngues e mais escolarizados poderiam estar encabeçando a mudança ou emergência dos artigos na língua, dado o maior contato com o PB na forma escrita ou oral.

1.8 OBJETIVOS DA TESE

A partir das hipóteses levantadas, formulamos os seguintes objetivos:

Obj1: Analisar as diferenças morfossintáticas dos sinais que podem ser realizados pelo ato da apontação.

Obj2: Trazer evidências a partir de testes sintáticos e semânticos de que a apontação pré-nominal codifica a definitude na libras.

Obj3: Trazer evidências a partir de testes sintáticos e semânticos para a existência de artigos indefinidos em libras.

Obj4: Analisar se o contexto sociolinguístico, ser um falante bilíngue ou monolíngue, pode ter uma influência na forma como a (in)definitude é codificada na língua.

Obj6: Explicar a aparente opcionalidade no uso de determinantes na libras.

1.9 ORIGEM E COLETA DOS DADOS

Embora pareça adiantado falar de perfil de participantes e origem dos dados na introdução, muitos dos dados e exemplos podem ser encontrados nos capítulos que antecedem a exposição da metodologia da tese. Por isso, adianto para meu leitor, as condições em que foram produzidos os dados e selecionados os participantes da coleta, prevenindo-os de quaisquer desentendimentos que possam porventura ser causados pela ausência dessas informações que subsidiarão a leitura do texto.

1.9.1 Origem dos dados

Os primeiros dados coletados para esta tese são dados produzidos espontaneamente pelos surdos em vídeos que são postados em blogs sinalizados na internet. Esses blogs visuais são espaços de discussões de temas relevantes para a comunidade surda e com a participação

massiva de surdos de todo o Brasil, como é o canal do Facebook conhecido como *Sociedade em Libras*.

Observando os surdos produzindo textos, não exatamente de forma natural, porque estão em frente a uma câmera, mas espontaneamente, pois não há qualquer interferência de um pesquisador, ou contexto de elicitación ou mesmo de tradução, os dados compõem uma fonte importante para a identificação de DPs nus ou acompanhados de determinantes.

Mesmo com esse cuidado metodológico na seleção dos dados, as questões que envolvem fenômenos como são a definitude e a indefinitude são muito sensíveis aos contextos pragmáticos, sobre o que se passa na mente do falante durante a produção das sentenças; por isso, mesmo fazendo esse tipo de coleta, em que se pode observar os itens que são utilizados nos contextos esperados para as descrições (in) definidas na língua, experimentos com tarefas de julgamento e de elicitación foram também necessários, para confirmar ou refutar as nossas primeiras observações relativas à língua em uso.

Outra parte dos dados tem sua origem no Corpus de libras, ainda em construção, disponível no domínio da Universidade Federal de Santa Catarina⁵. Os dados do corpus têm a vantagem de poder ser utilizados de forma irrestrita. Os dados do Corpus da libras foram coletados na forma de entrevistas em estúdio, e obedecem a um rigoroso processo de seleção dos falantes que garanta a diversidade de origens, idades e contextos de aquisição da libras.

Outros dados aqui disponíveis têm sua origem em entrevistas realizadas por mim para eliciar ou confirmar os padrões gramaticais aqui analisados. Todas as sentenças julgadas como gramaticais ou agramaticais desta tese passaram pela consulta de surdos nativos, participantes da pesquisa.

1.9.2 Coleta dos dados

A coleta de dados para esta tese se dividiu em 3 momentos:

A primeira coleta de dados buscando ocorrências de DPs definidos e indefinidos na libras foi feita na internet nas comunidades *on-line* citadas acima. Os dados iniciais foram anotados, o que me permitiu elaborar as minhas hipóteses.

Logo após essa coleta inicial, eu executei uma coleta piloto com cinco surdos graduandos de Letras libras da Universidade Federal de Alagoas, aplicando os testes que serão

⁵ <http://www.corpuslibras.ufsc.br/inicio>

explicitados na metodologia deste trabalho a fim de identificar quaisquer problemas decorrentes da aplicação ou do *design* das tarefas e experimentos.

Por último, uma coleta definitiva dos dados foi feita, considerando surdos com diferentes graus de escolarização, uma vez que, como vimos na seção das hipóteses, suspeitávamos que o uso de determinantes em posição de artigos poderia se dar pelo contato com o PB escrito ou pela oralização.

1.9.3 Participantes

A despeito do debate que existe sobre o perfil dos surdos que devem ser selecionados para as pesquisas de gramáticas internas de LSs, nesta tese, proponho algo um pouco diferente do que postula a teoria tradicional, no sentido de definir o sinalizador nativo. Contrariamente, sustentarei a ideia de um sinalizador nativo prototípico, mas não nativo nos termos da teoria gerativa e aquisicional (LENNEBERG, 1967; CHOMSKY, 1986).

Estatisticamente, somente 5% dos surdos brasileiros são filhos de pais surdos, e esses pais surdos possuem variados níveis de proficiência na libras, dadas as condições precárias de se adquirir uma LS no Brasil com a ausência de creches bilíngues e contato geralmente tardio com a libras. Esse é o ponto mais crítico para se definir o que seria um sinalizador nativo e esse tópico sozinho já renderia um outro trabalho de tese. Como meu objetivo é justificar minha escolha metodológica, restrinjo-me a trazer algumas referências e argumentar em prol da flexibilização na seleção dos usuários nativos da libras.

Costello et al. (2008) discutem a dificuldade de se eleger um sinalizador nativo para as pesquisas em LS. Mathur & Rathmann (2006) selecionam para suas análises indivíduos que: i. tenham tido contato com uma LS antes dos 3 anos de idade; ii. possuam intuição para julgar sentenças na LS como aceitáveis ou gramaticais e iii. tenham feito uso diário da LS por um período mínimo de 10 anos.

Em pesquisas anteriores realizadas por mim com outros colegas (RODRIGUES & ALMEIDA-SILVA, 2017; RODRIGUES & ALMEIDA-SILVA, 2018; ALMEIDA-SILVA & SOUZA, 2018) percebemos que a comunidade surda é heterogênea em relação à aquisição de sua língua materna, e com o avanço das tecnologias, a comunidade surda brasileira passa a existir de forma virtual pela troca constante de vídeos na internet, o que ajuda na dispersão de certos fenômenos gramaticais e na padronização da língua (que não tem a ver com uma possível norma culta). No entanto, também identificamos que embora os surdos possuam aquisição

tardia da libras, variando de 3 a 15 anos de idade nos nossos dados, a explicação para o sucesso na aquisição da libras deve-se ao uso dos gestos caseiros e outras formas de linguagem associadas que funcionam como um *input* provisório, até que entrem em contato com a língua em sua forma mais estável.

Por isso, selecionamos para esta tese, surdos que obedecessem aos seguintes critérios: **i.** surdo adulto que reconheça a libras como sua língua materna; **ii.** surdo que faça uso diário da língua por pelo menos 10 anos após ter entrado em contato com a libras pela primeira vez.

Esta pesquisa contou com a participação de 40 surdos, assim divididos: 20 surdos bilíngues – usuários frequentes de libras/português (oral ou escrito), alunos do ensino superior e 20 surdos monolíngues – usuários frequentes de libras, e que alegam ter ou ter tido pouco contato com o português, com escolaridade variada.

1.10 ESTRUTURA DA TESE

No capítulo 2 é feita uma revisão teórica sobre a semântica da definitude e da indefinitude e um panorama sobre a categoria de artigos nas línguas é apresentado.

O capítulo 3 contempla uma revisão de literatura sobre a sintaxe do DP na perspectiva de teoria gerativa, apresentando os argumentos contra e a favor da universalidade da projeção funcional DP nas línguas naturais e ainda, fazemos uma revisão teórica sobre o DP nas línguas de sinais e na libras.

O capítulo 4 é um *intermezzo* da tese, pois nele, paramos um pouco a discussão sobre a (in)definitude em si para discutir os fenômenos que estão relacionados com a codificação da definitude na libras, a saber, a apontação e as marcas não-manuais. Uma proposta de categorização dos itens de apontação a partir de diferenças observadas na libras é apresentada. Esta categorização dará suporte as análises que efetuou no capítulo 4.

No capítulo 5, apresento a metodologia da coleta de dados empregada na tese, bem como os resultados das análises.

Por fim, no capítulo 6, à luz das teorias semânticas e sintáticas apresentadas sobre a codificação da (in)definitude nas línguas naturais, analisamos os itens identificados como artigos nos testes, explicando seus funcionamentos, sistematicidade e especulando sobre a possível origem desses itens.

Uma conclusão é apresentada, retomando os principais achados da tese e apontando para análises futuras.

2 A (IN) DEFINITUDE E OS ARTIGOS

Nesse capítulo, discutirei sobre como os traços semânticos da definitude e indefinitude se apresentam nas línguas naturais. Há uma tradição nos campos semântico, lógico e filosófico sobre o estudo dos processos ligados à construção da referência.

Referir ou denotar é o fenômeno pelo qual uma descrição linguística como (1) e (2) abaixo podem selecionar referentes no mundo através de diferentes sentidos.

(1) *A casa*

(2) *Uma casa*

Qualquer falante do PB sabe, através de sua gramática interna, que a descrição definida em (1) refere-se à uma casa específica que deve ser familiar tanto para o locutor como para o interlocutor, por isso, o locutor emprega o artigo definido *a*. Já em (2) admite-se que o locutor não necessariamente se refira a uma casa específica, por isso o emprego do artigo indefinido *um*.

Antes de apresentar como esses traços semânticos são codificadas nas línguas naturais, apresento uma síntese da literatura com as principais posições teóricas sobre o fenômeno da definitude e da indefinitude nas línguas naturais, e discuto a posição que assumo nesta tese sobre a (in)definitude.

2.1. A DEFINITUDE

A caracterização clássica das descrições definidas como sendo distintas das descrições indefinidas foi defendida por Russell (1905) sob o argumento de que um DP como em (3) deveria referir-se a uma única entidade recuperável no mundo representada pela descrição definida. A ideia de que o artigo definido no inglês, e em outras línguas naturais, deva obrigatoriamente codificar a unicidade do referente é uma análise estritamente lógica e composicional do conteúdo linguístico, como mostra a forma lógica da sentença.

(3) **O atual rei da França** é careca

Forma lógica: $\exists x [\text{Rei da França } (x) \ \& \ \forall y [\text{Rei da França } (y) \rightarrow y=x] \ \& \ \text{Careca}(x)]$

A primeira crítica à maneira de se compreender as descrições definidas como pressupondo a unicidade do referente foi feita por Strawson (1950) no seu artigo *On referring*. A questão levantada por Strawson e que também tinha sido percebida por Frege (1892) é que o fato de que ao enunciar (3), o interlocutor pressupõe a existência e a unicidade de um rei da França, mas que isso não tem a ver com o fato de ele ser careca. Ou seja, o interlocutor ao ouvir (3) não diz que a sentença é falsa, mas pode suspeitar de sua verifuncionalidade, pois a negação de (3) pode ser tanto que “O rei da França não é careca” como também que “Não há um rei da França”.

Donellan (1966) ataca as propostas de Russell e Strawson alegando que alguns usos das descrições definidas nem carregam pistas referenciais nem suscitam alguma pressuposição de existência, e de forma mais pragmática, assevera que estas estruturas podem ser utilizadas de forma referencial ou atributiva, como no exemplo clássico em (4):

(4) Smith's murderer is insane
'O assassino de Smith é louco'

Com (4) Donellan defende que no uso referencial da descrição definida *o assassino* o locutor tem em mente uma única entidade sobre a qual se está falando; já no uso atributivo, a mesma expressão diz respeito a qualquer pessoa que se encaixe na descrição de ser o assassino de Smith.

Contrapondo-se às propostas de formalização das descrições definidas que levavam em consideração a definitude como sendo definida pela unicidade, pela pressuposição de existência e referencialidade, Heim (1982) apresenta uma proposta de base pragmática que entende as descrições definidas como sintagmas que são utilizados em contextos nos quais o referente não é necessariamente único, mas familiar. A autora desenvolve a teoria chamada *File Change Semantics* argumentando que DPs definidos e indefinidos são instanciações de variáveis que devem ser preenchidas com o conteúdo descritivo adequado. A proposta de Heim (1982) afirma que um DP indefinido cria um novo arquivo no discurso e introduz uma variável nova; por isso, contextos de novidade são ambientes indefinidos, já DPs definidos são entendidos como variáveis já introduzidas no discurso, cujos conteúdos descritivos devem ser congruentes com os da descrição indefinida apresentada.

Lyons (1999) apresenta uma proposta para as descrições definidas na qual o autor, tentando criar uma síntese das abordagens anteriores, defende que a definitude é uma categoria

gramaticalizada, e por isso, DPs originalmente utilizados para referir-se a entidades identificáveis, podem adquirir novos usos.

Este mesmo autor propõe uma abordagem que considere os contextos semânticos e pragmáticos nos quais ocorrem expressões definidas. A pergunta que guia a análise proposta por ele é se o artigo definido seria ambíguo nas línguas que possuem um único elemento para codificar a definitude. Ou poderia se apresentar polissêmico, vago, pois seria a realização única das diferentes manifestações da definitude.

Há vários tipos de definitude sendo codificadas nas línguas e Lyons seleciona alguns tipos para análise. Sabemos que há contextos nos quais demonstrativos e artigos definidos podem ser intercambiados situacionalmente; no entanto, não se nega que uma expressão como *este livro* em PB, não é sinônima de *o livro*, embora em alguns contextos, elas possam ser intercambiáveis, por exemplo, ao solicitar um livro que esteja visível para ambos interlocutores, alguém pode dizer: “- me passe *o/este livro*, por favor?”.

Lyons percebe que a ostensão situacional, aquela em que geralmente utilizamos um demonstrativo para chamar a atenção do interlocutor para um objeto presente no contexto real de fala, não é igual à anáfora, mas o recurso que utilizamos para chamar a atenção do interlocutor para um antecedente linguístico disponível virtualmente no contexto. Como não se atestam línguas que possuam artigos definidos específicos para contextos de ostensão situacional (física) e para contextos anafóricos (discursivo), o que se percebe nas línguas é que o demonstrativo é o arquétipo da ostensão, e por isso pode ocorrer livremente em contextos de ostensão situacional ou de referência anafórica. O que essas noções têm em comum é o fato de que o referente é imediatamente acessível, seja pelo espaço físico ou pelo espaço discursivo.

O *fering*⁶, por exemplo, possui dois conjuntos de artigos: os artigos-A que são utilizados com nomes únicos, genéricos ou de unicidade global e os artigos-D que são utilizados anaforicamente, cataforicamente ou quando o referente é visível no contexto físico. Os artigos-D do *fering* são comparáveis aos usos situacionais dos demonstrativos no inglês e no PB, e por isso, estes artigos-D do *fering* podem receber prosódia acentuada, enquanto os artigos-A não. Mas, se o artigo-A fosse de fato o único artigo nesta língua, e os artigos-D demonstrativos, teríamos que explicar por que o artigo-A é excluído de muitos contextos onde o artigo definido é utilizado em outras línguas. Em suma, Lyons (1999) argumenta que essa divisão de artigos no *fering* traz evidência de que há dois tipos de definitude nas línguas correspondendo à

⁶ O *fering* é falado na ilha de Föhr na Alemanha, na região norte da Frísia. Possui aproximadamente 3.000 falantes, sendo 1.500 falantes nativos, numa população total de 8.700 habitantes da ilha (EBERT, 1971a;1971b apud LYONS, 1999).

distinção semântica e pragmática, tendo o uso de ostensão textual e situacional, de um lado, e todos os demais usos do outro; portanto, a definitude seria uma categoria superordenada que inclui duas categorias subordinadas: **i.** uma mais alta, que corresponde aos usos de ostensão textual e situacional, onde artigos e demonstrativos são intercambiáveis, e **ii.** o nível anafórico, para o qual algumas línguas possuem expoentes morfológicos específicos. Essa ideia, como veremos adiante, vai ser assumida por outros autores como Schwarz (2013) e Jenks (2018).

Diferentemente de outras abordagens que separam a definitude da indefinitude como sendo expressões que denotam referentes específicos e não-específicos, respectivamente, Lyons (1999) analisa como o contexto gramatical no qual os nomes estão inseridos conferem certa *opacidade-ambiguidade* ou *transparência* aos DPs definidos e indefinidos.

Contextos de *opacidade e ambiguidade* são aqueles em que os nomes estão contidos no escopo de operadores, tais como: verbos de atitude proposicional (p. ex. *querer, desejar, esperar, acreditar...*), negações, sentenças interrogativas, condicionais, sentenças com verbos modais e verbos intensionais. Em todos estes contextos, os nomes definidos ou indefinidos podem ter a leitura extensional, *de re*, específica ou referencial, ou a leitura intensional, *de dicto*, não-específica e não referencial.

Já os contextos *transparentes* são aqueles em que não se atestam as questões de escopo e ambiguidade. E para estes casos, o autor faz uso de sentenças com verbos finitos e aspecto perfectivo, o que reduz drasticamente a possibilidade de ambiguidades, dada a leitura episódica dos eventos.

O que Lyons atesta como comum entre os DPs definidos e indefinidos é que em contextos transparentes, a pressuposição de existência não pode ser perdida, por isso, a inaceitabilidade dos exemplos em (5) e (6) abaixo, em que (5) possui um DP indefinido e (6) definido:

(5) ??I haven't started the class yet; I'm still waiting for a student – There's no one missing though.

‘Eu não comecei a aula ainda; estou esperando por um aluno – Embora, não haja ninguém faltando.’

(6) ??Smith's murderer is insane - even though no one has murdered Smith.

‘O assassino de Smith é louco, mesmo que ninguém tenha assassinado Smith.’

Para dar conta da questão da especificidade, o autor critica a atribuição das ambiguidades dos nomes aos artigos, mas afirma que as ambiguidades discutidas acima afetam todas as expressões potencialmente referenciais e que estas questões envolvem principalmente os contextos semânticos e pragmáticos. Para distinguir, então, os dois tipos de ambiguidade atestados tanto em DPs definidos como indefinidos, Lyons identifica que o escopo amplo e estreito são ambiguidades encontradas em contextos opacos, mas não somente ligadas aos indefinidos, e atribui os usos referencial e não-referencial para o caso dos contextos transparentes. Em suma, escopo estreito e leitura não-referencial são tipos de não-especificidade, enquanto escopo amplo e leitura referencial são tipos de especificidade.

Ioup (1977) já havia postulado que a distinção específico *vs.* não-específico se daria por questões semânticas e a distinção referencial-não-referencial por questões pragmáticas. A primeira distinção corresponde às leituras opacas e transparentes das sentenças; já a última, como se dá exclusivamente a partir de relações pragmáticas, não necessitaria ser codificada gramaticalmente.

Por isso, na figura 2.1 abaixo, nomes sob escopo amplo, podem ter leitura referencial e não-referencial, e as leituras não-referenciais, os atributivos de Donellan (1966), que podem ocorrer em escopo amplo ou estreito, mas, há uma exigência nas línguas de que as leituras referenciais tenham sempre escopo amplo, e que as leituras de escopo estreito sejam obrigatoriamente não-referenciais.

Figura 2.1. Relação entre especificidade, escopo e referencialidade



(LYONS, 1999, p. 174, tradução e adaptação minhas)

Abbot (2004) analisa esse quadro de discussões teóricas e se posiciona afirmando que unicidade e familiaridade são inimigos estranhos, porque, na verdade, enquanto a unicidade é uma propriedade semântica, a familiaridade remete a propriedades de naturezas discursivas e pragmáticas. Abbot (2004, p.123) vai no mesmo sentido de Lyons (1999) mostrando sob a

forma de um *continuum* que se compararmos os tipos de expressões referenciais entre si, dentro das categorias de expressões definidas, algumas podem apresentar-se mais ou menos definidas que outras, e o mesmo acontece se compararmos as categorias de expressões indefinidas entre si.

Definidos: Det \emptyset > Quantificadores Universais > Nomes próprios > SNs possessivos > Descrições definidas > Demonstrativos > Pronomes > Categorias vazias: PRO controlado e pro

Indefinidos: Nome nu – existenciais > Item lexical: *qualquer* > Item lexical: *nenhum* > Item lexical: *maioria* > Artigos indefinidos > Item lexical: *algum* > Quantificadores: *vários, poucos, muitos...* > Uso indefinido do demonstrativo

A observação de Abbot (2004) é útil pois vemos que a definitude e indefinitude, mesmo sendo traços semânticos de diferentes ordens, não parecem veicular significados estanques, já que podem aparecer gradados dentro do próprio conjunto de itens ontologicamente entendidos como definidos ou indefinidos. Embora se entenda que esses fatores podem influenciar algumas análises, percebe-se que a autora preserva as categorias de definitude e indefinitude como sendo conceitos que não se misturam, apesar de os elementos intra-categoriais poderem ter leitura mais ou menos gradual para a (in)definitude.

2.2 INDEFINITUDE

A indefinitude se caracteriza como uma propriedade de DPs que não são familiares aos interlocutores e que não reclama condições de identificabilidade.

Nas línguas que possuem artigos definidos e indefinidos como o PB, eles são mutuamente exclusivos. Por isso as sentenças em (7ab) só são bem formadas com um ou outro tipo de artigo sendo utilizado por vez, em um contexto particular:

(7) a. O (*Um) surdo me ensinou libras

b. Um (*O) surdo me ensinou libras

Algumas categorias como advérbios, numerais cardinais, pronomes indefinidos e quantificadores não permitem a identificação imediata dos referentes, e por isso também veiculam ou são neutros para a (in)definitude.

Em línguas como o inglês, o artigo indefinido se apresenta distinto da forma numeral (*a* e *one*), já no PB, no singular, o numeral é sincrético com o artigo indefinido, distinguindo-se somente pelo contexto sintático-semântico (*um*).

Dayal (2017) explica que enquanto itens definidos pressupõem unicidade, ou seja, deve haver exatamente um indivíduo ou os indivíduos que satisfazem a condição do predicado nominal, os itens indefinidos não colocam nenhuma restrição sobre quantos indivíduos são necessários para satisfazer o predicado nominal. Por isso, itens indefinidos denotam o conjunto de propriedades que pelo menos um indivíduo que tem aquela propriedade nominal satisfaz aquela propriedade.

A autora explicita que há um tipo de acarretamento unidirecional entre a definitude e a indefinitude, pois, nos contextos nos quais “o N” é feliz, este vai ser um contexto no qual “*um* N” também será feliz, mas não o contrário, conforme vemos no contraste abaixo:

- (8) A cat /#The cat is on the mat
 ‘Um gato/#O gato está no tapete’

Dayal explica que isso se deve à implicatura de que o indefinido coloca de que deva haver mais de um gato no contexto.

Milsark (1977) mostra que em construções existenciais, as línguas naturais preferem os DPs indefinidos, como nos exemplos em (9ab). O mesmo parece ser verdade para os exemplos do PB⁷ em (10). O fenômeno exemplificado em *b* ficou conhecido na literatura como o *efeito da definitude* ou a *restrição de definitude*.

- (9)
- a. There is a wolf at the door.
 ‘Tem um lobo na porta’
- b. *There is the wolf at the door.
 ‘Tem o lobo na porta’

- (10) a. Tem um cachorro na porta
 b. *Tem o cachorro na porta

⁷ Alguém pode alegar que construções como “Tem o carro preto e o branco, qual você quer?” licenciam a ocorrência de DPs definidos como argumentos. No entanto, o leitor deve perceber que esses são contextos nos quais geralmente os referentes devem estar presentes na situação de fala, e os DPs recebem uma leitura necessariamente de foco contrastivo, diferentemente dos casos das sentenças existenciais em (9) e (10) acima.

A partir destas sentenças, Milsark (1977) propõe uma divisão entre os determinantes fortes e fracos de acordo com a possibilidade de estes itens serem ou não licenciados em construções existenciais, alegando que os determinantes fortes envolvem necessariamente um elemento quantificacional, e este elemento seria incompatível com a leitura quantificacional que já está expressa no verbo existencial, por isso a impossibilidade de (11) em oposição à (12) com determinantes fracos, que, ao contrário dos fortes, possuem uma interpretação cardinal.

(11) *There are my/most/all/those/Betty's wolves at the door
 'Tem os meus/a maioria/todos/aqueles/lobos da Betty na porta'

(12) There is/are a/two/some/several/many/few wolves at the door
 'Tem um/dois/alguns/vários/muitos/poucos lobos na porta'

Alguns problemas para a formalização semântica de DPs com determinantes ou nus em construções existenciais foram tema de grande debate na literatura (BARWISE & COOPER, 1981; DE JONG & VERKUYL, 1985; KEENAN, 1987 apud ABBOTT, 2002). Abbott (2004) sumariza essas discussões afirmando que a distinção forte-fraca é distinta da relação definido-indefinido, e por isso, muitos autores concluíram de forma precipitada que os definidos não seriam licenciados em construções existenciais, porque sentenças existenciais como (13a) não deveriam licenciar determinantes fortes, mas as construções com verbos do tipo *there be* (13b) apresentam alguma restrição adicional para os determinantes mais definidos.

(13) a. Every student exists
 'Todo estudante existe'

b. #There is every student
 '#Existe todo estudante'

Esse conhecimento disponível na literatura sobre o comportamento dos DPs nos ambientes indefinidos é importante para identificarmos os contextos nos quais a indefinidade parece ser universal, como as sentenças existenciais, e quais as restrições de leitura (in)definida são observadas a partir do tipo de estrutura gramatical.

2.3 INDEFINITUDE E ESPECIFICIDADE

Um dos traços semânticos associados às expressões indefinidas e com mais estudos na literatura é a especificidade. Por isso trago para a discussão a noção de especificidade e como ela é codificada gramaticalmente.

Enç (1991) é um trabalho de referência sobre a especificidade ao reportar que a língua turca codifica de forma distinta DPs indefinidos específicos de não específicos. De forma geral, o DP específico é aquele em que o referente, ou pelo menos traços do referente, são identificáveis para o locutor, e os DPs não-específicos são aqueles cujos referentes não são identificáveis nem para o locutor nem para o interlocutor, por isso fazem menção somente ao tipo de nome, mas a nenhuma entidade representativa daquele conjunto de nomes de forma específica.

Eu assumo parcialmente a proposta de distribuição de traços semânticos proposta por von Heusinger (2002) que estabelece os critérios que diferem a definitude da especificidade. Na especificidade o que está em jogo é a identificabilidade do referente; no caso da definitude, o referente deve ser completamente identificável para ambos interlocutores, como na figura 2.2. Assumo parcialmente esta proposta de distribuição de traços, pois, mais à frente veremos que há evidências de que a classe dos definidos se encontra dividida entre definidos fracos e fortes, e esta proposta ainda não contempla a divisão da categoria dos definidos.

Figura 2.2. Critérios de identificabilidade para definitude e especificidade

<i>identified by</i>	definite (+ specific)	indefinite specific	indefinite non-specific
speaker	+	+	-
hearer	+	-	-

Fonte: VON HEUSINGER (2002, p. 249)

Algumas línguas orais codificam a especificidade de maneira não-ambígua, como é o caso do turco em (14), o russo em (15) e o q'anjob'al⁸ em (16). Em (14) a marcação de especificidade se dá por um mecanismo gramatical de marcação de caso acusativo para DPs específicos, já as duas últimas línguas em (15) e (16) possuem itens lexicais especificados, pronomes afixados e artigos, para DPs específicos e não-específicos:

⁸ O q'anjob'al é uma língua maia falada no noroeste da Guatemala por aproximadamente 99 mil falantes (MATEO PEDRO, Pedro, 2015).

- (14) a. Ali bir piyano-**yu** kiralamak istiyor
 Ali um piano-**ACC** alugar quer
 ‘Ali quer alugar um (**certo**) piano’
 b. Ali bir piyano-**∅** kiralamak istiyor
 Ali um piano-**∅** alugar quer
 ‘Ali quer alugar um (**qualquer**) piano’

(ENÇ, 1991, p.4-5)

- (15) (a) Ivan xoçet spet’ kakoj-**to** romans.
 Ivan wants sing which-INDEF romance
 ‘Ivan quer cantar um romance (específico)’
 (b) Ivan xoçet spet’ kakoj-**nibud** romans.
 Ivan wants sing which-INDEF romance
 ‘Ivan quer cantar um romance (não-específico)’

(PADUČEVA 1985: 211 apud HASPELMATH, 1997)

- (16) a. tzeb’ach yul **jun** tuktuk. Mayal wawrtej naq tz’umon ch’en.
 vir.IMP em **um.específico** mototaxi já chamei CL motorista
 ‘Venha em um mototaxi. Eu já chamei o motorista’
 b. asi’ yul jun-**oq** tuktuk.
 ir.IMP em um-**não-específico** mototaxi
 ‘Pegue um moto-taxi (qualquer um da rua)’

(BECKER, 2018, p. 64)

Enç (1991) demonstra que os DPs indefinidos específicos em turco devem obrigatoriamente possuir a leitura partitiva, por isso, são agramaticais sem o caso acusativo. A leitura partitiva é garantida nos casos em que se supõe que o referente faça parte de um grupo já mencionado no contexto, e neste caso, é incompatível com a leitura não-específica do referente.

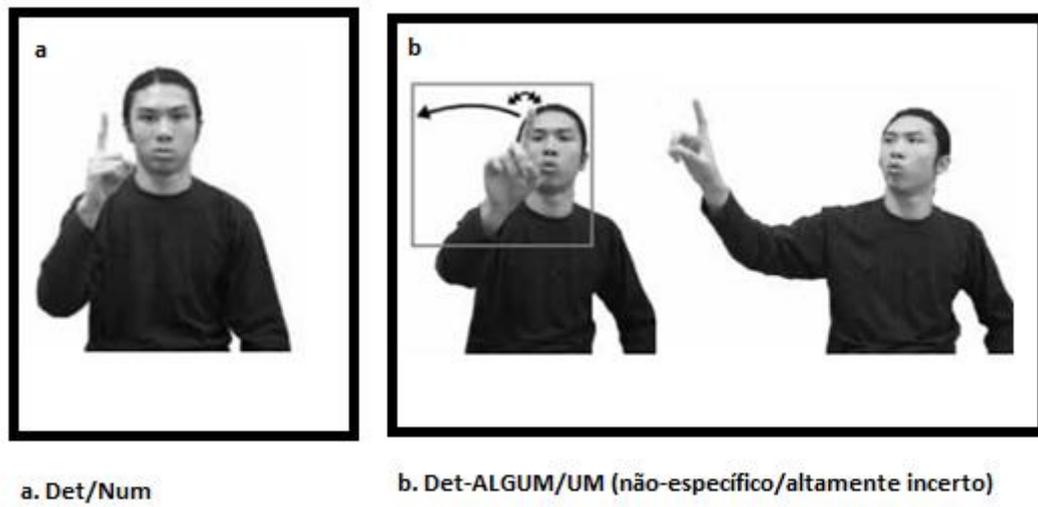
As línguas de sinais apresentam uma preferência por marcar as noções específicas e não-específicas de forma não-ambígua, como nos exemplos em (17), (18) e (19). Em (17) e (18) temos as LSs (ASL, HKSL) que possuem um artigo indefinido (sincrético ao numeral *um*) que pode ser modificado através da mudança no parâmetro movimento do sinal para o uso específico (17a)(18a) e não-específico (17b) e (18b), já em (19) temos uma LS (LSC) na qual os sinais são modificados pelo espaço, onde a locação mais alta (“u” de *upper space*) codifica os indefinidos não-específicos e a mais baixa (“l” de *lower space*), os indefinidos específicos:

(17)



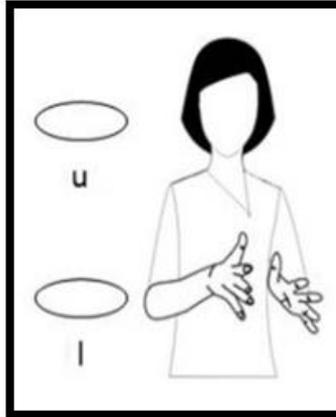
ASL (MACLAUGHLIN, 1997, p.119)

(18)



HKSL (TANG & SZE, 2002, p.302;304)

(19)



LSC (BARBERÀ, 2012;2013;2014)

Evidências para existência da especificidade com traço semântico distinto da definitude também são encontradas nos estudos de aquisição de L2, nos quais se investiga como aprendizes de uma L2 refixa parâmetros que não estão presentes na sua L1. Ionin, Ko & Wexler (2004) analisam falantes de russo e coreano, línguas sem artigos, aprendendo inglês, língua com artigos e descobrem que o acesso ao traço [+específico] não se dá por transferência de sua L1 nem do input da L2, mas de um acesso direto aos universais semânticos. Ao analisar duas línguas com artigos, o inglês e o samoan⁹, esta última traz evidências de que, ao utilizar um mesmo artigo para DPs definidos e indefinidos específicos (*le*), mas um artigo distinto para os não-específicos (*se*), há indícios de um parâmetro universal de escolha de artigos determinando que as línguas devem alinhar a escolha de seus artigos pelo critério da definitude, como o inglês, ou pela especificidade, como o samoan, como vemos na figura 2.3 abaixo.

Figura 2.3. Agrupamento universal dos artigos em línguas com artigos

Article Grouping Cross-Linguistically: Two-Article Languages			
Article Grouping by Definiteness		Article Grouping by Specificity	
	+definite	-definite	
+specific			+definite
-specific			-definite

Fonte: IONIN, KO & WEXLER (2004, p. 13)

⁹ Samoan é uma língua polinésica falada nas Ilhas por cerca de 246 mil pessoas. É a terceira língua mais falada na Nova Zelândia.

Trago a proposta de Ionin, Ko & Wexler (2004) para esta discussão com o objetivo de verificar se a libras pode, de algum modo, organizar os determinantes disponíveis a partir dos critérios de definitude ou especificidade como hipotetizado pelos autores.

Em línguas como o PB e o inglês, os DPs com artigos indefinidos são ambíguos para a especificidade. Considerando as línguas que possuem DPs indefinidos ambíguos para a especificidade, Partee (1970) propõe testes de continuação de sentenças utilizando pronomes como correferentes dos DPs indefinidos, como nos exemplos em (20). Se a continuação mais apropriada for aquela em *a*, trata-se da leitura específica, pois pode ser retomado por um pronome pessoal que tem traços definidos, mas se for retomado por um pronome indefinido como em *b*, a leitura é não específica porque não captura nenhum indivíduo específico no contexto:

(20) Eu quero comprar **um** livro de libras...

a. Mas, não encontrei **ele** **(específico)**

b. Mas, não encontrei **nenhum** **(não-específico)**

A partir das referências citadas percebe-se que DPs indefinidos também podem variar em especificidade a depender dos contextos em que ocorram, *ambíguos* ou *transparentes*, como proposto por Lyons (1999) (explicitado na seção 2.1), ou ainda quando estão modificados, como nos exemplos abaixo em (21a-d):

(21) a. Eu quero um gato (contexto ambíguo)

b. Eu quero um gato que seja manso (contexto ambíguo com DP relativizado)

c. Eu vi um gato (contexto transparente)

d. Eu vi um gato que era manso (contexto transparente com DP relativizado)

Numa escala de identificabilidade, o DP objeto em (21a) é menos específico do que na sentença em (21b), porque em (21a) o DP está sob o escopo de um operador, o verbo de atitude proposicional (*querer*), já em (21b) a modificação pela estrutura relativa implica ao DP indefinido uma leitura mais específica. O mesmo ocorre ao objeto em (21c), que é mais específico do que (21a-b) por conta da ausência de ambiguidade motivada pela perfectividade verbal e menos específico do que (21d), no qual tem-se DP indefinido bastante especificado

pelo aspecto verbal somado à modificação atribuída a oração relativa em modo indicativo. Em uma escala decrescente de especificidade dos DPs temos que: 21d>21c>21b>21a.

Apresentamos, até agora, os principais pressupostos teóricos relacionados com a (in)definitude nas línguas naturais. Além disso, outros fenômenos que tangenciam a questão da (in)definitude foram apresentados e discutidos, como as relações de unicidade *vs* familiaridade, itens fortes *vs* itens fracos e a diferença entre especificidade *vs* não-especificidade.

A partir da literatura apresentada verifica-se que as noções de definitude, indefinitude, especificidade e não-especificidade são traços semânticos distintos e que podem ser codificados de formas diferentes nas línguas. No entanto, parece haver um único conjunto universal de traços referenciais com o qual as gramáticas operam para codificar a referencialidade e identificabilidade de seus DPs.

Assumirei a noção de definitude a partir das propostas mais recentes como as de Heim (1982) e Lyons (1999) para os quais a unicidade não é a única característica de DPs definidos, porque estes também podem ser definidos a partir da familiaridade e da leitura atributiva que recebem, a depender dos tipos de predicados com os quais se combinam.

A indefinitude é entendida nos moldes de Heim (1982) e Dayal (2017), para as quais a indefinitude codifica uma propriedade potencial de um DP, mas não necessariamente a recuperação de um referente específico. E ainda, a especificidade e a não-especificidade são entendidas aqui como subprodutos da indefinitude, já que estas leituras estão disponíveis para DPs indefinidos, mas não para definidos nas línguas naturais.

Como o objetivo desta tese é investigar a existência de elementos que nucleiam o DP na línguas, a próxima seção apresenta um panorama sobre a categoria dos artigos nas línguas naturais.

2.4 OS ARTIGOS

Os artigos representam uma classe morfológica fechada específica dentro da categoria do que se denomina de “determinantes” na linguística. Payne (1997) conceitua o artigo como um operador, preso ou livre, que expressa algo sobre a identificabilidade ou a referencialidade do DP.

Os determinantes são elementos que acompanham os nomes atribuindo-lhes algum tipo de especificação, predicação, contagem, medição ou referencialidade. Dentro da classe dos determinantes temos os artigos, os pronomes demonstrativos, os possessivos, os numerais e os

quantificadores. Em algumas línguas, como o inglês, a impossibilidade de que um artigo coocorra com um possessivo indicaria que estes elementos necessariamente pertencem à mesma classe e, deste modo, estariam disputando a mesma posição sintática, por ex: **The my book*. No entanto, no PB e em outras línguas românicas, parece claro que, embora ambos elementos sejam determinantes, a possibilidade de eles coocorrerem atesta que eles não estão em distribuição complementar, por isso, devem preencher espaços sintáticos distintos, como no ex: *O meu livro*. Por isso, mantenho separadas as nomenclaturas de artigo e determinante; embora aquele pertença a esta última classe, possuímos evidências de que os artigos são operadores com funções distintas dos outros elementos da classe.

Uma das primeiras publicações dedicadas ao estudo dos artigos é a de Krámský (1972) onde o autor escrutiniza a questão da definitude e apresenta um panorama tipológico sobre este elemento nas línguas. A tipologia das línguas baseadas na ocorrência da categoria da determinação e indeterminação é dividida pelo autor em sete grupos indicados pelas letras de A a G, que são:

- A. inclui as línguas que expressam (in)definitude por palavras independentes;
 - B. inclui as línguas que expressam um dos membros da categoria por uma palavra independente e outro membro por um afixo – proclítico ou enclítico;
 - C. inclui as línguas que expressam ambas noções referenciais por afixos – proclíticos ou enclíticos;
 - D. inclui as línguas em que a (in)definitude é inerente aos nomes;
 - E. inclui as línguas em que a referencialidade é determinada pela flexão nominal, adjetival e verbal;
 - F. inclui as línguas que marcam (in)definitude através da prosódia;
 - G. inclui as línguas que não possuem marcas gramaticais de (in) definitude.
- (KRÁMSKÝ, 1972, p. 73)

Uma consulta ao WALS – *World Atlas of Language Structures*, no capítulo sobre os artigos definidos e indefinidos (DRYER, 2013a; 2013b – cap. 37 e 38) nos mostra que nem todas as línguas do mundo possuem artigos definidos ou indefinidos, e muitos podem ocorrer como formas presas ou livres, como vemos nas figuras 2.4 e 2.5 a seguir:

Figura 2.4. A marcação definida nas línguas do mundo

Value	Representation
● Definite word distinct from demonstrative	216
● Demonstrative word used as marker of definiteness	69
● Definite affix on noun	92
◇ No definite article but indefinite article	45
○ Neither definite nor indefinite article	198
Total:	620

Fonte: WALS (2013)

Figura 2.5. A marcação indefinida nas línguas do mundo

Value	Representation
● Indefinite word distinct from numeral for 'one'	102
● Numeral for 'one' is used as indefinite article	112
● Indefinite affix on noun	24
◇ No indefinite article but definite article	98
○ Neither indefinite nor definite	198
Total:	534

Fonte: (WALS, 2013)

Observando os números nas figuras 2.4 e 2.5 acima, percebemos que se considerarmos apenas as línguas que possuem um artigo definido ou indefinido, na forma de itens ou afixos dedicados exclusivamente para marcação da (in)definitude, o número de línguas é bem menor do que se considerarmos as línguas que utilizam também outras estruturas como demonstrativos e numerais para codificar a referencialidade. Portanto, podemos concluir, conforme as informações disponíveis no WALS, que praticamente metade das línguas, ou pouco mais da metade, não possuem artigos para codificar (in)definitude nos seus nominais.

O fato de uma língua possuir artigos não impede a ocorrência de nomes nus, ou seja, nomes desacompanhados de artigos. Embora, em línguas com paradigmas de artigos bem estabelecidos, espera-se que estes elementos uma vez contidos no sistema, apareçam na fala adulta de forma que as crianças percebam que aqueles elementos existem no *input* de sua língua. No entanto, a possibilidade de que em alguns contextos sintáticos os nomes possam ocorrer sem artigos nas línguas que possuem paradigmas bem estabelecidos diz que a criança deve buscar pelos contextos nos quais o uso destes itens é sistemático, evidenciando que o uso não é opcional.

Pretendo mostrar que os elementos que considero como artigos em libras não podem e não são livremente opcionais, embora a língua licencie e pode continuar a licenciar, como em outras línguas, a ocorrência de nomes nus.

Sobre a possibilidade de um nome ocorrer com ou sem artigos, Pires de Oliveira & Mezari (2012) fornecem um *continuum*, tendo o PB como ponto médio numa escala de obrigatoriedade do uso de artigos, de como os artigos ocorrem em posições argumentais nas línguas românicas em comparação com línguas de outras famílias e ainda sobre os processos morfológicos que podem incidir sobre estes.

Quadro 2.1. Possibilidade de nomes sem artigos nas línguas naturais



Apenas nomes nus invariáveis (sem flexão)	Apenas nomes nus. Presença de marcas morfológicas: caso, número, classificador...	Presença de um único determinante	Sistema completo (artigos, determinantes, flexão, plural e singular nu)	Sistema de artigo, com uso restrito: não há “singular” nu	Sistema de artigo com uso restrito: plurais nus menos restritos que o singular nu	Impossibilidade de nome nu
karitiana	latim, russo, chinês	kriyol	português brasileiro	inglês	espanhol, romeno	francês

Fonte: PIRES DE OLIVEIRA & MEZARI (2012, p. 15)

O PB possui um paradigma de artigos definidos e indefinidos que se realizam como itens lexicais livres e que flexionam para número e gênero (ex: artigos definidos: *o, a, os, as*; artigos indefinidos: *um, uns, uma, umas*). As formas definidas dos artigos em PB são sincréticas com os clíticos acusativos *o* e *a*, e a forma indefinida singular masculina é sincrética com o

numeral *um*; por isso, em ambos os casos, a distinção entre a categoria dos elementos entre artigos, pronomes e numeral é determinada pela sintaxe.

Em outras línguas os artigos podem carregar mais informações sintáticas e semânticas como no caso do alemão, na qual os artigos para além da flexão para gênero e número, também marcam caso e ainda um gênero neutro ausente em PB, e o espanhol que além do artigo definido *el* (masculino), possui o artigo (neutro) *lo*.

Pelo que vimos até agora, os artigos são estruturas especializadas nas línguas, mas isso não impede que as formas sejam sincréticas com outras funções, e ainda, línguas distintas apresentam padrões tipológicos distintos no que se refere aos tipos de marcação morfológica que aparecem nos seus artigos.

Há línguas que sobrevivem sem nenhuma marcação gramatical da definitude ou de especificidade por artigos como o hindu (DRYER, 2013; DAYAL, 2017) e outras, como o lakhota, na qual tem sido reportado até 12 diferentes tipos de artigos (ULLRICH, 2016).

Antes de definir propriamente como se chega ao construto tipológico do que pode ser considerado como um artigo numa língua, trago para a discussão trabalhos como o de Haspelmath (2010), no qual o autor explica a questão da distinção categorial em termos translinguísticos, pois, quando estamos fazendo algum trabalho de orientação comparativa, é inevitável que se pretenda encontrar, se não categorias universais, no mínimo conceitos categoriais universalmente disponíveis. Mais à frente neste texto trarei uma discussão sobre essa questão da categorização nas LSs.

Haspelmath (2010) faz um levantamento baseado nos universais propostos por Greenberg (1963) sobre as categorias e estruturas gramaticais que são encontradas em todas as línguas humanas apontando para o fato de que, algumas vezes, estabelecer uma definição padrão para uma categoria linguística universal pode ser um desafio quando se tem comportamentos distintos para estas categorias com línguas específicas.

O autor propõe que a terminologia “categoria linguística” estreita radicalmente as possibilidades de se encontrar elementos discordantes do protótipo categorial, do que se falarmos em “conceitos comparativos”. Mesmo argumentando em favor dessa distinção o autor deixa claro que conceitos comparativos não devem ser igualados a categorias linguísticas, mas serviriam como uma instanciação teórica (ferramenta) para tipologistas. Por isso, o autor alerta para o fato de que a comparação translinguística, ou seja, aquela feita entre línguas diferentes, só pode ser feita considerando as particularidades categoriais, ou seja, de uma forma que as categorias particulares das línguas não sejam equacionadas às categorias conceituais.

Dentro dessa visão, podemos então definir conceitualmente o que é, e o que faz um artigo nas línguas do mundo. Trago como referência o trabalho de Becker (2018), que faz um complexo inventário dos expoentes dos artigos nas línguas do mundo.

Becker (2018) também assume a posição de Haspelmath (2010) para quem qualquer categoria deve ser definida em termos de conceitos comparativos, contudo, assumo três critérios apontados pela autora que devem ser utilizados na definição categorial de um artigo, são eles: *i.* as funções – referenciais (seção 2.4.1 e subseções); *ii.* o domínio de atuação - sintagma nominal (seção 2.4.2) e *iii.* a distribuição – sistematicidade (seção 2.4.3). Veremos cada um deles separadamente nas seções que seguem.

2.4.1 Função

As funções referenciais que podem aparecer codificadas pelos artigos nem sempre obedecem a distinção categórica entre definidos e indefinidos. Olhando as línguas que possuem descrições linguísticas, como as línguas românicas e germânicas, é mais comum atestarmos a distinção entre artigos definidos *vs* indefinidos do que, por exemplo, artigos específicos *vs* artigos não específicos. No entanto, línguas menos descritas têm mostrado que outras noções referenciais são também codificadas com artigos.

A seguir explicito as diferentes noções referenciais que podem ser codificadas por artigos nas línguas do mundo e trago exemplos, com base na tipologia proposta por Becker (2018).

2.4.1.1. Artigos definidos

Um artigo definido é aquele utilizado em contextos nos quais ambos, o locutor e o interlocutor, recuperam integralmente o referente. Becker (2018) assume que um artigo definido é aquele que marca sistematicamente familiaridade, *bridging*, unicidade e estabelecimento referencial. Explicitaremos cada uma dessas noções referenciais nesta seção.

No PB, o artigo definido é utilizado em contextos *familiares*, aqueles em que um referente já mencionado, será retomado num mesmo contexto conversacional, como em (22):

- (22) Eu comi uma torta ontem.
 *(A)/(*Uma) torta estava deliciosa

O mesmo ocorre em línguas como o kaqchikel¹⁰ (BECKER, 2018, p. 98) como no exemplo em (23):

- (23) A: ninwajo ntä wäy
 want.1SG eat tortilla
 ‘Eu gostaria de comer tortilha’
- B: [* (ri) wäy] k’o chuchi qaq’
 ART:DEF tortilha EXIST close fire
 ‘A tortilha está na cozinha’

Além de aparecerem codificando o contraste entre contextos novos e familiares de apresentação dos nomes, os artigos definidos também podem ocorrer nos contextos de *bridging* (CLARK, 1975). O termo *bridging* refere-se ao fenômeno pelo qual alguém pode se utilizar de um artigo definido, mesmo na primeira menção deste referente, desde que haja um *link* não ambíguo entre um referente já mencionado no contexto e o novo referente que faz uma espécie de “ponte” com o novo nome. O *bridging* é um tipo de “anáfora associativa” (HAWKINS, 1978), pela qual podemos acessar indiretamente um referente através de outro. Os exemplos mais usuais de *bridging* são as construções parte-todo, autor-obra ou cenários-componentes.

Em PB, por exemplo, podemos dizer (24) utilizando o artigo definido, mesmo sendo a primeira menção do nome “noiva”, pois assume-se que no contexto de um casamento, sempre há potencialmente uma noiva, mas não que a noiva seja necessariamente recuperada pelos interlocutores. O mesmo ocorre para os exemplos em (25), em que a referência de unicidade é recuperada pelo *link* que se estabelece de que cada país tem um presidente (liderança), e (26), que trata-se de um caso mais específico, em que os interlocutores entendem que em qualquer cidade do mundo há pelo menos um hospital e por isso o uso do artigo definido é licenciado:

- (24) Eu fui a um casamento e **a** noiva estava linda.
- (25) Atualmente, **o** presidente do Brasil é um golpista.
- (26) ankuchi k’obi [* (ri) aq’omanel-jay] chin re tinamet re?
 where EXIST ART:DEF cure-house in DEM town DEM
 ‘Onde é o hospital desta cidade?’

(kaqchikel - BECKER, 2018, p. 99)

¹⁰ A língua kaqchikel é uma língua ameríndia falada pelo povo índio da Guatemala Central. É uma língua do ramo quicheano-ameano das línguas maias.

Um outro contexto em que os artigos definidos podem ser utilizados são os contextos *dêiticos*. Os contextos dêiticos são aqueles que envolvem alguma percepção física dos referentes no espaço. Não é uma característica prototípica da categoria de artigos marcar referentes dêiticos; no entanto, alguns casos de línguas nas quais os artigos se desenvolvem de demonstrativos, eles também podem ser utilizados em contextos dêiticos.

Em PB, os exemplos em (27) e (28) mostram que um locutor pode utilizar o artigo definido ou o demonstrativo em contextos dêiticos acompanhados ou não da apontação ostensiva:

(27) Contexto: *Alguém aponta para uma obra de arte numa galeria*

A: **O¹¹/Este** quadro é magnífico! O pintor tem uma técnica invejável.

(28) Olha! **As/Essas** crianças estão todas sujas.

Há casos de línguas como o kaqchikel (BECKER, 2018) nas quais o artigo definido não pode ser utilizado em contextos dêiticos. Becker (2018) atribui essa impossibilidade ao fato de que nesta língua o artigo definido *ri* se originou de marcadores anafóricos “*ri...ri*” e não de pronomes demonstrativos, por isso a incompatibilidade.

Outro uso dos artigos definidos é sua possibilidade de se combinar com nomes de *referência única* ou de *unicidade global*. Nomes de referência única são aqueles que denotam os únicos exemplares disponíveis no universo daquele tipo, pois possuem um único referente que é automaticamente identificável. Alguns exemplos de nomes de referência única são: *sol*, *centro do universo*, *Paris*, *oceano*, etc.

No entanto, embora algumas línguas utilizem os artigos definidos com nomes de referência única, algumas não os utilizam com expressões referenciais (nomes próprios), como antropônimos e topônimos. Esse comportamento diverso faz Becker (2018) assumir que a ocorrência de artigos definidos com nomes de referência única ou expressões referenciais não pode ser utilizado unicamente para definir a categoria de artigos, como ilustrado em (29) e (30), no contraste entre o Inglês e o PB:

(29) a. *(The) moon is the earth’s natural satellite

‘A lua é o satélite natural da terra’

b. (*The) John is a student

¹¹ Alguns falantes nestes contextos, preferem o artigo no plural ao artigo no singular; de toda forma, o artigo definido plural pode ser intercambiado com o demonstrativo neste contexto.

‘O João é um estudante’

- (30) a. *(A) lua é o satélite natural da terra
b. (O) João é estudante.

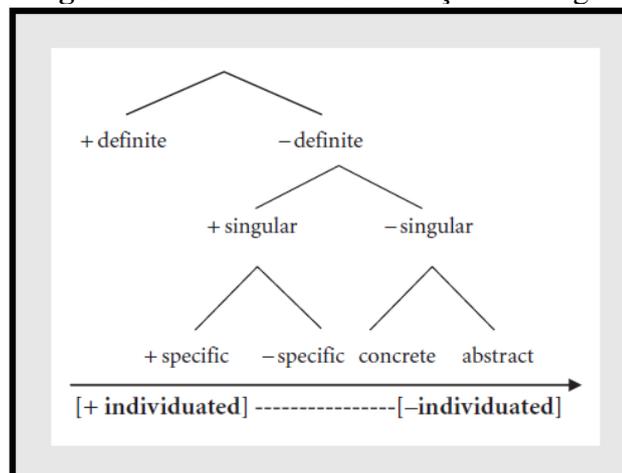
Nos exemplos em (29a) e (30a) as línguas mencionadas apresentam comportamentos idênticos no que se refere aos artigos acompanharem os nomes de referência única, pois as sentenças são agramaticais na sua ausência. Já nos exemplos em (29b) e (30b) temos comportamentos distintos pois o inglês não licencia o artigo definido diante de antropônimos, enquanto no PB a presença do artigo varia de acordo com o dialeto, neste contexto.

2.4.1.1.1 Origem dos artigos definidos

Baseados em descrições de línguas com e sem artigos, bem como nas descrições de processos de gramaticalização de artigos definidos nas línguas naturais, Mulder & Carlier (2011) argumentam que o artigo definido está presente em mais línguas do que os artigos indefinidos. Observa-se uma tendência de que as línguas que possuem um artigo indefinido, também tenha um artigo definido gramaticalizado, mas o contrário não é sempre atestado.

Considerando que o processo de gramaticalização transforma itens lexicais em itens funcionais, o uso do artigo é considerado mais antigo e mais sistemático quando estes se referem a entidades altamente individuadas, ou seja, os usos mais recentes devem ser aqueles cujas entidades referidas se apresentem mais baixas nas escalas de individuação, como vemos na figura 2.6 abaixo de Mulder & Carlier (2011, p. 555).

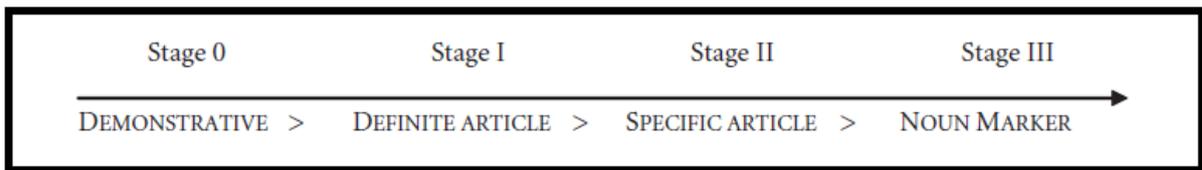
Figura 2.6. Escala de individuação de artigos



Fonte: MULDER & CARLIER (2011, p. 555, adaptação minha)

Eu assumo nesta tese a rota de gramaticalização de artigos definidos proposta por Greenberg (1978) e reanalisada por Mulder & Carlier (2011) (figura 2.7 abaixo) que propõe que os artigos definidos têm sua origem nos demonstrativos. Na passagem do estágio 0 para o estágio 1, os demonstrativos, então, perderiam sua força de individuação, conforme previsto na escala supracitada, e a partir dos usos pragmáticos (contextos de *bridging*, retomada anafórica) começaria a ser utilizado em contextos não de demonstração, mas de unicidade. Os estágios 2 e 3 representam estágios nos quais os artigos são utilizados com baixo poder de individuação, inclusive, há indícios de que algumas línguas gramaticalizem seus artigos específicos passando diretamente do estágio 0 para o 2, sem passar pelo 1, já que o item teria adquirido uma semântica mais específica e não definida.

Figura 2.7. Rota de gramaticalização de artigos definidos

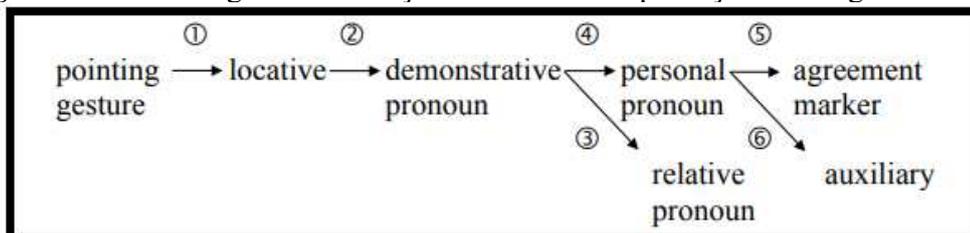


Fonte: MULDER & CARLIER (2011)

Por fim, Mulder & Carlier (2011) pontuam uma tendência que os demonstrativos distais e os pronomes de 3ª pessoa, ou seja, aqueles itens com baixo poder de individuação sejam os principais candidatos para a origem de artigos definidos. Essas previsões parecem se sustentar para as línguas de sinais, já que IX pré-nominal que é hipotetizado translinguisticamente como um artigo definido é homófono aos pronomes de 3ª pessoa e aos locativos distais. Não há registros da origem de artigos definidos em LS que tenham sua origem em pronomes proximais ou relacionados à 1ª ou 2ª pessoas.

Essa mesma proposta de origem dos artigos definidos encontra-se desenvolvida em Pfau (2011) e Pfau & Steinbach (2006) (figura 2.8) adaptada para os dados de línguas de sinais e consideramos esta proposta para a análise que desenvolveremos nesta tese.

Figura 2.8. Rota de gramaticalização dos sinais de apontação nas línguas de sinais



Fonte: Pfau & Steinbach (2008)

Percebe-se na figura 2.8 que há efeitos específicos da modalidade sinalizada que são considerados na origem dos artigos definidos nas LSs, que só aparecem após um longo processo de gramaticalização, no estágio 5 da rota. Diferentemente das LOs, as LSs, dada a modalidade em que são produzidas, podem gramaticalizar gestos que são utilizados pela comunidade em geral e que entram no sistema linguístico já com uma função gramatical específica e também por conta da modalidade, as LSs levam mais tempo para decategorizar itens com força dêitica tão expressivas como são os gestos de apontação ostensiva.

Essa diferença de modalidade leva Pfau & Steinbach (2011) a proporem que nas LSs há dois tipos de gramaticalização, aquela que é idêntica ao processo de mudança nas LOs, no qual um item lexical assume uma função mais gramaticalizada (item lexical > item gramatical), ou por um processo específico da modalidade sinalizada que é aquele no qual um item gestual assume uma função gramatical (item gestual > demonstrativo), como no estágio 1 e 2 na figura acima.

2.4.1.2 Artigos definidos anafóricos

As construções definidas têm mostrado que os artigos nas línguas se distinguem ainda entre dois tipos: *i.* os apresentados na seção anterior, que são os definidos em contextos de unicidade ampla ou contextual (fracos), que não necessariamente necessitam de um correferente contextualmente presente para serem licenciados, e *ii.* os definidos anafóricos (fortes), aqueles que retomam necessariamente um referente mencionado anteriormente na situação de proferimento.

Línguas como o inglês ou o PB não realizam esta distinção entre definidos únicos e anafóricos, já que estas línguas empreendem um mesmo expoente morfológico para ambos os casos. No entanto, pesquisas recentes como as de Schwarz (2013), Becker (2018) e Jenks (2018) mostram que há línguas com ou sem paradigmas de artigos que codificam gramaticalmente a diferença entre definidos únicos e anafóricos, como no quadro 2.2 abaixo, aos quais me referirei a partir de agora como definidos fracos e fortes, respectivamente.

Quadro 2.2. Realização morfológica de artigos definidos fracos e fortes

	Mandarim (JENKS, 2018)	Fante (Akan) (ARKOH & MATTHEWSON, 2013)	Cantonês (JENKS, 2018)	Alemão (SCHWARZ, 2013)	Fering (EBERT, 1971 APUD SCHWARZ, 2013)	Inglês
UNICIDADE (definidos fracos)	∅	∅	Cif.-N	vom (prep.)	a (masc.sg.), at (fem.sg), at (neut.sg), a (pl.)	the
ANAFORICIDADE (definidos fortes)	DEM	nŪ	Cif.-N	von dem (prep. + def.)	di (masc.sg.), det (jü) (fem.sg), det (neut.sg), dön (dö) (pl.)	the

Fonte: elaboração própria

Considerando este quadro de distinções entre definidos fracos e fortes, teremos então as línguas apontadas por Schwarz (2013) que empreendem diferentes itens para marcar ambientes de unicidade e anaforicidade: aquelas que possuem dois artigos distintos como o alemão, o fering, o lakhota e o hausa, e aquelas que possuem nomes nus definidos e um artigo específico para anaforicidade como o akan e o crioulo da Maurîtânia.

Os exemplos abaixo mostram que o alemão requer o artigo fraco para os usos de unicidade situacional (31) e artigos fortes para os usos anafóricos (32):

(31) Definidos fracos

Alemão

a. Uso em contextos amplos

Der Empfang wurde **vom** /#**von dem** **Bürgermeister** eröffnet.
 A recepção foi **pelo-o**_{fraco} /#**pelo o**_{forte} **prefeito** aberta.
 ‘A recepção foi inaugurada **pelo prefeito**’

b. Uso em contextos globais

Armstrong flog als erster **zum Mond**.
 Armstrong voou como primeiro **para-a**_{fraco} lua.
 ‘Armstrong foi o primeiro a voar até a lua’

(SCHWARZ, 2009 apud SCHWARZ, 2013, p. 540, exs. 15ab)

(32) Definidos fortes – anafóricos

In der New Yorker Bibliothek gibt es ein Buch über Topinambur. Neulich war ich dort und habe **#im / in dem Buch** nach einer Antwort auf die Frage gesucht, ob man Topinambur grillen kann.

no a Nova Iórque biblioteca existe EXPL um livro sobre topinambur. Recentemente fui eu lá e tinha **no-ofraco/ no oforte livro** por uma resposta para a questão procurada se alguém topinambur grelhar pode.

‘Na biblioteca de Nova Iorque, há um livro sobre alcachofras. Recentemente, eu estive lá e procurei **no livro** uma resposta para a questão se alguém pode grelhar alcachofras’.

(SCHWARZ, 2009 apud SCHWARZ, 2013, p. 540, ex.9)

2.4.1.3 Indefinidos específicos

A noção de especificidade é definida por Enç (1991) como sendo uma noção geralmente associada aos DPs indefinidos. Quando nos referimos a um DP específico, dizemos que, embora marcado geralmente pelo artigo indefinido de forma ambígua nas línguas, a especificidade designa um referente que pode ser reconhecido no mínimo pelo locutor. Quando alguém produz uma sentença como (33), o DP indefinido é ambíguo para a leitura específica, em que há um gato específico saliente na mente do locutor, ou pelo menos um perfil/tipo de gato que ele(a) deseja, ou para a leitura não-específica, em que não há um gato ou um perfil específico desejado, com tanto que seja um gato, a condição está satisfeita.

(33) Eu quero comprar **um** gato

Algumas línguas possuem artigos dedicados para marcar a especificidade como o q’anjobal em (34):

(34) Wojtaq [**jun** lugar] baytal chije’ ko-kuywi
saber.1sg [**art.spec**] lugar onde poder 1dual-estudar

‘Eu conheço um (certo) lugar onde nós podemos estudar.’

Q’anjobal (prim. data apud BECKER, 2018)

2.4.1.4 Indefinidos não-específicos

A não-especificidade só pode ser atestada no contraste entre (35) e (36), nos quais uma continuação da sentença retoma um referente citado anteriormente através de um pronome pessoal (específico) (35) ou um pronome indefinido (não-específico) (36) e para os quais o PB emprega uma única forma ambígua, o artigo indefinido:

(35) Eu quero comprar um livro do Chomsky, mas não **o** encontrei. (específico)

(36) Eu quero comprar um livro do Chomsky, mas não encontrei **nenhum**. (não-específico)

O exemplo apresentado anteriormente em (16a-b) e retomado aqui em (37) evidencia que em q'anjobal (maia) a não-especificidade dos DPs é marcada através de artigos, mas esse tipo de marcação nos artigos é rara translinguisticamente.

(37) a.

tzeb'ach yul **jun** tuktuk. Mayal wawrtej naq tz'umon ch'en.
vir.IMP em **um.específico** mototaxi já chamei CL motorista
'Venha em um mototaxi. Eu já chamei o motorista'

b.

asi' yul jun-**oq** tuktuk.
ir.IMP em um-**não-específico** mototaxi
'Pegue um moto-taxi (qualquer um da rua)'

(BECKER, 2018, p. 64)

Ao contrário dos artigos da seção anterior que designam referentes específicos, os artigos não-específicos nunca selecionam um referente em particular, mas qualquer referente que seja prototípico da categoria proferida.

2.4.1.4.1 Origem dos artigos indefinidos não-específicos

Becker (2018) traz evidências de que várias línguas desenvolvem um artigo indefinido não-específico a partir de condicionais ou marcadores de contextos *irrealis* no domínio verbal, como vemos no exemplo abaixo em (38).

(38) q-q'anjab' ayach ta q-ach q'anjab'-oq
 potencial-conversar para.2 cond potencial-2pl conversar-**irrealis**
 'X vai conversar com você, se você falar.'

Q'anjobal (TOLEDO, 2017, p.538 apud BECKER, 2018, p.137, tradução minha)

As marcas de não especificidade se afixam comumente aos nomes nas línguas em que ocorrem (39), mas podem também encontrarem-se afixadas aos artigos como no caso do q'anjobal e do ch'ol em (40).

(39) Maktxel max h-aq'-kan ko-taynomal-oq
 quem pfv 2sg-dar-dir:permanecer 1pl-guarda-**irr**
 'Quem você deixou como nosso guarda?'

Q'anjobal (TOLEDO, 2017, p.553 apud BECKER, 2018, p.137, tradução minha)

(40) a. Q'anjobal

asi' yul [jun-oq] tuktuk.
 ir.IMP em [um-**não-específico**] mototaxi
 'Pegue um moto-taxi (qualquer um da rua)'

(BECKER, 2018, p.64)

b. Ch'ol

ma'an [jum-p'ej=ik vivienda]
 existir.neg [art:**indef-cl=irrealis**] residência

'Não há uma residência.'

(ALVAREZ, 2011, 239 apud BECKER, 2018, p.137, tradução minha)

2.4.1.5 Indefinidos

Segundo Le Bruyn (2010) os artigos indefinidos, se comparados a outros determinantes, percebe-se que eles não adicionam muito conteúdo semântico ao nome que acompanham. Os artigos indefinidos são também conhecidos por serem livres para tomar escopo amplo ou estreito, ou seja, podem ser interpretados como referentes específicos ou não-específicos, respectivamente, como já explicitamos anteriormente.

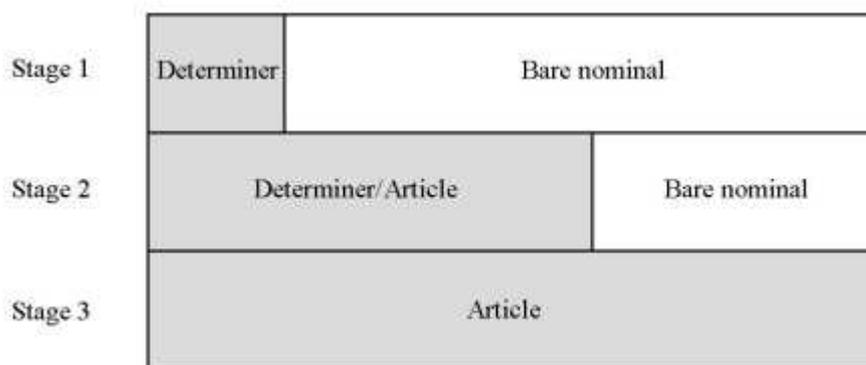
A maioria das línguas que possui um artigo indefinido, utiliza-o tanto em contextos específicos como não-específicos, como no caso dos exemplos em PB acima em (35) e (36).

2.4.1.5.1 Origem dos artigos indefinidos

Há uma tendência de que as línguas que possuem um artigo indefinido não licenciem a ocorrência de nomes nus no singular. Le Bruyn (2010) explica que os artigos indefinidos se originam de contextos numerais, utilizando o numeral *um* como a opção *default* para a indefinitude.

Na figura 2.9, abaixo, vemos a representação esquemática dos estágios propostos por Le Bruyn (2010) para a possível origem dos artigos indefinidos. No primeiro estágio, o uso do numeral como um determinante indefinido coocorre com o uso dos nomes nus, no segundo estágio, há um aumento no uso do numeral *um* já nos contextos em que artigos indefinidos são requeridos, e por último, o terceiro estágio indicaria o uso sistemático do artigo indefinido e a ausência dos nomes nus singulares.

Figura 2.9. Estágios da origem dos artigos indefinidos



Fonte: LE BRUYN (2010, p. 2)

Essa proposta considera, então, que nas línguas que não possuem artigos indefinidos dedicados, o nome nu pode ainda ser interpretado como um indefinido, mas não quando o expoente da indefinitude já se encontra gramaticalizado na língua.

2.4.2 Domínio de atuação

O sintagma nominal é o domínio de emprego dos artigos de forma geral. De acordo com Becker (2018) os artigos, relativos à sua posição no DP, podem ser: livres, ligados (afixais), não-segmentais (tonais), ancorados ao D, ancorados no N, ligados a um único elemento do DP ou repetidos em vários elementos do DP.

Simonenko (no prelo) atesta a existência dos diferentes tipos morfológicos de artigos citados acima e propõe uma distinção entre artigos completos (fortes), artigos clíticos (fracos) e artigos ligados comparando-os à estrutura tripartida de pronomes fortes, fracos e clíticos propostos pela análise de Cardinaletti & Starke (1994). A autora traz evidências para a existência de um sistema tripartido de artigos nas línguas naturais baseados nas propriedades morfossintáticas exibidas por eles. A análise de Simonenko se baseia nos seguintes critérios:

- i.* Enquanto os artigos completos (fortes) e os clíticos podem ser separados do núcleo nominal por adjetivos ou quantificadores, os artigos ligados não permitem que outros elementos intervenham;
- ii.* Somente artigos completos (fortes) podem receber acento prosódico;
- iii.* Os artigos clíticos (fracos) são utilizados em contextos de unicidade, enquanto os artigos completos (fortes) só aparecem em contextos que contenham antecedentes anafóricos ou orações relativas.

Embora essas características morfossintáticas não possam ser automaticamente comparadas com a estrutura morfológica exibida pelas línguas de sinais, o fato de as marcas não manuais serem traços suprasegmentais e contribuírem para a interpretação definida ou indefinida dos nomes em algumas LSs, lança luz para o fato de que podemos estar diante de um sistema de artigos ligados como na proposta de Simonenko (no prelo).

Como vimos acima, para ser um artigo, é importante que se tenha como domínio de atuação o DP, independentemente do tipo de morfologia pela qual o artigo se realiza.

2.4.3 Sistemática

Becker (2018) pontua que, de forma geral, uma vez que a língua possua um elemento que é de fato um artigo, os traços referenciais codificados a partir do seu emprego são de uso obrigatório; já que durante a aquisição, as crianças devem ter pistas no *input* sobre a disponibilidade de exponentes em sua língua para a realização das camadas funcionais no DP.

No entanto, observa-se que várias línguas que possuem paradigmas de artigos bem estabelecidos, ainda assim licenciam nomes nus, e isso faria com que o artigo parecesse de uso não obrigatório. A partir destes fatos, a autora pontua que é melhor falarmos de sistematicidade no uso de artigos ao invés de obrigatoriedade, até que todas as condições nas quais os artigos ou os nomes nus são licenciados em um dado sistema sejam mapeados.

Portanto, nesta análise privilegiamos o fato de que os itens que são analisados como possíveis candidatos a artigos na libras sejam utilizados dentro do domínio do DP em contextos em que possam ser previstas sua distribuição e interpretação. Defenderei, então, que o fato de a libras ainda licenciar nomes nus não tem relação com uma possível falta de obrigatoriedade no uso de determinantes explícitos.

2.5 A (IN) DEFINITUDE EM LÍNGUAS SEM ARTIGOS

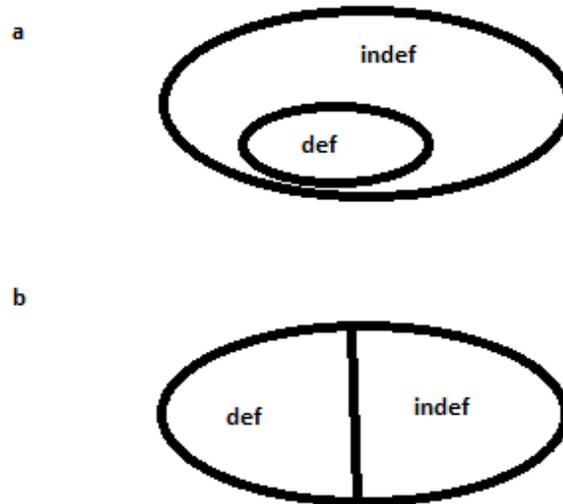
Vimos até agora como os traços definidos e indefinidos são codificados em línguas com artigos, mas agora voltaremos nossa exposição para línguas que não tem artigos. Primeiro, apresentarei a posição de Dayal (2017) que analisa a interpretação dos nomes nus no hindu, uma língua sem artigos, e a proposta teórica apresentada pela autora. Logo após, apresento a análise de Jenks (2018), que baseado nas diferenças entre os definidos fracos e anafóricos apresentados nas seções anteriores, apresenta também uma proposta teórica de análise para línguas como o mandarim e o cantonês, que são conhecidas por não ter artigos, mas que codificam de forma distinta a diferença entre definidos fracos e anafóricos.

Dayal (2017) contesta a visão de que os nomes nus em línguas sem artigos podem ser definidos ou indefinidos. Mais especificamente, a autora defende que em uma língua sem artigos, como o hindu, o nome nu deve ser definido, já que nos contextos em que outras línguas utilizam o artigo indefinido, o hindu requer o uso do numeral *um*. A autora argumenta que o nome nu em hindu é ambíguo entre a interpretação definida ou de espécie somente, mas não indefinida, e que os nomes nus plurais, mas não singulares, podem ter leitura indefinida derivada de espécie.

Na figura 2.10, a autora traz um esquema que representa como os nomes nus podem ser entendidos nas línguas sem artigos, na visão em (a), a interpretação definida está contida na interpretação indefinida, pela clara ausência de competição entre as interpretações definidas e indefinidas. Já a visão em (b), assumida pela autora, é aquela cujos nomes nus definidos representam uma opção de interpretação ao lado das interpretações indefinidas, mas há uma

competição entre os traços definidos e indefinidos, e por isso, nesta visão, os nomes nus não são ambíguos para a definitude e indefinitude.

Figura 2.10. Nomes nus em línguas sem artigos



Fonte: DAYAL (2017, p. 87)

Embora a proposta de Dayal (2017) seja para línguas sem artigos, uma vez que hipotetizo sobre a existência de um paradigma de artigos sendo realizado na libras, é importante comparar se o comportamento dos nomes nus em libras se assemelha ao que ocorre em b, ou se de fato o comportamento dos nomes nus em libras não se assemelha ao comportamento dos nomes nus em línguas sem artigos como o hindu.

Para explicar a interpretação que encontramos nos nomes nus na libras, trago para a discussão a proposta de Jenks (2018) que explicito a seguir.

Jenks (2018) aponta que o mandarim, mesmo sendo uma língua sem artigos, também é sensível à distinção entre definidos fortes e fracos. O mandarim utiliza nomes nus de forma sistemática em contextos definidos de unicidade ampla ou contextual e empreende formas demonstrativas para marcar posições anafóricas, com exceção da posição de sujeito, onde os nomes nus ocorrem independentemente de serem definidos fracos ou fortes.

A diferença entre definidos fortes e fracos é explicitada por Schwarz (2013) quando mostra que o alemão nos contextos de *bridging* emprega diferentes tipos de artigo. Nos contextos de *bridging* que envolvem uma relação parte-todo como “**uma** sala... **o** teto”, o alemão emprega o definido fraco e o mandarim os nomes nus, já nos contextos de *bridging* que

envolvem uma relação de produtor-produto como “**uma** novela... **o** autor”, pintor-pintura etc, o alemão emprega o artigo forte e os falantes de mandarim preferem os demonstrativos. Jenks (2018) explica que no caso das relações parte-todo, a pressuposição de unicidade por “pertencimento” licencia o uso do definido fraco, porque se assume que toda sala tem minimamente um teto, enquanto que nas relações produtor-produto não é claro que os poemas contenham os poetas, e por isso não acarretam a leitura de unicidade e o uso dos artigos fortes ou dos demonstrativos é preferido.

Jenks (2018) propõe a existência de um expoente definido para os contextos de unicidade, que através de um operador ι (iota) executa a operação de mudança de tipo (CHIERCHIA, 1998; DAYAL, 2004) e um expoente definido anafórico ι^x (index) que atua em contextos excepcionalmente anafóricos. As operações de mudança de tipo que codificam definidos não-marcados (sem artigos) nas línguas estão sujeitas ao princípio bloqueador, aqui reproduzido em (41):

(41) *Princípio bloqueador*

Não faça de forma coberta o que pode ser feito de forma aberta!

(JENKS, 2018, p. 514, tradução minha)

Esse princípio, então, é responsável por bloquear mudanças de tipo nas línguas com expoentes definidos, forçando a projeção do DP. Por isso, os nomes nus em mandarim podem sofrer mudanças de tipo e, assim, referirem-se a diferentes indivíduos em diferentes situações, porque o operador ι é relativizado para o contexto situacional (pragmático), já o operador anafórico ι^x bloqueia a leitura multirreferencial (variável).

Esse padrão é confirmado porque o mandarim permite a leitura variável ou *sloppy* a depender do contexto onde o nome nu se encontra, que pode ser um contexto de um referente situacional ou mesmo em contextos em que o nome nu se encontra no escopo de quantificador. Nestes contextos, os demonstrativos são bloqueados. O mesmo é verdade para os contextos de *bridging* parte-todo, que preferem os artigos fracos; o mandarim, nestes contextos emprega os nomes nus, mas não os demonstrativos.

Jenks (2018), então, quer responder as seguintes perguntas: *i.* por que ι^x não está disponível em contextos não anafóricos? *ii.* Por que ι é impossível em ambientes anafóricos? E *iii.* Qual a razão da opcionalidade entre o artigo definido de unicidade e o anafórico na posição de sujeito em mandarim?

Para *i*. o autor assume que assim como nos casos em que há um requerimento formal de que um pronome esteja ligado ao nome mencionado a priori (HEIM, 1982, 1991), do qual é correferente e sem o qual as sentenças não são gramaticais, como em (42), o operador ι^x (demonstrativos – anafóricos) só é licenciado em ambientes onde haja uma menção explícita e anterior no discurso. Assim como nos casos de elipse, que requerem a menção prévia do material elidido (MERCHANT, 2001), se assumirmos que os pronomes são elementos D com um complemento NP apagado¹², explica-se a exigência formal de um correferente explícito.

- (42) a. Todo homem que tem uma esposa senta perto dela
 b. #Todo homem casado senta perto dela

Para *ii*. a questão é que ι é impossível em ambientes anafóricos, como por exemplo, nas construções conhecidas como “sentenças do burro” (43) em que o pronome final “it” não consegue especificar a que correferente especificamente ele aparece ligado por causa do escopo do quantificador universal *todo* em “todo homem” sobre a construção indefinida “um burro”; nestes casos, a sentença é gramatical em mandarim com o operador ι ou ι^x , no entanto, a leitura ligada só pode ser feita com o demonstrativo como em (44b), mas não com o nome *nu*, como em (44a).

- (43) Every man who owns a donkey beats it
 ‘Todo homem que possui um burro bate nele’

- (44) a. Sentença do burro em mandarim com o nome *nu* (não tem leitura ligada)

Mei ge [you yi zhi shuiniu de] nongfu dou hui da **shuiniu**
 todo CL tem um CL búfalo REL fazendeiro todos vai **bater búfalo**
 ‘Todo fazendeiro que tem um búfalo bate no búfalo (geralmente).’

- b. Sentença do burro em mandarim com o demonstrativo (leitura ligada)

Mei ge [you yi zhi shuiniu de] nongfu dou hui da **na zhi shuiniu**
 todo CL tem um CL búfalo REL fazendeiro todos vai bater **aquele CL búfalo**
 ‘Todo fazendeiro que tem [um búfalo]_i bate [naquele búfalo]_i.’

(JENKS, 2018, p.503)

¹² Esta proposta originalmente feita por Postal (1966) no texto “On the so called ‘pronouns’ in English” admite que pronomes como *he*(ele) seja equivalente a um DP com o N elidido. No caso de pronomes reflexivos como *himself*, *him* ocuparia o D, enquanto *self* seria o N complemento.

Jenks (2018) mostra que isso gera um problema grave, pois sugere que nestes casos das sentenças do burro nas interpretações das quais o homem pode bater num burro específico ou em qualquer outro burro disponível, os nomes nus deveriam funcionar. Vimos que nos contextos em que se tem uma pressuposição de unicidade, o mandarim pode utilizar o nome nu e o alemão (SCHWARZ, 2009), o artigo fraco, porque estes operadores recebem interpretação covariante, ou seja, são variáveis ligadas ao contexto situacional, contanto que esses referentes não tenham sido mencionados anteriormente.

Se a pressuposição de unicidade fosse um problema para o operador ι ele não poderia ser utilizado nas sentenças de *bridging* parte-todo, como por exemplo em (45), dado que não haveria uma única casa no domínio discursivo, mas há várias casas potencialmente selecionadas.

(45) Todo mundo que comprar **uma** casa, precisa consertar **o**/*este teto

Então, pode-se concluir que a impossibilidade de ι em contextos anafóricos não se daria exatamente pela questão da pressuposição de unicidade, já que ele pode ser utilizado nestes contextos e nem pela pressuposição de que ι seria uma variável ligada ao contexto e que pode receber seu valor referencial no contexto, o que permitiria que ι fosse utilizado nas sentenças do burro. Então, por que ι não é possível em contextos anafóricos se não é pela questão da falta de pressuposição de unicidade?

Os contextos nos quais ι recebe uma leitura variável, mas em que ι^x não pode ser utilizado, sugerem que há a presença de um outro princípio denominado *Index!* (46). Esse princípio ι^x inclui um índice que não está disponível em ι , e ι^x vai ser preferido sempre que possível. A competição entre os definidos precisaria, então, estar sujeita ao princípio *Index!*. Por isso, ι^x ao ser utilizado tem o efeito de reduzir ι a um artigo “*elsewhere*”, ou seja, que só é possível quando o ι^x não está disponível devido à ausência de uma menção anterior. Em suma, na presença da menção, se disponível, *Index!* entra em cena.

(46) *Index!*

Represente e ligue todos os índices possíveis.

(JENKS, 2018, p. 524, tradução minha)

Por último, no tocante à *iii.* sobre a **opcionalidade** do nome nu e do demonstrativo na posição de sujeito em mandarim, Jerks (2018) argumenta que se deve ao fato de que o sujeito é a continuação de um tópico, por isso o nome pode aparecer nu ou com o demonstrativo. O que o autor argumenta é que, nesses casos, o efeito do tópico sobrepõe-se e neutraliza os efeitos do princípio *Index!*. A intuição é que o tópico já é saliente e não precisa ser indexado.

Quando uma pergunta do tipo “O que aconteceu com o rato que foi pego pelo gato preto?” é feita em mandarim de modo a eliciar um tópico não-sujeito, tanto nas respostas com a voz ativa do tipo “o gato o matou”, como na voz passiva, “ele foi morto pelo gato”, falantes do mandarim preferem o demonstrativo. Por fim, o mandarim emprega nomes nus nos casos tópicos de continuação, ou seja, aqueles com uso marcado pragmaticamente; em todos os outros o mandarim faz uso do demonstrativo, indicando que a função de tópico marcado tem precedência sobre o princípio *Index!*.

Já o cantonês, que também é uma língua sem artigos, emprega classificadores sistematicamente no caso dos usos definidos de unicidade ou familiaridade e os demonstrativos só são empregados em casos específicos de referência anafórica a um referente já mencionado no discurso. Os nomes nus podem ocorrer nesta língua, mas seu uso está restrito aos referentes que são conhecidos por ambos interlocutores, por isso, nos contextos nos quais o cantonês utiliza os [Cl.+N] como definidos não estão em distribuição complementar. Nos contextos definidos [Cl.+N], o operador ι , que permite a leitura covariante para os referentes, não está permitida para o nome nu, como se atesta no contraste entre (47) e (48) (JENKS, 2018, p. 528-529):

(47)

Hai² Ou³baa¹maa² heoi³ gwo³ ge³ mui⁵ jat¹ go³ sing⁴si⁵, keoi⁵ dou¹ tung⁴
 be.at Obama go PFV POSS every one CLF city she/he all with
 go³ si⁵zoeng² gin³ gwo³ min⁶.
 CLF mayor see PFV face
 ‘In every city that Obama visited, he met with the mayor (of that city).’

“Em cada cidade que o Obama visitou, ele se encontrou com o prefeito (daquela cidade)”

(48)

Hai² Ou³baa¹maa² heoi³ gwo³ ge³ mui⁵ jat¹ go³ sing⁴si⁵, keoi⁵ dou¹ tung⁴
 be.at Obama go PFV POSS every one CLF city she/he all with
 si⁵zoeng² gin³ gwo³ min⁶.
 mayor see PFV face
 ‘In every city that Obama visited, he met with the mayor.’ (of some random city, ‘the mayor’ we are both acquainted with)

“Em cada cidade que o Obama visitou, ele se encontrou com o prefeito (de alguma cidade, ‘o prefeito’ que nós conhecemos)”

A conclusão, então, se compararmos o mandarim e o cantonês é que ambas as línguas possuem um artigo definido lexical, realizado como classificador ou demonstrativo. Um artigo nulo, então, dispararia um movimento do CL-para-D, por isso, na presença de um artigo lexical, a operação de mudança de tipo não está disponível, obedecendo ao princípio bloqueador em (41).

Portanto, línguas como o inglês e o cantonês possuem um artigo definido ambíguo para definitude e anaforicidade. Se essas línguas não tivessem um expoente para o ι , *Index!* obrigaria o uso de formas demonstrativas nos contextos anafóricos.

Essa análise leva Jenks (2018) a propor uma tipologia de marcação da definitude de acordo com a possibilidade de marcar de forma distinta contextos de unicidade de contextos anafóricos. São três os possíveis tipos linguísticos: *i.* línguas bipartites – que possuem dois artigos distintos para definidos familiares e anafóricos (Ex: alemão e lakhota), *ii.* línguas marcadas anaforicamente – que possuem um artigo que é restrito aos ambientes definidos anafóricos, mas não possuem um expoente definido familiar (Ex: fante akan e mandarim) e *iii.* línguas que marcam o definido de forma generalizada, onde uma forma única é usada em ambos os contextos (Ex: cantonês, inglês e PB).

Eu assumirei a proposta de Jenks (2018) nas análises da libras para verificar se o comportamento dos nomes nus e de IX pré-nominal é semelhante ao comportamento dos nomes nus e do demonstrativo em mandarim. A partir desta proposta verificarei se a libras é uma língua do tipo *ii* – línguas marcadas anaforicamente, já que, aparentemente, o nome nu e IX pré-nominal nem sempre se encontram em distribuição complementar.

2.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo abordamos as noções de definitude e indefinitude e apresentamos uma extensa discussão sobre como os nomes se apresentam nas línguas naturais: nus ou com artigos.

Assumi junto aos autores apresentados os critérios prototípicos para se identificar a categoria de artigos numa língua a partir de suas características morfossintáticas e semânticas; incluindo alguns tipos raros de marcações encontradas nos artigos como artigos indefinidos específicos, artigos indefinidos não-específicos e ainda os artigos definidos anafóricos.

Vimos também que, para ser um artigo, não basta que se tenha a função codificada no item, mas que o domínio nominal seja o domínio de atuação do item candidato a artigo na língua. Por isso, assumo a tipologia tripartida de Simonenko (no prelo), para a qual os artigos podem ser realizados como artigos fracos, fortes e ligados, análogo à proposta de tripartição do sistema pronominal de Cardinaletti & Starke (1994). Este arcabouço teórico nos permite considerar não somente elementos morfologicamente livres como sendo artigos na libras, mas também traços prosódicos ou suprasegmentais como os tons, nas LOs, e as marcas não-manuais, nas LSs, como sendo artigos de fato.

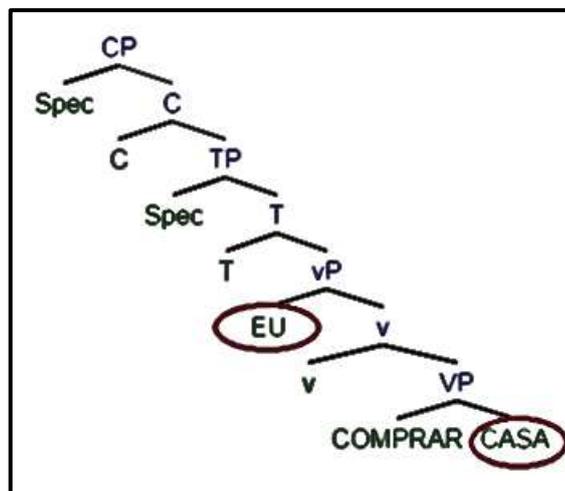
Por fim, a gramaticalidade das sentenças envolvendo nomes nus em libras como foi explicitado nos exemplos da introdução deve ser explicada em função da hipótese da existência de um paradigma de artigos na língua. Para isso, assumo a proposta de Dayal (2017) para quem, em línguas sem artigos, os nomes nus devem ser prioritariamente definidos, dada a disponibilidade universal da operação de mudança de tipo, que não está disponível em línguas como exponentes que marcam a definitude, como o cantonês. E ainda, outro refinamento teórico foi apresentado por Jenks (2018) para quem línguas sem artigos podem ter exponentes dedicados para os definidos anafóricos, mas não para os definidos em contextos de unicidade. Diferenças na interpretação dos nomes nus na posição de sujeito e de objeto também foram apresentadas, pois na posição de sujeito, aparentemente os definidos em contextos de unicidade estariam em distribuição complementar com os definidos anafóricos. Jenks (2018) utiliza e propõe uma série de mecanismos teóricos como o *Blocking principle*, o princípio *Index!* e a precedência da posição de tópicos sobre todos os outros princípios para analisarmos as línguas que, apesar de não possuírem artigos, marcam de forma distinta a diferença entre definidos únicos e anafóricos, nos levando a assumir que mesmo em línguas como o mandarim, a projeção DP deva existir, pelo menos no contexto dos definidos anafóricos, já que os nomes nus não são suficientes nestes contextos.

Assumindo a proposta teórica que entende que a projeção DP – *Determiner Phrase* seria uma projeção funcional disponível universalmente para hospedar os artigos nas línguas naturais, temos que responder por que esta projeção estaria ausente em algumas línguas que não possuem artigos. Mas, como vimos, neste capítulo, mesmo na ausência de artigos, algumas línguas codificam a definitude com outros elementos que podem projetar o DP. É isso que discutiremos no próximo capítulo.

3 O SINTAGMA DETERMINANTE (DP) – ELEMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo fornece elementos teóricos que embasam a análise do sintagma nominal na libras realizada nesta tese. Utilizo a nomenclatura Sintagma Determinante (DP), ao invés de sintagma nominal (NP) de forma generalizada quando me refiro aos nomes em posições argumentais, ou seja, preenchendo as grades temáticas de elementos [-N], como o verbo “COMPRAR” em (1) abaixo.

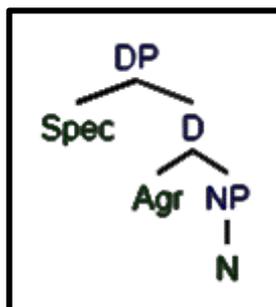
(1)



O fato de me utilizar da terminologia Sintagma Determinante - DP - decorre da teoria aqui adotada, proposta desde Abney (1987), que argumenta que do mesmo modo que haveria categorias funcionais como **C**(omplementizador) e **T**(empo), em (1) acima, dominando a categoria lexical que é o **V**(erbo), haveria uma estrutura paralela a esta dentro do sintagma nominal, com o **D**(eterminante), realizado na forma de artigos em muitas línguas, encabeçando uma projeção funcional responsável por estabelecer uma concordância com o domínio lexical, o **N**(ome), como vemos na estrutura proposta por Abney (1987) em (2).

Essa estrutura do sintagma determinante ficou conhecida como hipótese-DP. A hipótese-DP postula que qualquer nome, encabeçado ou não por um artigo, projeta o D acima do N, pois o D estaria para o N como uma camada que confere a referencialidade aos nomes, e sem a qual os nomes denotariam somente propriedades, mas nunca entidades referenciais, assim como C e T estão para o verbo no domínio verbal, conferindo ancoragem para o verbo.

(2)



As estruturas em (1) e (2) ilustram a complexidade e a relevância de se investigar o domínio nominal nas línguas naturais, pois: i. os nomes são usados como argumentos ou podem ainda funcionar como predicados (p. ex: João é (um) *médico*); ii. os nomes entram em relações de quantificação e escopo com alguns elementos no nível da sentença; iii. há uma estrutura funcional complexa dentro do sintagma nominal, apontando inclusive para influência de propriedades discursivas dentro dos constituintes nominais e iv. os nomes exibem padrões de concordância que podem ser disparados por elementos internos ou externos ao sintagma nominal.

Neste capítulo abordarei como se estrutura o DP em LO e em LS a partir da teoria de princípios e parâmetros em sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995), abordando os principais achados sobre a hipótese DP e como as LS, que até então eram consideradas como línguas sem artigos, podem contribuir com o debate teórico sobre a obrigatoriedade da camada D no nível do sintagma nominal.

3.1 DP NAS LÍNGUAS ORAIS

Em “Remarks on nominalization” (1970), Chomsky discute o paralelismo e as diferenças existentes entre as estruturas nominais e verbais. A ideia mais proeminente neste texto é a de que independentemente do tipo de transformação sofrida pelos verbos e nomes para estabelecerem sua categorização, haveria uma base subjacente comum para ambos, a grade argumental.

Este paralelismo estrutural entre N e V leva a maioria dos teóricos a assumir que os princípios de constituência e endocentricidade estão presentes nas duas estruturas; por isso, ambas se projetam como estruturas X’ (X-barra), e assim como os verbos tomam argumentos,

os nomes, derivados ou não, também os tomam, uma vez que os mesmos traços sintáticos são aplicados para ambos.

A ideia em Chomsky (1970) é que a raiz e a estrutura X' barra é o que vai fornecer a hierarquia desejada, uma vez que a raiz, seja ela verbal ou nominal, é o que determinará os papéis-temáticos dos argumentos. Vemos esse paralelo se compararmos o VP (3) com sua contraparte nominal em (4):

(3) [Nero agente] **destruiu** [Roma paciente]

(4) A **destruição** [de Roma paciente] [por Nero agente]

Schmitt (2018) aponta que uma diferença clara entre os verbos e os nomes é que enquanto os verbos necessariamente tomam argumentos, os nomes são os argumentos por excelência. Outra diferença é que, enquanto os argumentos verbais são obrigatórios, alguns argumentos nominais podem ser omitidos, por exemplo, (4) acima, poderia ser produzida como “A destruição de Roma foi um episódio marcante”, sem necessariamente realizar o agente na estrutura.

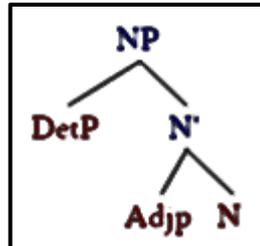
Ainda segundo a autora, os nomes nas línguas dividem-se em:

- i. nomes comuns – aqueles sem uma grade argumental aparente – ex: *casa, surdo, garrafa*;
- ii. nomes deverbais – aqueles que possuem uma grade argumental idêntica à de sua contraparte verbal – ex: *destruição, luta, plano*; neste conjunto de nomes, os argumentos, quaisquer que sejam, recebem papéis temáticos;
- iii. nomes relacionais, que possuem um argumento interno – ex: *mãe (de alguém), perna (de alguém)*, etc;
- iv. nomes próprios - aqueles que funcionam como expressões referenciais, e que geralmente designam entidades de referência única, como são os antropônimos (nomes de pessoas) e os topônimos (nomes de lugares).

Para além desta classificação sintática, os nomes comuns e deverbais podem ser caracterizados semanticamente como nomes contáveis ou massivos. Segundo Deal (2017) nomes contáveis são aqueles pluralizáveis e que se combinam irrestritamente com numerais, já os nomes massivos são resistentes à pluralização e à coocorrência com numerais.

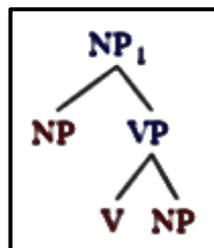
Szabolcsi (1981, 1987) e Abney (1987) são os responsáveis por escrutinizar a existência da camada funcional DP nos anos 80. Antes das publicações de Abney e Szabolcsi, os artigos e outros determinantes situavam-se na posição de especificador ou como adjuntos de N (5).

(5)



Em sua tese, Abney analisa construções nominais do inglês que possuem formas verbais em sua composição, inclusive que carregam algum tipo de aspecto, o que feriria o princípio da endocentricidade como em (6), pois um elemento verbal não deveria projetar algo que é de natureza nominal. A sentença *John's building a spaceship* colocava alguns desafios para a teoria, pois relativamente a sua distribuição externa, comporta-se de fato como um nome conforme pode se atestar em (7a-b). No entanto, internamente, o sintagma parece verbal, pois atribui caso acusativo ao seu argumento interno e parece não haver restrições em relação ao tipo de verbo que pode ser nominalizado com a estrutura “*Poss-Ing*”. Além disso, na estrutura em (6) a projeção máxima NP é uma estrutura anucleada, pois possui um nome no seu Spec, mas não um núcleo nominal.

(6)



(7) a. Did [John's building (of) a spaceship]_{DP} upset you?

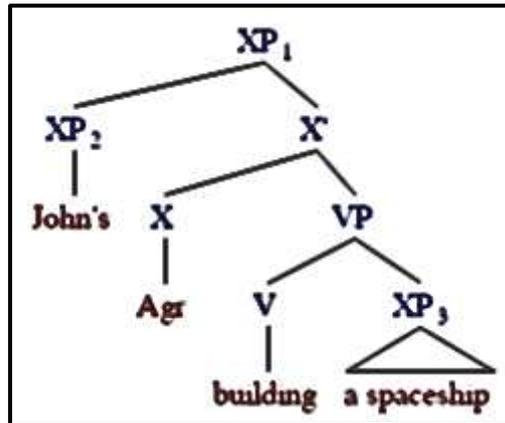
‘A construção da nave pelo João te chateou?’

b. I told you about [Jonh's building a spaceship]_{DP}.

‘Eu te falei sobre a construção da nave pelo João’

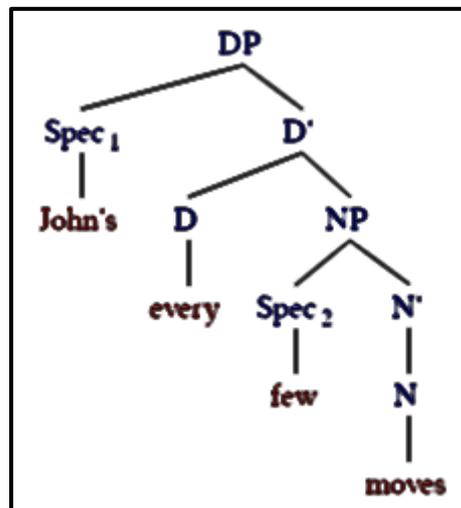
A saída proposta por Abney (1987) é que o núcleo do sintagma em (8) deva ser o marcador de concordância (X), mas não a forma clítica genitiva 's, que deve ser gerada em posição de base junto com o XP₂ que ocupa o Spec do XP₁. Teríamos uma estrutura, então, como (8), mas a que categoria pertenceria, então, esse XP?

(8)



Para resolver o problema, Abney (1987) acomoda as duas posições de especificadores necessárias para [possessivos + quantificadores], [artigos + quantificadores] e [artigos + numerais] já apontadas por Jackendoff (1977) e resolve o problema da endocentricidade do NP em construções gerundivas afirmando que o núcleo do DP não deve ser o N, mas sim o D, um elemento funcional, que pode ou não ser realizado abertamente nas línguas e que toma o N como seu complemento. A estrutura final para o DP em Abney (1987) é a em (9):

(9)



Baseada em análises do húngaro (10) e do turco (11) Szabolcsi (1981, 1987) fortalece a hipótese de Abney de se postular uma camada funcional acima de NP, semelhante à camada IP do VP, pois, em ambos os casos abaixo, há concordância do nome com o seu possuidor, e concordância na teoria gerativa se dá primariamente em estrutura funcional.

(10) a. az **em** kalap-**om**
 o 1sg.nom chapéu-1sg
 ‘O meu chapéu’

b. az **te** kalap-**od**
 o 2sg.nom chapéu-2sg
 ‘O seu chapéu’

c. az **Peter** kalap-**ja**
 o Peter.nom chapéu-3sg
 ‘O chapéu do Pedro’

húngaro

(11) Halil'-in kedi-ye yemek- \emptyset ver-me-di~g-I
 Halil-GEN cat- DAT food-ACC give-NEG-ING-3.sg
 ‘A não entrega da comida para o gato do Halil (literal)’

turco (exemplos de SZABOLCSI, 1981, 1987)

Tanto os trabalhos de Szabolcsi (1981, 1987) como o de Abney (1987) mostram que deve haver categorias funcionais dentro do DP, independentemente de serem rotuladas de IP como nos trabalhos de Szabolcsi, ou de DP, à la Abney. Longobardi (2001) reforça essa análise mostrando que NPs e VPs se comportam de maneira parecida porque ambos podem exibir fenômenos sintáticos semelhantes, tais como: ser argumentos, tomar argumentos, obedecem às propriedades da teoria de ligação, exibem categorias vazias, realizam movimentos e outros fenômenos semelhantes.

Uma evidência para se considerar o artigo como sendo o núcleo (X^0) de uma projeção exclusiva, mas não um complemento (XP), como podem ser outros determinantes, se mostra no contraste a seguir (12)¹³:

(12) a. João comprou **esta**

b. João comprou **muitos**

¹³ Esta ideia está desenvolvida no capítulo 4 da tese de Abney (1987) sobre os determinantes lexicais, na qual o autor apresenta a seção “Determiners that can’t stand alone” (p. 175-176).

c. *João comprou a _

Giusti (1993,1995) mostra que há línguas nas quais demonstrativos e possessivos podem coocorrer com os artigos, como nos exemplos a seguir (13). Isto evidencia que eles devem estar numa posição de especificador, mas não ocupam o núcleo D, que estaria reservado à categoria dos artigos:

- | | |
|------------------------------------|----------|
| (13) a. ez a haz
‘esta a casa’ | húngaro |
| b. ika n anak
‘este o garoto’ | javanês |
| c. la mia gamba
‘a minha perna’ | italiano |

Evidências fortes para a existência da categoria D é o contraste entre línguas com e sem artigos no que se refere ao contraste entre nomes e pronomes. A partir da análise do servo-croata (SC) (PROGOVAC, 1995) e do italiano (LONGOBARDI, 1994), assumindo uma proposta anterior de Postal (1969), para quem os pronomes são gerados na posição D e os nomes em N, e podem em algumas línguas, em alguns contextos, subirem para D, os autores assumem a existência de D, uma vez que este movimento só pode ser realizado na ausência de artigos. As sentenças em (14) evidenciam que em línguas que possuem artigos como o italiano, o adjetivo só pode preceder o nome na presença do artigo, cf. (14a) vs (14d). Se não há um artigo, o nome próprio deve preceder o adjetivo, sugerindo que ocupam a posição D, a mesma ocupada pelos pronomes (14b) vs (14c), (14e), que, da mesma forma, não licenciam adjetivos que os precedam.

- | | |
|---|--|
| (14) a. La sola Maria si è presentata
b. Maria sola si è presentata
c. Lei sola si è presentata
d. *Sola Maria si è presentata
e. *Sola lei si è presentata | italiano (LONGOBARDI, 1994, pp. 625-626) |
| ‘A Maria sozinha se apresentou’ | |

No entanto, Progovac (1995) aponta ainda que há uma assimetria entre o italiano e o SC no que se refere ao comportamento dos nomes e pronomes. Enquanto os adjetivos não podem

preceder os pronomes em nenhuma das línguas, eles podem preceder os nomes no italiano, se houver a realização de um artigo. Longobardi (1994) atribui essa possibilidade ao traço referencial forte de D das línguas românicas em contraste com o traço referencial fraco em D das línguas germânicas, que não obriga a subida do N para o D. Nas línguas germânicas, o N subiria para D somente em forma lógica - LF. Como o SC não possui artigos, os autores mencionados assumem que não haverá necessidade da subida do N, por isso, os adjetivos necessariamente devem preceder o N no SC, mas podem preceder ou suceder o N em italiano, dada a presença ou ausência de um D realizado abertamente. Contudo, em ambas as línguas os pronomes ocupam D e por isso variações na ordem pronome-adjetivo não ocorrem¹⁴.

Na próxima seção discutiremos as projeções funcionais propostas para o DP.

3.1.1 Estrutura funcional

Há várias propostas sobre quantas e quais camadas funcionais estão presentes dentro do DP universalmente (PUNSKE, 2014; BERNSTEIN, 2001; BERNSTEIN, 2008; ALEXIADOU et al, 2007 para algumas revisões das propostas). Nesta seção apresento os prós e os contras de se adotar uma análise-DP (portanto, funcional) para o DP, pois quando trabalhamos com línguas aparentemente sem expoentes de definitude como a libras ou com artigos em emergência (gramaticalização) como no crioulo da Maurítânia (GUILLEMIN, 2007), temos que decidir que tipo de análise mais bem acomoda o maior número de línguas. Por isso, apesar de apresentarmos as propostas para projeções funcionais baseadas em dados de línguas orais, dentro da perspectiva teórica adotada nesta tese, espera-se que a teoria preveja o comportamento sintático também de línguas de sinais, independentemente da modalidade (cf. LILLO-MARTIN & GAJEWSKI, 2014).

As questões relacionadas à camada funcional DP são complexas, pois as línguas possuem comportamentos bastante distintos em relação à sintaxe (basicamente a distribuição e ordem dos elementos no DP) e à semântica (interpretações semânticas associadas aos DPs). Norris (2018) pontua que ao analisarmos a questão do debate-DP precisamos considerar que línguas sem artigos não são a mesma coisa que línguas sem DP, pois a camada DP teria funções outras que não a de unicamente hospedar os artigos, como nas línguas indo-europeias. Gillon

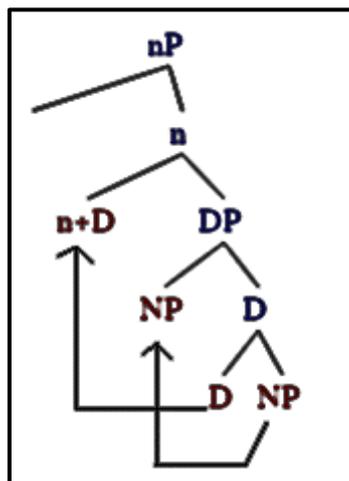
¹⁴ Progovac (1995) argumenta, ainda, que como o SC não possui artigos e a subida do N não é percebida no *input* da língua, a única evidência que as crianças teriam para a existência de D seria a combinação pronome-adjetivo, que é extremamente rara na língua. Isso fortaleceria o fato de que a camada funcional DP, e consequentemente categoria D, deva fazer de fato parte da dotação genética do indivíduo.

(2015) afirma que há algumas línguas com artigos tidos como definidos, mas que não possuem uma semântica de definitude, mas de familiaridade. Essas questões complexificam a elaboração do conjunto de traços que devem compor a camada D como sendo universalmente a categoria responsável pela definitude. As análises de línguas que não possuem artigos, mas nas quais a definitude é codificada gramaticalmente via concordância verbal, ou das línguas que licenciam nomes nus, mas tem artigos, e ainda de aquelas nas quais os nomes nus podem ser definidos, mas não tem artigos, têm lançado luz sobre a possibilidade de que a camada DP seja, sob alguma demanda, projetada na sintaxe em certas posições argumentais (sujeito e objeto, por exemplos), mas não opcionalmente, e isso não tem a ver com defender a extinção, ou a fixação intransigente da camada DP no NP.

Assim como há a proposta da expansão da periferia esquerda do CP (RIZZI, 1997), outros autores propõem a expansão das projeções funcionais na periferia esquerda do DP (ALEXIADOU, 2007; GUARDIANO, 2009).

Chomsky (2007), por outro lado, mantendo a ideia de que o N é o núcleo do NP, propõe a estrutura em (15) em que agora, o nP é análogo ao vP, e possui por complemento um XP, que neste caso é um DP. Para ele, o D herda os traços de nP e o seu complemento é alçado para o seu Spec, e o núcleo D se adjunge ao n, paralelamente ao que ocorre em v^*P . Apesar de ser uma proposta elegante, as questões de rotulação e o excesso de projeções funcionais permanecem se comparada à estrutura do DP proposta por Abney.

(15)



A questão norteadora deve ser: que diferenças sintáticas ou semânticas, se houver, podem ser atribuídas à ausência/presença de um artigo?

Nas próximas duas subseções explicito a proposta de duas outras camadas funcionais que não estão ligadas à categoria de artigos, a primeira é a DemP, pensada para hospedar os itens demonstrativos e a segunda é a categoria NumP, que hospeda os numerais e a interpretação de número do DP.

3.1.1.1 DemP

Há evidências que todas as línguas do mundo possuem formas demonstrativas. Se olharmos as línguas em que o Dem pode coocorrer com os artigos, como as línguas em (16), teremos uma estrutura como em (17) com o Dem ocupando o Spec do DP. No entanto, línguas como as em (18) mostram que os Dem podem se mover para o Spec do DP, mas são gerados em posições mais baixas.

(16) a. Ez a haz
DEM ART.DEF casa

húngaro

b. ika n anak
DEM ART.DEF bebê

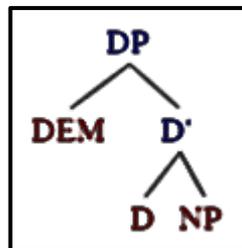
javanês

c. afto to vivlio
DEM ART.DEF livro

grego

(ALEXIADOU et al., 2007, p. 106)

(17)



(18) a. este hombre
‘este homem’
b. el hombre este
‘o homem este’

espanhol (ALEXIADOU et al., 2007, p.110)

c. afto to vivlio
‘este o livro’
d. to vivlio afto

‘o livro este’

grego (PANAGIOTIDIS, 2000, p.726)

Brugè (2002) analisou a posição dos itens demonstrativos na projeção estendida dos nominais baseada em exemplos como os em (16) e (18), no quais o demonstrativo pode ocorrer em posição pré ou pós-nominal e propõe que as línguas em (18) nas quais o demonstrativo também aparece em posição mais baixa sem alterações no significado trazem evidência de que ele deve ser interpretado no [Spec, DP], pois seria somente nesta posição que o elemento pode checar seu traço {+ref}. Para a autora, algumas línguas poderiam opcionalmente mover o Dem para o [Spec, DP] antes do *spell out*, mas todas as línguas o fariam obrigatoriamente até a chegada em forma lógica.

Brugè (2002) traz evidências de que o demonstrativo é um XP que é gerado no Spec de uma posição mais baixa FP [Spec, FP]. A autora utiliza a definição de traços fortes e fracos de Chomsky (1995) que afirma que a checagem de traços fortes deve acontecer antes do *spell out*, mas os traços fracos podem ser checados na LF – *logical form*. Algumas línguas, então, possuiriam traços fortes no demonstrativo, o que obrigaria seu movimento aberto (visível na fonologia), antes de serem pronunciados, para o [Spec, DP], já aquelas nas quais os itens demonstrativos possuem traços fracos não necessitariam mover o demonstrativo da posição de base [Spec, FP].

No próximo capítulo desta tese faço uma descrição dos itens realizados com a apontação em libras, e nos casos em que a apontação antecede ou segue o nome em libras, como em (19a) e (19b) abaixo, sugerirei que a apontação que acontece pré-nominalmente em libras é melhor analisada como um artigo definido e a que ocorre pós-nominalmente como um demonstrativo. No entanto, quando o mesmo sinalizador utiliza a mesma apontação precedendo e seguindo o nome, como em (19c), estes são os casos em que precisamos investigar a contribuição semântica de cada elemento dentro do DP, uma vez que a interpretação quando ambas apontações ocorrem dentro de um mesmo DP (19c), não é de dois demonstrativos, como vemos em (19c).

(19) a. TER [ALGUNS PESSOA]_{DP} APROVEITAR [IX.SG SURDO]_{DP}
 ‘Tem algumas pessoas que se aproveitam do(*este) surdo’

b. [∅ GRUPO SURDO IX.PL]_{DP} PRECISAR ACORDAR
 ‘Grupo de(dos) surdos (estes) precisam acordar’

c. *Falando sobre alguém numa discussão...*

EU SABER [IX.SG HOMEM PESSOA-*a_j* IX.SG-*a_j*]_{DP} IGUAL BRASIL CL:TODOS-
OLHAR-*a* [PESSOA-*a_j*]_{DP} IGUAL QUEBRAR [IMAGEM DELE-*a_j*]_{DP}..TRISTE

‘Eu sei que o(*este) homem (este) é como se todo o Brasil estivesse olhando para ele, é como se isso quebrasse a imagem dele, é triste.’

(vídeos da internet 1– dados naturalísticos)

A proposta de Brugè prevê, então, três tipos de línguas conforme o comportamento sintático dos itens demonstrativos: *i.* línguas em que o demonstrativo pode ser realizado nas posições pré e pós-nominal (Ex: catalão, língua bósnia, russo, romeno e grego moderno; *ii.* línguas em que o demonstrativo tem que aparecer na posição pré-nominal em PF (Ex: italiano, francês, alemão, albanês) e *iii.* línguas em que o demonstrativo deve ser realizado pós-nominalmente (Ex: irlandês (celta) e hebraico). Segundo esta classificação e os exemplos acima em (19a, b e c) a libras deveria ser, então, uma língua do tipo *iii*, na qual o item com interpretação demonstrativa ocorre pós-nominalmente.

Como prevê também Brugè (2002), uma análise predicativa do demonstrativo pós-nominal como em (19b) está excluída porque não há nenhuma quebra prosódica entre o nome e a apontação que se encontram claramente na posição de argumento do verbo PRECISAR.

Outra contribuição da teoria que reforça a minha hipótese de IX pós-nominal como um demonstrativo é a tendência de que itens demonstrativos se gramaticalizem como complementizadores tanto em línguas orais, como em (20), como em línguas de sinais, como em (21). No caso das línguas de sinais em (21) nem sempre IX pós-nominal é entendido como o núcleo complementizador, mas quando está presente, é entendido como o item que relaciona o DP com seu predicado relativizado. Esse comportamento não é observado para IX pré-nominal que analiso como um artigo definido.

(20) Chapi’ik taury’y wichauraz
manhã DEM quente
‘As manhãs que eram quentes’

wapichana (GIOVANNETTI & BASSO, 2017, p. 437)

(21) a.

_____ rel
DOG_i CAT CHASE PE_i (IX_i) HOME COME DONE
cachorro gato perseguir PRON.REL (IX) casa vir já
‘O cachorro que perseguiu o gato veio para casa’

LIS (BRANCHINI & DONATI, 2009)

- b. _____rel
 [MAN (IX3) [RPRO-H3 CAT STROKE]_{CP}]_{DP}
 homem (IX) PRON.REL gato afagar
 ‘O homem que está afagando o gato’

DGS (PFAU & STEINBACH, 2005, p.512)

- c. YOU TALK MAN_a [IX_a INVITE WHO GO_b PARTY_b MARY_b]_r
 ‘Quem_i você conversou com o homem que o_i convidou para ir à festa de Mary?’

LIBRAS (NUNES & QUADROS, 2004)

A partir dessa explanação teórica, as evidências apontam para a necessidade de uma categoria funcional DEM, dado que nas LSs os itens de apontação, geralmente interpretados como itens demonstrativos aparecem dentro de um mesmo DP com funções aparentemente distintas.

Agora explicitaremos a projeção funcional postulada para hospedar a interpretação de número nas línguas, a projeção NumP.

3.1.1.2 NumP

A projeção funcional de número foi inicialmente proposta por Ritter (1988, 1991, 1993) para acomodar as construções nominais estativas nuas no hebraico. As construções estativas nuas são aquelas que possuem um sintagma genitivo seguindo o N na ausência da preposição como nos exemplos em (22). Ritter (1991) propõe que o fato das construções estativas com genitivos nus não licenciarem o artigo em posição inicial diz que esta posição deve estar ocupada por um D_{gen} nulo, que atribui caso genitivo, e não o artigo propriamente. Já nas construções com genitivos livres, com o uso da preposição introduzindo o genitivo, o artigo é licenciado em posição inicial, como em (23). Para resolver as derivações dos genitivos na língua, Ritter defende que o N sobe para uma posição intermediária NumP entre D e N nos genitivos livres, por isso o artigo pode figurar em posição mais alta, mas nas construções estativas nuas, o movimento para NumP é apenas um movimento intermediário para D já que NumP não é um atribuidor de genitivos, o N sempre sobe para D.

- (22) a. beyt há-mora
 casa ART-professor
 “a casa do professor”
 b. *há-beyt há-mora
 ART-casa ART-professor
 c. *há-beyt mora
 ART-casa professor
 d. há-bayit
 ART-casa
 “a casa”

- (23) há-axila há-menumseset]el Dan et há- uga
 the-eating the-polite of Dan ACC the-cake
 ‘Dan’s polite eating of the cake’
 ‘O maneira educada de comer o bolo do Dan (tradução aproximada)’

hebraico (RITTER, 1991)

NumP seria, então, a projeção que hospeda a interpretação de número – singular e plural - para os nomes, e também a projeção que hospeda os quantificadores.

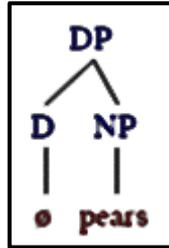
A partir daqui, explicitaremos a camada funcional que foi criada para hospedar principalmente a categoria de artigos nas línguas naturais, a camada DP, e apresentaremos as disputas teóricas decorrentes de sua implementação.

3.1.1.1 DP

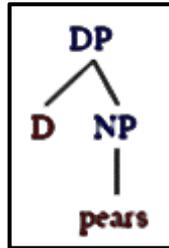
Quando assumimos um paralelismo entre DP e TP/CP assumimos que essa camada funcional é obrigatória, a questão é quais elementos possivelmente nucleiam essas projeções. Pelos exemplos de línguas citadas no capítulo 2, percebemos que não há uma relação direta entre uma língua possuir artigos e ter DP, visto que em algumas línguas essa projeção funcional pode ser realizada por elementos de outras categorias, que não os artigos.

Em uma língua como o inglês, que possui artigos, os nomes podem aparecer nus, como no plural nu da sentença *John bought pears/*pear* (O João comprou peras/*pera). Para esses casos, Longobardi (1994) propõe a existência de um artigo nulo (24); já Progovac (1998) e Abraham et al. (2007) afirmam que há a estrutura funcional, mas sem conteúdo lexical (25). Já para Chierchia (1998) os nomes nus não têm a estrutura funcional DP.

(24)



(25)



Análises como a de Longobardi (24), preveem que os determinantes nulos devem se comportar como outros itens lexicais, ou seja, devem exibir um comportamento arbitrário. Já análises no estilo de (25), considerando somente a existência de uma projeção, mas sem um conteúdo lexical, não prevê uma interpretação arbitrária para o nominal, contudo, essa estrutura deve necessariamente impor restrições com efeitos para a interpretação sintática e semântica dos nomes de forma universal.

Evidências para a existência da camada DP provem dos exemplos clássicos do italiano (LONGOBARDI, 1994), nos quais o autor demonstra o comportamento dos artigos na coocorrência com os nomes próprios, que são definidos por natureza, como em (26), além de seu comportamento sintático quando interagem com outros elementos, como os pronomes possessivos, na presença do artigo como em (27) e na ausência destes como em (28):

(26) (Il) Gianni mio ha telefonato
 ‘(O) João meu telefonou’

(27) a. Il mio Gianni mi ha telefonato
 ‘O meu João me telefonou’
 b. Il Gianni mio mi ha telefonato (interpretação contrastiva)
 ‘O João meu me telefonou’

(28) a. *Mio Gianni ha finalmente telefonato
 ‘Meu João finalmente ligou’
 b. Gianni mio ha finalmente telefonato

‘João meu finalmente ligou¹⁵’

O autor explica que a razão da agramaticalidade de (28a) é que o nome em italiano, na ausência do artigo, se move do núcleo N para o núcleo D, impossibilitando a ocorrência do pronome possessivo à esquerda do nome, visto que a posição D está ocupada pelo nome próprio. Embora isso não explique por que em outras línguas construções semelhantes são possíveis, ou seja, o comportamento em (28a) não parece ser universal, o que Longobardi consegue de fato mostrar é que a estrutura D está presente mesmo na ausência de artigos, tendo em vista as restrições sintáticas atestadas em (28a).

Szabolcsi (1994) e Abney (1987) convergem ao assumirem que a estrutura do DP é paralela à estrutura da sentença. Ambas contêm um núcleo flexional, que no caso do DP é nucleado pelo artigo. No entanto, Szabolcsi defende que o DP deva ser paralelo ao CP e não ao TP como defende Abney; a evidência de que o D se projeta paralelamente ao CP vem de exemplos como em (29) nos quais o possuidor só pode ser extraído de dentro do NP se receber o caso dativo, e esse caso só pode ser dado em projeção mais alta da qual ele recebe o nominativo:

- (29) a. Kati ki-nek a kalap-já-ø *t* látta?
 Kati-NOM QU-DAT ART chapéu-POSS.3SG-ACC viu?
 “O chapéu de quem a Kati viu?”
- b. *ki kalap-já
 de quem-NOM chapéu-POSS.3SG
- c. ki-nek a *t* kalap-ja
 QU-DAT ART chapéu-POSS.3SG

Norris (2018) defende que o estoniano (fino-úgrico) apesar de não possuir artigos, possui elementos como pronomes indefinidos e determinantes-QU que ocupam o núcleo D°. Em contextos novos com sentenças existenciais como em (30a), os nomes nus têm leitura indefinida, mas a continuação em (30b) mostra que os nomes nus podem ser definidos anafóricos, ou seja, estes últimos devem estar em outra posição sintática, provavelmente o núcleo D.

- (30) a. Õue-s on kass ja koer.

¹⁵ Em PB essa sentença não é aceitável para a maioria dos falantes, já (28a) é aceitável. Ou seja, um padrão contrário ao do italiano.

quintal-INE estar.3.PRS gato.NOM e cachorro.NOM
 ‘Tem um gato e um cachorro no quintal’

b. Koer aja-b kassi taga.
 cachorro.NOM dirige-PRS.3SG gato.PAR atrás
 ‘O cachorro está perseguindo o gato’

Norris ainda analisa, contra as generalizações para línguas DP/NP de Boskovic (2005), que os genitivos no estoniano são diferentes dos genitivos do servo-croata e, por isso, a mesma generalização não pode funcionar para ambas as línguas de modo tão categórico. O autor encontra outros possíveis expoentes de D^o que não pertencem à categoria de artigos na língua e critica a assunção de que línguas sem artigos não tem DP. O autor ainda pontua que ninguém, na literatura, afirma categoricamente que os DPs de línguas sem artigos são sintaticamente uniformes. E critica o fato de se utilizar rótulos como *línguas com artigos* e *línguas sem artigos* sob a pena de se conceber, a partir disso, duas classes naturais das quais se espera similaridades entre os membros do grupo.

Caruso (2011) defende uma análise cindida do DP no croata, afirmando que os argumentos usados em favor de uma análise NP da língua, que não possui artigos, são inconclusivos. O autor mostra que a aparente opcionalidade dos determinantes disponíveis e o comportamento adjetival de alguns determinantes não encontra relação com a indisponibilidade do núcleo D. O autor mostra que os determinantes nessas línguas não são uma categoria adjetival e, por isso, não estão no Spec ou adjungidos à D, pois diferentemente dos adjetivos que podem sofrer derivação, flexão, modificação adverbial, aparecer em posição predicativa e possuir uma grade temática, os elementos determinantes não se comportam do mesmo modo. Por último, os nomes deverbais transitivos, que são tidos como testes para línguas que não possuem D¹⁶, são analisados pelo autor com o argumento de Alexiadou (2001). Para esta autora a indisponibilidade de duas posições genitivas é universal, por isso o croata realiza um caso possessivo-NOM no argumento externo e o caso GEN no argumento interno.

Mesmo em línguas nas quais a realização morfológica é idêntica para estas posições, o que se assume é que a atribuição de caso só se dá em projeções funcionais, e por isso, no caminho da posição de complemento mais baixa para uma projeção funcional mais alta, os nomes em alemão e croata se tornam uma categoria funcional, um determinante, como se atesta

¹⁶ Boskovic (2008, p. 5, tradução minha) postula que “línguas sem artigos não permitem nomes transitivos com dois genitivos”.

nos exemplos em (31a-b), nos quais os sufixos *-s* e *-o*, respectivamente, são marcadores de posse. Esse processo pressupõe, por exemplo, a existência de uma camada PossP.

(31) a. Hannibal-**s** Eroberung Rom-**s**
Hannibal-GEN conquest Rome-GEN

alemão (BOSKOVIC, 2012, p. 6)

b. Kolumbov-**o** otkriće Amerike
Columbus-POSS.NOM discovery America-GEN

croata (CARUSO, 2011, p. 20)

Salzmann (2018) revisa todas as premissas conceituais da hipótese DP e pondera que os fatos observados anteriormente não são suficientes para afirmar a existência da projeção DP, uma vez que a maioria dos fenômenos tais como o número de especificadores, a distribuição dos elementos D, a concordância dentro do DP, e a posição de SpecDP como uma posição A-barra para a extração de elementos internos via especificadores das projeções funcionais, todos estes fenômenos podem ser cobertos dobrando a estrutura do NP e criando posições extras com o N.

Salzmann (2018) discorre sobre a fragilidade dos argumentos para a existência do DP, afirmando que muitos são também compatíveis com uma análise NP, como as elipses de NP (32) e as pronominalizações com *one* (33): nesses dois casos, por exemplo, o DP só poderia ser considerado um elemento do NP ou a projeção estendida deste, se considerarmos que a elipse sempre tem como alvo projeções máximas. Já a coordenação de nomes sob o escopo de D em (34) nada diz sobre o *status* frasal do constituinte, somente sobre o fato de que aqueles elementos formam um constituinte. Salzmann (2018) mostra que elementos X' também podem ser coordenados como no movimento de sujeitos *across-the-board* em (35).

(32) John likes these red books and I like those ~~red books~~
'O João gosta destes livros vermelhos e eu gosto daqueles'

(33) a. These **expensive bottles** of wine should be drunk
'Estas garrafas caras de vinho deveriam ser bebidas'

b. These **ones** should be drunk.
'Literal: Estas umas deveriam ser bebidas'

(34) These [young dogs] and [old cows]
'Estes cachorros novos e as vacas velhas'

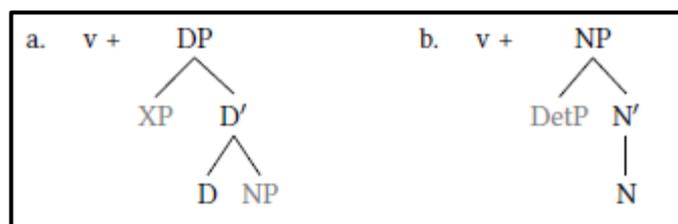
(35) This girl in the red coat [_Twill__eat her breakfast] and [_Twill__put a picture of Bill on your desk before tomorrow].
 ‘Esta garota na jaqueta vermelha vai comer seu café-da-manhã e vai colocar uma foto do Bill na sua mesa antes de amanhã’.

Com todos esses fatos apontando contra a necessidade de se postular uma hipótese DP, Salzmänn (2018) conclui, contudo, que a hipótese-DP ainda é a melhor análise trazendo um caso de concordância híbrida em línguas eslavas. O autor afirma que o fenômeno que será explicitado a seguir requer que o D esteja mais próximo dos alvos de concordância fora do DP do que o N que está mais embaixo na estrutura. E isso só é possível se o DP dominar o NP, mas não o contrário. Depois de mostrar que não parece haver uma relação de regência direta entre D e N, ou N e D, as análises NP se mostram do mesmo modo inconclusivas sobre a inexistência do DP.

O autor apela, então, para a noção de nucleação, na qual o núcleo é quem determina os traços do seu complemento e, conseqüentemente, os traços do núcleo devem estar presentes na projeção máxima (endocentricidade). Além dessas premissas, o núcleo deve determinar a distribuição de todo o sintagma, bem como o núcleo do DP deve estar mais próximo dos núcleos que estão fora dele, para que possa estabelecer relações de concordância na sentença.

Considerando que um núcleo funcional como *v*/T sonda o DP para estabelecer concordância, espera-se que ele sonda o alvo mais próximo. No caso de se assumir o DP como em (36a) o D está mais acessível do que os XP e NP, e no caso de se assumir o NP como projeção máxima, o Det no seu Spec ficaria menos acessível (36b).

(36)



(SALZMANN, 2018, p.28)

Assumindo que gênero e número são traços inerentes de N e pessoa e definitude são traços de D, o autor mostra como os casos de concordância gramatical e semântica exibidos por algumas línguas podem influenciar nesta análise. Salzmänn assume Corbett (2006, p. 207 apud

SALZAMNN, 2018, p. 29, tradução minha), para quem há uma hierarquia universal para a concordância, conforme o *continuum* em (37).

(37) *A hierarquia de concordância*

ATRIBUTIVO>PREDICATIVO>PRONOME RELATIVO>PRONOME
PESSOAL

A possibilidade de concordância sintática decresce monotonicamente da esquerda para a direita em (37). Quanto mais à esquerda o elemento estiver na hierarquia, maior a possibilidade de estabelecer concordância sintática, e quanto mais à direita, maior a possibilidade de se estabelecer concordância semântica. Isto, quando não há nenhum elemento interveniente (CORBETT, 2006, p. 207 apud SALZAMNN, 2018, p. 29).

Por isso, ele propõe que as línguas têm diferentes pontos de corte em que elas mudam de uma concordância gramatical para uma concordância semântica. No domínio atributivo, por exemplo, aquele entre Adjetivos e Ds as línguas podem também mudar o tipo de concordância. O mais importante para o autor é que uma vez que tenha sido realizada a mudança de tipo de concordância, todos os elementos subsequentes obedecerão à última mudança. As barras duplas em (38) indicam a mudança no tipo de concordância que está sendo realizada, após a mudança, não é possível retomar o tipo de concordância que estava sendo realizada anteriormente. Como mostra o esquema abaixo (38), especificamente a letra (d):

(38)

- | | |
|----|--|
| a. | A2:gramm – A1:gramm – D:gramm V:sem |
| b. | A2:gramm – A1:gramm D:sem – V:sem |
| c. | A2:gramm A1:sem – D:sem – V:sem |
| d. | *A2:gramm – A1:gramm D:sem V:gramm |

No servo-croata da Bósnia (doravante, SCB), no exemplo em (39), há uma mudança na concordância entre A e D. O nome *vladika* ‘bispo’ tem gênero gramatical feminino, mas biologicamente masculino.

(39)

Ovi stare vladike su me juče posetili / *posetile.
these.M.PL old.F.PL bishops are me yesterday visited.M.PL / visited.F.PL
‘These old bishops visited me yesterday.’

‘Estes bispos velhos me visitaram ontem’

Assumindo a proposta de Puskar (2017) para quem o gênero biológico é mais complexo em termos de traços do que o gênero gramatical, já que aquele inclui também animacidade, uma sonda (A, D ou V) procurando por um alvo com traços de gênero pode encontrar qualquer um dos tipos de gênero descritos acima. Por isso, a sonda pode variar em complexidade, sendo: *i.* gênero gramatical – sonda simples [gen] e *ii.* gênero biológico – sonda complexa [[gen][anim]]. No mais, haverá uma interação sobre o tipo de sonda e as questões de minimalidade relativizada que Salzmann (2018, p.30) propõe:

1. uma sonda complexa **pode** cruzar uma sonda simples à procura de um traço localizado mais abaixo desta (minimalidade relativizada, um *subset* não pode intervir);
2. uma sonda simples **não pode** cruzar uma sonda complexa à procura de um traço localizado mais abaixo desta (minimalidade relativizada, um *superset* não pode intervir);
3. uma sonda simples não pode ser valorada por um traço complexo, porque levaria a estrutura a fracassar (assumindo que todos os traços devem ser valorados e não somente alguns).

Juntando as peças sobre a hierarquia das concordâncias nas línguas naturais, a composição dos traços e a questão da minimalidade relativizada, a análise prevê a gramaticalidade (39) porque uma vez que haja a mudança da concordância gramatical para a concordância semântica no SCB não é possível mais efetuar outro tipo de concordância. Consequentemente, o fato de a concordância verbal se dar com o D e não com o N em (39) indica que o D deve estar mais próximo da sonda do que o N, ou seja, os traços de D devem estar mais perto e mais visíveis para V do que os de N e isso só pode ser conseguido num modelo em que DP domine o NP e não o contrário.

Chierchia (1998) opõe-se às propostas da universalidade de D baseando-se em um inventário dos traços que poderiam ser apresentados pelas línguas que permitem ou não nomes nus em posição argumental ou predicativa. A análise é conhecida como o “Parâmetro de Mapeamento Nominal”. Grosso modo, uma análise como a de Chierchia nos levaria a assumir que línguas como o japonês e o chinês que não possuem artigos, consequentemente não necessitariam da camada DP. Uma vez que seus nomes são massivos, são individuados através de classificadores e podem ocorrer livremente em posições argumentais, isso implica que elas não exibem as propriedades semânticas das línguas que possuem artigos. Nessas línguas os nomes são sempre nus e não possuem morfologia de número. Do outro lado, estariam as línguas românicas, cujos nomes são predicados e o D precisa ser projetado para convertê-los em

argumentos. Essas línguas têm morfologia de número e os nomes não podem ser nus. No entanto, línguas como o alemão e as línguas eslavas, apesar de licenciar nomes nus em posição argumental, tem comportamento morfossintático similar às línguas que possuem artigos, exibindo as propriedades semânticas de línguas com artigos, por isso, a camada DP poderia ser postulada para estas línguas. Por esse comportamento dual nos nomes contáveis em línguas germânicas, o D deve ser projetado, mas não é necessário no caso dos nomes massivos.

O principal nome em defesa de uma proposta paramétrica para a existência do DP nas línguas naturais é Boskovic (2005; 2008 e outras publicações). O autor argumenta na mesma linha de Chierchia (1998) que línguas como o servo-croata, que não possuem artigos, não necessitam da camada DP para criar argumentalidade, diferentemente de línguas como o inglês, na qual o artigo é requerido na grande maioria dos casos. Na publicação de 2008, Boskovic sugere, então, que uma língua deva ser parametricamente DP ou NP, posição que já assumi em outras análises (ALMEIDA-SILVA, 2014), pois há uma série de fenômenos sintáticos que são característicos de línguas NP ou DP, conforme a quadro 3.1 abaixo¹⁷:

Quadro 3.1. Boskovic (2008; 2009) – testes sintáticos para línguas DP x NP	Línguas DP	Línguas NP
Permitem <i>left branch extraction</i>	não	sim
Permitem <i>scrambling</i>	não	sim
Podem ser polissintéticas	não	sim
Permitem a subida da negação	sim	não
Efeitos de superioridade com o fronteamto múltiplo de itens QU	sim	não
Permitem a extração de adjunto do sintagma nominal	não	sim
Permitem nomes transitivos com dois genitivos não-lexicais	sim	não
Permitem a leitura superlativa de maioridade	sim	não
São sensíveis aos efeitos de ilha em relativas de núcleo interno	não	sim

Fonte: Punske (2014, p. 78)

Um exemplo é a *left branch extraction* do elemento mais à esquerda dentro do sintagma nominal que Boskovic associa com o fato de que línguas DP como o inglês, não o permitem (40); no entanto, línguas eslavas, sem D, permitem essa extração (41), já que a camada NP não

¹⁷ Os testes são trazidos para este texto a critério de exemplificação, mas não serão utilizados nesta análise.

se configuraria como uma fase, bloqueando a extração. Todavia, essa correlação não se sustenta pelo próprio tipo de argumento usado pelo autor mais recentemente de que o NP também pode ser uma fase (BOSKOVIC, 2014).

(40) a. *Whose_j did you see [t_j father]?
'você viu o pai de quem?'

b. *That_j he saw [t_j car].
Aquele carro, ele viu

(41) a. Čijeg_j si video [t_j oca]?
de-quem são vistos pai
'Você viu o pai de quem?'

b. Ta_i je vídeo [t_i kola]
aquele é visto carro
"Aquele carro, ele viu"

Por último, a crítica mais contundente contra o DP é a de Bruening (2009) quando afirma que as assimetrias de seleção entre CP e DP sugerem que a Hipótese-DP está errada. Bruening compara os casos em que o V seleciona um complemento sentencial, o verbo enxerga e seleciona categorialmente (seleção-C), ou seja, os elementos que estão mais altos na sentença, como sentenças declarativas *vs* interrogativas; orações finitas *vs* infinitivas e indicativas *vs* subjuntivas. Contrastivamente, verbos que selecionam argumentos nominais nunca os selecionam pela categoria de artigo, número, possessivos ou outros determinantes. Por isso, o padrão em (42) não existe:

(42) *Padrão não-existente*

a. Samuel is streading a book
'Samuel está abrindo um livro'

b. *Samuel is streading the book
'Samuel está abrindo o livro'

c. John glorped books (BALTIM, 1989, (35))
'João enalteceu livros'

d. *John glorped his books (BALTIM, 1989, (36))
'João enalteceu seus livros'

inglês (exemplos de BRUENING, 2009, p.28)

Para além de assumir que de fato há uma estrutura paralela entre do CP/TP e o DP como nas propostas de Szabolcsi (1981, 1987), Abney (1987), Longobardi (1994) e outros, ou ainda, de se rejeitar esse paralelismo assumindo uma proposta paramétrica, na qual há línguas NPs e línguas DPs, como em Chierchia (1998) e Boskovic (2005), outros argumentos não paramétricos surgem na literatura como uma forma de balancear os achados em ambas as abordagens.

Na proposta de Borik, Cyrino & Espinal (2012) que compara línguas com artigos como o PB e línguas sem artigos como o russo, as autoras assumem a estrutura canônica universal do DP em (43) e a partir disso, qualquer língua que possua a estrutura em (43) deve possuir por contingência as estruturas menores em (44).

(43) [DP D [NumP Num [NP N]]]

(44)

a. [NP N]

b. [DP D [NP N]]

c. [NumP Num [NP N]]

Quanto mais estrutura houver, menos restrita a estrutura é em sua distribuição e as diferentes estruturas estão associadas a diferentes interpretações. A estrutura mínima em (44a) seria altamente restrita à posição de objetos de construções *have* (existenciais); a estrutura DP em (44b) seria restrita à posição argumental de predicados de espécie; a estrutura em (44c) estaria restrita a posições predicativas em PB, mas ocorre como argumento ou predicado em russo. Já a estrutura completa do DP em (43) é a menos restrita e compreende os DPs em posições argumentais em ambas as línguas, PB e russo.

Nesse sentido, as autoras não assumem a exclusão do DP em detrimento do NP, mas a projeção contextual/distribucional (relevante) de cada estrutura dentro da estrutura universal DP.

Após analisar as propostas que hipotetizam a existência da camada DP nas línguas naturais estabelecendo um contraponto com aquelas que assumem que a projeção DP não é necessária, eu assumo uma análise DP para a libras. Observando os argumentos teóricos apresentados, vemos que tanto os autores que sugerem uma análise paramétrica DP/NP para as línguas, quanto aqueles que propõem que o DP está disponível nas línguas por relações de contingência, como a proposta de Borik, Cyrino & Espinal (2012), assumem que a projeção DP existe, seja esta obrigatoriamente, contextualmente ou parametricamente projetada.

As análises de línguas sem artigos, mas nas quais outros elementos podem funcionar como itens definidos, também nos dizem que a inexistência da categoria de artigos não é suficiente para negar a existência da camada DP.

Do mesmo modo, a possibilidade de as línguas licenciarem a ocorrência de nomes nus, como vimos, está restrita a contextos sintáticos e interpretações semânticas específicos, nos guiando para uma análise na qual os artigos não são itens opcionais, e sua ausência, quando possível, deve ser restrita.

Como analiso nesta tese a possibilidade que a libras possua um paradigma de artigos definidos e indefinidos na língua, ao mesmo tempo em que nomes nus também são possíveis nesta língua, utilizaremos o arcabouço teórico do DP para explicar as relações sintático-semânticas observadas quando determinantes são utilizados com os nomes na língua.

Na próxima seção, apresentarei os desenvolvimentos da hipótese DP e os fenômenos ligados ao domínio do DP nas línguas de sinais e na libras.

3.2 DP NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Nessa seção discuto as bases empíricas que apontam para a existência da camada DP nas línguas de sinais e na libras, fazendo paralelamente, uma explanação sobre os principais mecanismos morfossintáticos que afetam o DP em sinais e que servirão de base para a análise que será empreendida do DP em libras nesta tese.

As línguas de sinais demonstram uma preferência por utilizar processos morfológicos não-concatenativos (simultâneos, semelhante aos casos de infixação em LOs) à uma morfologia concatenativa (linear, típica de afixos) (ARONOFF, MEIR & SANDLER, 2005; MATHUR & RATHMANN, 2011).

Schwager & Zeshan (2008) e Abner (2017) reiteram que a despeito das especificidades que possuem as línguas de sinais, como por exemplo, o fato de serem pronunciadas na modalidade gesto-visual, os efeitos específicos da modalidade não se sobrepõem às restrições impostas para todas as línguas humanas, como o fato de que todas as línguas distinguem minimamente entre categorias lexicais e funcionais.

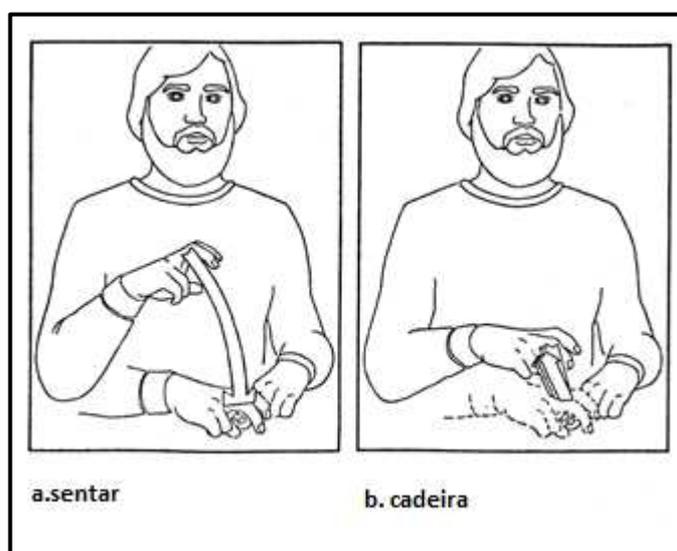
Antes da exposição teórica sobre o DP nas LSs propriamente, discuto na próxima seção como as LSs potencialmente distinguem as suas formas nominais de suas formas verbais. Alguém poderia, por exemplo, alegar a inexistência de um sintagma nominal uma vez que morfologicamente a distinção entre nomes e verbos em LS é sutil, como veremos na próxima seção.

3.2.1 Distinção entre nomes e verbos nas LS

Há um intenso debate na literatura sobre a distinção N-V e sobre as diferenças entre as classes de palavras em LS (SUPALLA & NEWPORT, 1977; PIZZUTO & CORAZZA, 1996; JOHNSTON, 2001; ABNER, 2017). Os autores discutem sobre quais critérios devem ser adotados para se estabelecer uma classificação mínima dos sinais (SCHWAGER & ZESHAN, 2008), ou ainda se línguas de sinais emergentes diferem de línguas de sinais dos centros urbanos no que se refere à essa distinção; as primeiras não teriam uma morfologia nominalizadora, como por exemplo, a reduplicação do sinal, mas estas últimas sim (TKACHMAN & SANDLER, 2013).

Desde o trabalho seminal de Newport & Supalla (1978) “*How many seats in a chair?*” no qual os autores investigam se haveria alguma distinção morfológica entre nomes e verbos em ASL, eles afirmam que há uma tendência de que o sinal com movimento mais longo seja o verbo¹⁸ (figura 3.1a) e que a partir deste, com a realização de um movimento mais curto e mais tenso, bem como a sua reduplicação, poderia se derivar a sua contraparte nominal (figura 3.1b):

Figura 3.1. O par verbo-nome em ASL



Fonte: NEWPORT & SUPALLA (1978, p. 102, tradução minha)

¹⁸ Sabe-se também, que quando um sinal funciona como um verbo na sentença, ele pode sofrer alterações aspectuais, mas não quando está em posição de argumento do verbo.

A redução do movimento e a reduplicação do sinal estão relacionados com a estratégia de nominalização nas LS, embora essas estratégias não funcionem de maneira uniforme para todas as LS (ABNER, no prelo). A libras (PIZZIO, 2011), a TID (KUBUS, 2008), a NGT (SCHREURS, 2006) e a AUSLAN (JOHNSTON, 2001), por exemplos, ignoram esta distinção, pois somente em alguns pares de nomes, esta distinção pode ser observada.

Nos dados desta tese atesto que, mesmo sem uma distinção *morfológica* entre N e V na libras, a língua distingue *sintaticamente* os verbos de seus argumentos como podemos ver nos exemplos em (45).

- (45) _____top _____neg
 a. [IX-3.pl **OUVIR**]_{tDP}, IX-3.sg MEDO [t] NÃO
 ‘Ele/ela não tem medo das pessoas ouvintes’
- _____MNM _____MNM
 b. [IX-3.sg]_{DP} **OUVIR** SIM
 ‘Ele/ela escuta bem’
- _____MNM _____MNM
 c. EU QUERER-NÃO PREJUDICAR [IX-3.pl **SURDO**]_{DP}
 ‘Eu não quero prejudicar os surdos’
- _____MNM _____MNM
 d. [IX-3.pl]_{DP} **SURDO**
 ‘Eles/elas são surdos’

libras (exs. a, b e d, dados elicitados; ex. c, dado naturalísticos vídeo 1)

Bem como a distinção N e V não se aplica a todos os nomes da libras, pois há uma classe de nomes comuns que não são nomes deverbais¹⁹ (46).

(46) SANDÁLIA, PAPEL, CANETA, MADEIRA, CAMA, CINTO...

Além disso, Zeshan (2008) propõe uma série de testes semânticos para identificar a categoria dos sinais; alguns exemplos da autora são os em (47), nos quais somente um nome pode se combinar diretamente com um quantificador, mas não um verbo (47a), somente um adjetivo pode receber algum tipo de expressão-facial (modificação suprasegmental) de

¹⁹ Embora já se testemunhe alguns usos destes sinais como verbos, por extensão metafórica ou processos polissêmicos, como por exemplo em: IX-3.sg PAPEL IMPORTANTE, que pode ser traduzido como, ‘ela/ele desempenha um papel importante’. Para mais detalhes sobre o uso semântico e pragmático dos sinais cf. ALMEIDA-SILVA (2015).

intensidade, mas não um nome (47b), ou ainda um verbo não pode aparecer na mesma posição de modificador de um nome que um adjetivo (47c), isso indica que as línguas de sinais distinguem seus sinais em categorias, considerando critérios de distribuição sintática e semânticos.

(47) a. QUATRO ÁRVORE/ *QUATRO CORRER

_____intenso (*_____intenso)
b. VERMELHO / ÁRVORE

c. SAPATO GRANDE/*SAPATO CORRER-MUITO²⁰

Enquanto que em (45a) e (45c) os sinais OUVIR e SURDO são utilizados como nomes, pois preenchem os requerimentos argumentais do verbo “temer” e de “prejudicar”, nas sentenças (45b) e (45d) os mesmos sinais, sem nenhuma modificação morfológica especial funcionam como verbos, pois agora, no primeiro caso em (45b) está sendo usado como um verbo pleno ‘OUVIR’ que tem por argumento o pronome ‘ele’, e em (45d), em posição pós nominal seguindo o pronome, o item ‘SURDO’ tem função adjetival em uma sentença estativa, ou seja, como um predicado.

Observe também que nos exemplos em (45), marcas não-manuais - MNM²¹ se espriam sobre os constituintes nominais e verbais para ajudar a distingui-los. A marca não-manual que se espria sobre o DP sujeito (45b e d) é a elevação das sobrancelhas junto com a projeção do queixo para frente, semelhante à marca de tópico em (45a), já a marca não-manual do VP é a inclinação da cabeça para baixo como numa sentença declarativa afirmativa. Essas marcas não-manuais são semelhantes às que ocorrem na LIS no exemplo abaixo em (48). Perceba que em (48a), a MNM VP se espria sobre o sinal ANTIQUE (antigo) atribuindo-o uma função verbal, mas em (48b), esse mesmo sinal se encontra dentro do escopo de espriamento da MNM DP e é entendido como um adjetivo modificador, já que agora a MNM VP se espria sobre o verbo da sentença que é QUEBRAR.

²⁰ Exemplos adaptados para a ordem da libras.

²¹ As marcas não manuais podem ser de dois tipos: *i.* afetivas, quando representam o estado emocional do sinalizador, por exemplo, raiva, emoção, alegria, espanto; ou *ii.* gramaticais, que são as que nos interessam, quando são usadas, por exemplo, para codificar uma sentença negativa, declarativa, interrogativa dentre outras funções. Há uma literatura extensa sobre as MNM em diferentes línguas de sinais. Cf. PFAU & QUER, 2010 para uma revisão do tema

(48) a.

$\frac{\text{DP}}{\text{FURNITURE}_i} \quad \frac{\text{VP}}{\text{ANTIQUE}}$
d.h.: FURNITURE_i ANTIQUE
n.d.h.: IX $\frac{\text{DP}}{\text{FURNITURE}_i}$
 'A mobília é antiga'

b.

$\frac{\text{DP}}{\text{FURNITURE}_i \text{ ANTIQUE IX}_i \text{ BROKE}} \quad \frac{\text{VP}}{\text{BROKE}}$
d.h.: FURNITURE_i ANTIQUE IX_i BROKE
 'A mobília antiga está quebrada'

Legenda: d.h – mão dominante/ n.d.h – mão não-dominante²²

LIS (BERTONE, 2009, p. 8)

Assim como observa Bertone (2009) para a LIS, essas marcas não-manuais variam de sinalizador para sinalizador em sua intensidade ou por alguma modificação leve na prosódia, típico de alterações estilísticas, mas não diferem da descrição efetuada acima. Uma diferença das libras em relação a outras LSs já descritas é que o DP na posição de objeto, como em (45c), a MNM DP não se espalha de forma consistente sobre todo o nome, mas pode ir enfraquecendo conforme se atinge o limite final do DP, como se pode ver na glosa em (50).

Isso explica por que uma análise do DP na libras só é possível se considerarmos exemplos como em (50), mas não em (49), visto que em (49) não temos indicações de posições argumentais, nem de MNM marcando o limite entre os constituintes.

(49) PASSAR@ PEQUEN@ = DP/TP?

‘Um/O pássaro pequeno’ ou ‘Um/O pássaro é pequeno’

$\frac{\text{DP}}{\text{EU COMPRAR } [\emptyset \text{ PASSAR@ PEQUEN@}]_{\text{DP= TP}}}$
 (50) EU COMPRAR [ø PASSAR@ PEQUEN@]_{DP= TP}
 “Eu comprei/compro (o/os/um/uns) pássaro(s) pequeno(s)”

Abner (no prelo) aponta para a possibilidade que não somente verbos de ação possam ter uma contraparte nominal concreta do tipo (Ex: AVIÃO/VOAR-DE-AVIÃO; TELEFONE/TELEFONAR; COMIDA/COMER), mas verbos de não-ação também podem dar

²² Nas LSs é comum o uso dos dois articuladores de forma simultânea para produzir as sentenças. Neste caso, a mão que converge com a orientação motora do sinalizador é a mão dominante, enquanto a outra mão, que geralmente só é solicitada em construções bimanuais é a mão não-dominante.

origem a nomes abstratos, como (Ex: SONHAR/TEORIA; VERVISÃO/RECONHECIMENTO; OPINAR/OPINIÃO).

As línguas de sinais também distinguem semanticamente entre nomes contáveis e massivos (DEAL, 2017; KOULIDOBROVA, 2018). Na libras, nomes contáveis podem se combinar diretamente com numerais como no exemplo em (47a) acima, mas nomes massivos como (51a) resistem a se combinar diretamente com numerais, exceto na presença de classificadores nominais como em (51b). Na libras não existem itens hiperônimos do tipo *fakemass*, como por exemplo, ‘móvel’ etc²³.

(51) a. *QUATRO AREIA

b. QUATRO CL:amontoado++ AREIA

‘Quatro amontoados de areia’

A partir da próxima seção exporemos as diferenças morfológicas encontradas nos sinais nominais em libras e alguns fenômenos sintáticos decorrentes dessa diferença de classes morfológicas.

3.2.2 Fenômenos do DP em LS

Uma característica morfológica comum aos nomes e verbos nas línguas de sinais, e que vai ter influência direta em diversos fenômenos sintáticos, é a classificação entre sinais ancorados e sinais não-ancorados num ponto fixo²⁴.

O fato de alguns nomes (independentemente da categoria a que pertencem) serem realizados ancorados (presos) num ponto fixo como em (52), ou de serem não-ancorados (livres), ou seja, realizados no espaço de sinalização (53) vai ter uma influência direta sobre vários aspectos da gramática, três dos quais trago para esta discussão. O mesmo vale para os verbos ancorados em (54) e não-ancorados em (55).

²³ Cf. Almeida-Silva (2015) para uma explicação sobre hiperônimos em libras. Klima & Bellugi (1979) explicam como se formam estas categorias superordenadas em ASL.

²⁴ Geralmente a literatura classifica esses sinais como ancorados ou não “no corpo”. No entanto, para evitar algumas discussões que não são o foco dessa tese, como por exemplo, o fato de que muitos sinais não são realizados no corpo do sinalizador especificamente, mas exibem as propriedades de nomes ancorados, opto por utilizar a terminologia ‘ancorados em um ponto específico’, independentemente de este ponto ser uma parte ou não do corpo do sinalizador. O importante é que a classe de nomes ancorados seja aquela na qual mudanças no local onde o sinal é realizado não são possíveis por restrições morfofonológicas. Para uma proposta mais detalhada, cf. Pfau & Steinbach (2005).

O primeiro aspecto relaciona a ancoragem com a morfologia de número nos nomes, o segundo relaciona a ancoragem com o fenômeno da quantificação e por último a relação da ancoragem com o licenciamento de categorias vazias pronominais correferenciais.

(52)



Sinal de homem: nome ancorado num ponto fixo.

(53)



Sinal de casa: nome não-ancorado num ponto fixo.

(54)



Sinal de PRECISAR: verbo ancorado num ponto fixo.

(55)



Sinal de VER: verbo não-ancorado num ponto fixo.

3.2.2.1 Morfologia de número no N (PFAU & STEINBACH, 2005)

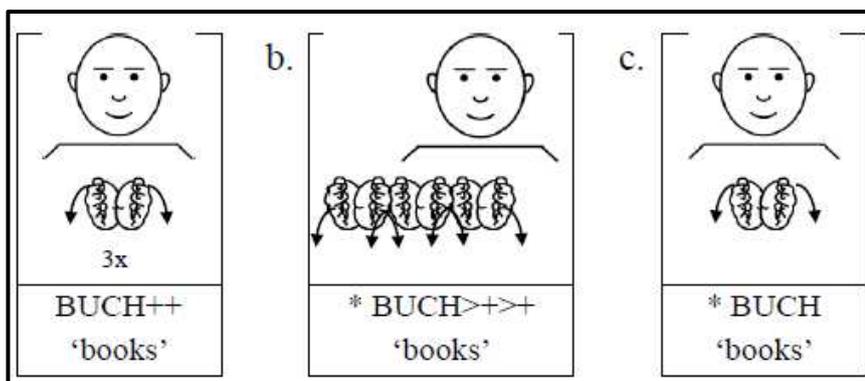
Pfau & Steinbach (2005) analisam a marcação de número nos nomes na língua de sinais alemã (DGS) e descrevem dois tipos de estratégias de marcação de número nos nomes da DGS: a reduplicação (dois tipos) e um morfema zero.

A marcação de plural em DGS exhibe dois tipos de reduplicação: a reduplicação para a lateral e a reduplicação simples. Ambos os tipos de reduplicação estão disponíveis apenas para os nomes não-ancorados num ponto específico.

A reduplicação simples (exemplo em (56a)) não envolve nenhum deslocamento do sinal para o espaço lateral: a reduplicação é feita no mesmo local onde o sinal é realizado, apenas dobrando-o, e está disponível somente para os nomes realizados exatamente no plano sagital

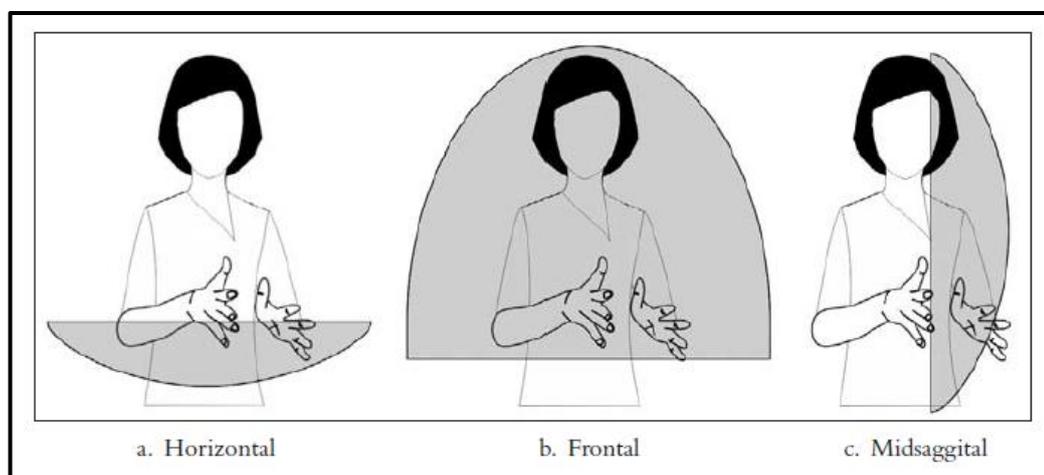
ou que sejam simétricos em relação a este (57c), já a reduplicação com deslocamento para a lateral (exemplo em (58a)) só está disponível em DGS para os nomes que são realizados nos espaços laterais²⁵ (59).

(56)



(extraído de PFAU & STEINBACH, 2005, p. 11)

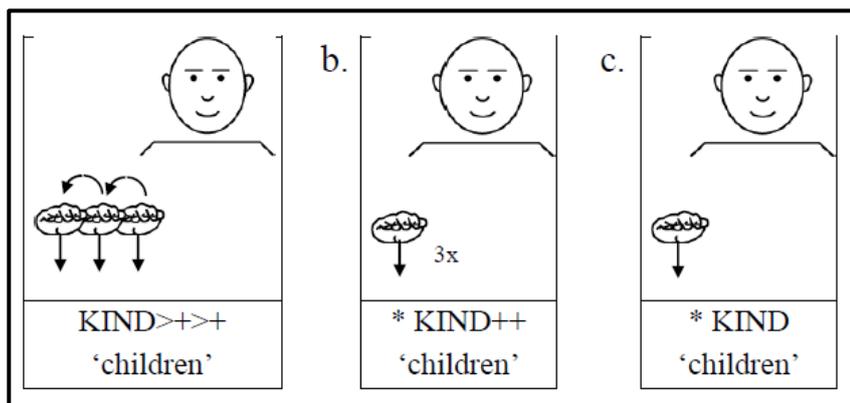
(57)



(extraído de BARBERÀ, 214, p. 154)

²⁵ Como as línguas de sinais possuem articuladores simétricos, dividindo o corpo na linha sagital, temos duas laterais que são idênticas em composição; por isso, a depender da orientação motora de cada sinalizador, a lateralidade muda. Contudo, a porção “ipsilateral” será sempre aquela que obedece a orientação motora do sinalizador, se destra, à direita, se canhota, à esquerda, e a porção “contralateral” será sempre aquela oposta à orientação motora do indivíduo.

(58)



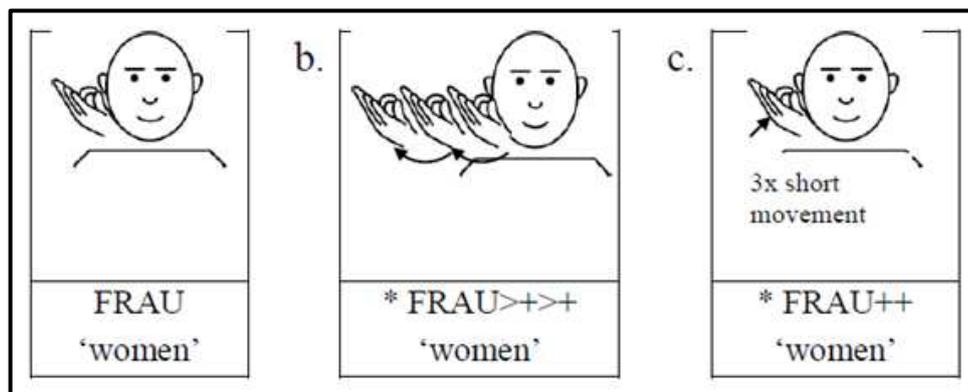
(extraído de PFAU & STEINBACH, 2005, p. 10)

(59)



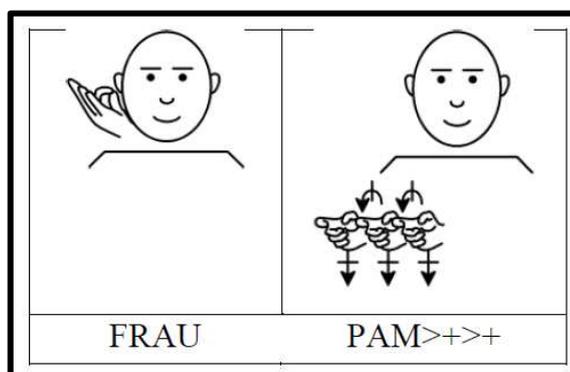
Os nomes ancorados num ponto fixo como no exemplo em (52) não permitem nenhum dos tipos de reduplicação, como vemos em (60), apenas um morfema zero. Isso significa que esses nomes só recebem a interpretação de número na interação com outros itens linguísticos ou quando estiverem associados a outros determinantes, como o *person agreement marker* (PAM) em (61), atribuindo a marcação de plural ao nome FRAU “mulher” ou outros determinantes.

(60)



(extraído de PFAU & STEINBACH, 2005, p. 12)

(61)



(extraído de PFAU & STEINBACH, 2005, p. 13)

A libras é insensível às distinções quanto aos subtipos de reduplicação atestados em DGS; por isso, nomes não-ancorados em libras apenas podem reduplicar com o deslocamento para a lateral (62), independentemente de serem sinais realizados no plano sagital (62a), ou de serem sinais realizados no plano lateral (62b). Nomes ancorados, assim como em DGS, não sofrem reduplicação, por isso, não apresentam morfologia de número, mas um morfema zero.

(62)²⁶

a. [sagital]ARVORE>+>+ / *ARVORE++

b. [ipsilateral]CRIANÇA>+>+ / *CRIANÇA++

²⁶ Legenda da glosa:

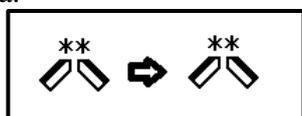
+>+> reduplicação com deslocamento para a lateral

++ reduplicação sem deslocamento do sinal

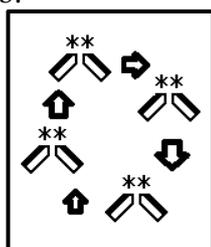
Por fim, em relação à reduplicação dos nomes não-ancorados em libras, o que a língua não licencia é que o nome seja reduplicado no mesmo local onde é realizado, o que é permitido pelos nomes realizados no plano sagital em DGS. Na libras, mesmo que não haja a reduplicação como deslocamento para a lateral, o nome deve obrigatoriamente apresentar um movimento de deslocamento, seja ele em círculos, espalhados ou outros. Então, suponhamos que um surdo esteja falando sobre um conjunto de casas dispostos em círculos, a reduplicação, conseqüentemente o plural, será realizado não para a lateral, como em (63a), mas como em (63b):

(63)²⁷

a.



b.



3.2.2.2 Quantificação do N (PETRONIO, 1995)

Petronio (1995) analisa a interação das diferentes classes de verbos em LSs, simples e com concordância, com os nomes nus em ASL. É um trabalho seminal que mostra como as diferentes classes de verbos em ASL interferem na leitura de quantidade dos NPs (à época). A autora, no entanto, aponta para a existência de NPs quantificados em ASL, mas que analisaria somente os NPs desacompanhados de determinantes.

Como vimos nos exemplos de (52) a (55) acima, os sinais, independentemente da categoria a que pertençam, podem ser realizados ancorados ou não a um ponto fixo. Aqui no domínio verbal, o fato de ser ou não ancorado tem uma consequência específica para a realização da concordância²⁸. Seguindo a classificação tradicional de Padden (1988, 1990) os

²⁷ Sinal para o item CASA escrito utilizando a escrita de sinais: SignWriting.



²⁸ Não terei espaço para discutir sobre este tópico, mas remeto a trabalhos que discutem essas questões na libras (QUADROS & QUER, 2008; ALMEIDA-SILVA & TAVARES, 2017; LOURENÇO, 2015; 2018).

verbos em LS podem ser divididos em: *i.* simples, quando não realizam uma morfologia de concordância (64), ou seja, esses verbos têm comportamento não *pro-drop* e *ii.* com concordância, quando podem realizar a morfologia de concordância (65), de algum modo os argumentos dessa classe de verbos podem ser recuperados por modificações na morfologia verbal²⁹, ou seja, esses verbos têm comportamento comparado a línguas *pro-drop*. Nestes últimos, um pronome aberto pode ser realizado na posição de sujeito ou objeto além da “flexão”, dobrando os argumentos.

Nos verbos com concordância, também podem encontrar-se afixados morfemas empilhados de pessoa³⁰, número e aspecto³¹, como nos exemplos em (66). Utilizaremos essa distinção ao longo de todo este texto.

(64) a. *(IX-2) GOSTAR *(IX-1)

pron.2.sg gostar.INF pron.1.sg

b. *2.sg-GOSTAR-1.sg

2.sg-gostar-1.sg

“Você gosta de mim”

(65) a. (IX-3) 3.sg-ENSINAR-1.sg (IX-1) LIBRAS

(pron.3.sg) 3.sg-ensinar-1.sg (pron.1.sg) LIBRAS

“Ela me ensina libras”

(66) a. IX-1 JÁ ENSINAR-[3.SG]

“Eu já ensinei a ela”

b. IX-1 JÁ ENSINAR-[3.PL]

“Eu já ensinei a eles”

c. IX-1 JÁ ENSINAR-[3.PL]-[asp.ITERATIVO]

“Eu sempre ensino a eles”

²⁹ Há bastante divergência na literatura sobre se essas “modificações” podem ser consideradas de fato como flexões, e ainda, se os *loci* espaciais que realizam os argumentos pronominais nestes verbos são clíticos (NEVINS, 2011; ALMEIDA-SILVA & TAVARES, 2017) frutos da realização de traços formais (PFAU & SALZMANN, 2017; LOURENÇO, 2018).

³⁰ Nem todas as pessoas do plural podem aparecer afixadas, a depender da posição sintática de sujeito ou objeto.

³¹ Cf. Klima & Bellugi (1979) para uma descrição detalhada dos principais morfemas aspectuais encontrados nos verbos com concordância na ASL.

Na análise de Petronio (1995) para a ASL, quando o nome nu aparece numa sentença com um verbo simples, o valor quantificacional é determinado simplesmente pelo *background* informacional, assim como ocorre em línguas que utilizam nomes nus de forma indistinta como o coreano e chinês, como vemos nos exemplos em (67a).

A diferença na interpretação preferencial dos nomes nus se dá por questões pragmáticas, como nos exemplos da ASL em (67b) e (67c): um carro é mais facilmente comprado por duas pessoas juntas, do que um livro, que pode ser comprado por cada um em separado, por isso o contraste entre (b1) e (b2) e (c1) e (c2).

(67) a. [∅] ALUNO DECEPCIONADO, [∅] PROFESSOR CHATEADO

Aluno	Professor	Contexto (conversando sobre)
plural	singular	Uma sala de aula
singular	singular	Encontro de orientação
singular	plural	Provas
plural	plural	Um protesto

_____top

b. CARRO, DOIS ALUNO COMPRAR

b1- dois alunos compraram o mesmo carro;

b2- cada um dos dois alunos comprou um carro;

b3- dois alunos compraram carros

_____top

c. LIVRO, DOIS ALUNO COMPRAR

c1- cada um dos dois alunos comprou um livro

c2- dois alunos compraram um livro juntos

c3- dois alunos compraram livros

ASL (todos os exemplos de PETRONIO, 1995, tradução minha)

Em suma, com verbos simples, os nomes nus podem denotar entidades singulares e plurais, a depender das informações contextuais pragmáticas.

Nos verbos com concordância, por conta dos morfemas de número, pessoa e aspecto, que podem ser realizados nos verbos, a quantificação é determinada na interação do verbo com

os morfemas de número (68), com os morfemas aspectuais (69)³² e inclusive com o aspecto lexical (70), tomando por base as classes Vendlerianas (1967). Neste último caso, na ASL em (70a), o fato de o verbo DAR ser um predicado de *accomplishment* implica que a cada proferimento o verbo realiza um novo evento de ‘dar’, que pode envolver objetos diferentes a cada ação, ou seja, não necessariamente as mesmas duas fotos foram distribuídas para os alunos. O mesmo não está disponível para MOSTRAR em (70b), que por ser um predicado de atividade, cada ação pode se juntar à próxima ação de mostrar, e por isso, a leitura é de que as mesmas duas fotos foram visualizadas pelos alunos.

- (68) _____^{top}
 a. ENFERMEIRO, IX-1 JÁ AVISAR-[SG]
 ‘Eu já avisei ao enfermeiro’
- _____^{top}
 b. ENFERMEIRO, IX-1 JÁ AVISAR-[DUAL]
 ‘Eu já avisei aos dois enfermeiros’
- _____^{top}
 c. ENFERMEIRO, IX-1 JÁ AVISAR-[MULTIPLO]
 ‘Eu já avisei aos enfermeiros’

- (69) _____^{top}
 a. GRUPO ALUNO LIVRO IX-1 DAR-[MULTIPLO]
 ‘Eu dei um livro para todos os alunos da turma’
- _____^{top}
 b. GRUPO ALUNO, LIVRO IX-1 DAR-[EXAUSTIVO]
 ‘Eu dei um livro para cada um dos alunos da turma’

- (70) _____^{top}
 a. ALUNO, DUAS FOTOS ANA DAR-[EXAUSTIVO]
 ‘A Ana deu duas fotos (iguais ou diferentes) para cada aluno’
- _____^{top}
 b. ALUNO, DUAS FOTOS ANA MOSTRAR-[EXAUSTIVO]
 ‘Ana mostrou duas fotos (as mesmas) para cada aluno’

ASL (todos os exemplos de PETRONIO, 1995, tradução minha)

Embora a autora só tenha analisado nomes nus em posição de tópico, nos exemplos abaixo em libras, no caso de termos um nome nu na posição de sujeito numa sentença com um

³² A diferença em sinais entre o aspecto múltiplo e o exaustivo é que, enquanto no exaustivo as ações de DAR são realizadas com pausa entre um e outro ato de entregar, no morfema múltiplo, a ação é realizada de uma única vez na forma de um arco, simulando o ato de distribuir de forma generalizada, não individual.

verbo simples como em (71), ou de concordância (72), as interpretações quantitativas dos nomes são semelhantes aos efeitos observados para a ASL.

Em (71) o nome *nu* pode ter a interpretação indefinida, genérica e específica singular ou plural, uma vez que o verbo simples *QUERER* não sofre nenhuma alteração morfológica espacial ou de número. Já em (72a), o uso da morfologia singular pelo verbo, restringe a interpretação quantitativa do nome ao singular. Uma interpretação genérica de *SURDO* só está disponível em (72b) se o verbo de concordância *AVISAR* não estiver marcando na posição de sujeito a terceira pessoa como ocorre em (72a).

(71) [∅ *SURDO*] *QUER ESCOLA BILÍNGUE*

‘Um surdo/O surdo/Os surdo quer(em) escola(s) bilíngue(s)’

(72) a.

[∅ *SURDO*] **3.sg**-*AVISAR*-1.sg *AMANHÃ FESTA*

‘Um surdo/O surdo me avisou que amanhã haverá uma festa’

b.

[∅ *SURDO*] **neutro**-*AVISAR*-1.sg *AMANHÃ FESTA*

‘Um surdo/O surdo/Surdo(s) (genérico) me avisou(aram) que amanhã haverá uma festa’

Nos teste que desenvolvo no capítulo 5, são observados os efeitos da morfologia verbal na quantificação dos nomes aqui descritos.

3.2.2.3 Categoria vazia pronominal nos verbos com concordância (KOULIDOBROVA, 2017)

Já vimos nos exemplos em (65) que os verbos com concordância licenciam argumentos nulos. A categoria vazia pronominal dos verbos de forma geral é tida como sendo *pro*, nos termos de Rizzi (1986). Koulidobrova (2017), no entanto, levanta dois questionamentos novos e relevantes para a teoria, os quais apresento a seguir.

Relativo ao uso do espaço, os sinais podem ser localizados no espaço de sinalização e a eles pode ser atribuído um *locus* arbitrário, um ponto fixo no espaço ao redor do corpo do sinalizador (geralmente representado na glosa por um índice subscrito ou por uma letra qualquer na lateral do nome; : *CASA_j*; *CASA-a*; *a-CASA*). Esse processo de atribuição de *locus* espacial permite a retomada anafórica dos referentes no espaço quando eles são localizados.

Por exemplo, numa sentença como em (73) da libras, ao tópico deslocado *MARIA*, é atribuído um local à esquerda do sinalizador, dentro da mesma sentença, quando o sinalizador apontar novamente para aquele espaço onde *MARIA* foi localizada, a apontação funciona como

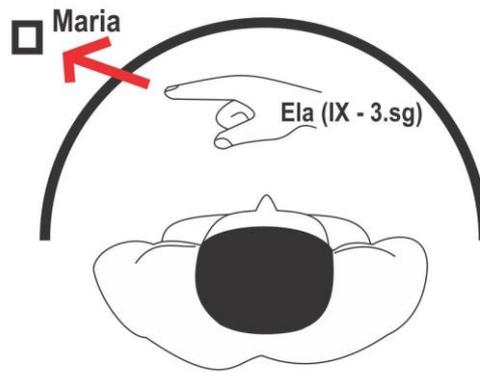
um pronome, pois retoma o antecedente MARIA. Apontando para o mesmo *locus* onde Maria foi localizada somente a leitura correferencial é possível, como vemos nos índices em (73)³³.

No entanto, há uma distinção entre os sinais que são realizados no espaço **neutro** [retângulo tracejado central em (74)] e nos espaços deslocados, ou **marcados** [retângulos com linhas contínuas em (74)]. Tanto os nomes ancorados quanto os não-ancorados são passíveis de serem localizados no espaço; a diferença é que nos nomes não-ancorados, o próprio sinal pode ser deslocado para o espaço neutro ou marcado, já os sinais ancorados, não podem ser deslocados, e deste modo, a sua ancoragem se dá por uma apontação que é realizada anteriormente ou concomitantemente à realização do sinal.

Geralmente nos casos de topicalização, aos nomes é atribuído um *locus* específico no espaço, para que possa ser feita a sua retomada mais tarde por um pronome lembrete. Nesses casos de topicalização de um DP de uma encaixada na ASL, os verbos com concordância licenciam a categoria vazia (\emptyset) nas posições de sujeito e objeto como pronomes lembretes, como em (75a) e (76a), mas não nos verbos simples, pois a ausência de uma morfologia de concordância requereria a realização de um pronome aberto (IX). Observe a agramaticalidade da categoria vazia com os verbos simples na posição de sujeito e objeto em (75b) e (76b), no contraste com (75a) e (76a) respectivamente:

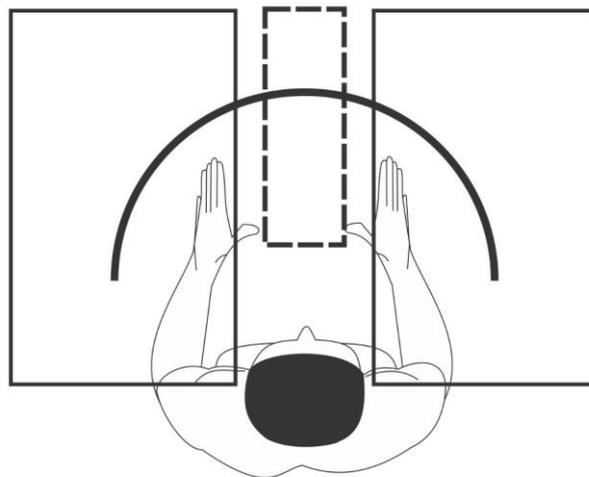
- (73) ______{top}
 MARIA_j, JOAO GOSTAR IX-3.sg_{j/*i}
 Maria (tópico)_j Joao gostar PRON-3.SG_{j/*i}
 ‘Quanto à Maria, O João gosta dela’

³³ Há um debate na literatura sobre se as LS obedeceriam aos princípios de ligação (KIMMELMAN, 2011), uma vez que nas línguas orais, as regras que valem para a ligação de pronomes, por exemplo, independem da existência de um índice morfológico aberto indicando o DP ao qual o pronome é correferentecoreferente; no entanto, as LS de sinais parecem fazer isso de forma aberta, via apontar de novo. Novos estudos são necessários para mostrar se quando os sinais são realizados no espaço neutro, as LS funcionariam tais quais as LOs no que se refere aos princípios de ligação, ou seja, dependendo mais das relações de comando e menos para a disposição dos referentes no espaço de sinalização.



libras

(74)



(do autor)

(75)³⁴

a. $\frac{t}{\text{a-MOTHER}_i, \text{1-IX DON'T-KNOW WHAT } \emptyset \text{ a-SEND}_{agr-1}}$

'Mother, I don't know what (she) sent me.'

'Mamãe, eu não sei o que (ela) me mandou'

b. $\frac{t}{\text{a-MOTHER}_i, \text{1-IX DON'T-KNOW WHAT } \{\text{a-IX}/^*\emptyset\} \text{LIKE}_{plain}}$

'Mother, I don't know what she likes.'

³⁴ Legenda: a notação subscrita *agr*=verbo de concordância, e *plain*=verbo simples.

‘Mamãe, eu não sei o que ela gosta’

(76)

a. $\overline{\quad\quad\quad t}$
 a-EXERCISE CLASS, 1-IX HOPE b-SISTER SUCCEED b-PERSUADE-c c-MOTHER TAKE-UP_{agr.}-a \emptyset
 ‘The exercise class, I hope my sister manages to persuade my mother to take (it).’

‘A aula de exercício, eu espero que minha irmã convença minha mãe de fazê-(la).’

b. $\overline{\quad\quad\quad t}$
 a-THAT a-COOKIE, 1-IX HOPE b-SISTER SUCCEED b-PERSUADE-c c-MOTHER EAT_{plain}{a-IX/* \emptyset }
 ‘That cookie, I hope my sister manages to persuade my mother to eat it.’

‘Aquele biscoito, eu espero que minha irmã convença minha mãe de comê-lo’

ASL (LILLO-MARTIN, 1986)

No entanto, Koulidobrova (2017) percebe um fator que não é mencionado na análise de Lillo-Martin (1986): quando não é atribuído um *locus* específico ao tópico deslocado, naquela região dos retângulos com linhas contínuas laterais em (74), o paradigma muda, como nos exemplos em (77), e o argumento nulo (pronomes lembrete \emptyset) agora é possível com todos os tipos de verbo. Observe que os tópicos MÃE, EXERCÍCIO e AQUELE BISCOITO, agora aparecem sem o índice **-a** na glosa, o que indica que um *locus* específico (retângulo com linhas contínuas) não foi atribuído àquele DP.

(77)

a. $\overline{\quad\quad\quad t}$
 a-MOTHER, 1-IX DON'T-KNOW WHAT \emptyset a-SEND_{agr.}-I
 ‘Mother, I don't know what (she-) sent (-me).’

‘Mamãe, eu não sei o que (ela-) mandou (-para mim)’

b. $\overline{\quad\quad\quad t}$
 a-MOTHER, 1-IX DON'T-KNOW WHAT \emptyset LIKE_{plain}
 ‘Mother, I don't know what she likes.’

‘Mamãe, eu não sei o que ela gosta’

a. $\overline{\quad\quad\quad t}$
 a-EXERCISE CLASS, 1-IX HOPE b-SISTER SUCCEED b-PERSUADE-c
 c-MOTHER a-TAKE-UP_{agr.} \emptyset
 ‘The exercise class, I hope my sister manages to persuade my mother to take (it).’

‘A aula de exercício, eu espero que minha irmã consiga convencer a minha mãe de fazê-
(la).’

b. $\overline{\text{t}}$ THAT COOKIE. 1-IX HOPE b-SISTER SUCCEED b-PERSUADE-c
c-MOTHER EAT_{plain} \emptyset
‘That cookie, I hope my sister manages to persuade my mother to eat it.’

‘Aquele biscoito, eu espero que minha irmã convença minha mãe de comê-lo.

(KOULIDOBROVA, 2017, p. 402)

Koulidobrova (2017) argumenta em favor de um tratamento unificado para os argumentos nulos com verbos simples e de concordância na ASL defendendo que a categoria vazia é mais bem analisada como sendo um caso de elipse de um nome nu, uma vez que a ASL não teria um artigo definido. No entanto, para dar esse tratamento unificado da categoria vazia pronominal anafórica nas duas classes de verbos em ASL, a autora abre mão de analisar os casos como em (73), (75) e (76) nos quais ao DP tópico deslocado é atribuído um *locus* no espaço lateral, aquele das laterais em (74), quando diz “I propose that \emptyset in the absence of spatial identification of the verb’s argument is best described as an instance of ellipsis of a bare argument” (KOULIDOBROVA, 2017, p. 405)³⁵.

Sem entrar em detalhes sobre as condições que licenciam as categorias vazias pronominais em ASL, a autora deixa claro que uma análise unificada para ambas as classes de verbos só seria possível considerando que a ASL não teria um artigo definido. No entanto, a autora não nega que as construções de tópico deslocado com a localização dos referentes na lateral sejam possíveis naquela língua. Trago essa referência para discussão, pois, aqui nesta tese, como observo que a codificação da definitude em libras tem relação estreita com o espaço lateral, o mesmo que foi deixado de lado na análise de Koulidobrova (2017), o fato de que os DPs localizados têm traços mais definidos e só podem ser retomados pelas formas abertas (IX), mas não pela categoria vazia como em (75b) e (76b), evidenciam que o deslocamento dos nomes para a lateral muda o *status* de nome nu, realizado na região central, para um nome definido.

Portanto, tais evidências parecem contribuir com a hipótese que defendo que o espaço lateral é o responsável pela atribuição da definitude na libras.

³⁵ “Eu proponho que o \emptyset na ausência da identificação espacial dos argumentos verbais é mais bem descrito como a instanciamento de uma elipse de um argumento nu” (op. cit., 2017, p. 405, tradução minha)

3.2.3 Artigos nas línguas de sinais

Já vimos que as línguas de sinais possuem itens que se distinguem categorialmente como nomes e verbos e que é possível reconhecer os limites entre sintagmas nominais e verbais na sintaxe. Também vimos que há nomes ocorrendo em posições argumentais nas LSs e na libras.

Nessa seção, trago um panorama sobre itens que têm sido categorizados como artigos nas LSs do mundo, fazendo um paralelo com os achados para a codificação da definitude na libras. Em seções anteriores discutimos sobre os nomes nus e a possibilidade de artigos sem a realização de uma matriz fonética; aqui focaremos nos artigos foneticamente realizados.

Todas as LSs descritas na literatura licenciam nomes nus, ou seja, desacompanhados de artigos com uma matriz fonética, mas também licenciam determinantes abertos, como nos exemplos em (78) (grifo meu) da língua de sinais russa (RSL). Na RSL, a apontação pré-nominal, quando ocorre, funciona como um artigo definido (vide a tradução das sentenças), já a apontação pós-nominal, também quando ocorre, pode carregar traços de definitude como em (78b), mas também possui a leitura demonstrativa como em (78c).

(78) a. **IX-a** GIRL CL_{WE(2)}-GO.DOWN.

‘The girl is drowning.’

‘A garota está se afogando.’

b. MAN **IX-a** LIVE FIVE.STORY OLD FIVE.STORY.

‘The man lives in an old five-story building.’

‘O homem vive em um antigo prédio de cinco andares’

c. PLASTIC **IX-a** EASY DAMAGE.

‘This plastic is easy to damage.’

‘Este plástico é fácil de se danificar.’

(KIMMELMAN, 2018, p. 15(b); 19(c); 24(a))

Desde o trabalho seminal de Zimmer & Patschke (1990), no qual os autores analisam que os sinais de apontação [] poderiam funcionar como artigos na ASL, muitas outras análises sobre a existência de artigos em LSs se desenvolveram. Os autores atestaram que os sinais de apontação poderiam ocorrer em posições pré, pós e simultaneamente aos nomes em ASL, mas que não atestavam ocorrência dessas apontações com nomes genéricos ou abstratos, o que difere da análise e dos achados que trazemos para esta tese na libras.

A partir deste trabalho, muitos outros se desenvolveram. Um trabalho relevante que descreve a estrutura do DP na ASL é o de MacLaughlin (1997). Nesse texto, a autora afirma,

diferentemente dos autores anteriores, que a apontação pré-nominal em ASL é um artigo definido de fato³⁶ (79^a), e que a apontação pós-nominal é mais bem analisada como um sinal adverbial, como em (79b). A autora compara o exemplo da ASL em (79c), onde a apontação ocorre pré e pós-nominalmente no mesmo DP com os exemplos em (79d) e (79e) do norueguês e do francês.

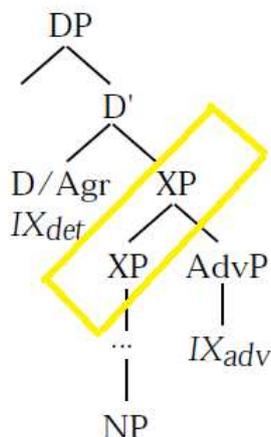
- (79) a. [IX_i MAN]_{DP} ARRIVE
 ‘O/Este homem está chegando’
- b. [MAN IX_i]_{DP} ARRIVE
 ‘Um homem alí está chegando’
- c. [IX_i MAN IX_i]_{DP} ARRIVE
 ‘O/Este homem alí está chegando’
- (ASL)
- d. den mannen der
 ‘O homem lá’
- (norueguês)
- e. cet homme-là
 ‘Esse homem lá’.
- (francês)

Esse tipo de análise, como veremos a seguir, não dá conta dos dados da libras por dois motivos: *i.* a estrutura em adjunção (80) em que se encontra a apontação pós-nominal (IX_{adv}) na ASL não dá conta dos padrões de concordância da apontação pós-nominal na libras, porque a apontação pós-nominal em libras pode concordar ou não em número com os traços de número da apontação pré-nominal, ou seja, em posição de adjunção e fora do escopo de c-comando, esse tipo de concordância não é possível, como veremos nas análises; e *ii.* Diferentemente da ASL, no próximo capítulo mostrarei que a apontação adverbial em libras é um sinal distinto das apontações que acompanham os nomes³⁷, e a apontação pós-nominal só recebe uma leitura adverbial se o nome que o precede tiver traços locativos como em (81), mas o mesmo não é verdade para outros tipos de nomes (82), o que inviabiliza a comparação com os advérbios locativos em LOs como em (79).

³⁶ Um dos problemas da análise de MacLaughlin é que o artigo definido é entendido como sendo opcional, o que dificulta postular, então, qual seria a função da apontação pré-nominal uma vez que o nome nu também poderia ser definido.

³⁷ Nos nossos dados, os sinais de apontação que acompanham os nomes em libras são idênticos aos pronomes pessoais de terceira pessoa (singular e plural).

(80)



MacLaughlin (1997, p. 170, ex. 78)

(81) CASA-a IX-a
 ‘Esta casa/A casa lá’

(82) PORTUGUÊS-a IX-a DIFÍCIL APRENDER
 ‘O Português (*aqui/*ali/*lá) é difícil de aprender’

LIBRAS-a IX-a
 ‘Esta (língua) libras/*A libras lá’

(dados espontâneos da internet)

Muitas análises subsequentes assumem que a apontação pré-nominal funciona como um artigo em outras LSs (BAHAN et al, KEGL, MACLAUGHLIN, AND NEIDLE, 1995; NEIDLE ET AL., 2001; BERNATH, 2009; MACLAUGHLIN, 1997 para a ASL; TANG & SZE, 2002 para a HKSL; QUADROS (1999) para a libras³⁸). Outras análises, no entanto, permanecem neutras em relação à categoria da apontação que acompanha os nomes nas LSs, podendo ser analisada ora como demonstrativos, ora como artigos ou pronomes (RUTKOWSKI ET AL., 2015 para a PJM; BRANCHINI, 2006; BERTONE 2009; BRUNELLI, 2011 para a LIS; NUHBALAOGLU & ÖZSOY 2014 para a TID).

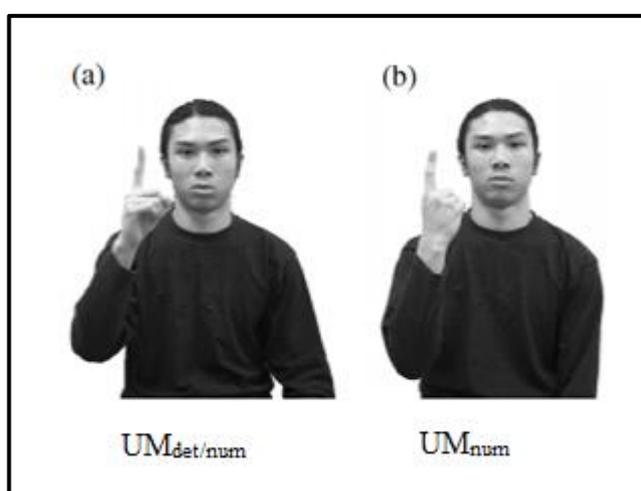
Diferentemente destes autores eu assumo que a apontação pré-nominal em libras é um artigo definido de forma indistinta e analiso a apontação pós-nominal como um demonstrativo. Ambas apontações são sincréticas com os pronomes pessoais de 3ª pessoa (IX-3.sg; IX-3.pl).

³⁸ Embora Quadros (1999) não afirme de forma explícita que IX-pré nominal é um artigo em libras, a autora glosa quase todos os exemplos da tese com uma apontação IX encabeçando os sintagmas nominais, que são traduzidos pelo artigo definido (*o/a*).

Nos próximos capítulos apresentarei uma análise com base em dados naturalísticos e elicitados, estes últimos controlados através de experimentos de produção e compreensão que analisam o comportamento sintático e semântico dos itens IX.SG e IX.PL pré-nominais como sendo a versão do artigo definido singular e plural na libras, e ainda, por que estes mesmos itens quando ocorrem pós-nominalmente devem ser analisados como demonstrativos. Além disso, um mapeamento de como a indefinidade é codificada na libras também será provida nos experimentos e nas análises, dando suporte à hipótese de que a libras marca de forma aberta a diferença entre DPs definidos e indefinidos.

Além do artigo definido, MacLaughlin (1997) e Tang & Sze (2002) analisam que a ASL e a HKSL, respectivamente, possuem artigos indefinidos. Na ASL e na HKSL o artigo indefinido é idêntico ao numeral *um*; contudo, na HKSL sinalizadores mais velhos distinguem o artigo indefinido do numeral *um* em relação à orientação da palma da mão, como pode ser visto no contraste entre (83a) e (83b). Em ambas as línguas, o artigo indefinido é pré-nominal e o numeral, pós-nominal.

(83)



(retirado de TANG & SZE, 2002, p. 301, tradução minha)

Nessas línguas, o artigo indefinido possui duas formas, uma ambígua entre a leitura específica e não-específica, e outra forma marcada para a leitura não-específica, como foi exposto na seção sobre artigos não-específicos no capítulo 2 desta tese. A libras também parece apresentar um padrão semelhante em relação à marcação da especificidade no artigo indefinido, mas ao contrário da ASL e da HKSL, que possuem itens com morfologias distintas, ou o da LSC, que apresenta um morfema espacial para marcar estas diferenças, eu argumentarei que a libras possui um artigo indefinido não-específico realizado pela marca não-manual. Eu

motivarei a análise deste artigo indefinido não-específico na libras, a partir das coletas efetuadas no capítulo dos experimentos, no capítulo 5, e oferecerei uma análise no capítulo 6.

3.2.3.1 O DP na libras

Na última década, pesquisadores brasileiros têm se voltado para analisar o domínio nominal na libras. São pesquisas oriundas de diferentes aportes teóricos e com diferentes objetivos (MORAES, 2013; SALLES & CHAN-VIANNA, 2010; SÁ et al., 2012; BOLGUERONI & VIOTTI, 2013; PRADO, 2014; PRADO & LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012), mas que revelam o interesse dos pesquisadores em descobrir os fenômenos ligados ao domínio nominal, principalmente aqueles ligados às estratégias de referência, determinação, definitude, especificidade, anaforicidade e outros ligados aos nomes.

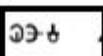
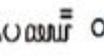
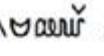
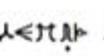
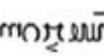
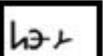
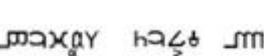
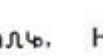
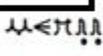
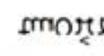
Nenhum trabalho sobre a libras, até onde eu pude encontrar referências publicadas, assume a existência de um paradigma de artigos como propõe esta tese. No meu trabalho de mestrado (ALMEIDA-SILVA, 2013) defendi que a libras empregava estratégias abertas de codificação da referência, mas a análise não dava conta de sustentar que os itens de fato eram artigos. Consegui mostrar que a libras, aplicando os testes sintáticos de Bošković (2005) apresentados na seção 3.1.1.1, se comportava sintaticamente mais como uma língua DP do que NP como pode ser visto no quadro 3.2, o que funcionaria como uma indicação da existência da camada sintática DP.

Quadro 3.2. Resultados dos testes NP/DP de Boskovic aplicados a libras (ALMEIDA-SILVA, 2013)

	Libras licencia...	Libras não licencia...
Somente línguas DP licenciam...	- Subida da negação; -Leitura superlativa de maioridade; - Genitivos adnominais.	- <i>Left branch extraction</i> ; - <i>Scrambling</i> ; - Extração de adjunto do NP; - Efeitos de superioridade com o fronteamento múltiplo de itens QU.
Somente línguas NP licenciam...	<i>Não atestados</i>	<i>Não atestados</i>

Prado (2014) também analisa o DP na libras afirmando que a posição pós-nominal dos sinais de apontação (Locs, na terminologia da autora) são candidatos a artigos (84^a), e as apontações pré-nominais funcionam como demonstrativos (84b).

(84)³⁹

<p>a.      .</p> <p>MULHER AMARELO CABELO Loc_{mulher} MUITO BOM CORAÇÃO CORAÇÃO</p> <p>'A mulher de cabelo amarelo tem um coração muito bom.'</p>
<p>b.  .  .</p> <p>Loc_{mulher} MULHER AMARELO CABELO³⁶ LocP3_{mulher} MUITO BOM</p> <p> .</p> <p>CORAÇÃO CORAÇÃO.</p> <p>'Esta mulher de cabelo amarelo, ela tem muito bom coração.'</p>

Prado (2014) coleta dados de contação de histórias (fábulas) já conhecidas pelos surdos, e adicionalmente, recorre a julgamentos de aceitabilidade e gramaticalidade emitidos pelos surdos participantes. A autora não fornece detalhes de como as coletas foram realizadas, mas em uma das coletas, Prado (2014) solicita que os surdos “considerem” um contexto em que há duas mulheres ou dois homens, e eles devem se referir anaforicamente a um desses referentes. Nestes casos, a autora afirma que os surdos preferem a posição pré-nominal dos locs, considerando que se exigiria uma identificação mais específica do referente. Já nos casos em que a autora apresenta referentes sem nenhuma contextualização específica, a posição pós-nominal do loc é a preferida e, portanto, seria uma evidência para a baixa “especificidade” do loc pós-posto.

Sem saber como os referentes foram apresentados, se com imagens ou numa narrativa sinalizada, não temos como julgar a proposta da autora, pois, os sinais de apontação ou de localização, como veremos aqui nesta tese nos próximos capítulos, sofrem uma influência direta do objeto ou da área para a qual apontam, e isso influencia por completo na sua interpretação.

Veremos no capítulo de metodologia desta tese que somente mesmo não fazendo o uso do português escrito, se analisamos uma história contada por surdos sinalizando, ou ainda,

³⁹ A primeira linha do exemplo representa o sistema de escrita utilizado pela autora, no entanto, o leitor deve guiar-se pela glosa em português.

elicitando dados por meios de imagens, não há como se garantir que as apontações utilizadas pelos surdos tenham traços somente de definitude e não de demonstração.

Apesar de minha análise e hipótese prevê exatamente o contrário do que Prado (2014) sugere para os locs determinantes em libras, há um ponto no qual convergimos que é sobre a preferência do uso da apontação pré-nominal para contextos anafóricos como exposto acima. No entanto, sustento que a apontação pré-nominal trata-se de um artigo definido na libras, e não um demonstrativo como prevê a análise de Prado (2014).

Outro ponto de convergência é a visão de que nenhuma apontação dentro do DP em libras recebe leitura de advérbios locativos como mostramos para a ASL nas seções anteriores.

Diferentemente de Prado (2014), que assume que vários elementos (Locs) podem codificar a definitude na libras, minha análise prevê o contrário, que um único tipo de apontação, aquele que utiliza o dedo indicador especificamente pode codificar a definitude, e ser um artigo definido, mas não os demais sinais, como veremos no próximo capítulo.

Nesta tese mostrarei que o nome nu não é agramatical em posições argumentais na libras como na análise de Prado (2014, p. 50) (exemplo em (85b), mas a leitura do nome nu e do nome determinado em libras certamente são distintas.

(85)

- a. 
 MULHER Loc_{mulher} COZINHAR
 'A mulher cozinha.'
- b. * 
 MULHER COZINHAR
 'Mulher cozinha.'

libras (PRADO, 2014, p. 50)

Até o momento, não há análises dos SN indefinidos em libras. Esta tese parece ser a primeira análise nesse sentido.

3.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo fez um traçado sobre as propostas teóricas que dispomos para a análise do DP nas línguas naturais. A exposição mostrou que línguas que permitem nomes nus não necessariamente se comportam como os NPs em chinês ou nas línguas eslavas e que a ausência do artigo não necessariamente implica na ausência da projeção DP. Ponderamos sobre as diferenças teóricas existentes entre as propostas que consideram a projeção DP dentro de uma abordagem paramétrica ou ainda aquelas que eliminam a possibilidade de que esta projeção exista.

Trouxemos para discussão desenvolvimentos recentes na teoria sintática sobre o DP (SALZMANN, 2018) para quem a hipótese DP ainda é a melhor análise, pois há evidências de línguas nas quais o verbo concorda com o determinante e não com o núcleo nominal, por isso, o núcleo D deveria estar superior na estrutura para que ele possa ser visível para a verbo.

Também apresentei as propostas de projeções funcionais do sintagma nominal que são nucleadas por outros itens que não os artigos, como as projeções DemP e NumP, pois mostraremos evidências de que essas projeções também estão disponíveis para o DP na libras.

Após esse percurso sobre o desenvolvimento de uma teoria sintática para o DP nas LOs, efetuei uma exposição sobre como se estrutura o DP nas LS. Início com um debate sobre como apesar de não se identificar uma diferença morfológica entre as categorias de nomes e verbos em libras, estas podem ser diferenciadas no nível sintático.

E ainda, foram explicitados alguns fenômenos sintáticos do DP nas LS, a saber: a realização de uma morfologia de número no N, a quantificação dos nomes nus e codificação espacial da definitude a partir do licenciamento de categorias vazias pronominais correferentes. Todos esses fenômenos foram explicitados tendo por base a influência do tipo de realização morfofonológica do sinal, ancorado *vs* não-ancorado num ponto específico, e as consequências destas condições para a produção de DPs em LSs.

Por fim, revisito propostas de análise do DP na libras que consideram a libras como sendo uma língua sem um paradigma de artigos (de nomes nus) e aquelas que consideram que a libras possuem realizações fonológicas de D. Os detalhes sobre as concordâncias *vs* discordâncias da minha hipótese com estas propostas teóricas podem ser consultadas com mais detalhes nas seções específicas.

Vimos de uma forma geral, que tanto LOs como LSs, podem realizar seus nomes nus e acompanhados de determinantes. A partir da exposição teórica aqui efetuada, queremos desvendar as condições sob as quais DPs nus e determinados podem ser produzidos na libras.

No próximo capítulo, efetuo uma descrição dos sinais que são realizados com a apontação em libras, mostrarei as funções, distribuição e morfologia destes sinais e proporei uma classificação. Por fim, mostrarei as funções ligadas às marcas não-manuais e sua relação com a marcação da definitude *vs* indefinitude na libras e de como estes elementos podem ter feito emergir/se desenvolver um paradigma de artigos na libras.

4 A APONTAÇÃO, MORFEMAS ESPACIAIS E AS MARCAS NÃO-MANUAIS NA LIBRAS

“Regarding the use of the deictic point, the Deaf Sighted subjects (...) used such points in four general ways in order to fulfill three semantic functions (reference to third person singular, to a location or object at a location, and to second person singular). On the other hand, the Deaf-Blind subjects used deictic points exclusively to fulfill one function (second person singular reference)”.

(QUINTO-POZOS, 2002, p. 464)

“Sem a apontação, a fonologia marcada no e pelo espaço não pode ser percebida”

(Do autor)

Como os fenômenos investigados por esta tese se encontram possivelmente ligados a mecanismos morfológicos distintos, como a apontação, no caso dos definidos, e as marcas não-manuais, no caso da indefinidade/especificidade, este capítulo tem por objetivo oferecer uma caracterização das funções linguísticas da apontação com o dedo indicador e das marcas não-manuais na libras.

Nosso objetivo é preparar o leitor da tese para a análise dos itens Ds em libras que será feita nos próximos capítulos (5 e 6), pois aqui explicito quais categorias morfológicas são realizadas pelos sinais de apontação, e quais destas eu assumo como sendo morfológicamente sincréticas ou não nesta língua, para, a partir disso, efetuar uma descrição mais acurada do fenômeno em pauta, a (in)definitude. Embora neste momento do texto eu ainda não tenha apresentado uma proposta de análise da (in)definitude propriamente, o capítulo prepara o leitor para a análise que empreendo a seguir.

A apontação é uma das formas gestuais de representação do fenômeno dêitico. Pelas epígrafes acima, constatamos que o ato de apontar está mais relacionado à capacidade visual. Ou seja, apontar usando gestos corporais é mais comum entre videntes, sejam estes surdos ou ouvintes.

No corpo do capítulo abordarei as seguintes questões: *i.* a natureza da apontação e sua relação com o fenômeno dêitico; *ii.* a gramaticalização da apontação em LS; *iii.* categorias

morfológicas dos sinais de apontação; *iv.* as funções das marcas não-manuais, e *v.* funções gramaticais das marcas não-manuais.

Esse capítulo além de fazer uma revisão teórica, também efetua uma análise prévia dos dados, porque não há posições teoricamente definidas sobre as funções categoriais das apontações na libras e em outras LSs. A exposição teórica e a descrição são subsidiadas pelos dados das coletas feitas para esta tese, conforme explicitado na introdução deste trabalho, bem como pelos dados iniciais do *Corpus da Libras – UFSC – INDL* ainda em construção⁴⁰. Todos os julgamentos de gramaticalidade/aceitabilidade contidos nesta tese são oriundos das informações coletadas através das entrevistas com os surdos participantes. No capítulo 5, o leitor poderá encontrar a descrição completa de todos os procedimentos metodológicos.

4.1 A APONTAÇÃO E O FENÔMENO DÊITICO

Lyons (1978) apresenta uma rica discussão sobre a ontogenia do fenômeno dêitico nas línguas naturais, e inicia sua exposição argumentando sobre como o gesto da apontação ostensiva está ligado com a natureza dos itens linguísticos dêiticos. Pronomes demonstrativos, pronomes pessoais e artigos são elementos fundamentalmente indiciais. Isso significa que suas funções são basicamente a de ligar o signo ao seu referente no mundo, ou de fornecer pistas de como o referente possa ser identificado no contexto conversacional.

Ser indicial carrega a ideia de que o elemento ao apontar (dêixis) ou retomar (anáfora) um outro elemento específico, cria um índice arbitrário, *i, j, k*, geralmente não pronunciado, que pode ser referente ou correferente a outro elemento no contexto.

A teoria da ligação proposta por Chomsky (1981) propõe uma formalização para os contextos em que certos itens lexicais (a saber: anáforas, pronomes e expressões referenciais) podem encontrar-se ou não ligados a partir de seus comportamentos sintáticos.

Lyons (1978) explica que a dêixis está envolvida também na apontação ostensiva para identificar, apontar para algo saliente no contexto real ou chamar a atenção apontando. Essas apontações podem ser de natureza gestual (não-obrigatória/não-convencional) ou linguística (obrigatória/minimamente convencionalizada) (cf. LYONS, 1978; KITA, 2003).

Por apontação gestual, entende-se aquela que está presente já nos bebês quando aos nove meses de idade já a realizam (PETITO & BELLUGI, 1988) e que também está, de forma

⁴⁰ Gostaria de agradecer a Profa. Dra. Ronice Muller de Quadros pela cessão dos dados já anotados na plataforma ELAN para a minha análise.

pervasiva, presente na comunicação dos indivíduos nos mais distintos modelos de sociedade (cf. KITA, 2003). Povinelli & Davis (1994) explicam que o fato de os seres humanos apontarem utilizando o dedo indicador é resultado de um conjunto complexo de traços anátomo-morfológicos que são específicos da mão humana. Haviland (2000) mostra como a apontação com o indicador está presente na contação de histórias de diferentes povos instanciando a construção de um meio mnemônico, através do qual, conhecimentos sobre geografia e outros são repassados.

Figura 4.1. Uso da apontação por contadores de histórias



Fonte: Haviland (2000, p. 34)

O uso linguístico da apontação, se dá, por exemplo, no uso simultâneo às expressões adverbiais locativas, evidenciando que certas expressões linguísticas necessitam da apontação ostensiva acompanhando-as para garantir o uso apropriado desses elementos, como no contraste nas respostas do indivíduo B em (1) abaixo:

(1) A: Onde fica o banheiro?

B: Ali (*apontando*)

B: #Ali (*sem apontar*)

Os exemplos em (2) mostram que seja em contextos demonstrativos (2a/a') ou definidos (2b/b'), os limites entre a função demonstrativa e definida não parecem tão contrastantes nos contextos reais de fala, quanto parecem ser suas diferenças no sistema linguístico.

(2) a. **Esta** tese versa sobre definitude (*pessoa segurando a tese*)

a'. #**Esta** tese versa sobre definitude (*pessoa segurando uma revista*)

b. **O** banheiro está quebrado (*em um lugar com um banheiro visível*)

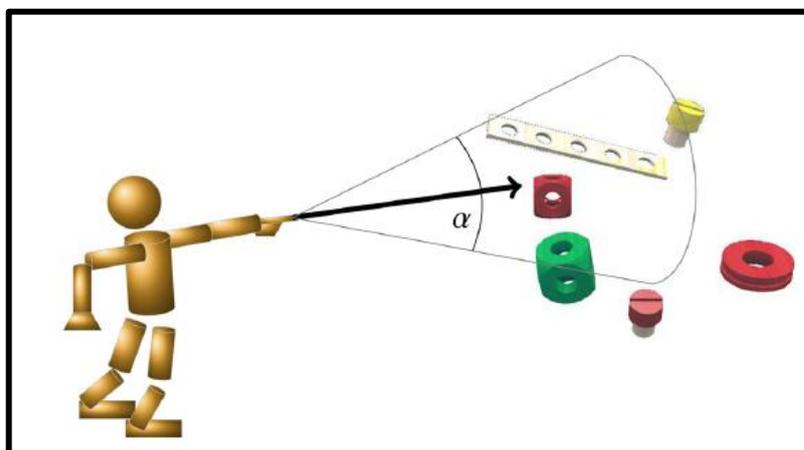
b'. #**O** banheiro está quebrado (*em um lugar sem um banheiro visível*)

A partir das características dos elementos que subjazem função da apontação ostensiva com a dos demonstrativos e artigos e da dependência dos advérbios em relação à apontação (como em (1), pode-se refletir sobre por que as línguas se especializam para criar elementos diferentes, mas que compartilham as mesmas funções básicas (apontar). Lyons (1978), então, começa a delinear as diferenças entre os elementos dêiticos com base em suas propriedades sintático-semânticas como, por exemplo, a possibilidade de figurarem em posições argumentais. “*Ele é bom*”, “*Isto é bom*” são sentenças possíveis, mas “*O é bom*” não é uma sentença possível. Isso atesta a diferença entre os traços distintos que cada um destes elementos destacados, originalmente dêiticos, adquiriram no processo de gramaticalização.

A apontação aqui é entendida como um gesto corporal que projeta um vetor que seleciona não somente um objeto, mas uma região específica no espaço. Estudos como os de Lücking, Pfeiffer & Rierser (2015) mostram a relação entre as expressões linguísticas demonstrativas, os gestos de apontação e a falibilidade da seleção de referentes pelo ato de apontar, tendo como medida a distância do apontante em relação ao apontado. Embora nosso objetivo não seja o mesmo dos autores, a apontação em LS também projeta um vetor que seleciona uma área no espaço como na figura 4.2 abaixo. Sem a apontação, essa área, disponível virtualmente, não poderia ser selecionada. Ou seja, o espaço só é ativado por um gesto de apontação, caso contrário, ele não passará de um elemento atmosférico. Essa é uma idiosincrasia das LSs, a possibilidade de gramaticalizar os loci espaciais disponíveis ao redor do corpo do sinalizador. E a explicação para elas fazerem isso é que elas se realizam no canal visuo-gestual e não no canal oral-auditivo⁴¹.

⁴¹ No vácuo, o som não se propaga, por isso, sem ar, não haveria língua oral-auditiva. A mesma analogia cabe para os sinais de apontação, sem a apontação, o espaço não pode ser selecionado.

Figura 4.2. Um cone de apontação



Fonte: LÜCKING, PFEIFFER & RIESER, 2015, p.66

4.2 A APONTAÇÃO NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Engberg-Pedersen (2003, p. 271) mostrou que a porcentagem de sinais de apontação utilizados por surdos em discursos (monólogos) e em diálogos corresponde em média a 25% em relação ao total de sinais utilizados. Ou seja, a estimativa é de que pelo menos 1 em cada 4 sinais utilizados pelos surdos seja um sinal de apontação em língua de sinais dinamarquesa – DSL, uma tendência também percebida em outras LSs.

Funções referenciais, lexicais e gramaticais são encontradas no uso caseiro⁴² das apontações, como uma evidência de que a apontação está na origem do sistema linguístico, mesmo quando não se tem acesso ao input instável. Torigoe & Takei (2002) analisam duas irmãs surdas em uma comunidade isolada da capital japonesa, e atestam que um terço dos sinais empreendidos na sinalização caseira referem-se à apontação; isso é uma evidência de que o fenômeno está na base do desenvolvimento de um sistema linguístico.

Em diferentes línguas de sinais, os sinais de apontação estão relacionados com diferentes funções, que podem ser **gramaticais**, por exemplos, marcadores de sentenças relativas (WILBUR, 2017), marcadores de tópico (LOURENÇO, 2014), pronomes pessoais (BERENZ, 1996), pronomes demonstrativos (KOULIDOBROVA & LILLO-MARTIN, 2016),

⁴² Sinalização caseira (*homesigns*) é o termo atribuído à sinalização desenvolvida por surdos no ambiente doméstico, e que surge espontaneamente do contato dos surdos com seus parentes ouvintes, que com o contato diário, tendem a convencionar os gestos espontâneos em algo semelhante a uma língua bem estabelecida. Cf. (MORFORD & GOLDIN-MEADOW, 1997).

advérbios (MaCLAUGHLIN, 1997), localização dos referentes (ZESHAN, 2000) e artigos definidos (BAHAN et al, 1995; BERNATH, 2009) ou, ainda, lexicais, para indicar partes do corpo (PYERS, 2006), conceitos de tempo e termos de cores (NONAKA, 2004).

4.3 POR QUE A APONTAÇÃO COM O INDICADOR?

Na libras e em outras línguas de sinais do mundo há diversas formas de se apontar. Como foi explicado na seção anterior, a apontação seleciona através de um gesto ostensivo dos membros superiores (principalmente) **uma área ou um objeto** no espaço imediato ao contexto de fala. Essa apontação também pode ocorrer com outras partes do corpo que tenham alguma liberdade de movimento, como o olhar, a língua, a cabeça, os pés, etc. O que há de comum entre as diversas formas de apontação aqui exemplificadas é a função compartilhada entre todas elas, que é a de convocar a atenção do interlocutor para um referente, presente ou ausente, no contexto conversacional.

A configuração de mão mais relacionada com o ato de apontar é a que utiliza o dedo indicador (glosada como IX) , mas as pesquisas apontam que as LSs empreendem outras configurações de mão e até mesmo sinais de outras categorias como verbos e nomes para apontar, uma vez que os sinais em geral, e não somente os sinais de apontamento, podem ser realizados no espaço e permitem essa articulação associada ao local do referente presente ou ausente no contexto.

A configuração de mão (IX_{little-c})  também serve para apontar e é descrita na literatura por ter origem no sinal lexical que significa PESSOA em muitas línguas de sinais, e que se gramaticaliza para diversas funções em diferentes LSs: pronome objeto na língua sueca de sinais (BORSTEL, 2017), possíveis determinantes na libras (FINAU, 2014), marcador de concordância pessoal em DGS (*PAM – person agreement marker*) (STEINBACH, 2011), e pronome oblíquo em ISL (MEIR, 2003).

Outra configuração de mão que tem por função apontar, por exemplo, é a apontação com o polegar para cima (IX_{thumb-up}) . O IX_{thumb-up} é utilizado muitas vezes em variação com o pronome de 1ª pessoa na libras que utiliza o IX, por questões fonotáticas, apontar para o próprio peito usando o dedo indicador é menos confortável articulatoriamente do que utilizando

o polegar IX_{thumb-up}⁴³. Como trata-se de uma configuração de mão mais relaxada, ela só pode ser utilizada sob certas condições discursivas, como a alta ativação de um referente no contexto, o que indica que ela não figura em variação livre como um pronome nas sentenças da língua, mas ocorreria somente em condições específicas. No entanto, estas últimas configurações não possuem históricos de gramaticalização ou funções gramaticais específicas associadas, diferentemente de IX e IX_{little-c}.

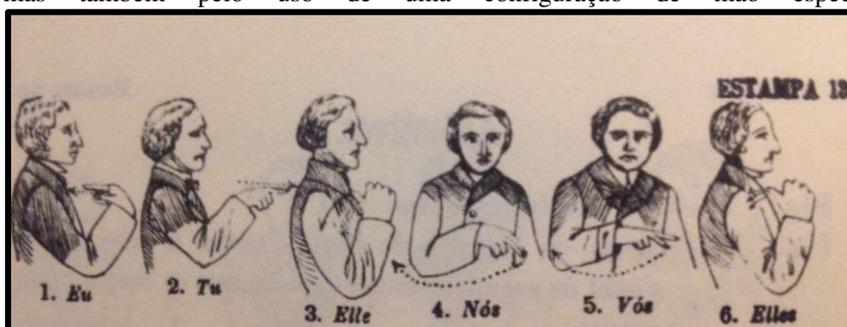
Por último, a apontação que fazemos com o olhar são formas mais gestuais, conseqüentemente, menos gramaticais, de se apontar. Sabemos que o globo ocular contribui para o estabelecimento da referência em LS como mostram os estudos de direção do olhar (*eye-gaze*) (BAHAN, 1997; THOMPSON, EMMOREY & KLUENDER, 2006). No entanto, o globo ocular não tem tanta liberdade e nem proeminência externa como outros articuladores (as mãos, os dedos). A direção do olhar já foi associada com funções relevantes para a sintaxe como a realização dos argumentos nos verbos que não exibem comportamento *pro-drop* nas LS (verbos simples) (BAHAN et al., 2000); ou seja, nos verbos que não podem realizar argumentos pronominais pela morfologia verbal, esses pronomes seriam realizados pelo olhar. Contudo, análises feitas utilizando o *eye-tracker* contra-argumentam que a função pronominal atrelada à direção do olhar não é suficiente para a realização pronominal, embora desempenhe essa função com alguns verbos (THOMPSON, EMMOREY & KLUENDER, 2006).

O foco de nossa atenção é a apontação com o indicador, e a literatura nos dá suporte para isso, como veremos a seguir.

Anvari (2016) mostra que a apontação é um gesto realizado paralinguisticamente nas línguas orais, mas, ainda assim pode contribuir com inferências para o significado da sentença, como, por exemplo, em (3):

(3) A prova estava difícil...

⁴³ O primeiro registro lexicográfico da libras (GAMA, 1875, estampa 13), na figura abaixo, mostra que a configuração de mão IX_{thumb-up} era utilizada para as terceiras pessoas em libras, contrastando com o paradigma atual que utiliza somente a forma IX para todas as pessoas pronominais. Este fato é uma evidência diacrônica da existência da distinção de três pessoas no paradigma pronominal na libras, não somente pelo uso do espaço lateral, mas também pelo uso de uma configuração de mão específica para as 3^{as} pessoas.



- a. ...e alguns alunos foram mal.
- b. ...mas, nem todos alunos foram mal.

Na forma lógica, as sentenças (3a) e (3b) carregam a mesma informação: que alguns alunos, mas não todos, foram mal no exame. O que a autora mostra no estudo é que se a sentença em (3a) for proferida apontando para o João, a interpretação é de que o João foi mal, mas o mesmo não é verdade se um gesto de apontação for realizado na direção de João ao se proferir a sentença em (3b); agora, a interpretação será de que o João foi bem no exame. Ou seja, a apontação concomitante ao enunciado afeta e interage com o sistema de quantificação da sentença em línguas orais gerando inferências opostas para duas sentenças com a mesma forma lógica. De forma resumida, a autora propõe que o gesto de apontar interage com o que foi dito na sentença oralmente, alterando um significado composicional da sentença⁴⁴.

A noção de que o gesto de apontar seria um elemento meramente paralinguístico (fora do sistema linguístico) para as línguas orais e intralinguístico (parte do sistema) nas línguas de sinais não encontra abrigo nas análises de Anvari (2016) já que a apontação afeta o sistema linguístico, irrestrito à modalidade em que é produzida a sentença, oral ou sinalizada.

O gesto de apontar com o indicador [] codifica coisas distintas nas línguas de sinais e orais, mas a partir da pesquisa de Anvari (2016) sabemos que mesmo nas línguas orais há vestígios de uma comunicação gestual que pode estar integrada ao sistema linguístico⁴⁵.

Aristodemo, Anvari & Santoro (2017) analisam como o fenômeno explicitado acima funcionaria para a LIS (Língua Italiana de Sinais) e concluem que embora alguns autores afirmem que as diversas formas de apontar carreguem basicamente o mesmo significado (PFAU, 2011), construções gramaticais específicas mostram exatamente o contrário. Na LIS, há um comportamento distinto entre a apontação realizada com o indicador IX  das apontações realizadas com outras configurações de mãos (CM), como as IX_{thumb-up}  ou em

IX_{b-handshape}  . Utilizando as mesmas sentenças em (3) traduzidas para a LIS os autores

⁴⁴ Cf. Tieu, Schlenker & Chemla (2018), no qual os autores apontam que os gestos, dotados de um alto conteúdo icônico, exibem o mesmo tipo de comportamento semântico das palavras orais. Os autores chegam a esta conclusão, após apresentar gestos não-familiares a um grupo de participantes, e perceber que estes gestos eram compreendidos pelos mesmos, evidenciando algum tipo de inferência tipológica nos gestos.

⁴⁵ Vide a interpretação contextual das formas dêiticas, como em: “Ele foi por *ali*” (requer um gesto de apontação).

avaliam quais dos 4 modos de apontar, a saber, com a direção do olhar, com IX, com o $IX_{b-handshape}$ ou com o IX_{thumb} $IX_{thumb-up}$ podem coocorrer com a sentença em (4) considerando dois contextos, o primeiro em que haja um referente presente no contexto imediato da conversa, o segundo em que o referente é ausente no contexto imediato da conversa, mas a ele é atribuído um *locus* no espaço.

(4) EXAME DIFÍCIL...

ALUNO ALGUNS REPROVAR

Os autores descobrem que quando o referente está presente no contexto de proferimento de (4) a direção do olhar é suficiente para carregar o mesmo sentido da apontação concomitante nas LOs e opcionalmente $IX_{b-handshape}$ e IX_{thumb} $IX_{thumb-up}$ podem ser utilizados; no entanto, IX não pode ser utilizado nesses contextos como se atesta em (5b). Quando o referente não está presente no contexto conversacional e lhe é atribuído um *locus* espacial na sentença como em (6), a direção do olhar e IX não podem ser utilizados para recuperar o indivíduo relevante no contexto, como mostram (6a) e (6c).

- (5) a. STUDENT SOME $\overline{IX_{B-shape}^{eye-gaze}}$ FAIL (eye-gaze & pointing toward John)
ALUN@ ALGUN(S) (...) REPROVAR ($IX_{b-handshape}$ +direção-do-olhar para João)
- b. *STUDENT SOME $\overline{IX_{index}^{eye-gaze}}$ FAIL (eye-gaze & pointing toward John)
ALUN@ ALGUN(S) (...) REPROVAR (IX_{index} +direção-do-olhar para João)
- c. STUDENT SOME $\overline{IX_{thumb}^{eye-gaze}}$ FAIL (eye-gaze & pointing toward John)
ALUN@ ALGUN(S) (...) REPROVAR ($IX_{thumb-up}$ +direção-do-olhar para João)

‘Alguns alunos reprovaram’

Inferência: João é um aluno e ele reprovou.

(6) *Contexto:* ONTEM PROVA DIFÍCIL. PEDRO PRESENTE-a
‘Ontem, a prova estava difícil. Pedro estava presente’

- a. *STUDENT SOME $IX_{index-a}$ FAIL (index-pointing toward Peter)
ALUN@ ALGUN(S) IX REPROVAR (IX para Pedro)
- b. STUDENT SOME $IX_{B-shape-a}$ FAIL (B-shape pointing toward Peter)
ALUN@ ALGUN(S) $IX_{b-handshape}$ REPROVAR ($IX_{b-handshape}$ para Pedro)
- c. *STUDENT SOME $eye-gaze_a$ FAIL (eye-gaze toward Peter)
ALUN@ ALGUN(S) DIREÇÃO-DO-OLHAR REPROVAR (direção do olhar para Pedro)

d. STUDENT SOME IX_{thumb-a} FAIL (thumb-shape pointing toward Peter)
 ALUN@ ALGUN(S) IX_{thumb}IX_{thumb-up} REPROVAR (IX_{thumb-up} para Pedro)

‘Alguns alunos reprovaram’

Inferência: João é um aluno e ele reprovou.

A análise mostra que o valor indefinido de ALGUNS (SOME) em (6) é incompatível com os traços definidos aparentemente gramaticalizados no sinal IX, mas que não estão presentes em outras formas de apontação. Para nosso estudo, a despeito da controvérsia de como um item gestual poderia afetar o valor composicional dos itens linguísticos, assumimos com os autores que o status da apontação IX é distinto de IX_{b-handshape} e IX_{thumb-up}.

Adicionalmente, em outro estudo, Barberà & Zwets (2013) analisam as apontações utilizadas em NGT – língua de sinais holandesa e os gestos concomitantes à fala utilizados por ouvintes não-sinalizantes, falantes de holandês. Os achados mostram que a apontação, quando utilizada em línguas de sinais, pode funcionar para *ancorar* e *identificar* um referente no espaço. No entanto, os ouvintes não sinalizantes só utilizam a apontação para *identificar* referentes enquanto falam, mas nunca com a função de *ancorar* um referente no espaço. A ancoragem é a função pela qual se cria um ‘file card’, ou uma nova entidade é estabelecida no contexto conversacional, geralmente associada aos sintagmas indefinidos e a identificação é a função pela qual um referente é retomado anaforicamente, por isso ligado à definitude.

Com isso, concluímos que nem todas as apontações em libras e em outras línguas de sinais são candidatas à codificação da definitude. Mas, há fortes evidências que IX possui traços ontogênicos de definitude que se manifestam de maneira translinguística e transmodal.

4.4 USOS DA APONTAÇÃO NO ESPAÇO

Nesta seção discuto sobre o funcionamento do espaço nas LSs. Já vimos que os sinais de apontação são um dos meios de se ativar o espaço, especialmente a apontação com o indicador. Dialogando com a teoria, quero trazer uma proposta teórica que assume que o espaço na libras, e talvez em outras LSs de sinais, encontra-se: *i.* gramaticalizado e *ii.* segmentado.

Não vamos resolver nesta tese um tema de grande debate na literatura que é se o espaço pode ser considerado como uma unidade fonológica listável e segmentável, pois diferentemente de outros fonemas (a configuração de mão, por exemplo), o espaço parece infinito em possibilidades (esse debate pode ser encontrado nestas publicações: LIDELL, 1995; QUER, 2011; WILBUR, 2013, 2015).

Um exemplo simples para se compreender a complexidade em se definir que pedaço exato do espaço está sendo selecionado para compor um sinal é o sinal para “eu” em libras, que é realizado apontando o indicador para o peito do próprio sinalizador (glosa=IX-1.sg). No entanto, dizer que aponta para o peito é bastante genérico, uma vez que o peito é composto por uma superfície extensa, com vários possíveis pontos de toque para o indicador. Ou seja, não necessariamente todos os sinalizadores apontarão para o mesmíssimo ponto no peito. Um sinalizador pode apontar mais para o meio do peito, outro mais próximo à região do coração, outro pode apontar um pouco mais abaixo próximo ao estômago, etc. Mesmo com todas as possíveis variações de locais onde o indicador possa tocar no peito, os sinalizadores reconhecem IX-1.sg como significando “eu”⁴⁶.

Teóricos como Liddell (2000), que cito a seguir, questionaram a partir de exemplos como este se os fonemas das LSs poderiam ser considerados finitos, dadas as aparentes infinitas possibilidades de apontação demonstrada pelo sinal. O autor explicava que, enquanto um pronome em LO é definido por sua composição fonológica, ou seja, “eu” é o que “ue” não é, e que não é “ele”, pois são cadeias fonológicas de diferentes composições, as LSs permitiriam diferentes realizações espaciais dos sinais de apontação, levando-nos a assumir que estes itens não são construídos a partir de unidades segmentáveis, listáveis, uma vez que apresentavam um alto grau de variação na realização do sinal. Que segmentos, então, comporiam a cadeia fonológica dos pronomes e todos os outros sinais feitos com a apontação nas LSs? Grosso modo, “quantos diferentes sinais para ‘eu’ existem na língua?”. Liddell (2000, p. 340) questiona:

Would each spatial morpheme have a meaning distinct from each other spatial morpheme? If so, what would the meanings be? If not, then will there be an unlimited number of morphemes which all mean the same thing? Even if the meaning question could be solved, we are still left with no proposal for the phonological description of these morphemes.

A partir do modo como a libras distingue categorialmente os sinais que são realizados a partir da apontação, e não somente de forma contextual como assumiria Liddell, quero lançar

⁴⁶ Lembrando que mesmo com a possibilidade de variação no ponto de articulação dos sinais indiciais, o sinal “eu”, por exemplo, não pode ser feito apontando para o ombro. Ou seja, há que se elucidar ainda quais os critérios que as LSs utilizam para a expressão alofônica; ou seja, qual seria o limite espacial, então, para que não se tenha mais o pronome de primeira pessoa “eu” e se tenha uma outra palavra. Há que se investigar os limites entre as classes fonológicas das LS. Por exemplo, nas LOs, a classe dos róticos possui diferentes realizações do fonema /r/, a depender principalmente do dialeto do PB. Nas LSs, qual o limite aceitável da realização variável do fonema? Até que ponto reconhecemos que não se trata de uma outra classe fonológica??

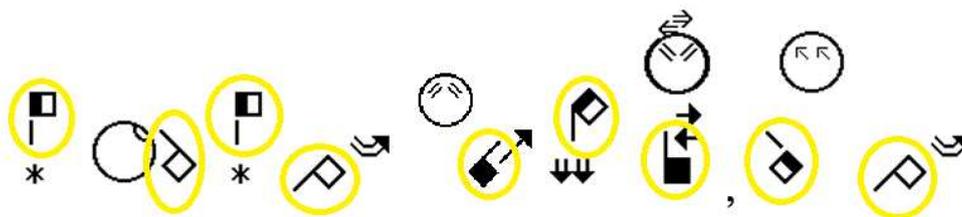
luz sobre a possibilidade de gramaticalização e segmentação do espaço e responder a algumas das questões levantadas pelo autor.

Diferentemente do autor, eu defenderei que as apontações em libras perderam grande parte de sua origem gestual e encontram-se num estágio mais gramaticalizado uma vez que façam parte de um sistema linguístico. Observando os sinais de apontação produzidos pelos surdos, percebe-se que raramente eles são utilizados para chamar a atenção para elementos presentes no espaço real, embora possam fazê-lo. Ou seja, se um surdo apontar para cima, não necessariamente está se referindo ao ‘teto’, ou ao ‘céu’ e isso se aplica às outras apontações. Uma outra observação é que em libras podemos ter sentenças realizadas exclusivamente com sinais de apontação, e nenhum dos sinais referir-se obrigatoriamente a objetos presentes no contexto de fala. Um exemplo é a sentença em (7), escrita em *SignWriting* em (8) para facilitar a visualização do sinal de apontação que pode ser reconhecido mesmo pelo leitor leigo ao

sistema com a seguinte forma :

(7) IX-1 PENSAR IX-1 IR IX_{adv} AQUI/HOJE NÃO, IX-3 IR.
‘Eu acho que eu não vou lá hoje, ele vai’

(8)



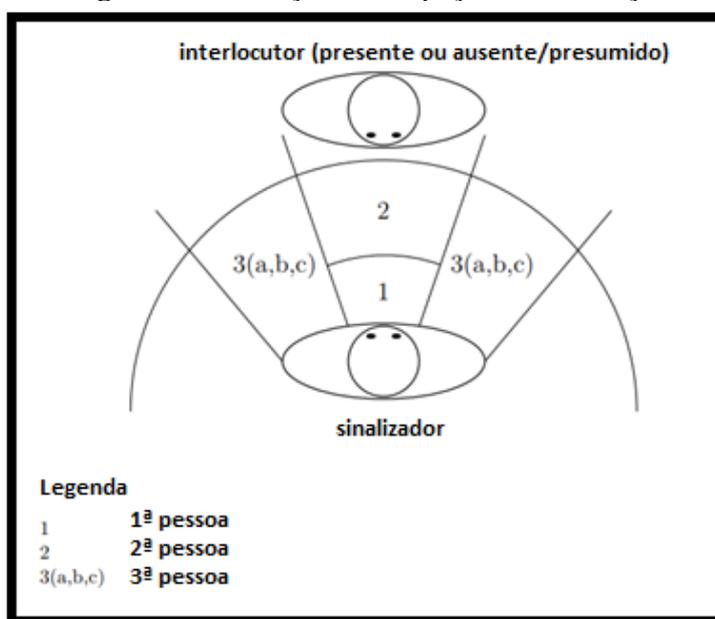
Em (8) podemos ver a transcrição dos nove sinais da sentença em (7) envolvendo a mesma configuração de mão (nove círculos amarelos), a apontação IX. Por isso, neste caso específico, o que distingue as categorias dos sinais de apontação não são os referentes para os quais o locutor aponta, mas uma combinação de fatores gramaticais que entram na composição do sinal, por exemplo, o espaço (virtual) ou a parte do corpo para onde apontam, e ainda o tipo de movimento realizado pela mão, dentre outros. Nessa tese, eu exploro a possibilidade de que o espaço contribua para definir os significados dos sinais de apontação, por isso, a partir de agora, analisaremos os morfemas espaciais.

4.5 MORFEMAS ESPACIAIS

Estudos recentes de LSs nos levam a assumir que o espaço possui limites mais ou menos definidos e que, cada área, então, carrega significados particulares. O morfema espacial é uma partícula presa (um pedaço do espaço, e não todo ele) com algum significado atrelado. O principal debate sobre o status gramatical *vs* gestual desses morfemas espaciais se dá em termos de definir sua listabilidade, separabilidade e produtividade, condições fundamentais para se ter um morfema identificado em qualquer língua como apresentamos na seção anterior 4.4 (SANDLER & LILLO-MARTIN, 2006; LIDDELL, 2003).

O principal exemplo do que é um morfema espacial em LS é a marcação de pessoa (1ª, 2ª e 3ª), que é definida basicamente através do espaço. Como se pode ver no esquema apresentado na figura 4.3 abaixo, as áreas são delimitadas a partir da posição do sinalizador. Se o sinalizador apontar para a região *ego-alinhada* ao corpo do sinalizador indica a 1ª pessoa (região de número 1), se apontar para a região frontal ou *ego-oposta* codifica a 2ª pessoa (região de número 2) e se apontar para as regiões laterais (ipsi- e contralaterais, regiões de número 3) tem-se as 3ª pessoas do discurso.

Figura 4.3. Locações no espaço de sinalização



Fonte: BÖRSTELL (2017, p. 16), tradução e adaptação minhas

Até onde se tem conhecimento todas as LSs utilizam estes mesmos espaços para a marcação de pessoa, inclusive a maioria utiliza a mesma configuração de mão IX  para

criar seus pronomes pessoais, diferindo apenas as configurações de mão utilizadas nas formas possessivas e reflexivas, as únicas que geralmente aparecem marcadas para caso⁴⁷.

A partir disso, nesta seção apresentarei estudos que assumem que o espaço funciona como um morfema nas LSs, e que, deste modo, pode encontrar-se afixado a um sinal manual para atribuir-lhe significados específicos.

4.5.1 Sá et al (2012) – Definidos fortes e fracos na libras

Utilizando a distinção entre definidos fortes e fracos de Carlson & Sussman (2005), Sá et al. (2012) aplicam os testes propostos pelos autores, adaptados à libras, e mostram que quando os nomes nus aparecem deslocados para o espaço lateral (região de número 3 da figura 3.3) nas sentenças em libras, os surdos interpretam os nomes como sendo definidos fortes, já os definidos fracos seriam realizados no espaço neutro, como se vê no contraste em (9). O sinal de TELEVISÃO em (9a) é entendido como um objeto genérico, diferentemente de quando o sinal se encontra deslocado como em (9b), em que é interpretado como sendo um televisor mais específico, por isso a leitura definida forte.

(9)



(SÁ et al, 2012, p. 34, tradução e numeração minhas)

⁴⁷ McBurney (2002) afirmam que essa homogeneidade tipológica de acordo com a qual todas as LS utilizam o mesmo *locus* espacial para propósitos referenciais é uma idiossincrasia, pois as LOs utilizam cadeias fonológicas distintas para criar seus pronomes pessoais. Estes autores afirmam que existe, então, um subgrupo particular de fonemas (*locus*) que são usados para codificar referência de pessoa nos pronomes e nos verbos com concordância nas LSs. Neste sentido, Lloyd & McBurney apontam que as LSs se comportam diferentemente das LOs, pois não se atesta em LOs um conjunto de fonemas que sejam utilizados exclusivamente para propósitos morfológicos específicos, como é o caso do uso do espaço horizontal em LS, e a marcação da referência pronominal (esquema em 9 acima).

Em trabalho semelhante, Koulidobrova (2017) analisa como o deslocamento ou não do nome para o espaço marcado, a região de número 3 da figura 3.3, a mesma utilizada pelos definidos fortes de Sá et al. (2012), que possui traços {+def}, afeta o licenciamento de categorias vazias anafóricas em ASL. Isso nos leva a assumir que a ativação do espaço lateral, em oposição ao neutro, implica uma leitura mais definida para os nomes deslocados.

No entanto, Sá et al. (2012) não analisam os nomes ancorados na libras, já que estes, como vimos na seção 3.2.2 do capítulo anterior, não se deslocam no espaço para sofrer modificações e dependem da apontação para serem ancorados no espaço de sinalização.

Com base nestes achados da literatura, há evidências de que o espaço lateral contribui para a leitura definida e nos próximos capítulos mostrarei a partir dos resultados dos testes que a apontação IX para a área lateral, antes ou concomitantemente à realização do nome, ativa a leitura definida, e por isso, os sinais não-ancorados não precisam necessariamente se deslocar para o espaço lateral para receber essa leitura, e os nomes ancorados se beneficiam da apontação, pois uma vez que não podem se deslocar, recebem a leitura definida da apontação pré-nominal.

Se a análise que proponho estiver correta, teríamos então dois tipos de nomes nus na libras, um nome nu realizado no espaço neutro, neutro para definitude, e outro realizado no espaço deslocado, que é mais definido.

Como hipotetizo nesta tese que somente a apontação pré-nominal IX, aquela que seleciona o espaço lateral, carrega traços definidos e anafóricos, e não permite a leitura indefinida específica que o nome nu neutro permite, então, o nome nu neutro não estaria em distribuição complementar com o IX-pré-nominal, mas IX-pré-nominal poderia estar com o nome nu deslocado, como resumo no quadro a seguir.

Quadro 4.1. Nomes nus e com determinantes e suas funções na libras

ITENS/FUNÇÕES	Nome nu neutro (espaço neutro)	Nome nu deslocado (espaço lateral)	Nome precedido de IX
Definido forte – anafórico		X	X
Definido fraco	X		
Indefinido específico	X		

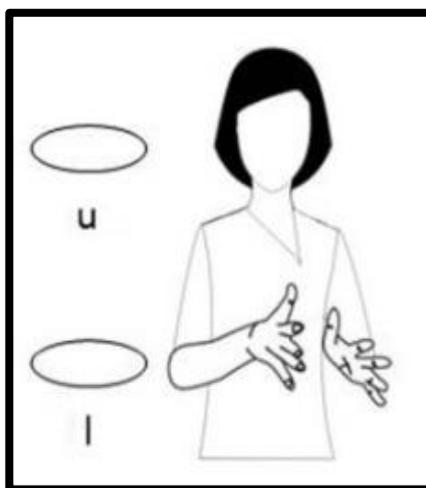
Fonte: elaboração própria

Embora Sá et al (2012) não afirmem que a libras possui um artigo definido espacial, os autores já apresentam resultados de que nomes que são retomados anaforicamente na sentença tendem a ser localizados no espaço, como no exemplo (9b), pois o deslocamento do nome permitiria a retomada anafórica, em contraste com o que ocorre quando o nome é realizado no espaço neutro, o que reforça a minha proposta no quadro acima.

4.5.2 Barberà (2012) - Indefinidos específicos e não-específicos

Outra diferença gramatical que é codificada pelo espaço é a diferença entre sintagmas indefinidos específicos e não-específicos na língua de sinais catalã - LSC. Barberà (2012) assume que o espaço baixo marca os referentes indefinidos específicos (círculo com *l* de *lower* na figura 3.4) e o espaço alto (círculo com *u* de *upper* na figura 4.4) marca os referentes indefinidos não-específicos, ou seja, a especificidade é atribuída através de morfemas espaciais⁴⁸.

Figura 4.4. Marcação espacial da especificidade em LSC



Fonte: (BARBERÀ, 2012)

Alguém pode ser perguntar, então, o que definiria um morfema espacial como baixo ou alto? Qual a linha virtual que delimita a separação entre o espaço *lower* e o *upper* proposto pela autora? O espaço *upper* seria aquele acima da altura do ombro? Ou acima do peito do sinalizador? Ou outros? Obviamente, o morfema vertical de altura não pode ser definido pela

⁴⁸ Uma evidência de que são morfemas de fato, é que esses espaços podem se afixar a nomes, verbos e outras categorias atribuindo sempre o mesmo significado.

estatura do sinalizador, pois não queremos dizer que pessoas de baixa estatura não produzem sentenças com indefinidos não-específicos⁴⁹. Barberà (2012) já aponta para essas questões no final do seu trabalho sugerindo que essa distinção dos morfemas verticais possa ser investigada num *continuum* de informações mais ou menos específicas.

Para a análise que faço nesta tese, basta o reconhecimento de que os sinalizadores compreendem e produzem as diferenças codificadas pelos morfemas espaciais uma vez que os sinais são realizados em diferentes locações.

Na próxima seção, vou mostrar como o espaço, apesar de permitir realizações aparentemente não estanques, pode ser o único substrato que as LS têm para definir o significado dos sinais de apontação.

4.6 PROPOSTA DE ANÁLISE DO ESPAÇO NA LIBRAS

A partir das condições em que se produzem os pronomes pessoais na libras trarei evidências de como algumas partes do espaço podem ser analisadas como morfemas, e por isso, listáveis⁵⁰, produtivos e com algum significado atrelado.

Como vimos na seção 4.5 e subseção 4.5.1, temos evidências que na libras e outras LSs, o espaço lateral carrega traços mais definidos. Uma evidência é que na formação de pronomes pessoais, pronomes possessivos e na morfologia de pessoa nos verbos com concordância, o espaço lateral, reservado à 3ª pessoa, encontra-se sempre afixado ao sinal manual para definir o seu significado. No exemplo em (10), embora não percebamos diretamente, o espaço está ali virtualmente demarcado pelo círculo amarelo, definindo que é a marca de 3ª pessoa que deve estar atrelada ao sinal, pois aponta para a região lateral do corpo. Observe que mudando apenas a configuração de mão, todos os sinais em (10) possuem um morfema de 3ª pessoa, que é definido pelo espaço para onde os sinais ‘apontam’.

(10)

⁴⁹ Sobre a produtividade do morfema vertical em LS, ver também Davidson & Gagne (2014).

⁵⁰ Em que se reconheça uma cadeia fonológica específica (possivelmente invariante).



(Dicionário de Libras - ACESSO-BRASIL, 2018)

O espaço nestes casos em (10) é produtivo, listável e possui um significado atrelado, ou seja, preenche as condições para se ter um morfema. Aqui eu analiso os sinais em (10) como multimorfêmicos⁵¹, por isso, a constituição fonológica desses sinais seria como em (11):

(11) Pronome de 3ª pessoa: *'IX-morfema.3'* = *'ele/ela'*

Pronome possessivo de 3ª pessoa: *'Configuração-da-mão-em-P-morfema.3'* = *'dele/dela'*

Verbo de concordância: *'morfema.1-ENSINAR-morfema.3'* = *'eu ensino ele/ela'*

No entanto, há uma discordância na literatura de que as LSs não conseguiriam distinguir o espaço frontal do lateral, ou seja, não haveria distinção formal entre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa (MEIR, 1990; LILLO-MARTIN & KLIMA, 1990; LIDDELL, 2003; BERENZ, 1996; LIMA, 2015; RATHMANN & MATHUR, 2002; MEIR & LILLO-MARTIN, 2013; ARONOFF et al, 2005 e outros).

Essa discordância tem origem nos contextos de conversação em que haja mais de 2 interlocutores e o sinalizador precise mudar a posição do seu corpo. Nesses casos, como no exemplo abaixo em (12), se o sinalizador estiver conversando com alguém na sua frente, como em (12a, b), o espaço frontal que está sendo selecionado (12a) e o lateral que está sendo selecionado (12b) fazem a predição correta em relação ao significado dos pronomes, se assumirmos a separação virtual do espaço proposta na figura 4.3 da seção 4.5. No entanto, uma mudança na posição da face/corpo do sinalizador ocorre, como podemos ver mais salientemente pela posição da cabeça em (12c); neste caso, o mesmo espaço lateral que em (12b) codificava a terceira pessoa, agora em (12c) codifica a 2ª pessoa, pois agora o significado do sinal é “você”,

⁵¹ Essa proposta, no meu conhecimento, nunca foi formalmente desenhada na literatura, por isso, é também uma das contribuições desta tese.

e não “ele/ela”, como esperaríamos. Ou seja, se o espaço é um morfema com um valor fixo, como ele poderia alterar seu valor conforme o contexto de sinalização? Isso levou muitos autores a questionarem se o espaço seria de fato o que definiria o significado dos pronomes, visto que com as mudanças na posição do corpo, um mesmo ponto no espaço, a saber, os círculos amarelos, que deveriam ser reservados somente para a interpretação de 3ª pessoa, agora também poderia codificar a 2ª pessoa, como em (12c).

(12)



(ALMEIDA-SILVA, 2015, p. 61)

Para dar conta da aparente ausência formal de distinções entre a 2ª e 3ª pessoas, autoras como Berenz (1996, 2002) e Lima (2015) defendem que na libras a direção do olhar é que seria responsável por distinguir entre os pronomes de segunda e terceira pessoas. Isso fez e faz bastante sentido, uma vez que a única diferença observável entre (12b) e (12c) é que ambos apontam para o espaço lateral, mas enquanto que em (12b) o olhar encontra-se desalinhado com a apontação, em (12c) o alinhamento do olhar com a apontação faria com que a distinção entre a segunda e a terceira pessoa existisse.

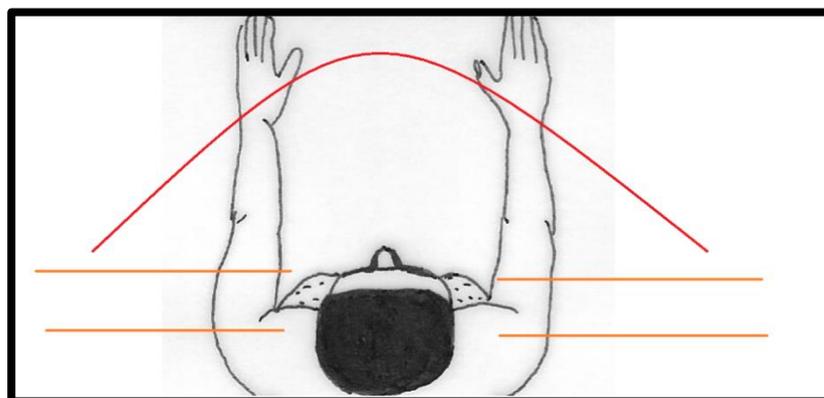
No entanto, se assumirmos a análise das autoras, não poderíamos pressupor a existência de morfemas espaciais, pois, os pronomes não se definiriam exclusivamente pelo espaço, mas por estratégias combinadas entre o espaço que é selecionado pela apontação + o alinhamento com o olhar, que não é um morfema espacial.

Diferentemente de todos os autores que discutem o tema, aqui eu assumo que nem é o olhar e nem o tronco que delimita a diferença entre os espaços frontal e lateral. Eu proponho que é a partir da face que se delimitam as diferenças entre os morfemas espaciais de pessoa.

4.6.1 Segmentação do espaço a partir da face

Se considerarmos as várias situações em que o surdo pode expressar-se, por exemplo, deitado conversando com outro na cama superior do beliche, no celular por videochamada, sentado numa sala de aula e não somente de pé, posição que favorece as mudanças na posição do tronco do sinalizador, veremos que o tronco não é suficiente para delimitar as áreas no espaço, por dois motivos: *i.* o tronco é uma parte achatada (*flat*) do corpo e que não possui uma região lateral proeminente, ou seja, a área de fato que pode ser entendida como lateral do tronco é muito pequena, e isso dificulta postular que o espaço seja delimitado a partir do tronco (espaço entre as linhas laranjas na figura 4.5). Por isso, tudo que não é lateral do tronco, faria parte do espaço frontal (espaço da curva em vermelho na figura 4.5), ou seja, se tomarmos o tronco como ponto de partida, quase toda a área frontal estaria reservada à 2ª pessoa, e uma pequena área à 3ª, o que contraria as evidências de percepção pronominal que apresentarei a seguir; e *ii.* nos nossos dados, o tronco é a parte do corpo do sinalizador que menos rota, por isso, ao estabelecer o contato com outros sinalizadores numa conversa, de preferência, os surdos rotam a face, como em (12c), mas nenhuma alteração expressiva do tronco é perceptível⁵².

Figura 4.5. Distinção do espaço frontal vs lateral a partir do tronco



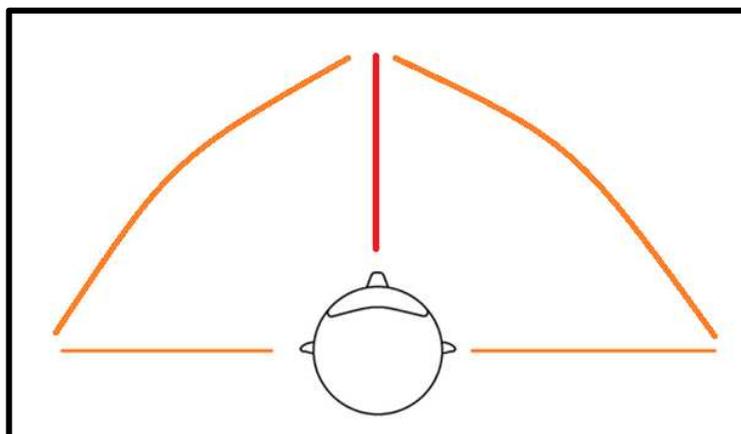
Fonte: Elaboração própria

Já a face é anatomicamente profusa, e por isso, a saliência de seu formato é capaz de delimitar diferenças mais perceptíveis entre o espaço frontal (representado pela linha vermelha

⁵² Mesmo nos contextos de role-shift, a depender da posição do corpo do sinalizador ao produzir a sentença, mudanças na posição do tronco não são necessárias para mudar o valor das apontações.

na figura 4.6) e os espaço laterais (representados pelas regiões entre as linhas laranja na figura 3.6)⁵³.

Figura 4.6. Distinção do espaço frontal vs lateral a partir da face



Fonte: Elaboração própria

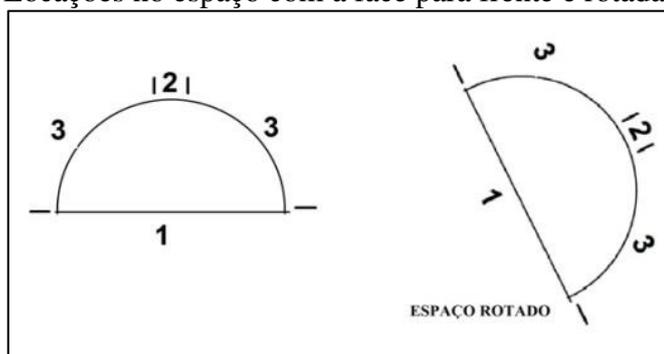
Quando a face muda de posição, ela redefine o ponto zero a partir do qual todos os pontos no espaço referentes aos morfemas de pessoa devem ser definidos, como na figura 4.7 abaixo. Isso explica o porquê nos casos como em (14b) e (14c) nos quais o tronco não rota, mas somente a face, o morfema espacial altera aparentemente seu valor. Na verdade, o espaço não mudou seu valor, o que ocorreu, nestes casos, foi um reposicionamento dos pontos no espaço a partir da face, mas não do tronco.

⁵³ i. Há que se entender ainda os limites da alofonia nas LS, ou seja, em que medida todo o espaço lateral pode significar uma mesma coisa, e a partir de que ponto do espaço o mesmo significado não está disponível;

ii. Cormier et al (2013) indagam sobre os casos em que a concordância verbal marca a mesma pessoa na língua de sinais britânica - BSL, por exemplo: “DAR-1”(me dar), “LEMBRAR-1”(lembra de mim), “OLHAR-1” (olhar para mim). Esperava-se que, nesses casos, os sinais atingissem exatamente o mesmo local do corpo do sinalizador (ex: o peito) já que todos os verbos tomam como objeto a primeira pessoa do singular, mas dadas as características lexicais de cada verbo, cada um seguirá para uma altura diferente do corpo. Aqui parece ser também o caso da alofonia dos pronomes em LS, ou seja, essa mudança na forma de se produzir um sinal pode ser entendida como um *continuum* de possibilidades na produção de uma mesma classe fonética. Tanto a pergunta feita pelos pesquisadores sobre a variação nos *loci* de concordância é pertinente, como também se perguntar por que os falantes, apesar dessa variação, sempre interpretam esses verbos como tomando a 1ª pessoa como objeto é também relevante;

iii. Além disso, o argumento utilizado por Liddell (1995, 2000) de que, por exemplo, numa contação de histórias o sinalizador poderia realizar o pronome EL@ apontando para cima, porque o personagem está em cima de uma árvore, não é considerado aqui. Entendemos que, nestes casos, o fato de as LSs explorarem o espaço físico para representar espaços mentais faz com que elas explorem de forma mais literal esse espaço, via apontar literalmente para a localização dos referentes. O que não tem relação com o uso pronominal na situação em que o falante não tem essa preocupação em alocar os referentes no espaço de modo tão específico como é em uma história. Na língua oral, isso seria comparado a quando usamos expressões como “ele ali atrás”, “ela ali no fundo” etc. Esse tipo de enriquecimento do pronome não reclama condições específicas de concordância. Ou seja, parece que os contextos de produção nas línguas não alteram a identificação categorial dos pronomes.

Figura 4.7. Locações no espaço com a face para frente e rotada para a lateral



Fonte: adaptada de Meier (1990, p. 182)

Se uma apontação em libras ocorre alinhada com o planto frontal, restrito à linha reta vermelha na figura 3.6, temos o pronome de 2ª pessoa, mas qualquer desalinhamento mínimo da apontação com a linha frontal é imediatamente compreendida como selecionando o espaço lateral, sendo interpretado como 3ª pessoa⁵⁴. Por isso, nenhuma contribuição do olhar é prevista ou necessária, pois o espaço mostra-se suficiente para efetuar a distinção entre a 2ª e 3ª pessoas.

Por último, para mostrar que a análise que proponho para o espaço é mais vantajosa em relação às anteriores, como por exemplo, a de Alibasic & Wilbur (2006)⁵⁵, trago evidências, a partir de resultados de um teste de compreensão de sinais pronominais elaborado por mim e aplicado com os participantes de nossa pesquisa⁵⁶. Se o espaço for de fato um morfema independente, que não se define pela relação com o olhar, ou pelo tronco, ele deve ser reconhecível na cadeia fônica como sendo codificado pelo espaço unicamente⁵⁷.

⁵⁴ Estudos de aquisição considerando a proposta de análise que lanço aqui podem ser úteis para confirmar ou refutar esta proposta.

⁵⁵ Os autores criticam as análises que consideram somente o tronco no estabelecimento pronominal e adicionam a cabeça e a direção do olhar em suas análises, mas não descartam a função do olhar em suas análises, como faço aqui;

⁵⁶ Estes testes devem servir de base para pesquisas futuras e serem ampliados teórica e metodologicamente. Aqui não os desenvolvo, já que embora a tese verse sobre um fenômeno que envolve a apontação e as delimitações do espaço, não é o foco do meu trabalho resolver a questão das distinções entre os pronomes, mas melhorar as possibilidades de análise de fenômenos que tem por base o uso do espaço;

⁵⁷ Um fato que deve ser considerado em pesquisas futuras é por quais motivos se pode coordenar dois pronomes de 3ª pessoa em LS, sem a necessidade de se recorrer a mudanças na posição do tronco ou face, o que inclui o *role-shift* como em (a), mas não é possível coordenar dois pronomes de 2ª pessoa sem que se altere pelo menos a posição da face, como em (b). Como a coordenação de duas primeiras pessoas só é possível aparentemente em discurso reportado (*role-shift*), a rotação do tronco, e não somente da face neste caso parece obrigatória (c). Estes fatos me parecem dizer que a libras tem dois pronomes distintos de 3ª pessoa, pois nenhuma estratégia de *role-shift* é necessária para ativá-los. Esses são os contextos nos quais as LOs só desambiguizam suas referências com a apontação, como em: *Larry voted for her/you, and not for her/you* (O Larry votou nela/em você, e não nela/em você) (SANDLER & LILLO-MARTIN, 2006). Essas observações me levam a crer que os pronomes de 3ª pessoa em libras realizados nos espaços laterais não são ambíguos como no exemplo acima em LO, uma vez que nenhum gesto auxiliar do corpo é possível para desambiguar as formas, como vemos em (a) abaixo. No entanto, as

Apresentamos aos participantes de nossa coleta, dois conjuntos de estímulos: no primeiro conjunto, os sinais dos pronomes pessoais em libras eram realizados com a mudança na orientação da face, sem contato com o olhar, como na figura 4.8, e no segundo conjunto, os mesmos sinais são apresentados com a mudança na direção do olhar somente, como na figura 4.9. Ao serem questionados em libras sobre quais pronomes estavam sendo sinalizados, os participantes deveriam indicar em PB escrito os pronomes representados na imagem.

Como resultado, os participantes conseguem prever corretamente o significado de todos os pronomes do primeiro conjunto de estímulos da figura 4.8, mas ficam confusos em relação ao significado de alguns sinais do segundo conjunto da figura 4.9. Alguns inclusive afirmam que, no conjunto 2 (figura 4.9), em que há mudança no alinhamento do olhar, as mudanças “deformam” ou “anomalizam” os sinais pronominais, deixando-os irreconhecíveis. Este teste reforça nossa tese de que nenhuma mudança na posição do tronco é necessária para o estabelecimento pronominal em libras.

Figura 4.8. Conjunto de estímulos 1 – mudança na orientação da face



Fonte: Elaboração própria

modificações no corpo em (b) são opcionais e a ausência delas é impossível em (c). Não desenvolvo isso aqui, mas acredito que esse fato deve ser levado em consideração numa investigação específica sobre pronomes na libras.

- | | | | |
|----|--|--------|---|
| | (*_____rotação-corpo) | | (*_____rotação-corpo) |
| | (*_____rotação-face) | | (*_____rotação-face) |
| a. | IX-3.sg<ipsilateral> | TAMBÉM | IX-3.sg<contralateral> VOTAR <i>L-U-L-A</i> |
| | ‘Ela e ela votaram no Lula’ | | |
| | (_____rotação-corpo) | | (_____rotação-corpo) |
| | * (_____rotação-face) | | * (_____rotação-face) |
| b. | IX-2.sg<frontal> | TAMBÉM | IX-2.sg<frontal> VOTAR <i>L-U-L-A</i> |
| | ‘Você e você votaram no Lula’ | | |
| | * (_____rotação-corpo) | | * (_____rotação-corpo) |
| | * (_____rotação-face) | | * (_____rotação-face) |
| c. | IX-1.sg<face> | TAMBÉM | IX-1.sg<face> VOTAR <i>L-U-L-A</i> |
| | Eles disseram quase ao mesmo tempo: ‘EU e EU também vamos votar no Lula’ | | |

Figura 4.9. Conjunto de estímulos 2 – mudança na direção do olhar somente



Fonte: Elaboração própria

Minha proposta de análise do espaço como sendo delimitado a partir da face não resolve todo o problema da segmentação do espaço nas LSs, que ganha força com o trabalho seminal de Berenz (1996) sobre a distinção das três pessoas pronominais em libras. No entanto, minha proposta se diferencia das demais porque descarta que o espaço lateral seja definido a partir do tronco, bem como descarto a influência do olhar, que geralmente não está acessível nas situações de mudança da posição da face, e que não é um elemento espacial. Por isso, para assumir que o espaço lateral é distinto dos demais, proponho uma análise na qual os espaços são delimitados a partir das regiões da face⁵⁸.

4.7 USOS DO ESPAÇO

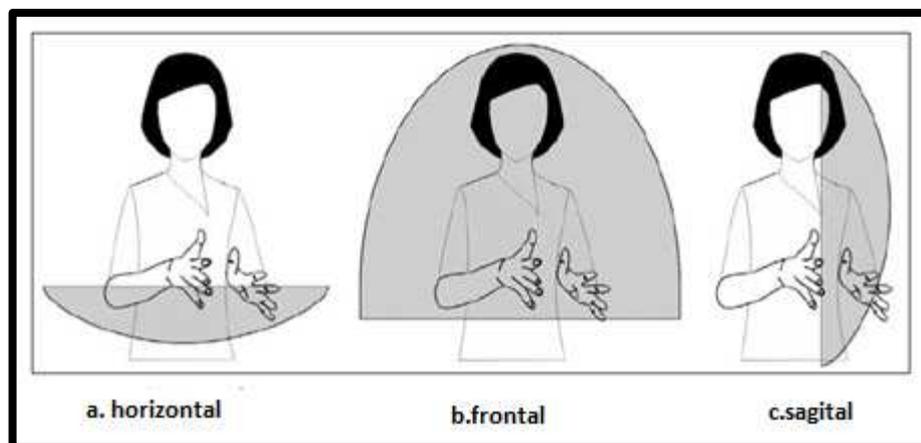
Após analisar como a distinção entre o espaço frontal e lateral é possível em libras, explicitarei os usos que as LSs fazem do espaço.

A classificação adotada por Quer et al. (2005) e Barberà (2012) prevê que o espaço pode ser utilizado de duas formas nas LSs: **descritivamente**, quando estiver referindo-se a referentes ausentes no contexto de fala, mas que recebem um *locus* não-arbitrário no espaço de proferimento, ou ainda quando os objetos presentes na situação de fala são ativados via a apontação ostensiva; ou o uso **não-descritivo**, aquele no qual o significado da apontação se

⁵⁸ Há uma tendência de se assumir o tronco como ponto de partida para a delimitação entre as pessoas nas LS, já que na maioria das LS, a primeira pessoa aponta para o peito do sinalizador, no entanto, outras distinções tipologicamente incomuns dão suporte a análises como a minha, como os pronomes da LSJ (SMITH & TING, 1979), na qual o pronome de primeira pessoa não aponta para o peito do sinalizador, mas para o nariz, ou seja, o papel da face é mais saliente do que o tronco nessa língua.

define inteiramente por demarcações virtuais no espaço de sinalização, como na figura 4.10 abaixo e que independem dos referentes presentes no contexto de fala. Poizner et al. (1987) refere-se, a esses mesmos usos, como usos topográficos e sintáticos do espaço, respectivamente.

Figura 4.10. Os planos espaciais nas línguas de sinais



Fonte: BARBERÀ, 2014, p. 154 (tradução minha)

Nesta tese proponho algo conceitualmente e terminologicamente diferente. Utilizo a terminologia ‘espaço não-gramaticalizado’ exclusivamente para os usos reais do espaço, nestes casos, a interpretação preferencial para a apontação é a demonstrativa, em alguns casos a única.

Nas propostas anteriores, o uso topográfico era considerado como descritivo, por isso, não gramaticalizado, e o sintático, não descritivo. Diferentemente dos autores, unirei o uso topográfico e sintático, ambos como usos não-descritivos do espaço, e por isso gramaticalizados. A justificativa para tal é que nos casos das apontações não-gramaticalizadas, como em (13) a seguir, a posição do referente é não-arbitrária (não prevista pelo sistema linguístico) e o ato de apontar refere-se à posição real do objeto no contexto de fala, se está encostado no chão, ou pendurado na parede, por exemplo.

Já os usos topográficos como em (14a) e sintático como em (14b) sempre definem a posição do referente ou a categoria da apontação em relação ao espaço para onde apontam. O uso topográfico (14a) é aquele que descreve no espaço ao redor do corpo uma situação em que seja necessário explicitar de forma visual alguma relação espacial entre os referentes da sentença, como em (14a), onde há um gato e um homem na história, e após serem apresentados os referentes, o sinalizante os posiciona lado a lado no espaço, ou seja, a configuração de mão no círculo branco representa a posição do gato na história, e a configuração de mão no círculo amarelo representa a posição do gato na história. O sinalizante lança mão do uso topográfico do espaço para mostrar a forma como os referentes estão localizados. Considero este uso como

não-descritivo, ou gramatical, pois como vimos nas seções anteriores a posição dos referentes no espaço não é totalmente arbitrária, e ainda, a sua retomada no espaço através da apontação é regida pela delimitação dos morfemas espaciais, como nas figuras 6 e 7 acima⁵⁹.

4.7.1 Usos não-gramaticalizados do espaço

(13) *Situação: Numa galeria de arte, há um quadro do Van Gogh:*

A: <IX>_{apontando-ostensivamente-para-o-quadro} BONITO

‘Este/esse/?#o quadro é bonito’

4.7.2 Usos gramaticalizados do espaço

(14)

a. Uso topográfico

Situação: contando uma história sobre um homem e um gato



_____ipsilateral ____contralateral

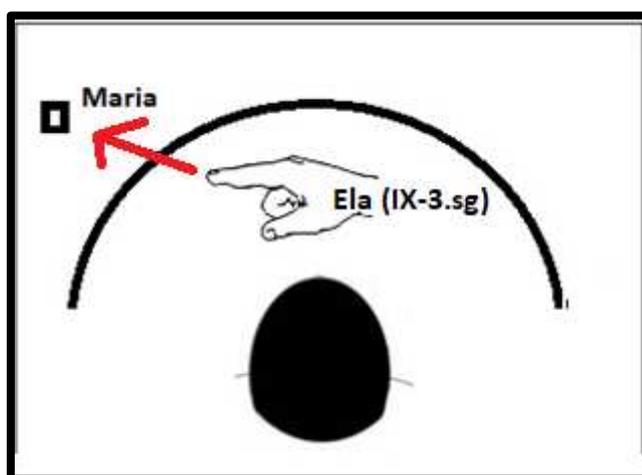
⁵⁹ O estudo de Emmorey & Tversky (2002) comprova que quando sinalizantes estão descrevendo um mapa, por exemplo, para um interlocutor presente ou ausente, o uso das apontações e estabelecimento dos referentes são em parte gramaticalizados, pois sentenças são utilizadas para descrever as posições dos objetos no mapa, e por isso, são previstos pelo sistema, mas há também os usos não gramaticalizados, aqueles cujos significados da apontação são influenciados pelo tipo de objeto apontado.

TER 1 HOMEM Ø GATO.
 ____ipsilateral ____contralateral
 IX_{baby-c} CL:ENTIDADE_{md} CL: ENTIDADE_{me}
 ‘Havia um homem e um gato. O homem (mão direita) e o gato (mão esquerda)...’

b. Uso sintático

Situação: monólogo sobre a Maria que está ausente

a-MARIA_j, JOÃO GOSTAR a-IX-3.sg_{j/*i}
 Maria_j João GOSTAR pron-3.sg_{j/*i}
 ‘Quanto à Maria, O João gosta dela’



Tomando por base a proposta de segmentação do espaço em libras desenvolvida aqui e considerando unicamente os usos gramaticalizados do espaço, os únicos previstos pelo sistema linguístico, nas próximas seções, analisarei as possíveis categorias a que pertencem os sinais que são realizadas com a apontação em libras, com base nos dados coletados para este trabalho e no Corpus da libras da UFSC.

4.8 CATEGORIAS DAS APONTAÇÕES EM LIBRAS

Nesta seção, analisaremos as diferenças morfossintáticas atestadas nos sinais realizados com a apontação em libras, diferenciando suas funções, categorias e contextos sintáticos nos quais aparecem. Primeiramente apresentarei os sinais realizados com a apontação que não são sincréticos, aqueles que possuem composição morfofonológica distinta dos outros sinais

realizados com a mesma configuração de mão (IX). Logo após, apresento os sinais de apontação sincréticos, ou seja, aqueles cujas categorias não se distinguem morfofonologicamente, mas somente na sintaxe.

Em libras, as funções realizadas com a apontação IX que possuem formas não-sincréticas são as adverbiais e a demonstrativa em contextos não-gramaticalizados. Já as funções de pronome pessoal, demonstrativos gramaticalizados e artigo definido são morfologicamente sincréticas. Explicarei cada uma a seguir.

4.8.1 Formas não-sincréticas

4.8.1.1 Função demonstrativa não-gramaticalizada da apontação

No contexto real de demonstração, a apontação em libras assume a forma de um gesto com configuração de mão alongada. Diferentemente das apontações gramaticalizadas, esse tipo de apontação sempre possui duração mais longa, se comparado a todas as apontações gramaticalizadas.

Essa apontação se difere das outras pois no uso em contextos reais de fala, esse é o único uso no qual os braços podem ficar completamente estendidos para alcançar o objeto que está se tentando alcançar com a apontação, como em (13), repetido aqui como (15).

(15) *Situação: Numa galeria de arte, há um quadro do Van Gogh:*

A: <IX>_{apontando-ostensivamente-para-o-quadro} BONITO

‘Este/esse/?#o quadro é bonito’

Essa extensão completa do braço não é observada em nenhum dos outros tipos de apontação, como vemos nos círculos amarelos na figura 4.11 abaixo, numa situação de conversação real em libras. Este tipo de apontação é análogo as apontações absolutas observadas em LS de zonas rurais nas quais as apontações gramaticalizadas (arbitrárias) nunca são utilizadas como na LS de Kata Kolok (MARSAJA, 2008; DE VOS, 2012). Nesta língua, a apontação sempre toma como ponto de referência a localização geográfica real do referente ou algum espaço que sirva como ponto de referência para alcançá-lo, ou seja, essas apontações não estão previstas pelo sistema linguístico.

Figura 4.11. Uso de apontações demonstrativas não-gramaticalizadas/apontações absolutas



Fonte: Elaboração própria

De Vos (2012) explica que enquanto as apontações absolutas se baseiam em informações extralinguísticas, no contexto situacional, as apontações gramaticalizadas utilizam informações endoforicamente disponíveis no contexto discursivo pelo uso do espaço de sinalização para resolver a questão da referência.

O significado da apontação demonstrativa não-gramaticalizada depende inteiramente do referente apontado, e nunca dos morfemas espaciais. Portanto, quando esse tipo de apontação ocorre dentro de uma sentença em libras, geralmente se observa: 1. a quebra prosódica da sentença para se destacar o elemento apontado e 2. o acompanhamento obrigatório do olhar e do corpo para o elemento para o qual se deseja chamar a atenção do interlocutor.

4.8.1.2 Função adverbial da apontação

Em ASL, a apontação IX pós-nominal é entendida como sendo um advérbio locativo e a IX pré-nominal como um artigo definido (MACLAUGHLIN, 1997), o que não pode ser automaticamente aplicado a libras. Enquanto na ASL os sinais IX_{adv} e IX pré-nominal são considerados como formas sincréticas (homófonas), na libras, por outro lado, nossa análise não permite analisá-los como elementos idênticos. Diferenças no movimento, orientação da palma

e restrições sintáticas nos permitem afirmar que temos uma categoria morfológicamente distinta de sinais de apontação.

A apontação adverbial (locativa) em libras pode ser analisada como ocorrendo no plano transversal (exemplo abaixo), um plano localizado perpendicularmente ao plano horizontal, aquele dos morfemas espaciais de pessoa que apresentamos na figura 4.3, e na letra a da figura 4.10. E que ao invés de dividir o corpo em espaços inferiores e superiores, como os planos transversais típicos, seria um plano inclinado, e dividiria o corpo em inferior descendente, como no caso do pronome “ALI” e superior ascendente como no pronome “LÁ”, nos exemplos em (16). Por isso, a configuração de mão nos sinais adverbiais em libras é sempre inclinada, mas não em outras apontações.

(16)

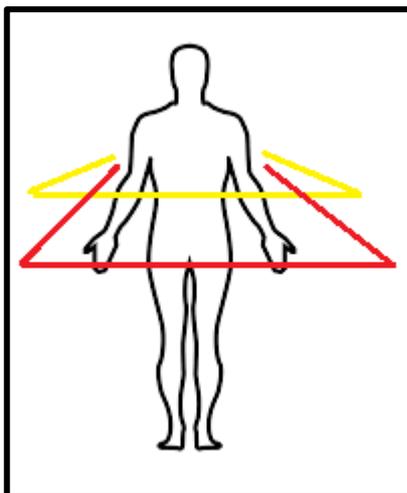


(Dicionário de Libras – ACESSO-BRASIL, 2018)

A diferença entre os planos horizontal (linha amarela) e transversal inclinado (linha vermelha) estão representados no diagrama abaixo na figura 4.12.

Perceba que os advérbios em (16) podem ser gradados em relação à distância do falante, por isso, os sinais para “ALI” e “LÁ” que representam, respectivamente, distâncias proximais e distais dos falantes tomam como base o sinal de “AQUI” que seleciona o ponto mais baixo no plano inclinado na figura 4.12. As línguas diferem no que se refere à codificação das distâncias representadas nos seus paradigmas adverbiais, que podem ser diádicos como no inglês, na qual *‘here’* se opõem exclusivamente a *‘there’*, ou como no PB que temos um paradigma triádico, codificando pelo menos três distâncias no paradigma adverbial, como em *‘aqui’*, *‘ai’* e *‘lá’*. Nesse sentido, as LSs parecem apresentar possibilidades de gradação muito mais variáveis do que essa exposição nos permite explorar.

Figura 4.12. Diagrama do plano transversal (vermelho) vs plano horizontal (amarelo)



Fonte: Elaboração própria

MacLaughlin (1997) assume que os únicos sinais de apontação que podem ser modulados para carregar a noção de distância do referente é a apontação pós-nominal. No entanto, nenhum exemplo é fornecido no texto da autora de como alguma modulação na IX pré-nominal tornaria o DP em questão agramatical, dado que IX pré-nominal não pode ser um advérbio em ASL. Na libras, o sinal adverbial ‘LÁ’ além de ser distinto de IX pré-nominal, pode ocorrer tanto pré como pós nominalmente, como nos exemplos abaixo em (17) e (18). Em (17) e (18) os círculos amarelos confirmam que a forma morfológica do sinal adverbial ‘LÁ’ em libras é idêntica tanto na posição pré ou pós-nominal, apontando para cima, e os retângulos amarelo e vermelho em (18) mostram a anotação sintática na tela do ELAN da ocorrência de dois DPs seguidos de IX_{adv}.

(17) MOTIVO LÁ “SINAL-DA-INSTITUIÇÃO” FALTA RESPEITO
 ‘Porque a instituição x lá falta com respeito...’



(18) _____ ipsilateral
 IX-1.sg SEMPRE LADO-A-LADO ESCOLA IX.ADV(lá)
 _____ contralateral
 I-A-T-E-L IX.ADV(lá) ESCOLA INCLUSÃO LADO-A-LADO
 ‘Eu sempre frequentei duas escolas: a “especial” e a escola inclusiva’

The screenshot shows a video player with a video of two people in a studio. The interface includes a timeline, volume controls, and a subtitle track. A yellow box highlights the word 'ESCOLA' and a red box highlights 'INCLUSÃO' in the subtitle track.

Time	Text
00:00:27.000	ESCOLA
00:00:27.000	INCLUSÃO

Pfau (2011) aponta que várias LSs já apresentam mudanças na orientação, no movimento (tamanho da trajetória e tensão) e nas marcas não-manuais para especificar as funções das apontações, um sinal de que as apontações a despeito da natureza gestual são gradativamente incorporadas ao sistema linguístico e sofrem modificações.

Mas, de onde viria a interpretação adverbial de IX pós-nominal em ASL quando a apontação não apresenta nenhuma modulação, como no exemplo clássico em (19) abaixo? Como saber a que categoria esse sinal pertenceria caso nenhuma alteração morfológica fosse atestada⁶⁰? A interpretação adverbial do IX pós-nominal nas análises em ASL vem em grande parte dos traços (semânticos) do nome que estão ‘ensanduichados’ pelas apontações. A maioria dos exemplos contidos nos textos da ASL traz referentes como “HOMEM”, “CASA”, “CACHORRO”, nomes que, na maioria dos casos, se assume que devem estar posicionados em algum lugar, ou ainda pelos traços locativos explícitos que carregam nomes como “CASA”.

⁶⁰ A proposta de MacLaughlin (1997) é complexa em termos aquisicionais, pois, para saber que IX pré-nominal não pode ser um advérbio, ela necessariamente deve ter alguma sinalização no *input* da ocorrência da modificação para distâncias exclusivamente com IX pós-nominal, mas nunca com pré-nominal. Como assume o próprio Bahan (1996, p. 286) nesta citação: “The confounding factor in ASL is that the determiner and the adverbial are homophonous, which has made it difficult to distinguish between them”.

Nesse sentido, a libras se comporta de forma distinta da ASL e a análise de MacLaughlin (1997) não nos parece consistente em relação aos itens adverbiais. Por esse motivo, nesta tese, IX pós-nominal não é diretamente analisada como um advérbio, pois se olharmos exemplos da libras como em (20), nos quais o referente que ocorre com a apontação pós-nominal é o sinal da língua portuguesa “PORTUGUÊS”, neste caso, a leitura adverbial não é óbvia, senão impossível.

(19) IX MAN IX

‘the/that man over there’

ASL (BKMN, 1995)

(20)



(dados espontâneos da internet)

PORTUGUÊS-a IX-a DIFÍCIL APRENDER

‘O Português (*aqui/*ali/*lá) é difícil de aprender’

Das 10.640 entradas lexicais já anotadas do Corpus da Libras da UFSC, 917 são sinais envolvendo a configuração de mão IX o que representa cerca de 10% do total de sinais⁶¹. Dentre os 917 sinais de apontação IX, se somarmos os sinais glosados como IX(lá), DEM(lá) e DEM(aquele) que apresentam formas idênticas no Corpus, somam-se 37 sinais que possuem formas exclusivas e distintas dos outros tipos de apontação. Os números podem ser confirmados nas figuras abaixo, o que indica que esses sinais não são considerados idênticos às outras formas de IX.

⁶¹ A variedade nas glosas das anotações complexifica as buscas por números mais exatos.

Figura 4.13. Percentual dos sinais de IX no Corpus (do autor)

Percentage	Count	Annotation
33,26%	288	IX(eu)
21,71%	188	IX(ele)
13,16%	114	IX(então)
10,85%	94	IX(você)
1,50%	13	IX(todos)
1,39%	12	E(deixar)
1,27%	11	IX(eles)
1,04%	9	DEIXAR
1,04%	9	IX(indicador)
1,04%	9	IX(médio)
0,92%	8	IX(nós)
0,69%	6	IX(orelha)
0,58%	5	IX(lá)

Fonte: Elaboração própria

Figura 4.14. Percentual dos sinais realizados com a apontação IX, glosados como DEM (lá)

Percentage	Count	Annotation
33,33%	30	DEM(lá)
15,56%	14	DEM(aqui)
2,22%	2	DEM(aquele)
2,22%	2	DEM(esse)

Fonte: Elaboração própria

4.8.2 Formas Sincréticas

Os sinais de apontação descritos a seguir são homófonos na forma de citação, e a depender do contexto sintático, podem sofrer ou não alterações prosódicas específicas. Nesta seção analiso e proponho a seguinte categorização para os sinais de IX: IX_{det} pré-nominal como um artigo definido, IX_{dem} pós-nominal como um demonstrativo gramaticalizado e IX_{pro} que ocorre junto aos verbos como pronomes pessoais.

4.8.2.1 Função demonstrativa gramaticalizada da apontação

Na literatura sobre gramaticalização, geralmente, os itens que funcionam como marcas gramaticais de classe fechada são aqueles que se desenvolveram a partir de itens lexicais, ou palavras de conteúdo (HOPPER & TRAUGOTT, 1993). No entanto, apesar da existência de uma vasta literatura sobre os demonstrativos, suas origens são tão antigas que não há evidências de palavras mais antigas que estas. Diessel (2006) associa o uso da função demonstrativa ao

próprio surgimento da linguagem humana, por isso, não se tem registros evolutivos dessa classe de palavras.

Para além de convocar a atenção do interlocutor para entidades concretas no contexto real de fala, os demonstrativos também servem para ligar a referência de elementos linguísticos no discurso.

Diessel (2006) argumenta que os demonstrativos se constituem como uma fonte para o desenvolvimento de vários marcadores gramaticais, como artigos definidos, pronomes relativos e de terceira pessoa, complementizadores, conjunções e outros. Contudo, a categoria que se origina com mais frequência dos demonstrativos são os artigos definidos.

Diessel (2006) argumenta que os demonstrativos que se gramaticalizam como artigos ficam limitados à referência interna ao texto, essa noção será útil para o conceito de demonstrativo que assumo nesta tese. Além disso, os artigos adquirem novos usos para os quais a função ‘referencial’ fica subentendida. Uma outra inovação é o uso com *singletons*, ou nomes de referência única como em *O sol* ou *A lua*, nos quais o uso é requerido ou licenciado em muitas línguas, mesmo que os referentes não tenham sido mencionados anteriormente no discurso.

O demonstrativo para Diessel (2006) é definido pela possibilidade de indicar o local de um referente relativo a um centro dêitico, o que corresponderia ao uso menos gramatical, ou ainda, a categoria é utilizada para coordenar a atenção conjunta dos interlocutores no discurso, o que remete ao uso mais gramaticalizado da classe.

A partir das características apontadas para a classe demonstrativa acima, entendo que a IX pós-nominal é mais bem analisada como um demonstrativo em libras. Muitas vezes, uma tradução literal para o português pode enviesar o que significa ser um demonstrativo na LS, lembrando ao leitor que todos os sinais de apontação em LS tem origem demonstrativa, por isso a tendência de analisar todas as apontações como demonstrativos. No entanto, o comportamento sintático-semântico dos itens nos leva a assumir essa categorização.

Sintaticamente, na libras, ambos IX pré e pós-nominal podem exibir flexão para número. Outra propriedade morfossintática de IX pós-nominal é a concordância espacial obrigatória com o *locus* onde o nome antecedente é **realizado ou localizado**⁶², como nos DPs em (21): observe que se o sinal foi realizado num *locus* arbitrário *-a*, IX não pode apontar de volta para

⁶² Sinais ancorados só podem ser localizados no espaço com o auxílio da apontação, no entanto, aqui, independentemente do *locus* atribuído ao sinal ser de ordem fonológica, concernente a sua realização, ou sintática, pela atribuição de um *locus* no espaço, IX pós-nominal sempre deve apontar para o mesmo ponto de realização ou localização do sinal. No exemplo em 33(b) abaixo, o item SEXO não é localizado na bochecha, mas é realizado por ela, como um ponto de articulação.

um ponto *-b*, pois essa discordância torna essa construção agramatical. Essa concordância espacial não é obrigatória para o IX pré-nominal como se atesta nos DPs em (22). O exemplo em (23) evidencia o padrão em (21) no qual o IX pós-nominal deve apontar para o *locus* do DP precedente (ESCOLA BILÍNGUE), já em (24) atestamos o padrão em (22), pois o IX no círculo amarelo não aponta obrigatoriamente para o nome subsequente realizado na região temporal (testa) (HISTÓRIA).

Alguém ainda poderia questionar por que IX pós-nominal não poderia ser um advérbio locativo em (23), no entanto, como mostrei na seção 3.8.1.2, a apontação adverbial em libras é distinta da que estamos analisando aqui. Na tradução para o PB, não haveria nenhum problema de se traduzir o DP em (23) como sendo ‘a escola bilíngue lá’, mas como essas apontações não são sincréticas em libras, IX pós-nominal é analisado como um demonstrativo, e a tradução mais aproximada para o PB é a disponível em (23).

(21) a. CASA-a IX-a/*b (nome não ancorado)

‘Esta casa’

b. PORTUGUÊS-a IX-a/*b (nome ancorado)

‘O português est@ (língua)⁶³’

(imagem deste exemplo anteriormente em (20))

(22) a. IX.SG-(a) CASA-a_(espaço neutro) (nome não ancorado)

‘A casa’

b. IX.SG-(a) SEXO-a_(bochecha) (sinal não manual)

‘O sexo’

(23) SE EU FUTURO CONSEGUIR 1 EMPRESA ESCOLA BILÍNGUE-a IX-a
 ‘Se no futuro eu tiver uma empresa, do tipo escola bilíngue (tipo isto)⁶⁴’



(dados coleta – teste 2)

⁶³ Como disse acima, uma tradução para o PB do efeito demonstrativo da apontação pós-nominal nem sempre é possível, o que não invalida o elemento como sendo pertencente à esta categoria.

⁶⁴ Pela complexidade de se encontrar equivalentes para descrever a contribuição semântica de IX pós-nominal é que em trabalho anterior, Almeida-Silva; Taveira da Cruz & Paraguassu-Martins (no prelo) analisamos esta apontação como um recurso enfático, e não propriamente um demonstrativo.

(24) CELEBRAR/COMEMORAR IX.SG HISTÓRIA PASSADA
 ‘Celebrar a/*esta história do passado’



(dados naturalísticos – vídeos da internet)

Recentemente, Koulidobrova & Lillo-Martin (2016) afirmam que IX pré-nominal não pode ser um artigo em ASL, mas seria mais bem analisado como um demonstrativo, tendo como principais alegações, os fatos semânticos que discuto e analiso a seguir.

1. Nowak (2013) observa que NPs com um artigo definido podem ter uma leitura tanto referencial, aquela que captura um indivíduo, como quantificacional, aquela existencial e que pode capturar qualquer indivíduo recuperável no contexto. Em ASL, nomes precedidos de IX, só tem a leitura demonstrativa, mas não a de artigo como em (26). Embora Koulidobrova & Lillo-Martin não mencionem as IX pós-nominais, a libras parece apresentar as mesmas interpretações que a ASL para este teste especificamente com IX pré-nominal, o que não invalida que em outros contextos, IX pré-nominal possa ter ambas as leituras, como é esperado para o artigo definido. Uma explicação para a possibilidade de IX pré-nominal ainda responder como um demonstrativo em libras é que a IX pré-nominal ainda estaria em gramaticalização, e no processo de decategorização e *bleaching* semântico, muitas vezes o sinal ainda carrega a força dos traços dêiticos que lhe deram origem.

(25) ASL: IX PERSON RED SHIRT TEND WIN (referencial/*quantificacional)

Libras: IX PESSOA CAMISA VERMELHA SEMPRESEMPRE GANHAR
 (referencial/?*quantificacional)

‘A/Esta pessoa de camisa vermelha vai vencer’

2. Nas línguas em geral, nomes de referência única (unicidade global) não podem ocorrer com demonstrativos, mas somente artigos são permitidos. Em ASL, novamente a IX

pré-nominal responde como um demonstrativo, uma vez que a IX pré-nominal é agramatical nesses contextos (26a). Aqui, a libras já apresenta um comportamento distinto. Como veremos nos resultados do teste 5 no próximo capítulo, IX pré-nominal é gramatical antecedendo nomes de referência única. Temos o contraste em (26b) abaixo:

- (26) a. **ASL:** (*IX) POPE RETIRE
 ‘(*Este) Papa se aposentou’
 b. **Libras:** (IX) XUXA FAMOSA
 ‘A Xuxa é famosa’

Contudo, outros comportamentos semânticos nos dizem que IX pré-nominal não é um demonstrativo, mas IX pós-nominal seria melhor analisado como um. Em sentenças como (24) acima repetida aqui como (27), segundo os nossos participantes, essa apontação nunca é interpretada como demonstrativo⁶⁵. Na sentença em (23) repetida aqui como (28), vemos que o DP indefinido encabeçado pelo numeral UM não bloqueia a ocorrência de IX pós-nominal⁶⁶, o que indica que IX pós-nominal pode, mas não necessariamente obriga a leitura definida, como IX pré-nominal no contraste exibido em (29).

- (27) CELEBRAR/COMEMORAR [IX.SG HISTÓRIA PASSADO]_{DP}
 ‘Celebrar a/*esta história do passado’

- (28) SE EU FUTURO CONSEGUIR [1 EMPRESA ESCOLA BILÍNGUE-a IX-a]_{DP}
 ‘Se no futuro eu tiver uma empresa, do tipo escola bilíngue (tipo isto)’

- (29) a. *EU COMPRAR [IX CASA 1]
 b. *EU COMPRAR [IX 1 CASA]
 c. EU COMPRAR [1 CASA-a IX-a]

Por último, se IX pré nominal fosse um demonstrativo como afirmam Koulidobrova & Lillo-Martin (2016), um dos usos esperados é que eles possam se combinar livremente com expressões adverbiais de tempo, como ‘Esta manhã’ ou ‘Aquele dia’; no entanto a sentença em (30a) é agramatical. Todavia, a sentença em (30b) com IX pós-nominal apontado para a

⁶⁵ Estou ciente de que o nome abstrato “história” pode ter uma influência na leitura de artigo, e nomes contáveis talvez facilitem a leitura demonstrativa. No entanto, o contexto que viabiliza a gramaticalização, seja ele de nomes massivos ou contáveis, não tem relação com a mudança categorial do item já instalada ou em processo.

⁶⁶ Cf. Ionin (2006) e von Heusinger (2011) para exemplos de determinantes demonstrativos indefinidos.

expressão adverbial de tempo que o precede é gramatical, embora possua uma leitura ligeiramente distinta da leitura com o demonstrativo em LOs, que é a leitura perfectiva como em (b'), mas a leitura em libras é a em (b''). Portanto, este teste nos diz que não podemos tratar as categorias de LOs e comparar com as das LSs descartando os efeitos específicos da modalidade na qual a língua é produzida e as diferenças gramaticais existentes.

(30) LIBRAS:

a. (*IX) MANHÃ EU IR MÉDICO

b. MANHÃ-a (IX-a) EU IR MÉDICO

#b' = 'Esta manhã eu fui ao médico.'

^{ok}b'' = 'Manhã (é neste período que) vou ao médico.'

Outras duas características morfossintáticas que percebemos nos dados coletados e que separam IX pré-nominal de IX pós-nominal na libras são: *i.* IX pós-nominal pode receber acento, ênfase, ser alongado e repetido, enquanto IX pré-nominal não permite estas modificações; e *ii.* IX pré-nominal deve apontar somente para o espaço lateral no plano horizontal, mas não pode apontar no plano horizontal inclinado, aquele dos advérbios locativos, enquanto IX pós-nominal pode utilizar ambos os espaços.

4.8.2.2 Função pronominal da apontação

Tipologicamente, há muitas línguas nas quais a forma do demonstrativo é idêntica ao do pronome de 3ª pessoa, ou seja, a divisão entre as duas categorias é fluida, porque embora ambas possam ter função anafórica, a função básica do demonstrativo é a dêitica. Do mesmo modo, há línguas que tem como origem para os pronomes de 3ª pessoa e dos artigos definidos, a classe dos demonstrativos.

Assumindo a existência dos morfemas espaciais de pessoa (seção 4.5) e a análise dos pronomes pessoais em libras como sendo unidades multimorfêmicas “*IX+morfema.espacial*”, a libras possui a distinção das 3 pessoas pronominais. A única apontação homófona com o demonstrativo gramaticalizado (IX pós-nominal) e com o artigo definido (IX pré-nominal) é o pronome de 3ª pessoa (IX-3), e, neste caso, a categoria dos elementos é definida pela posição sintática, que deve ser fixa.

Quando IX-3 aparece na sentença saturando a grade argumental do verbo como em (31) na ausência de um N, a interpretação imediata é a de um pronome pessoal. No entanto, quando

IX-3 aparece antecedendo um nome, analisamos esta apontação exclusivamente como um artigo, como exporemos na próxima seção.

(31)



FALAR IX-3 ENSINAR LIBRAS
'Foi falado que ele ensina libras'

(dados espontâneos – coleta internet)

4.8.2.2.1 Sobre o uso possessivo das formas pronominais

Trago aqui para a discussão dois casos nos quais as apontações que definimos como demonstrativos gramaticalizados e artigos funcionam como um possessivo. Em libras e em várias LSs, é comum o uso das formas pronominais para veicular posse. Embora a libras empregue configurações de mão distintas para os seus pronomes possessivos, os sinais de IX também podem ser utilizados como possessivos, como nos exemplos em (33).

A leitura de posse é mais direta com os pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa, como em (32) e (33) respectivamente. Contudo, como resultado da mudança provavelmente sofrida pelo pronome de 3ª pessoa para os usos como artigo e demonstrativos gramaticalizados em libras, a leitura de posse nem sempre é clara com a 3ª pessoa, evidenciado pelo contraste em (35), pois nos contextos *'out-of-the-blue'* a interpretação preferencial de IX-3.sg pré-nominal é como um artigo definido. No entanto, como em contexto anafórico a função pronominal é mais saliente, a interpretação preferencial é a possessiva.

(32) *Pronome 1ª pessoa*

[IX-1 HISTÓRIA PASSADO]

‘Minha história do passado’

(33) *Pronome 2ª pessoa*

[IX-1] ESQUECER [IX-2 NOME] DESCULPAR

‘Eu esqueci seu/teu nome, desculpa!’

(34) *Pronome 3ª pessoa*

- *Contexto ‘out-of-the-blue’*

[IX-3.SG VOVO] SABER LIBRAS

- ‘A vovó sabe libras’
- ? ‘A vó dela sabe libras’

(dados da entrevista)

- *Contexto anafórico*

A: IX-1 AMIGO 3-FALAR-1 AMANHÃ FESTA FAMÍLIA

‘Meu amigo me falou que amanhã tem uma festa com a família (dele)’

B: [IX-3.SG FAMÍLIA] SABER LIBRAS?

- ‘A família dele saber libras?’
- ‘A família sabe libras?’

A: NÃO-SABER CERTO

‘Não tenho certeza!’

(dados da entrevista)

A mesma interpretação dual entre possessivo e artigo definido também vale para a IX pós-nominal. Note que nos contextos anafóricos a seguir, tanto o IX pré-nominal em (35), como o IX pós-nominal (36) tem leitura preferencial de posse por retomarem algum referente mencionado. Em (36), a leitura anafórica é licenciada por *bridging*, assumindo que qualquer criança deve estar contida numa família. O fato de o elemento ter a leitura possessiva em alguns

contextos não invalida nossa análise de que IX pré-nominal seja de fato um artigo definido e IX pós-nominal um demonstrativo gramaticalizado.

(35)



SE EU CHEFE EMPRESA PRECISAR SABER CONHECER [ÁREA IX.SG EMPRESA QUAL]⁶⁷

‘Se eu fosse chefe de empresa, precisaria saber e ter conhecimento sobre qual fosse a área da empresa.’

(36) [ALGUNS SURDO CRIANÇA -a IX-a] (,) [FAMÍLIA-a IX.PL-a] SABE ESCREVER PORTUGUÊS BOM

“Algumas crianças surdas, as famílias (delas) escrevem bem em português”

(Dados primários- vídeo internet)

Sumarizando, podemos ter a seguinte interação entre o contexto e a ordem das apontações:

Quadro 4.2. Funções das apontações: ordem de IX vs contexto discursivo

		FUNÇÕES	
		Contextos novos	Contextos anafóricos
ITEM LEXICAL	IX-3 _{art} pré-nominal	1.Artigo definido	1.Artigo definido 2.Pronome possessivo
	IX-3 _{dem} pós-nominal	1.Demonstrativo gramaticalizado	1.Demonstrativo gramaticalizado 2.Pronome possessivo
	IX-3 _{pro} pré e pós-verbal	1.Pronome pessoal	1.Pronome pessoal

Fonte: Elaboração própria

⁶⁷ Aqui temos um caso interessante pois a apontação deve ser considerada como pré-nominal mesmo ocorrendo entre dois nomes, pois em libras, IX pós-nominal sempre aponta para o nome pré-estabelecido, e neste caso, a apontação codificando a referência do nome EMPRESA. Outra observação é a de que quando o sinal EMPRESA foi realizado na primeira menção, ele encontra-se no espaço neutro e como nome nu, mas é retomado com a apontação lateral. Aqui há um campo de investigações por ser feito, para avaliar os efeitos de se ter nomes em áreas específicas ou no espaço neutro sendo retomados pela apontação.

4.8.2.3 Função de artigo da apontação em libras

A partir de exemplos nos quais provavelmente o pronome de 3ª pessoa ocorre antes do nome, ativando a área lateral responsável por codificar a definitude nas LS (seção 4.5.1), é que sugerimos a existência de um artigo definido na libras.

No exemplo em (37), IX-3.pl, similarmente ao exemplo em (24) com IX-3.sg, precedem um nome na libras, sendo interpretados unicamente como artigos definidos, mas nunca como demonstrativos.

(37)



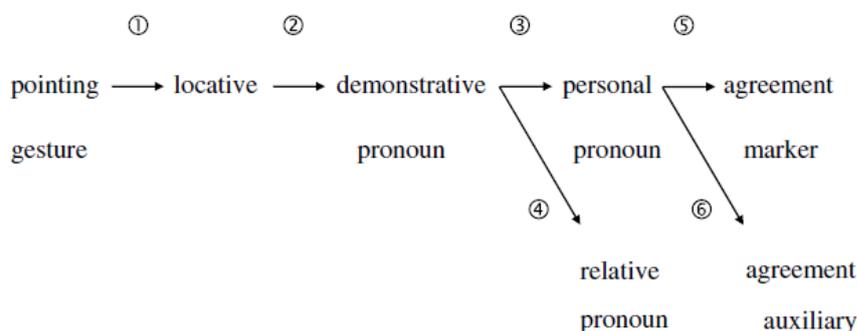
EU ENSINAR PREJUDICAR [IX-3.PL SURDO] NÃO
 ‘Eu não ensino para prejudicar os/*estes surdos não’

(dados espontâneos – coleta internet)

Para comprovar se, de fato, IX pré-nominal é um artigo definido na libras, efetuaresmos no próximo capítulo experimentos que comprovem que este item para as propriedades relacionadas à definitude.

Considerando o *continuum* de gramaticalização proposto por Pfau & Steinbach (2006) para os sinais indexicais nas LS (figura 2.4 do capítulo 2 repetida aqui como figura 4.15) apresentarei evidências de que o artigo definido em libras possa ter-se gramaticalizado a partir do pronome de 3ª pessoa singular e plural, mas não de outras funções da apontação, já que as outras formas apresentam características morfológicas e sintáticas distintas dos sinais que funcionam como artigos. Ou seja, os pronomes pessoais em libras estariam na etapa 3 do processo de gramaticalização, e ao sofrer a mudança categorial para artigo definido, o item teria atingido a etapa 5 na escala proposta, dado que o artigo é um marcador de concordância no DP.

Figura 4.15. Rota de gramaticalização sugerida para sinais de apontação nas LSs



Fonte: PFAU & STEINBACH (2006, p. 333).

4.9 PROBLEMATIZANDO A APONTAÇÃO

Nesta seção trago uma problematização para a ocorrência de apontações em libras, considerando o fenômeno da coordenação em LS. Não há descrições na literatura sobre como a libras realiza sintagmas coordenados. O fenômeno da coordenação é relevante para a problematização que faço aqui uma vez que tanto nomes nus, como nomes precedidos da apontação podem ser coordenados em libras. E o fenômeno da coordenação explora o contraste entre os espaços laterais, os mesmos que estamos atribuindo à leitura definida dos nomes.

Zorzi (2018a, b) explica que a principal maneira como a coordenação é expressa em LSC é assindeticamente. Por isso, na ausência de uma conjunção, o uso de MNMs entram em cena para demarcar os limites entre as unidades sintáticas que estão sendo coordenadas. Entre as MNMs utilizadas estão a ‘inclinação da cabeça’ e a ‘mudança na posição do tronco para os espaços laterais’. Zorzi (2018) afirma que o contraste entre os espaços ipsi- e contralaterais é fundamental para se estabelecer a coordenação. Ou seja, não é possível coordenar duas estruturas sintáticas em LS sinalizando ambos conjuntos no espaço neutro. Como vemos no exemplo da autora em (38) a seguir, o primeiro TP deve ser sinalizado no espaço contralateral, em contraste como segundo TP, que deve ser sinalizado no espaço ipsilateral. Observe que o espraiamento das MNMs se estende dentro dos limites das unidades sintáticas.

(38)

$$\frac{\text{re}}{\text{hl+bl contral.}} \quad \frac{\text{re}}{\text{hl+bl ipsil.}} \quad \frac{\text{re}}{\text{RIGHT?}}$$
 MARINA WIN JORDI LOSE RIGHT?

‘Marina won and Jordi lost, right?’

‘A Marina venceu e o Jordi perdeu, não foi?’

LSC (ZORZI, 2018a, p. 135)

Tendo em vista que a coordenação envolve o posicionamento dos referentes (no caso de DPs), ou sentenças (no caso de TPs) nas regiões laterais opostas, o uso de apontações junto aos DPs nos leva a pensar que sempre teremos a interpretação demonstrativa, e nunca a definida. Mostraremos a seguir que isso não se sustenta para a análise que faço da libras.

Em (39) temos um caso de coordenação de dois DPs na libras, e em (40), um caso onde mais de dois DPs objetos são coordenados.

(39) _____ipsilateral _____contralateral
 ØHOMEM ØMULHER DIREITOS IGUAIS
 ‘Homens e mulheres tem direitos iguais’

(40) _____ipsilateral _____contralateral _____ipsilateral
 EU IR FEIRA COMPRAR ØBANANA ØMAÇÃ ØTOMATE
 ‘Eu fui à feira e comprei banana, maçã e tomate.’

No geral, os sinalizantes não aceitam nomes nus realizados numa mesma área. Se isso ocorre, o sinalizante pode (em algum contexto) presumir que os referentes estavam juntos no mesmo evento, mas nunca como elementos coordenados, isso vale para dois (41) ou mais itens apresentados (42).

(41) _____ipsilateral _____ipsilateral
 #* HOMEM MULHER DIREITOS IGUAIS
 ‘Homens e mulheres (que estavam juntos no espaço?) tem direitos iguais’

(42) _____ipsilateral _____ipsilateral _____ipsilateral
 #* EU IR FEIRA COMPRAR BANANA MAÇÃ TOMATE
 ‘Eu fui à feira e comprei banana, maçã e tomate (um *kit* de frutas?).’

Em libras, é comum os surdos utilizarem os sinais de IX para coordenar os nomes no espaço, como em (43). A leitura de IX nestes casos de coordenação parece ser demonstrativa, mas não é, e somente decorreria do fato que se está coordenando (contrastando), no espaço, os elementos que estão posicionados à direita em oposição aos da esquerda. Esta observação se confirma na interpretação das sentenças em (43)-(45), pois a leitura demonstrativa não é licenciada.

Segundo o *Parallel Structure Constraint* (restrição das estruturas paralelas, tradução minha) proposto por Lang (1987), numa estrutura de coordenação “os conjuntos coordenados

devem ter uma estrutura sintática, semântica e prosódica paralela”, por isso, só se pode coordenar estruturas sintáticas idênticas.

Em (44), então, a possibilidade de se coordenar um nome precedido de IX com um nome nu posicionado contralateralmente evidencia que se trata de dois DPs. Contudo, se o segundo nome não for localizado contralateralmente e for realizado no espaço neutro (45), como não há mais coordenação de dois DPs, a leitura agora é a de que ‘ser intérprete’ é uma propriedade adicional do grupo de professores, e esta é a mesma leitura que se tem no PB para sentenças como “A juíza e professora entrou na sala” *versus* “A juíza e a professora entraram na sala”. Novamente, em nenhum destes casos a leitura demonstrativa é permitida.

(43) _____ipsilateral _____contralateral
IX-3.PL PROFESSOR (TAMBÉM) IX-3.PL INTÉRPRETE
DIREITOS IGUAIS
‘Os/*estes professores e os/*estes intérpretes têm direitos iguais’

(44) _____ipsilateral _____contralateral
IX-3.PL PROFESSOR (TAMBÉM) Ø INTÉRPRETE DIREITOS
IGUAIS
‘Os/*estes professores e os/*estes intérpretes têm direitos iguais’

(45) _____ipsilateral _____neutro
IX-3.PL PROFESSOR (TAMBÉM) Ø INTÉRPRETE DIREITOS
APOSENTAR
‘Os/*estes professores e (também) intérpretes têm direitos à aposentadoria’

Verificamos também que nos casos em que quaisquer que sejam as categorias da IX do primeiro elemento coordenado, mesmo no caso de elipse nominal (*gapping*) do segundo elemento, a interpretação é a mesma do elemento no primeiro conjunto⁶⁸.

(46) _____ipsilateral _____contralateral
IX-3.PL PROFESSOR LIBRAS (TAMBÉM) IX-3.SG MATEMÁTICA FALTAR
HOJE.
‘Os/*estes professores de libras e o/*este ~~professores~~ de matemática faltaram hoje’

(47) _____ipsilateral _____contralateral
CASA IX-3.PL FORTE IX-3.PL FRACO
‘Estas casas são fortes, estas/aquelas são fracas’

⁶⁸ Este exemplo foi amplamente debatido com nossos participantes, pois os mesmos afirmam que sentenças deste tipo não são comuns em proferimentos naturalísticos, mas que essa construção é possível em libras.

(51) _____^t
 HEAR-SAY a-IX RESTAURANT a-IX REALLY GOOD. FOOD ITALY. 1-IX
 NEVER TASTE . WANT EAT a-IX

OUVIR-DIZER a-IX RESTAURANT a-IX VERDADE BOM. COMIDA ITALIA. 1-IX
 NUNCA PROVAR. QUERO COMER a-IX.

‘Eu ouvi dizer que aquele restaurante alí é muito bom. A comida é italiana. Eu nunca provei. Eu quero comer {aquilo/lá}.

Koulidobrova & Lillo-Martin (2016, p. 244, tradução minha).

Fica evidenciado com esta exposição que a apontação em LS é um fenômeno de extrema sensibilidade que une a categoria do sinal de IX, definida pela ordem em libras, pelo contexto em que a apontação ocorre (sentenças-raízes, contextos anafóricos, estruturas de coordenação) e ainda que pode ter a leitura influenciada pelos traços semânticos do sinal apontado.

4.10 AS MARCAS NÃO-MANUAIS (MNM)

Quer & Pfau (2010) chamam atenção para o fato de que um dos ‘mitos’ criados sobre as LSs é o de que elas seriam realizadas inteiramente por sinais manuais. No entanto, pelo fato das LSs terem a sua disposição vários articuladores como as mãos, boca, rosto, olhar, posição do corpo, etc, faz com que simultaneamente aos sinais manuais, outras cadeias não manuais possam ser produzidas, por isso a denominação marca não-manual (MNM). As MNMs se definem como sendo as ações que são produzidas por outras partes do corpo que não sejam as mãos, por isso são análogas aos traços suprasegmentais (prosódicos) nas LOs (HERRMANN & STEINBACH, 2013).

Na libras, as marcas não-manuais podem ser utilizadas com valor **lexical**, nos casos de sinais que são realizados somente com a face como em (52a-b)⁶⁹; com valor **sintático** como em (53) nos casos de sentenças interrogativas (perceba que a ausência da MNM leva a agramaticalidade da sentença) e com valor exclusivamente **afetivo** (não gramatical) como em

⁶⁹ Note que na figura em escrita de sinais ao lado da glosa, não há nenhum sinal manual envolvido, somente expressões faciais. Os círculos indicam a face do sinalizador e as setas os movimentos realizados por certas regiões da face. No sinal em (52a) a bochecha é inflada duas vezes, e no sinal em (52b) a língua desliza pela face interna da bochecha até sair pela boca.

(54), já que a ausência da MNM não altera a gramaticalidade da sentença, e sua presença somente adiciona informação afetiva, não gramatical.

Geralmente as marcas não-manuais são glosadas com uma linha que se espalha sobre todo o domínio em que ela ocorre (_____MNMMNM).

(52)

a. SEXO 

b. ROUBO 

(53) *(_____wh)
WHO LIKE IX<the>MARY
'Quem gosta da Maria?'

LIBRAS (adaptado de QUADROS, 1999, p.192)

(54) (_____MNM: descontentamento)
IX-3.SG PASSAR PROVA
'Ele/a passou na prova (é uma pena)'

Nesta tese, um dos elementos que analisarei como sendo um artigo é um elemento de natureza prosódica, por isso, trago para a discussão casos da literatura em que as MNM podem assumir uma função que em outras línguas é realizada por um item lexical. São eles: *i.* a gramaticalização de MNM de tópico em ASL; *ii.* casos nos quais a MNM ocupa o núcleo de um sintagma, como na negação em algumas LSs; e *iii.* um exemplo de língua na qual a (in)definitude é marcada com tom, que analogamente às MNM nas LS é um elemento suprasegmental.

Janzen (1999) mostra que a marca de tópico na ASL (sobrancelhas elevadas – *raised*

eyebrows - RE)  ao invés de ter-se gramaticalizado de materiais lexicais como nomes e verbos, pode ter-se gramaticalizado a partir da estrutura pragmática e, à medida em que a construção se gramaticaliza, ela teria selecionado o material lexical no caminho da gramaticalização.

Janzen (1999), Pfau & Steinbach (2011) e Wilcox (2004) argumentam que, contrariamente às LOs, as LS de sinais podem gramaticalizar elementos de duas fontes, lexicais e gestuais: 1. Item lexical>item gramatical e 2. Gestos>item gramatical. Por isso, o caso da

gramaticalização da MNM de tópico em ASL é o caso em 2, no qual um elemento gestual, de uso pragmático, entra no sistema da LS com uma função gramatical.

A rota de gramaticalização proposta para a marca de tópico em ASL proposta por Janzen (1999) é a seguinte:

Figura 4.16. Rota de gramaticalização da marca de tópico em ASL

communicative	> conditionals
questioning > yes/no questions > topic constituents	
gesture	> connectives

Fonte: (JANZEN, 1999, p. 281)

Outro exemplo de como as MNM podem cumprir funções lexicais encontra-se em Pfau & Quer (2002). Analisando o fenômeno da negação, os autores evidenciam que todas as LS possuem um item manual (segmento) de negação (ex. em libras - figura 4.17) que pode ser acompanhado ou não do balanço de cabeça para os lados (suprasegmento) (figura 4.18). Os autores pontuam que, na maioria das LS, o sinal manual é opcional e somente a MNM é suficiente para negar uma proposição. Arroteia (2005) analisa a negação em libras e conclui que o núcleo da negação é ocupado pela MNM como na figura 4.17 e não pelo sinal manual da figura 4.18, dado que o uso da MNM de negação é obrigatório em sentenças negativas, mas não o sinal manual.

Figura 4.17. Sinal manual NÃO



Fonte: Dicionário de Libras - ACESSO-BRASIL, 2018

Figura 4.18. *Headshake* – movimento de cabeça negativo



Com isso, evidenciamos que funções gramaticais como a topicalização e a negação, que são realizadas nas LSs através das MNMs, são casos análogos aos das línguas que possuem itens lexicais específicos para essas funções, como é o caso da partícula *wa* em japonês (KURODA, 2005) e as palavras *não/num* em português, no caso da negação (DE SOUSA, 2015).

No que se refere à temática desta tese, há evidências na literatura, que itens suprasegmentais também podem ser determinantes. Parte desta ideia encontra abrigo na proposta de Simonenko (no prelo) que apresentamos no capítulo 2, quando afirma que há artigos ligados nas línguas naturais, ou seja, que tem sua realização presa a outros itens.

MacLaughlin (1997) mostra que a ASL possui MNMs ligadas à atribuição da (in)definitude do DP. Em ambos exemplos abaixo, na ausência de um determinante manual, a ASL emprega uma MNM para codificar a (in)definitude no DP, que deve se espriar sobre nome e seus modificadores, e não somente sobre o núcleo do DP, como se observa no contraste em (55) e (56).

(55)

$$\begin{array}{l} \text{eg}_i \\ \hline [\text{ OLD WOMAN }]_{\text{DP}_i} \text{ ENTER ROOM} \\ \text{'The/that old woman entered the room.'} \end{array}$$

$$\begin{array}{l} \text{eg}_i \\ * [\text{ OLD WOMAN }]_{\text{DP}_i} \text{ ENTER ROOM} \end{array}$$

(56)

indefinite gaze_i
 [OLD WOMAN]_{DP} ENTER ROOM
 ‘Some old woman entered the room.’

indefinite gaze_i
 * [OLD WOMAN]_{DP} ENTER ROOM

ASL (extraído de MACLAUGHLIN, 1997, p. 153)

Apesar de a autora analisar essas ocorrências como sendo casos de concordância da MNM dentro do DP, fica claro que se deve supor a existência de determinantes nulos em ASL com traços de diferentes sabores, definidos e indefinidos. Mas, a autora não desenvolve essa ideia em seu texto.

Diferentemente da ASL, na qual a MNM é tida como a expressão da concordância dentro do DP, há LOs que codificam a (in)definitude de seus DPs pelo espriamento de traços suprasegmentais, realizando a função de artigos.

Na língua orongo (VAN DE VELDE & AMBOUROUÉ, 2011), DPs indefinidos como em (57a) são codificados a partir de um tom alto na CODA silábica, enquanto o valor definido é codificado a partir de um tom grave (57b)⁷⁰.

(57)

a. myákóli náyó
 1SG.bought 9.house.ITP
 ‘I bought a house.’

‘Eu comprei uma casa’

b. myákóli náyò
 1SG.bought 9.house.DTP
 ‘I bought the house.’

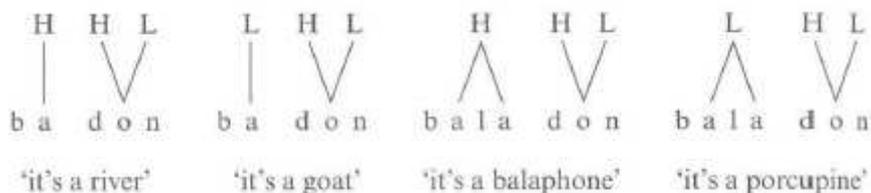
‘Eu comprei a casa’

Na língua bambara (CLEMENTS, 2000, p. 156) o contraste entre DPs definidos e indefinidos também se dá por diferenças tonais, pois os DPs indefinidos como nos exemplos em (58a) não possuem o tom L(grave) flutuante presente nos DPs definidos como em (58b).

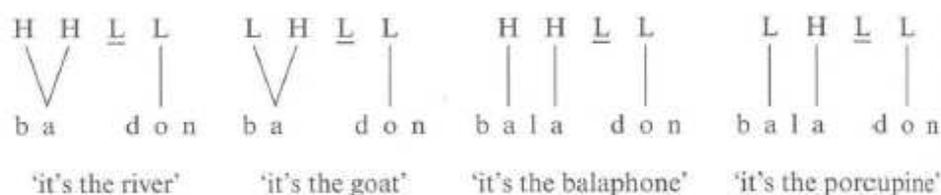
⁷⁰ Nota sobre a glosa: ITP=indefinite tone patterning e DTP=definite tone patterning.

(58)

a.

‘Isto é...um rio/um bode/um “*balaphone*”/um porco-espinho.’

b.

‘Isto é...o rio/o bode/o “*balaphone*”/o porco-espinho.’

Apesar de os autores não assumirem categorias explícitas para estes elementos, vimos que a exemplo dos artigos, a definitude pode ser codificada por alterações prosódicas em algumas línguas do mundo e que os elementos suprasegmentais, apesar de possuírem características afixais, podem funcionar como núcleos sintagmáticos.

Estas referências serão retomadas ao efetuarmos as análises dos DPs indefinidos não-específicos em libras, que como veremos no capítulo 5, possuem uma MNM dedicada à atribuição de especificidade na libras. Por enquanto, trouxemos evidências de que não somente os sinais manuais podem desempenhar funções lexicais e gramaticais, mas também as MNM (itens suprasegmentais).

4.11 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo foi feita uma análise detalhada sobre os sinais realizados por meio da apontação na libras, descrevendo as funções desempenhadas por estes itens na língua. Também foi feita uma exposição sobre as funções lexicais e gramaticais associadas às marcas não-manuais nas LSs.

Inicialmente mostrei como a dêixis é um fenômeno que está disponível na estrutura subjacente de muitos itens lexicais das LOs e qual sua possível relação com a apontação. Vimos que enquanto as LOs empreendem itens arbitrários para veicular conteúdos dêiticos como os pronomes demonstrativos, os pronomes pessoais e os artigos, as LSs o fazem através da apontação ostensiva com o indicador.

Vimos que a apontação é um dos fenômenos mais comuns nas LSs e corresponde a grande parte dos sinais veiculados nos proferimentos. Dada essa profusão de usos da apontação nas LS, se colocou uma questão sobre se seria possível estabelecer uma distinção categorial entre todos os itens que utilizam a apontação em libras.

Começamos nossa análise distinguindo a apontação com o indicador dos demais tipos de apontação e trouxemos referências teóricas como evidência para tal refinamento da análise. Além disso, argumentei que a apontação não ocorre como um fenômeno isolado porque a função da apontação é selecionar um referente ou um espaço que é ativado por meio dela, ou seja, sempre se aponta para algo que está real ou virtualmente estabelecido no espaço.

Na literatura em LS há um debate extenso sobre como seria possível garantir que o espaço faça parte da composição de um item se o espaço é aparentemente infinito em possibilidades de seleção, grosso modo, dois sinalizadores podem realizar um mesmo sinal de apontação, mas variarem discretamente na angulação dos seus articuladores e por isso, nunca seriam capazes de apontar para o mesmo espaço duas vezes. Baseado em teóricos que entendem o uso do espaço em libras como sendo virtualmente segmentável, argumentei e defendi que o espaço ativado pela apontação não é infinito em possibilidades de seleção, mas que pode ser minimamente listável e segmentável, se entendermos que apesar de não possuir limites claros sobre as fronteiras entre as áreas ao redor do corpo, há evidências de que as áreas no espaço são percebidas de forma categorial pelos surdos, ou seja, apontar para frente não é igual apontar para o lado.

A partir disso, construí uma proposta de análise que desconsidera o papel do olhar na distinção entre o espaço frontal e lateral na libras, e assumo o espaço como sendo o único responsável por estabelecer a distinção entre certos itens na língua. Ou seja, este capítulo apresenta um *intermezzo* de análise, pois, antes de se discutir como a apontação lateral codificaria a leitura definida em libras, tentamos resolver a pergunta sobre se a apontação lateral poderia ser considerada distinta de outras apontações.

Outra contribuição teórica deste capítulo que se diferencia de propostas teóricas anteriores é de que o uso topográfico do espaço, aquele no qual o sinalizador localiza os

referentes no proferimento, apesar de exibir características descritivas, também possuiria uma camada sintática, já que o posicionamento desses referentes no espaço nunca seria completamente arbitrário; por isso, dentro dos usos gramaticalizados do espaço eu considero os usos sintáticos e topográficos, e nos usos não gramaticalizados do espaço eu considero unicamente os casos não previstos pelo sistema linguístico, ou seja, aqueles no qual a atribuição do *locus* para um referente é não convencional e não arbitrário, que corresponde ao uso demonstrativo não-gramaticalizado das apontações, como proponho na minha categorização.

O benefício teórico desta proposta é que os proferimentos nos quais os sinalizadores utilizam ações onde o apelo mimético é forte não devem mais ser analisados como sendo de natureza puramente gestual, mas devem ser entendidos como previstos pelo sistema linguístico, sem descartar obviamente a possibilidade de que as LSs como línguas da modalidade visual, explorem também gestos dêiticos durante a comunicação.

Uma proposta de categorização dos sinais de apontação na libras a partir de suas características morfossintáticas e semânticas também é apresentada, dividindo os itens que possuem realização sincrética, das formas não-sincréticas, como vemos no quadro abaixo:

Quadro 4.3. Funções da apontação em libras

Formas sincréticas de IX	Formas não-sincréticas de IX
<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrativos gramaticalizados (IX pós-nominal) - Pronomes pessoais; - Artigos definidos (IX pré-nominal). 	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrativos não-gramaticalizados; - Advérbios de lugar (IX_{adv}).

Fonte: elaboração própria

Essa proposta de classificação será assumida nessa tese para as análises que serão empreendidas nos próximos capítulos.

Por fim, apresento uma discussão sobre a função das marcas não-manuais nas LS, que, apesar de serem realizadas de forma suprasegmental, possuem funções análogas às palavras das línguas orais, sejam elas itens lexicais ou funcionais. Vimos, ainda, que há evidências da existência de determinantes prosódicos nas LOs que marcam as diferenças de DPs (in)definidos

através do tom, dando suporte a nossa análise de que as MNMs que aparecem sobre os DPs podem ser consideradas como artigos.

5 DEFINITUDE E INDEFINITUDE NA LIBRAS: COLETAS, TESTES E RESULTADOS

Neste capítulo, exporei a metodologia utilizada no trabalho e os resultados, seguidos da discussão⁷¹.

Já na introdução da tese explicitarei a origem dos dados, a quantidade de coletas realizadas e uma justificativa sobre o perfil geral de nossos participantes que não foram selecionados pela parentalidade surda, mas pela condição auditiva surda (irreversível) do indivíduo e o fato de utilizar a libras como língua principal de expressão. Aqui explicitarei as hipóteses, as previsões e os procedimentos empregados para responder aos nossos objetivos de pesquisa.

5.1 HIPÓTESE E COLETAS REALIZADAS

A análise aqui empreendida tem por objetivo verificar a nossa hipótese de que a libras não é uma língua somente de nomes nus e de que existiria um paradigma de artigos definidos e indefinidos codificados gramaticalmente na língua.

Nos capítulos teóricos desta tese vimos que muitos autores assumem que a apontação pré-nominal se comporta translinguisticamente como um artigo definido. Na ASL, por exemplo, enquanto alguns assumem essa análise (BAHAN et al., 1995; BERNATH, 2009; MACLAUGHLIN, 1997, entre outros) outros a questionam ou até mesmo a rejeitam (KOULIDOBROVA & LILLO-MARTIN, 2016).

No capítulo 3, vimos que alguns autores não identificam elementos que possam ser artigos na libras (SALLES & CHAN-VIANNA, 2010; BOLGUERONI & VIOTTI, 2013), enquanto outros (ALMEIDA-SILVA, 2013; PRADO, 2014) assumem que há elementos funcionando como artigos, embora estes mesmos autores discordem sobre suas características morfológicas e a ordem destes elementos dentro do DP. Esse é um ponto que discutimos no

⁷¹ Esta pesquisa recebeu autorização do comitê de ética e pesquisa da Unicamp na plataforma brasil, possibilitando a sua realização, com o número de registro do CAAE: 80652117.0.1001.8142, já que a coleta envolve seres humanos. Antes de qualquer etapa da pesquisa que fosse realizada de forma presencial o participante recebia o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido escrito em português, bem como contei com uma equipe de surdos monitores que explicavam o TCLE na libras, clarificando quaisquer dúvidas relacionadas à participação dos mesmos nos testes. O TCLE também incluía a autorização do uso da imagem pessoal para as publicações relacionadas a esta tese, já que, por questões éticas, a pesquisa em LS deve considerar o direito de imagem. Nos testes que descrevo aqui, para além da questão da eleição do sinalizador nativo, a escolha dos participantes e o tipo de testagem estarão unicamente relacionados com o objetivo teórico-metodológico, e por isso, não tem relação com a discussão sobre competência nativa, que foge aos objetivos desta tese.

capítulo 4 desta tese e queremos, agora, verificar por meio de testes se, de fato, a nossa hipótese sobre a existência de artigos em libras está correta.

Lembramos que no capítulo 3 ofereci uma análise na qual o artigo definido singular e plural em libras seria sincrético às formas dos pronomes de 3ª pessoa do singular e plural (IX-3_{pron}). Além disso, o artigo em libras possuiria a ordem fixa pré-nominal (IX_{det}), sendo entendido como um demonstrativo quando posposto (IX_{dem}).

Diferentemente dos artigos definidos, não há descrições na literatura sobre DPs indefinidos na libras, e essa tese é a primeira nesse sentido. No entanto, parto da hipótese de que tanto a forma numeral UM poderia ser sincrética ao artigo indefinido em libras, bem como a MNM indefinida marcaria a indefinidade nos DPs na libras. Como há poucas produções sobre itens indefinidos, neste caso, efetuamos tarefas de produção para levantarmos dados sobre que itens apareceriam nesses contextos, pois hipotetizamos que o numeral UM e a MNM indefinida pudessem fazer as vezes do artigo indefinido na língua.

Para verificar as hipóteses levantadas, efetuei dois tipos de coletas: de **dados naturalísticos** e de **dados elicitados**. Segundo Perniss (2011) e Orfanidou, Woll & Morgan (2015) as pesquisas com LSs devem, na medida do possível, combinar dados espontâneos com dados elicitados, pois estes últimos servem para confirmar as observações feitas por via dos dados naturalísticos.

Por isso, primeiramente coletamos dados naturalísticos de nomes acompanhados de apontações em libras em posições argumentais, assumindo a análise que fizemos das categorias das apontações em libras no capítulo anterior. Coletas desse tipo são importantes porque o pesquisador pode observar as estruturas nas quais tem interesse no uso espontâneo (seja por vídeos postados na internet, ou por vídeo-mensagens enviadas por celular).

A segunda etapa foi a coleta de dados elicitados, que compreende os testes realizados e é composta por tarefas desenvolvidas especificamente para elicitare julgamentos ou produções contendo os itens específicos que marcam a (in)definitude na libras. Os dados elicitados confirmam se as estruturas atestadas nos dados naturalísticos, frutos de produção espontânea, de fato codificam a (in)definitude aos referentes que selecionam, do contrário, não se poderia garantir que os elementos sejam artigos genuínos.

Todas as coletas e elicitações realizadas nesta tese foram feitas usando a libras como língua de instrução e de composição dos materiais dos testes⁷²; bem como todos os dados

⁷² Sou usuário fluente, não-nativo da libras. Aprendi a libras aos 14 anos no contexto eclesiástico no ano de 2001, e desde então, me dedico ao trabalho de interpretação, atividade para a qual possuo certificação de proficiência – PROLIBRAS e à docência como professor de libras na Universidade Federal do Piauí.

produzidos por esta tese foram gravados em câmeras com imagem de alta qualidade - HD, em estúdio ou na residência dos indivíduos.

Além da hipótese de que a libras não é uma língua de nomes nus somente, uma segunda hipótese foi levantada, a de que a emergência de um paradigma de artigos poderia ter se dado pelo contato com o PB escrito por surdos bilíngues. Em decorrência dessa hipótese correlata, toda a coleta de dados elicitados foi feita considerando dois grupos distintos: surdos monolíngues x surdos bilíngues. Na mesma sessão de coleta, os surdos eram questionados sobre a frequência e a confiança que tinham em utilizar o português. Essa questão poderia ser feita dentro do formulário, no entanto, preferimos fazê-la no início da coleta, dado que perguntas subjetivas como essa sobre a segurança ou a confiabilidade no uso do português geraria uma resposta subjetiva, assim, preferimos fazer na forma sinalizada. Como há uma tendência que surdos mais escolarizados estejam em contato direto com o PB escrito, inserimos no formulário uma pergunta sobre o nível de escolaridade do indivíduo que se autodeclara monolíngue e bilíngue para confirmar a relação feita acima.

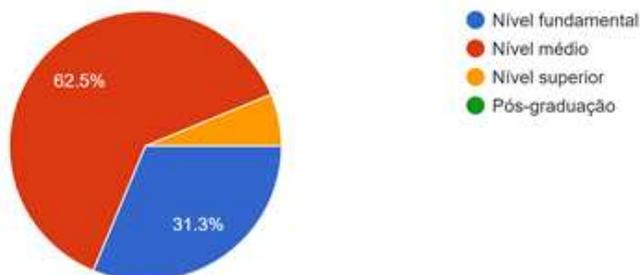
As respostas fornecidas no preenchimento do *Google forms*, para o qual teriam que selecionar seu nível de escolaridade (concluído ou em andamento) garantem a consistência no perfil dos indivíduos que formam nossos grupos de participantes. Observe, no gráfico 5.1 abaixo, que 93,8% dos surdos autodeclarados monolíngues se encontram no ensino fundamental ou médio, enquanto no gráfico 5.2, referente aos surdos autodeclarados bilíngues, 92,8% estão no nível superior ou pós-graduação.

- **Surdos monolíngues:** 20 surdos adultos, usuários fluentes da libras, com baixa escolarização, autodeclarados monolíngues, e que fazem uso restrito do PB escrito ou oralizado⁷³.

⁷³ Vale ressaltar que não há evidências para se afirmar que há surdos que não possuem nenhum conhecimento de português, porque o fato de estarem inseridos em comunidades majoritárias de falantes de PB, acaba por impor uma vivência bilíngue, mas a frequência com que os surdos autodeclarados monolíngues utilizam o português para a vida diária é muito baixa, e por isso, não se espera uma influência da LO na sinalização devido ao baixo contato.

Gráfico 5.1. Nível de escolaridade dos surdos autodeclarados monolíngues

Qual seu nível de escolaridade?

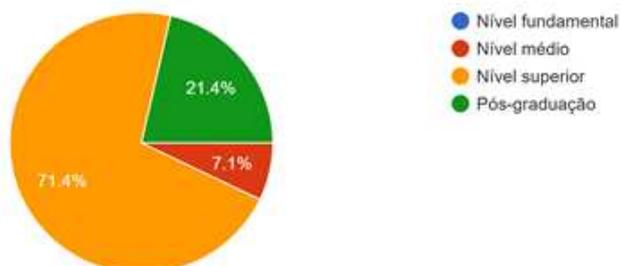


Fonte: elaboração própria

- **Surdos bilíngues:** 20 surdos adultos, escolarizados, cursando ensino superior, autodeclarados bilíngues, usuários fluentes da libras e do PB escrito ou oralizado.

Gráfico 5.2. Nível de escolaridade dos surdos autodeclarados bilíngues

Qual seu nível de escolaridade?



Fonte: elaboração própria

5.2 COLETA DE DADOS NATURALÍSTICOS

A coleta de dados naturalísticos compreendeu dados de três fontes: vídeos da internet, vídeos das entrevistas-piloto com os surdos e ainda os vídeos do Corpus da libras da UFSC⁷⁴.

⁷⁴ Coletei ainda dados de vídeos antigos da libras utilizados por alunos surdos do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos no Rio de Janeiro. Os vídeos obtidos no instituto são filmagens espontâneas não-annotadas e de baixa qualidade de imagem, dadas as condições tecnológicas da época (1958), de surdos sinalizando no pátio

5.2.1 Vídeos da internet

5.2.1.1 Introdução

Os primeiros dados de produção espontânea de DPs foram coletados em vídeos de blogs sinalizados *on-line*. Estes dados são utilizados na tese pelo caráter naturalístico da produção, e mesmo não sendo em contextos reais de conversação, os sinalizadores pressupõem um interlocutor, o que pode ser atestado durante as sinalizações, visto que os blogs são espaços dedicados à discussão de tópicos atuais.

5.2.1.2 Materiais e método

Foram selecionados de forma aleatória 10 vídeos com duração de 3' a 7' cada um, de blogs sinalizados *on-line* que continham ocorrências de DPs em posições argumentais e nos quais se pudesse verificar a ocorrência de apontações pré e pós-nominais, elementos que pudessem marcar a diferença de (in)definitude dos referentes, suas distribuições e as estratégias discursivas de codificação da referência.

5.2.1.3 Participantes

Todos os surdos que aparecem nos vídeos selecionados são surdos adultos, alguns bastante conhecidos dentro da comunidade surda brasileira, dos quais, consegui autorização para utilizar os dados na tese. Os dados desta coleta já apareceram em capítulos anteriores a este, exemplificando os fenômenos analisados. Apesar de o dado naturalístico ser considerado um dado puro, sem qualquer influência do pesquisador, do ambiente de filmagem, há informações que só podem ser acessadas quando se faz uma coleta presencial – elicitada, como, por exemplo, as informações pessoais e os dados de aquisição da libras pelo sinalizador. No entanto, assegura-se com os vídeos tratar-se de uma gramática adulta da libras.

do instituto. É complexo traçar o processo de gramaticalização de artigos em libras com base em dados diacrônicos, pela escassez desses dados e pela baixa quantidade e qualidade dos dados disponíveis atualmente. Por isso, não utilizamos esses dados nesta tese, mas especulamos sobre a mudança categorial dos itens em sincronia, considerando as possíveis restrições sintáticas e semânticas coexistentes.

5.2.1.4 Procedimentos

Nesse momento da pesquisa procedi com uma anotação minuto a minuto da ocorrência de DPs acompanhados da apontação e de marcas de (in)definitude, restringindo-me apenas àqueles que estivessem em posição argumental.

5.2.1.5 Resultados

5.2.1.5.1 Distribuição da apontação IX

Os dados foram anotados utilizando as glosas disponíveis no início desta tese e armazenados em uma planilha Excel, pois, nesse primeiro momento, o objetivo era encontrar DPs com Ds realizados abertamente e fortalecer minha hipótese de que a libras não poderia ser uma língua só de nomes nus. Após atestar que os DPs se encontravam em posições argumentais, eu isolei os DPs de todos os vídeos como se pode visualizar no quadro 5.1 abaixo. No quadro a seguir vemos os resultados das ocorrências de DPs de forma global.

Os DPs que estavam claramente em posições argumentais receberam a legenda (s) para posição de sujeito, e (o) para a posição de objeto, já os DPs isolados, produzidos com quebras prosódicas, foram legendados como (n), indicando uma posição não claramente argumental.

Quadro 5.1. DPs acompanhados ou não de apontação encontrados em dados naturalísticos

Vídeo/Minutos	1'	2'	3'	4'	5'	6'	7'
Vídeo 1	<ul style="list-style-type: none"> - VOCÊS PESSOAS (N) -GRUPO SURDO IX.SG (S) -GRUPO SURDO IX.PL -ALGUMAS PESSOA (O) -IX SURDO (O) -LIBRAS (N) -OUVINTE IX_{BABY-C-1} (N) - ALGUNS OUVINTES POUCO (O) - SURDO (O) - IX.SG LUTA (O) - SER HUMANO (N) - IX HOMEM SINAL-DA-PESSOA (N) - OUVINTE IX (N) - IX-1.SG (S) - IX-3.SG (N) - LIBRAS IX (N) - LINGUA (N) -LINGUAGEM (N) - LIBRAS BOM PROPRIA SURDO CLARA (N) - IX-1.PL PESSOA (N) - SURDO -OUVINTE (N) 	<ul style="list-style-type: none"> - QUALQUER PESSOA (S) - CONSCIÊNCIA (O) - IX-1.SG (S) -LETRAS-LIBRAS (O) -IX-1.SG (S) - PORTUGUÊS (O) -ALGUNS SURDOS CRIANÇA IX (N) -FAMILIA IX.PL (S) - PORTUGUÊS (O) - L2 (N) -PROFISSIONAL ÉTICA (N) -RESPONSABILIDADE MEU (O) -IX.PL SURDO (O) - IX-1.SG (S) -IX.SG OUVINTE - IX.PL ESCOLA DENTRO OUVINTE IX.SG (O) - PORTUGUÊS (O) - IX.SG OUVINTE (N) - L2 LIBRAS (N) - SURDO (S) - SURDO (S) - PORTUGUÊS (O) 	<ul style="list-style-type: none"> - CADA DIFERENÇA L2 LÍNGUA (O) - QUALQUER PESSOA (N) - L2 FRANCES (N) -L1 PORTUGUES (N) -L1 LIBRAS (N) - L1 INGLÊS (N) - TODOS (S) - IX-3.SG (N) - INGLÊS (N) - IX SURDO (S) - IX-1 (S) - MAIORIA LIBRAS SURDO (O) - EXEMPLO (N) - TEMA (N) - ENEM (N) - IX TEMA (S) - LIBRAS L2 (O) - L1 IX.SG (N) - PORTUGUÊS (N) - L2 (O) - ENEM LIBRAS (O) - IX ENEM (S) - SURDO IX (O) - MAIORIA SURDO IX LIBRAS (O) - LIBRAS IX (N) 	<ul style="list-style-type: none"> -OUVINTE(S) - L2 DELE (O) - IX-1 (S) - PROLIBRAS IX (S) - IX.PL OUVINTE (S) - LIBRAS FRACA (N) - IX PESSOA SURDA (O) - OUVINTE (O) - CONSCIÊNCIA (O) - IX HOMEM IX_{BABY-C-3} IX (S) - IX_{BABY-C-3} (O) - PROBLEMA (N) - IX-1.PL - CONHECIMENTO (O) - MATURIDADE (N) - INFORMAÇÃO (N) - EDUCAÇÃO SURDO IX (O) - BILINGUISMO (O) - IDENTIDADE SURDA (O) - LIBRAS 	<ul style="list-style-type: none"> - OUVINTES (S) - IX LIBRAS (N) - DISCUSSÃO IX (N) - INFORMAÇÃO (O) - SENTIMENTO IX POESIA (O) - TRADUÇÃO QUALQUER (N) - IX LINGUA (O) - IX PORTGUES (N) - LIBRAS IX - IX.PL SURDOP GRUPO (O) 		
Vídeo 2	<ul style="list-style-type: none"> - DEUS (N) - BÍBLIA (N) -IGREJA(N) -IX-1.SG(S) - TEMPO (O) -TRABLAHO(O) -ESTUDO (O) -IX-2.PL (S) -TEMPO(O) 	<ul style="list-style-type: none"> - IX PESSOA GERAL OPINÃO PERGUNTA (N) - PERGUNTA (N) -PESSOA (O) -IX.1.SG (S) -DEUS(O) -IGREJA (O) - BÍBLIA (N) 	<ul style="list-style-type: none"> -IX.SG (S) - DEUS (O) - IX-2.SG (S) - IX.SG DEUS (O) - DEUS (O) -COISAS (O) -DEUS (OI) - HISTÓRIA DELE (O) 	<ul style="list-style-type: none"> - SABEDORIA (N) - INTELIGÊNCIA (N) - IX BÍBLIA (N) - VIDA PASSADO (N) - DIA (N) - TRABALHO BOM (O) - FAMÍLIA BOM (O) - CASAMENTO BOM (O) 	<ul style="list-style-type: none"> -IX BÍBLIA (S) - VIDA (O) - ALGUMAS PESSOAS (O) - IGREJA (O) - IX-2.SG (S) - IX-3.SG (O) - IX.SG IGREJA (O) 	<ul style="list-style-type: none"> -ORIENTAÇÃO (O) - ENSINO (O) - VIDA (N) -LOUVOR (N) - QUALQUER LUGAR (N) - PESSOAS INVEJA (O) - IGREJA (O) 	<ul style="list-style-type: none"> - QUEM (S) - IX-1.SG (O) - PESSOAS ALGUMAS (O) - IX-3.PL (S) - IGREJA (S) - FELICIDADE (O) - QUALQUER LUGAR (N)

	-PESSOA (O)	- ORAÇÃO (N) - DEUS (O) - IX.2.SG (S) - DEUS (O) - CÉU (O)	- MÃE MINHA (O) -PAI MEU (O) - IX-2.SG (S) -DEUS(N) - PESSOAS AÍ (O) - BÍBLIA IX (N) - IX-2.SG MESMO IX _{BABY-C-2} (S) - BÍBLIA (O) - PESSOA IX _{BABY-C-2} (S) - BÍBLIA (O) - FIM MUNDO (O) - COISAS ABSURDAS (N) - BÍBLIA (O) - IX _{BABY-C-2} (O) - IX _{BABY-C-2} (S) - IX BÍBLIA (N) - IX-2.SG (S) - BÍBLIA (O) - IX BÍBLIA (N) - IX BÍBLIA (S) - CAMINHO CERTO (O) - DEUS (N) - JESUS (N) - HISTÓRIA COISAS (O) - IX BÍBLIA (S)	- CASA TUDO (O) - PAI (S) -MÃE(S) - MOTIVO (N) - MANHÃ (O) - IGREJA (O) - BÍBLIA (O)	- IX _{BABY-C-1} PASTOR (N) - BÍBLIA (O) - VIDA (N) - CONQUISTA (N) -SUPERACÃO (N) - HISTÓRIA (N) - IX.SG IGREJA (S)	- PESSOAS OLHOS BRILHAR (O) - ALGUMAS PESSOA (O) - IGREJA (O) -	- BAR (N) - INVEJA (N) -COISAS RUINS (N) - IGREJA (N) - IX-2.PL (S) -IGREJA (O) - DEUS IX.SG (S) - IX2.SG (O) - O-QUE (S) - BÍBLIA (O) - O-QUE (S) - IGREJA (O) - DEUS (N) - IX-2.PL (O) -DEUS (S)
Vídeo 3	-SOCIEDADE LIBRAS (N) - ALGUNS (S) - PENIS TAMANHO (O) - IX-1.SG (S) - HISTORIA UM HOMEM IX _{BABY-C-3} (O) -HOMEM UM (N) - MULHER GERAL (S) - MULHER UM (S) - HOMEM (S) - MOTEL (O) - MULHER (S)	-MULHER UM (N) - GRANDE PENIS (O) - MULHER (S) - HOMEM (S) - BATE-PAPO (N) - HOMEM (S) - MULHER (S) - HOMEM (S) - FILME (O) - PASSEIO (O) - MULHER IX-3.SG (S) - IX-3.SG - HOMEM (S) - UM COISA (O)	- CASAMENTO (N) - FAMÍLIA (N) -UMA COISA (O) - IX-2.SG (O) - HOMEM (S) - IX-1.SG (S) - IX-3.SG (O) - MULHER (N) - IX-1.SG (S) - PROBLEMA (O) - PROBLEMA (N) - PENIS (N) - VIDA (O) - HOMEM (N) - MULHER (S)	- MULHER IX (N) - HOMEM (S) - IX-2.SG (S) - PENIS GRANDE (N) - IX-1.SG (S) - HOMEM (N) -IX _{BABY-C-1} (O) - IX-3.SG (N) -PENIS GRANDE (N) - MÉDICO (O) - MÉDICO (S) - IX-3.SG (S) - IX-2.PL (S) - FILHO (S) - HISTÓRIA (N)			

	<ul style="list-style-type: none"> - HOMEM (S) - MULHER (N) - HOMEM IX_{BABY-C-3} (O) - IX-3.SG (S) - GRANDE PENIS (O) - MULHER GERAL (S) - HOMEM (S) 		<ul style="list-style-type: none"> - PENIS GRANDE (N) - MULHER VARIAS (N) - PENIS GRANDE (N) - MULHER VARIAS (N) - IX-1.SG (S) - TODOS (S) -IX-1.SG (O) -GRANDE PENIS (O) - MULHER (S) 	<ul style="list-style-type: none"> - PENIS GRANDE PEQUENO (N) - BOM AJUDAR SAÚDE (O) - CARINHO (N) - AMOR (N) - COMPARTILHAMENTO (N) 			
Vídeo 4	<ul style="list-style-type: none"> -TODOS SURDOS (N) - IX-1.SG (S) - LÁ MULHER (N) - IX-1.SG (S) - SINAL (O) - IX-1.SG (S) - NOME (O) - IX.SG IX_{BABY-C-3} MULHER (S) - DELA DENTRO HOSPITAL LÁ (O) - BEBÊ (O) - IRMÃ IX.SG (N) - SURDO (N) - IX-1.SG (S) - HOSPITAL (O) - OUTRO LUGAR (N) - IX-2.SG (S) - IX-1.SG IX_{BABY-C-1} SURDO (O) - FAMÍLIA DURA (N) 	<ul style="list-style-type: none"> - IX-1.SG (S) - COMPUTADOR (O) - MEU PRIMO (S) - COMPUTADOR (N) - COISAS DELE(O) - PRIMO (S) - MÃE (O) - IX-3.SG (S) -MÃE (S) -PRIMO (S) - IX-1.SG IX_{BABY-C-1} SURDO (O) - IX-2.SG (S) - MINHA VIDA (O) - UM OUTRA [N] (N) - DICIONÁRIO CD (O) - CD (O) - PRIMO (S) 	<ul style="list-style-type: none"> -IX-1.SG (S) - IX-3.SG (S) - SURDO (O) - COISAS (O) - IX-2.SG (S) - IX.3SG (N) - FAMÍLIA (S) - SURDO (O) - IX-3.PL (S) - IX_{BABY-C-1} (O) - IX-1.SG (S) - MAMÃE (O) - IX-1.SG (S) - LÁ (O) - AMIGA MULHER (O) - IX-3.SG (S) - MAMÃE (S) - QUALQUER LUGAR (N) - IX-1 IX_{BABY-C-1} (O) - IX-1.SG (S) - IDENTIDADE SURDA (O) - TODOS MATERIAL (N) 	<ul style="list-style-type: none"> -IX-1.SG IX_{BABY-C-1} (O) - MAMÃE (S) - IX-1.SG (S) - IX-3.SG (O) - PRIMO (N) - CELULAR (N) - IX_{BABY-C-1} SURDO (O) - IX-3.SG (S) - EXPLICAÇÃO (O) 	<ul style="list-style-type: none"> - MINHA FAMÍLIA (S) - TUDO (N) - FAMÍLIA (S) - IX_{BABY-C-1} (O) - PROCESSO (N) - FAMILIA (N) - SAÚDE (N) - MEU NOME (S) 		
Vídeo 5	<ul style="list-style-type: none"> -TEMA(S) -PROLIBRAS (O) - VÁRIAS PESSOAS (S) - PROLIBRAS (O) 	<ul style="list-style-type: none"> -QUANTOS (O) - 3 ANOS (N) - IX-3.SG (N) - MOTIVO (N) - IX.3-SG (S) 	<ul style="list-style-type: none"> -CURSOS++ (O) - IX CURSO (S) -TEORIA (O) - SINTAXE (N) 	<ul style="list-style-type: none"> -PÓS LIBRAS (N) 			

	<ul style="list-style-type: none"> - LEI (O) - DECRETO 5.626 IX (O) - PROLIBRAS (S) - 7º PROLIBRAS (N) - MOTIVO (N) - IX MEC (O) - PORTARIA MEC NÚMERO 20/2010 (O) - IX-3.SG (S) - PROLIBRAS (S) - 2015 (N) 	<ul style="list-style-type: none"> - 2015 (N) - DECRETO (O) - 2015 (O) - DISCIPLINA DENTRO LIBRAS (N) - PROFISSIONAL PROFESSOR FORMAÇÃO (N) - EXPLICAÇÃO PROLIBRAS DENTRO (N) - CURSOS LETRAS-LIBRAS VÁRIOS (N) - UNIVERSIDADE (N) -PESSOA (S) - PROLIBRAS (O) - 10 ANOS (O) - IX PROLIBRAS (N) - LIBRAS (O) 	<ul style="list-style-type: none"> - MORFOLOGIA (N) - VÁRIOS DENTRO LIBRAS DISCIPLINA CURSO FACULDADE UNIVERSIDADE VÁRIAS (N) - IX LETRAS LIBRAS (O) - IX PROLIBRAS (S) - ALGUNS LUGAR (O) - PROLIBRAS (S) - EXPERIÊNCIA (O) - PROVA PROLIBRAS (O) - IX MEC (S) - CURSO LETRAS-LIBRAS (O) - IX-3.SG (S) - IX PROLIBRAS (O) - IX PESSOA GERAL (O) - PROLIBRAS (O) - CURSO LETRAS-LIBRAS (O) - CURSO BÁSICO INTERMEDIÁRIO AVANÇADO (N) 				
Vídeo 6	<ul style="list-style-type: none"> - VOCES FACEBOOK BRASIL VÁRIOS (N) - BALEIA AZUL (O) - IX.PL OUVINTE (S) - INFORMAÇÃO (O) - IX.PL GRUPO SURDO (S) - INFORMAÇÃO (O) - IX^{BABY-C-3} SURDO(S) - BALEIA AZUL (O) - IX-1.SG (S) - IX-2.PL (S) 	<ul style="list-style-type: none"> - HOMEM JOVEM RUSSIA (N) - IX-3.SG (S) - IX-3.SG (O) - IX-3.SG JOGO SUICIDIO (N) - IX-3.SG(S) - FILME TERROR (O) - IX-3.SG (S) - JOGOS MORTAIS (O) - IX-3.SG (O) - HOMEM IX.SG (S) - IX.PL JOVEM (O) 	<ul style="list-style-type: none"> - MÚSICA PESADA PROBLEMAS HUMANOS (O) - CORTES (O) - BALEIA (N) - SANGUE (N) - 4H MANHÃ (O) - PESSOAS JOVENS (S) - BRINCADEIRA SUICIDIO (O) - HOMEM CHEFE (N) 	<ul style="list-style-type: none"> - REGRA PESADA (O) - IX-3.SG (N) - LÁ ONDE PAÍS RUSSIA (S) - MORTE++ (O) - ALGUNS (N) - UM N - MULHER (S) - CARTA (O) - IX JOGO SUICIDIO (O) - CARTA (O) - PRÉDIO (N) -PAI (S) 	<ul style="list-style-type: none"> - FAMÍLIA (S) - PROBLEMAS AGONIAS (N) - AQUI BRASIL (S) - UM MORTE (O) - IX-3.PL SURDO (S) - FILHO (O) - JOGO SUICIDIO (O) - IX FILHO (O) - PESSOA JOVEM (S) - CONSCIÊNCIA (O) -CONTROLE (O) -SEGURANÇA (O) 		

	<ul style="list-style-type: none"> - ATENÇÃO (O) - BALEIA AZUL (O) - JOGO SUICÍDIO (O) - PAÍS (N) - RÚSSIA (O) - IX-1.SG (S) - SINAL (O) - ALGUNS (S) 	<ul style="list-style-type: none"> - PESSOA (N) - GRUPO (N) - REGRAS PESADAS IX.SG (O) - FILME SEMPRE TERROR (N) 	<ul style="list-style-type: none"> - IX-2.SG (S) - IX-2.SG (O) - JOGO (O) 	<ul style="list-style-type: none"> - CARTA (O) - IX-1.SG FILHO (S) - PROBLEMA DEPRESSÃO PROBLEMA (O) - REGRA (O) - IX-3.SG PRÓPRIO CHEFE (S) - ÁGUA (N) - TREM (N) - JOGO SUICIDIO (N) - PROBLEMA CONSCIENCIA FRACA (N) 	<ul style="list-style-type: none"> - PROBLEMA (S) - IX-3.SG (O) - FACEBOOK (N) - ATENÇÃO (O) 		
Vídeo 7	<ul style="list-style-type: none"> - AQUI RECIFE (O) - IX-1.SG (S) - UM ANO (N) - ESCOLA BILÍNGUE (N) - SURDO (N) - INCLUSÃO (O) - PROFESSOR UM OUVINTE (N) - INTÉRPRETE (N) - AULA (N) - IX INTÉRPRETE 						
Vídeo 8	<ul style="list-style-type: none"> - IX-1.SG (S) - HOMEM IX_{BABY-C-3} (S) - IX-3.SG (S) - IX-3.SG (S) - WFD (N) - FEDERAÇÃO MUNDO SURDO (N) - WFD (S) - IX-1.SG (S) - IX-3.SG (O) - ESTADOS UNIDOS GALLAUDET DENTRO IX.SG (O) - IX SINAL-PESOAL IX (S) - COISAS VÁRIAS (O) - BRASIL (O) - LEI (N) 	<ul style="list-style-type: none"> - MESMO IX-3.SG (S) - IX-1.SG (S) - EXPLICAÇÕES (N) - VIDA(N) - EX PRESIDENTE FENEIS (S) - POLÍTICA (N) - IX SINAL-PESOAL IX (S) - ÚNICO MUNDO (N) - UNESCO (N) - GRUPO IX (O) - UNESCO (S) - ONU (O) - IX LIBRAS IX (O) - SUÉCIA (O) - GALLAUDET (O) 	<ul style="list-style-type: none"> - VIDA LONGA (N) - FÃ MEU (N) - DIRETORIA WFD (O) - CONSTITUIÇÃO AQUI BRASIL (N) - CÉU (O) 				

	-POLÍTICA EDUCAÇÃO (N) -VARIOS PH (N)						
Vídeo 9	-PORTA-ABERTA (N) -LUZ-APAGADA (N) - IX-1.SG (S) - UM HORA (N) - PROFESSOR (S) - LUZ-ACESA (N) - IX-1.SG (S) - CULTURA SURDA (N)						
Vídeo 10	- IX-1.SG (S) - LEI 10.436 (O) - IX-3.SG (N) - 2002 (O) - 16 ANOS (S) - TUA IDADE (O) - COISAS (O) - COISAS-MUITAS (O) - BRASIL (N) - ACESSIBILIDADE LIBRAS (N) - IX-1.PL SURDO (S) - LEI 10.4326 (O) - IX HISTÓRIA (N) - IDOSO SURDO GERAL (N) - OUVINTE ALGUNS (N)	-LÁ-ATRÁS (O) - IX-1.SG (S) - IX-2.PL (S) - LIBRAS (N) - IX LIBRAS IX (S) - LÍGNUA (N) -LINGUAGEM (N) - LÍNGUA (N) - IX.1PL (S) - REGRAS (O) - GRAMÁTICA (O) - SINALIZAÇÃO (S) - RIQUEZA (O) - ALGUMAS VÁRIAS PESSOAS (N) - IX-3.SG (N) - SURDO (N) - PESSOA FAMOSA HOMEM LINGUISTA PESSOA++ NOME IX _{BABY-C-3} SAUSSURE SINAL SAUSSURE(N) - BAKTHIN SINAL (N) - IX-3.PL (S)	- FALAR (N) - BOCA (N) - FALAR (N) - CORPO (S) - IX-1.SG PENSAR (N) - PESSOA (S) - MÃOS (N) - PÉS (N) - OLHOS (N) - CORPO QUALQUER (N) - EXPRESSÃO (O) - PESSOA IX.PL (N) - IX-3.SG (S) - IX-1.SG (S) - IX-1.SG (S) - MÃOS (N) - LIBRAS (S) - IX-1.SG (S) - IX-2.PL (N) - PESSOA (N) - IX-2.PL (S) - MÃOS (N) - IX-3.SG (S) - IX-1.SG (S) - GERAL SOCIEDADE (S)	- FALAR (N) - IX-3.SG (N) - DOIS IX.PL (N) - CORPO (N) - IX-1.SG (S) - IX-1.PL (S) - LIBRAS (N) -MÃOS (N) - OLHOS (O) - VOZ (N) - SOM (N) -VOZ (S) -MINHAS MÃO (S) - SOM (S) - VOZ (N) - IX-1.PL LIBRAS (S) - IX-1.PL (S) - MUDO (N) - IX.1PL (S) - SINAIS (N) - IX.PL OUVINTE (S) - MUDO (N) - MAÕS (N)	- ANTES ANOS FELIZ (O) - IX-2.SG LIBRAS (O) - IX-1.PL SURDO OUVINTE OS-DOIS PESSOAS SINALIZADORES IX-1.PL (O) - IX-2.PL (S) - SURDO (N) - OUVINTE (N) - IX-1.PL (N) - LIBRAS (N) - OUVINTE (O) - SURDO(O) - SURDO (N) - OUVINTE (N) - TROCAS JUNTOS MUNDO SURDO OUVINTE JUNTO (O) - DIA LIBRAS (N)		

Fonte: elaboração própria

A observação das ocorrências de nomes nus e acompanhados de determinantes no quadro 5.1 acima já nos mostra alguns achados preliminares em relação aos DPs na libras:

- a. a ocorrência clara de nomes determinados, não nus;
- b. a possibilidade de que IX pré e pós-nominal possam se combinar não somente com nomes concretos, mas com nomes abstratos, próprios e outros;
- c. a ocorrência de nomes ancorados no corpo seguidos de apontação;
- d. nomes não-ancorados plurais seguidos da apontação singular IX.SG;
- e. nomes ancorados singulares precedidos da apontação plural IX.PL;
- e f. nomes que indicam coletivos, espécie e outras pluralidades podem ocorrer com a apontação singular IX.SG.

5.2.1.5.2 O uso da apontação IX e as posições argumentais

Nos dados naturalísticos também encontramos algumas tendências relacionadas ao uso dos Ds que exemplificaremos a seguir. Observamos que os DPs em posição de tópico tendem a aparecer nus, sem determinantes (como em 1), os DPs em posição de sujeito geralmente aparecem nus ou determinados (como em 2), e a posição de objeto é a que possui o maior número de ocorrência de Ds explícitos (como em 3) embora também ocorram nomes nus.

- (1) EU SÓ ESTRANHO, PASSADO 1-ANO-ATRÁS, [∅ ESCOLA BILÍNGUE]_{DP-top1} [ENSINO-FUNDAMENTAL]_{top2} [ACOSTUMADO]_{VP} INCLUSÃO DIRETO SURDO, EU ACOSTUMADO

‘Eu achei estranho... ano passado, na escola bilíngue, durante o ensino fundamental, eu já estava acostumado com a inclusão direto com surdos.’
(vídeo 7 – dados naturalísticos)

- (2) a. EU MAIS-OU-MENOS 1-HORA-DURAÇÃO, DEPOIS [∅ PROFESSOR CHEGOU]_{DP}

‘Eu estava há mais ou menos uma hora quando um/o professor chegou’

(vídeo 9 – dados naturalísticos)

- b. [IX.SG LIBRAS IX.SG]_{DP} É LÍNGUA, CERTO? LÍNGUA, LINGUAGEM NÃO.

‘A libras é uma língua, certo? Língua e não linguagem’

(vídeo 10 – dados naturalísticos)

(3) [IX-1.SG]_{DP} QUERER-NÃO PREJUDICAR [IX.PL SURD@]_{DP}

‘Eu não quero prejudicar os/as surdo(as)’

(vídeo 1 – dados naturalísticos)

5.2.2 Entrevista-piloto

5.2.2.1 Introdução

A entrevista era sobre o meu tema de investigação: a codificação da (in)definitude na libras. Segundo Matthewson (2004), a elicitación é um processo necessário para se conhecer as condições nas quais o falante nativo julga um uso como (in)apropriado. A autora recomenda conversas abertas sobre os itens sobre os quais se deseja investigar, de modo que se obtenham comentários extras sobre, por exemplo, condições nas quais um item pode ser ambíguo, vago etc. Por isso, inclui essa etapa em minha metodologia, pois ela serve tanto como coleta de dados como também de fase piloto para os testes.

5.2.2.2 Materiais e método

Nesta coleta o falante não se encontra em uma situação em que só possa responder com sentenças ou elementos-alvo de nossa análise, mas é apenas direcionado para o tema de interesse. Todos os testes que serão expostos a seguir foram testados e discutidos com os surdos da entrevista-piloto. Essa fase nos possibilitou prever problemas metodológicos decorrentes da aplicação dos testes e os efeitos específicos da modalidade em que a língua é produzida⁷⁵.

Além disso, coletamos os dados de intuição dos falantes, apresentando e criando algumas sentenças que figuram nos testes que descreverei a seguir. Os surdos foram os únicos responsáveis por julgarem as sentenças deste texto como aceitáveis ou gramaticais, nenhum julgamento de aceitabilidade foi feito com base na intuição do pesquisador.

5.2.2.3 Participantes

⁷⁵ Para uma exposição mais detalhada sobre como lidar com efeitos da modalidade quando se pesquisa uma LS, recomendo a publicação de Quer & Steinbach (2019).

As entrevistas-piloto foram realizadas com 5 alunos surdos usuários da libras do curso de Letras-libras da Universidade Federal de Alagoas. Essas entrevistas serviram de base para construir o desenho metodológico dos testes visto que os surdos entrevistados serão futuros professores de libras e possuem uma consciência metalinguística sobre a língua. Os participantes dessa entrevista não participaram das testagens que faremos a seguir.

5.2.2.4 Procedimentos

A entrevista era semiestruturada pois os pontos que seriam apresentados foram previamente estabelecidos, embora houvesse total liberdade para o participante sugerir ou alterar o desenrolar da conversa. A entrevista consistiu em testar e discutir os testes que seriam aplicados, levantar dados de intuição sobre as sentenças utilizando determinantes em libras e foi realizada no estúdio do Corpus de libras da Universidade Federal de Alagoas, como vemos abaixo na figura 5.1.

Figura 5.1. Entrevista-piloto no Letras Libras -UFAL



Fonte: elaboração própria

5.2.2.5 Resultados

Como resultado da entrevista, obtivemos os *feedbacks* sobre o formato e a sinalização que seria utilizada nos testes para elicitación de dados. Na entrevista também levantamos dados de intuição dos surdos que são utilizados para exemplificar alguns fenômenos explorados na tese, mas que não são os objetivos específicos desta como, por exemplo, as questões relativas às funções da apontação, à coordenação de DPs em libras

e à interpretação possessiva dos pronomes pessoais que aparecem nos exemplos do capítulo 4.

5.2.3 Corpus da libras

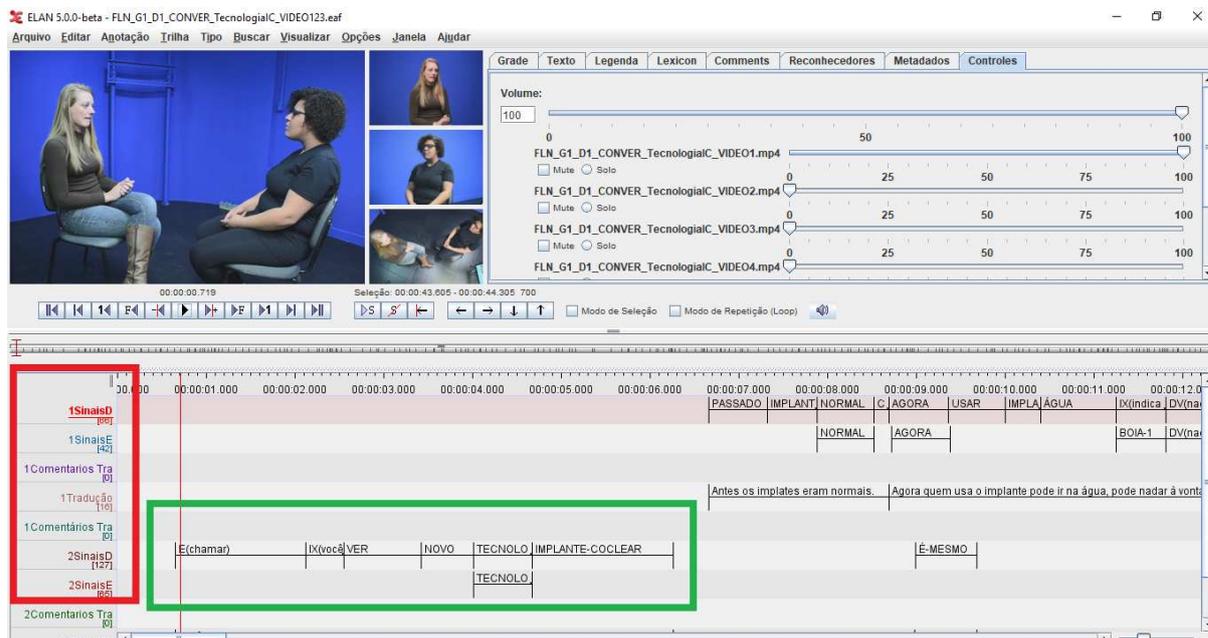
5.2.3.1 Introdução

O Corpus de Libras da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina ainda está em construção, mas alguns vídeos já se encontram disponíveis para *download* no site da referida universidade.

5.2.3.2 Materiais e método

Os dados do corpus estão anotados no *software* ELAN – *Eudico Linguistic Annotator* – pela equipe de pesquisadores da UFSC. Os dados que utilizei compreendem cerca de 2h30m de conversas espontâneas anotadas entre surdos sobre temas como ‘implante coclear e tecnologia’ e ‘educação de surdos’. Esses dados foram utilizados nesta tese para confirmar a ocorrência dos elementos que analiso como artigos e sua distribuição sintática. Na figura 4.2, vemos no retângulo vermelho as camadas (*tiers/layers*) de anotação, que incluem os sinais feitos com a mão direita, esquerda, a glosa, e uma tradução aproximada para o português, ainda na figura 5.2, o retângulo em verde mostra os sinais anotados linearmente, daí é possível observar a ordem, duração e elementos que coocorrem com estes itens. O fato de o ELAN permitir a anotação de informações em camadas nos permite visualizar itens que ocorrem em simultaneidade.

Figura 5.2. Tela de trabalho do ELAN



Fonte: elaboração própria

Com o ELAN é possível fazer buscas sobre a frequência e distribuição de sinais pela sua glosa de anotação. No capítulo 4, apresentei a figura 4.14, repetida aqui como figura 5.3, em que é possível investigar a frequência dos sinais que foram glosados como demonstrativos (DEM), e a partir daí, efetuar análises sobre suas formas, funções, etc.

Figura 5.3. Percentual dos sinais realizados com a apontação IX, glosados como DEM (lá).

Percentage	Count	Annotation
33,33%	30	DEM(lá)
15,56%	14	DEM(aqui)
2,22%	2	DEM(aquiele)
2,22%	2	DEM(esse)

Fonte: Corpus de libras da UFSC

5.2.3.3 Participantes

Os dados do Corpus que estão disponíveis publicamente até agora são de surdos da região de Florianópolis e arredores e ainda não estão organizados por variáveis como idade, sexo, região, etc.

5.2.3.4 Resultados

Esta coleta teve por resultados dados quantitativos de ordem, frequência e distribuição dos sinais de apontação no Corpus da libras. As tabelas com os resultados, a exemplo da figura 5.3 acima, aparecem no capítulo 4 da tese, na seção 4.8.1.2. Embora a coleta esteja restrita a uma variante da libras, a de Florianópolis, os dados são significativos porque reúnem horas de anotação nas quais os itens-alvo de nossa pesquisa aparecem com frequência.

5.3 COLETA DE DADOS ELICITADOS

Mesmo havendo atestado um grande número de DPs com determinantes explícitos nos vídeos espontâneos, como não temos acesso aos contextos de produção dos falantes e às interpretações semânticas dos itens, apenas poderíamos suspeitar sobre a interpretação referencial dos DPs nos vídeos, mas não assegurar que a interpretação desejada seja a que de fato esteja sendo sinalizada, por isso a necessidade de se levantar dados elicitados porque as tarefas têm como alvo as construções específicas que desejamos investigar.

Todos os testes aqui descritos foram realizados com os 40 participantes da pesquisa mencionados anteriormente. Dessa forma os resultados serão apresentados considerando as diferenças apresentadas pelos dois grupos, quando houver.

A primeira etapa consiste em elicitare dados através de tarefas de **produção**. Os primeiros testes tiveram como objetivo, então, elicitare respostas indefinidas, a partir de contextos de imagens e questões que sugerissem a produção de itens indefinidos, como veremos nos testes 1 e 2 abaixo. Já no teste em 3, o objetivo era estimular a produção da contação de uma narrativa ficcional e observar os itens e/ou mecanismos morfossintáticos que aparecem fazendo o contraste entre o uso de indefinidos para a primeira menção e os definidos para a retomada.

A segunda etapa consistiu em elicitare dados através de tarefas de **compreensão**, utilizando uma escala *Likert* de cinco pontos para aferir os julgamentos de aceitabilidade das sentenças apresentadas nos testes 4, 5 e 6. Adicionalmente, somente nos testes 4 e 5, além da escala *Likert*, respostas numéricas foram requeridas para que se pudesse alcançar os objetivos da testagem. Nos resultados da escala, os resultados entre 1-2 foram rotulados como INAC (inaceitável), 3 como DUVID (duvidoso) e 4-5 como ACEIT (aceitável).

Antes do início de todas as testagens eram feitas perguntas quebra-gelo com os participantes do tipo “você fica nervoso diante de câmeras?”. Sempre os participantes eram orientados a ficarem relaxados e seguirem a testagem como se estivessem num bate-papo. Para reduzir os efeitos do “paradoxo do observador”, como proposto por Labov ([1972]2008), no início da sessão fiz perguntas sobre datas especiais da vida deles, ou ainda sobre situações de risco pelas quais poderiam ter passado. Essas recomendações oriundas do método sociolinguístico auxiliam o participante a diminuir o monitoramento estilístico durante a fala.

5.3.1 Tarefas de Produção

5.3.1.1 Teste 1 – Que itens são candidatos a artigos indefinidos em libras?

5.3.1.1.1 Introdução

Já há algum conhecimento sobre a possibilidade de IX pré-nominal ser um artigo definido, mas pouco se investiga sobre DPs indefinidos nas LSs. Como não há estudos atuais sobre este tópico em libras, fizemos uma coleta, baseada nos dados espontâneos e nos comentários dos surdos da entrevista-piloto sobre que itens encabeçam DPs indefinidos na libras.

5.3.1.1.2 Materiais e método

Utilizamos um conjunto de imagens que ‘sugerem’ contextos nos quais as LOs preferencialmente utilizam estruturas indefinidas para descrever ou responder uma questão. Um cuidado metodológico foi para que nunca o item pelo qual estávamos buscando estivesse contido na pergunta em sinais nos testes, ou seja, tentamos obter respostas indefinidas pelos contextos, mas nunca utilizando DPs indefinidos, pois enviesaria a análise perguntar ao falante de libras, como se diz ‘um homem’ na sua língua utilizando, por exemplo, o numeral UM.

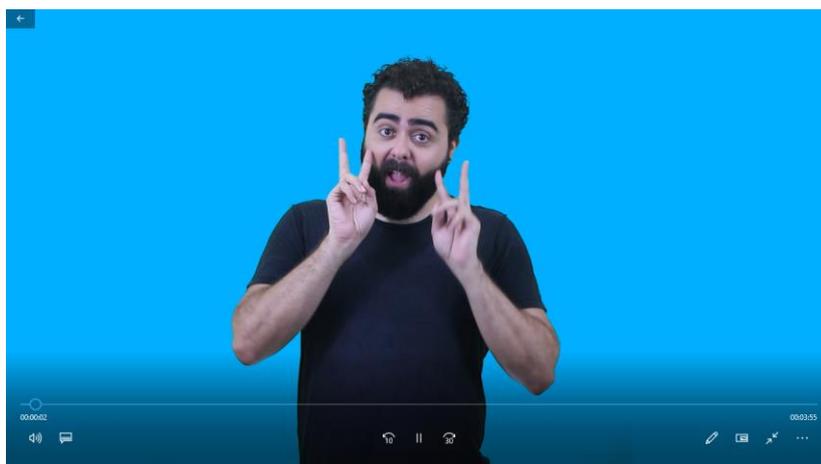
Utilizamos um computador para exibir os filmes que continham as instruções sobre os testes e para exibir as imagens sobre as quais os participantes deveriam produzir

informações linguísticas. Tanto os participantes como o pesquisador eram filmados durante toda a coleta por uma câmera frontal que registra as produções.

Mesmo inserindo imagens distratoras, estou ciente de que mesmo as imagens distratoras selecionadas, para as quais não esperamos respostas indefinidas, podem eventualmente vir a estimular a produção de um DP indefinido pelo falante.

Foi produzido um clipe que continha as instruções com a apresentação da tarefa e para o qual os surdos deveriam, após visualizar cada uma das imagens e clipes-estímulo abaixo, contar para um surdo que não estava vendo a imagem no computador, o que ele via na tela. As imagens e clipes foram selecionados e elaborados para elicitare DPs indefinidos. As imagens 1, 3, 7, 9 e 13, foram elaboradas para coletar DPs indefinidos em geral, a imagem em 5, sugere um contexto de indefinido não-específico, já a imagem em 11, em contraste com a imagem em 9, sugere um contexto de numeral, e não de indefinidade propriamente.

Segue o roteiro da tarefa de coleta para visualização:



1ª cena – apresentação da tarefa – instruções em libras

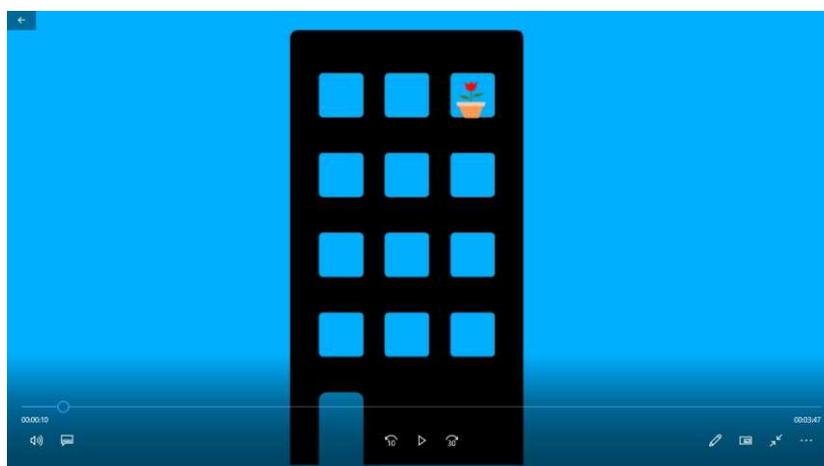


Imagem 1 – prédio com flor na janela – Pergunta: O que tem na janela do prédio? –

Resposta esperada: Uma flor.

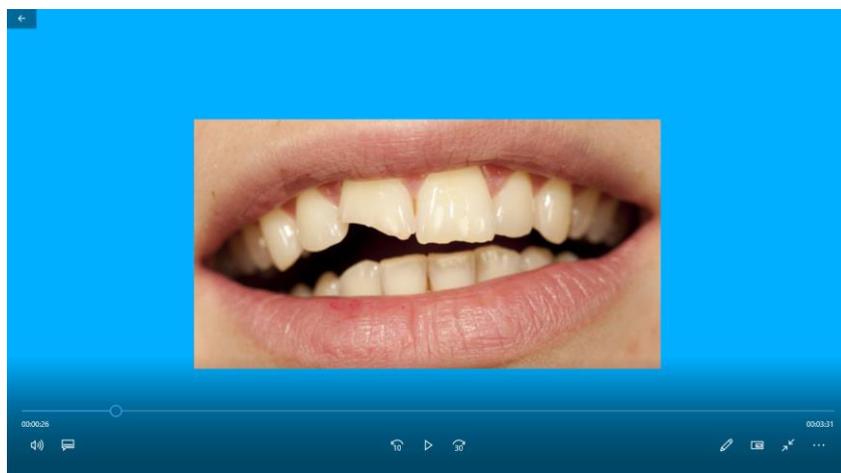


Imagem 2 – Distrator – Dente quebrado

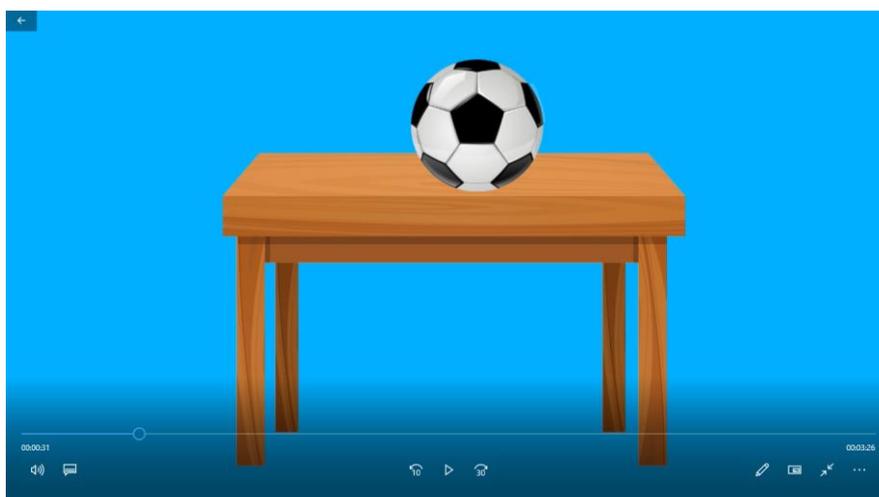


Imagem 3 – Bola na mesa – Pergunta: O que tem na mesa? – Resposta esperada: Tem uma bola em cima da mesa



Imagem 4 – Distratores – Picolés

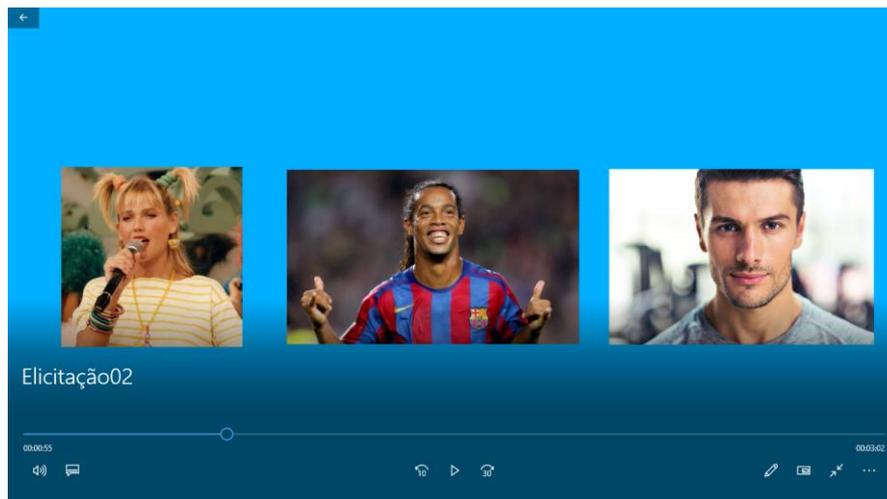


Imagem 5 – Imagem com Xuxa, Ronaldinho e um desconhecido. Resposta esperada: Os sinais dos dois primeiros e um homem qualquer desconhecido.

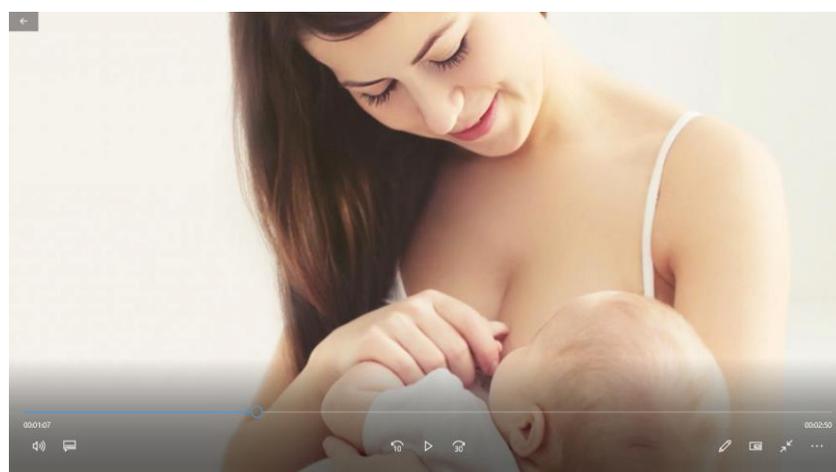


Imagem 6 – Distrator – Mulher amamentando

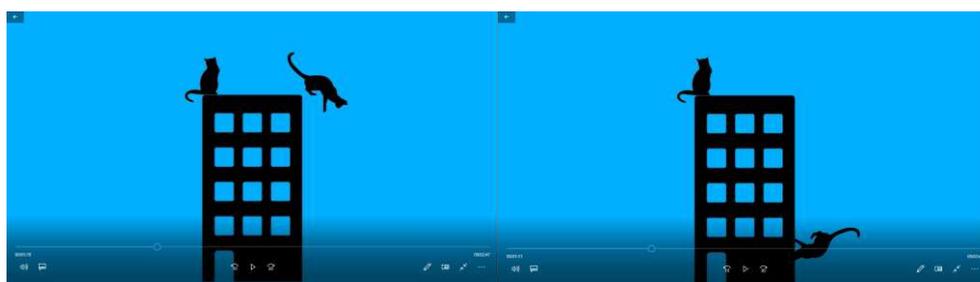


Imagem 7 – Animação de um gato caindo – Pergunta: o que você acabou de ver? – Resposta esperada: um gato caindo

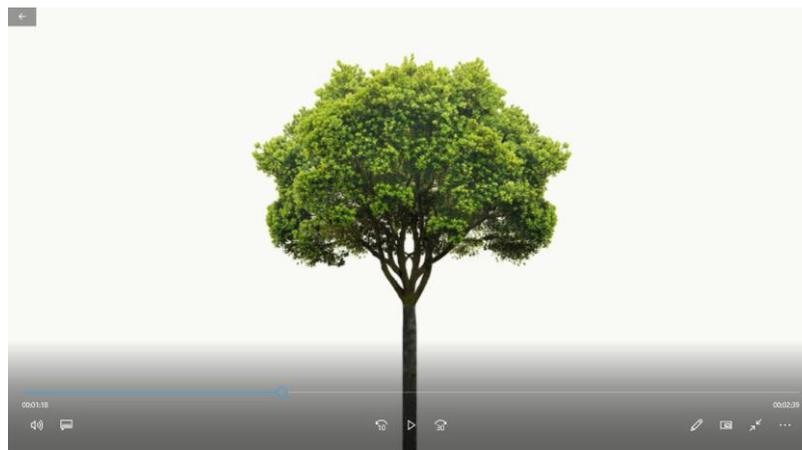


Imagem 8 – Distrator – Árvore

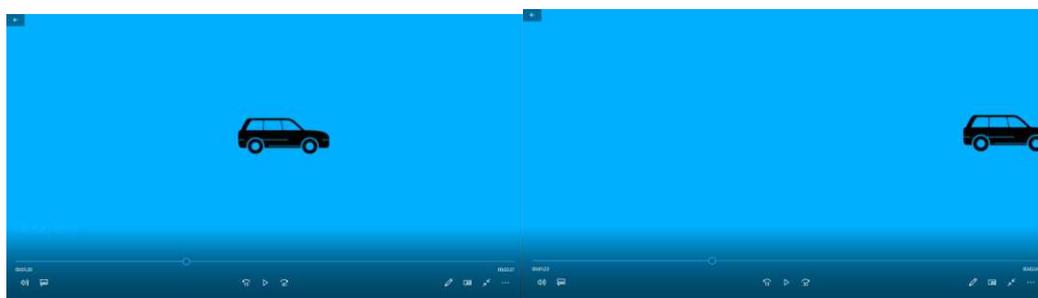


Imagem 9 - Animação de um carro saindo - Pergunta: o que você acabou de ver? –

Resposta esperada: Um carro saiu (artigo indefinido).

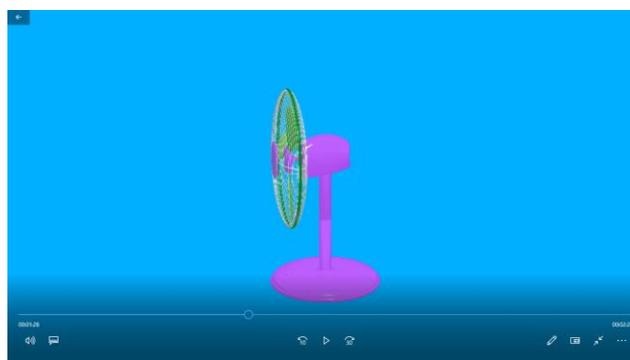


Imagem 10 – Distrator – Animação de um ventilador que gira sem parar

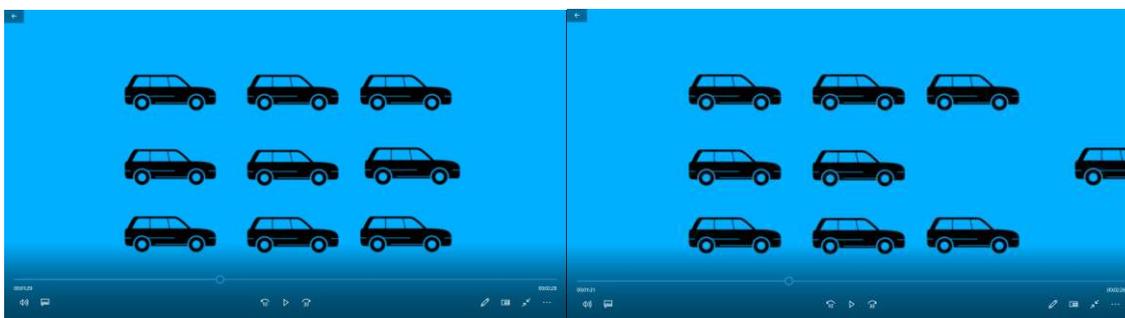


Imagem 11 - Animação de um carro saindo - Pergunta: o que você acabou de ver? –

Resposta esperada: Um carro saiu (provavelmente numeral).



Imagem 12 - Distrator

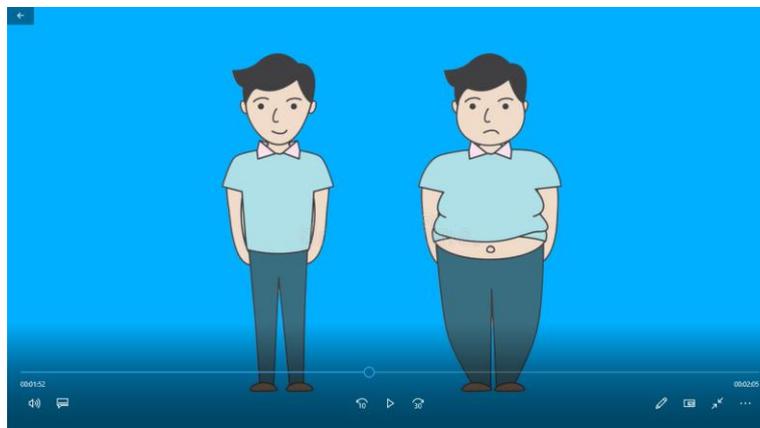


Imagem 13 – Gordo e o magro – Pergunta: o que você viu? – Resposta esperada: um gordo e um magro.

Devemos salientar que não esperávamos que os participantes produzissem as respostas esperadas na forma como estão descritas em PB, mas somente que os contextos nos quais DPs indefinidos nas LOs são esperados pudessem lançar luz sobre o mesmo fenômeno em libras. Por exemplo, em imagens como 1 e 3, que são contextos existenciais “o que tem na janela?” ou “o que tem na mesa?”, nesse ambiente, o argumento do verbo é quase que categoricamente um indefinido nas línguas, como vimos no referencial teórico no capítulo 1, a menos que o surdo não utilize um verbo existencial para apresentar a imagem.

5.3.1.1.3 *Participantes*

Esta coleta foi feita presencialmente com os dois grupos de surdos: bilíngues e monolíngues, na mesma sessão em que foram realizadas todas as outras testagens.

5.3.1.1.4 *Procedimentos*

Quando eu efetuei essa coleta sozinho com o participante durante a entrevista-piloto, detectei um problema de aplicação e fiz alguns ajustes. Como eu e ele olhávamos para o monitor ao mesmo tempo, vários resultados indesejados apareceram. Ao invés de produzir DPs indefinidos como resposta, quando perguntados sobre o que viam na imagem, os participantes simplesmente apontavam para a tela, ou forneciam poucos detalhes, uma vez que eu também podia ver o conteúdo na tela. Além disso, presumindo que eu estou vendo a imagem na tela e sabendo que eu sou usuário de libras, pedir que o participante sinalize o que está vendo deixa a tarefa sem sentido, a menos que, no mínimo, ele estivesse consciente de que eu não sabia a libras. A saída, foi então, pedir que uma terceira pessoa sempre estivesse presente nas coletas, esta pessoa deveria posicionar-se atrás do monitor, de modo que a tarefa agora era de contar para esta pessoa o que o participante via no monitor, em libras.

5.3.1.1.5 *Resultados*

Obtivemos resultados diferentes por grupo da elicitación de itens em contextos indefinidos. Primeiro, mostrarei os achados referentes ao grupo de surdos bilíngues, depois mostrarei os resultados que são exclusivos do grupo de surdos monolíngues e, por último, mostrarei os resultados comuns para ambos os grupos.

5.3.1.1.5.1 Resultado do grupo de surdos bilíngues

Quadro 5.2. Resultados do grupo de surdos bilíngues para o teste 1 – produção de indefinidos

Surdos Bilíngues	Imagem 1 Indefinitude	Imagem 3 Indefinitude	Imagem 5 Indefinido não-específico	Imagem 7 Indefinitude	Imagem 9 Indefinitude	Imagem 11 Numeral	Imagem 13 Indefinido
1	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	GATO	CARRO IX	CL:CARRO-SAIR	HOMEM
2	FLOR	BOLA	HOMEM NÃO TEM SINAL 'um homem sem sinal'	GATO	CARRO	CL: CARRO-SAIR	IX _{BABY-C} GORDO IX _{BABY-C} MAGRO
3	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	TEM 2 GATO. [IX.SG] PULAR 'Tem dois gatos. Este daqui pulou'	CARRO	CL: CARRO-SAIR UM	HOMEM
4	FLOR	BOLA	FAMOSO ATOR PROFISSIONAL _N.ESP PAÍS 'um ator famoso profissional de um país (qualquer)'	CL: ANIMAL-CAIR	CL:CARRO-SAIR	UM SAIR	IX _{BABY-C} GORDO IX _{BABY-C} MAGRO
5	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	UM OBSERVA.	CL:CARRO-SAIR	UM SAIR	UM MAGRO.OUTRO GORDO.

				OUTRO CAIR. 'Um observa. O outro cai'			
6	FLOR	BOLA	___N.ESP PESSOA NORMAL	CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	CL: CARRO- SAIR	HOMEM GORDO. HOMEM MAGRO.
7	FLOR	BOLA	HOMEM BONITO	CL: ANIMAL- CAIR	CL:CARRO- SAIR CARRO	CARRO UM SAIR	HOMEM MAGRO. HOMEM GORDO.
8	FLOR UM	BOLA	PARECER ATOR NÃO- CONHEÇO	UM CAIR	CARRO	CL: CARRO- SAIR	HOMEM IX _{BABY-} C GORDO OUTRO MAGRO HOMEM.
9	FLOR UM	BOLA	___N.ESP HOMEM	CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	UM SAIR	UM MAGRO.OUTRO GORDO.
10	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	CL: CARRO- SAIR	UM MAGRO.OUTRO GORDO.
11	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	TEM 2 GATO. IX.SG PULAR	CARRO	UM SAIR	IX _{BABY-C} GORDO IX _{BABY-C} MAGRO

				‘Tem dois gatos. Este daqui pulou’			
12	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	CL: CARRO- SAIR	HOMEM GORDO. HOMEM MAGRO.
13	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	UM CL:CARRO- SAIR	UM MAGRO.OUTRO GORDO.
14	FLOR	BOLA	HOMEM BONITO NÃO- SABER QUEM ‘Um homem bonito que não sei quem é’	UM GATO	CARRO	UM SAIR	UM MAGRO.OUTRO GORDO.
15	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM IX _{BABY-C-3}	CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	UM CL:CARRO- SAIR	HOMEM MAGRO. OUTRO HOMEM GORDO.
16	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	UM SAIR	HOMEM IX _{BABY- C} MAGRO OUTRO GORDO.
17	FLOR	BOLA	___N.ESP IMAGEM ‘Uma imagem qualquer...’	UM CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	UM SAIR	HOMEM GORDO. HOMEM MAGRO.

18	FLOR	BOLA	HOMEM GATO LINDO	UM GATO CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	SAIR UM	HOMEM MAGRO. OUTRO HOMEM GORDO.
19	SÓ UM TEM FLOR 'Há somente uma flor'	BOLA	___N.ESP HOMEM	UM FICA. OUTRO CL: ANIMAL- CAIR.	CARRO	UM SAIR	HOMEM MAGRO. TEM [OUTRO GORDO].
20	FLOR	BOLA	___N.ESP PESSOA OUTRA 'Uma pessoa outra'	GATO CL: ANIMAL- CAIR.	CARRO	UM CARRO CL:CARRO- SAIR.	UM HOMEM IX _{BABY-C-1} MAGRO. UM HOMEM GORDO.

Nos nossos dados, os surdos do grupo bilíngue utilizam o numeral UM nos contextos de artigo indefinido, mas também se utilizam dos nomes nus nestes contextos. Em (4) temos a forma morfológica do artigo indefinido⁷⁶.

(4)



Esse resultado parece indicar que o uso do numeral UM como artigo indefinido, diferentemente do artigo definido, pode ter se emergido na libras pelo contato com o PB, que de igual modo, utiliza a forma homófona ‘um’ como em contextos numerais e indefinidos.

⁷⁶ Observe que o artigo indefinido pode variar na orientação da palma da mão nesse contexto sem mudança no significado do sinal.

5.3.1.1.5.2 Resultado do grupo de surdos monolíngues**Quadro 5.3.** Resultados do grupo de surdos monolíngues para o teste 1 – produção de indefinidos

Surdos Monolíngues	Imagem 1 Indefinitude	Imagem 3 Indefinitude	Imagem 5 Indefinido não-específico	Imagem 7 Indefinitude	Imagem 9 Indefinitude	Imagem 11 Numeral	Imagem 13 Indefinido
1	FLOR	CL:OBJ-REDONDO	___N.ESP HOMEM	GATO	CARRO	CARRO	MAGRO. GORDO.
2	FLOR	CL:OBJ-REDONDO	SINAL SABER-NÃO CONHECER-NÃO 'Não sei o sinal, não conheço.'	GATO	CARRO	CL:CARRO- SAIR	HOMEM MAGRO.OUTRO GORDO.
3	FLOR	CL:OBJ-REDONDO	___N.ESP FALTA 'Ainda não tem sinal'	CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	CARRO	GORDO. MAGRO.
4	FLOR	BOLA	___N.ESP CONHECER- NÃO	GATO	CARRO	UM CL:CARRO- SAIR	ANTES GORDO, DEPOIS MAGRO. HOMEM.
5	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM CONHECER- NÃO	CL: ANIMAL- CAIR	CARRO	CL:CARRO- SAIR	MAGRO, OUTRO GORDO.
6	FLOR	CL:OBJ-REDONDO	___N.ESP LEMBRAR- NÃO	GATO	CARRO	CL:UM- OBJETO-SE- MOVE-PARA- FRENTE	GORDO.MAGRO.

7	FLOR	BOLA	____N.ESP NÃO-SEI DIREITA 'Não sei quem é esse da direita'.	GATO	CARRO	CL:UM- OBJETO-SE- MOVE-PARA- FRENTE	MAGRO, GORDO, HOMEM.
8	CL: PLANTA- SURGE	BOLA	____N.ESP HOMEM	GATO	CARRO	CARRO CARONA. FALTA UM.	GORDO. MAGRO.
9	FLOR	BOLA	____N.ESP HOMEM	GATO	CARRO	CL:CARRO- SAIR	HOMEM MAGRO. HOMEM GORDO.
10	CL: PLANTA- SURGE	CL: PEGAR- BOLA	____N.ESP IX _{BABY-C-3} 'Uma pessoa'	TEM 2 GATO. [IX.SG] PULAR 'Tem dois gatos. Este daqui pulou'	CL: VEÍCULO- SAIR	CL: FILEIRA- DE-CARRO UM SAIR RESTANTE SAIR 'Uma fileira de carros, um saiu, restou o espaço do que saiu'.	MAGRO. GORDO.
11	FLOR	BOLA	____N.ESP CONHECER- NÃO 'não conheço'	GATO	CARRO	UM CL:CARRO- SAIR	QUALQUER PESSOA. CL:PESSOA-EM- PÉ MAGRO. CL: PESSOA-EM-PÉ GORDO.
12	ÁRVORE PEQUENA	BOLA	____N.ESP HOMEM	GATO	CARRO	SAIR UM	GORDO, MAGRO, HOMEM.
13	FLOR	BOLA	____N.ESP HOMEM	GATO	CARRO	FALTA CARRO SAIR	GORDO.MAGRO.

						'Falta um carro que saiu.	
14	FLOR	BOLA	HOMEM QUALQUER	GATO	CARRO	CARRO UM	HOMEM MAGRO. HOMEM GORDO.
15	FLOR	CL: OBJETO-REDONDO	___N.ESP CL:PESSOA-ANDAR 'Um transeunte qualquer...'	GATO	CARRO	CL: CARRO-SAIR	MAGRO. GORDO.
16	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	GATO	CARRO	CL: CARRO-SAIR	MAGRO OU GORDO.
17	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	GATO	CARRO	CL: CARRO-SAIR	MAGRO, GORDO.
18	FLOR	BOLA	___N.ESP HOMEM	GATO	CARRO	CARRO CARONA. FALTA UM.	GORDO. MAGRO.
19	FLOR	BOLA	HOMEM QUALQUER	GATO	CARRO	CARRO UM	HOMEM MAGRO. HOMEM GORDO.
20	FLOR	CL:OBJ-REDONDO	___N.ESP HOMEM	GATO	CARRO	CL:UM-OBJETO-SE-MOVE-PARA-FRENTE	GORDO.MAGRO.

No grupo de surdos monolíngues a estratégia é categórica, pois, ao contrário dos surdos bilíngues, nenhum deles utiliza o numeral UM como um artigo indefinido. Ou seja, no caso dos surdos monolíngues, somente o nome nu aparece com a leitura indefinida.

5.3.1.1.5.3 Resultados para ambos os grupos de surdos - bilíngues e monolíngues



- *Uso da MNM não-específica*

Ambos os grupos fazem o uso sistemático da MNM para indefinidos não-específicos, seja acompanhando os nomes nus, no caso dos surdos monolíngues, ou acompanhando o artigo indefinido/numeral UM e nomes nus, no caso dos surdos bilíngues.

A MNM não-específica (5) é conhecida na literatura como ‘boca de ferradura’ e caracteriza-se pelos lábios curvados para baixo e um leve balanço negativo da cabeça.

Em (5) vemos a forma da MNM não-específica atestada nos dados de ambos os grupos, que aparece como resposta ao estímulo da imagem 5 – que contrastava um homem (qualquer/não específico) com a Xuxa e o Ronaldinho.

(5)

_____MNM não-específica

HOMEM

‘Um homem (qualquer)’





A MNM não-específica ocorre afixada suprasegmentalmente e pode se espriar sobre outros itens, determinantes ou nomes, sempre obtendo a mesma leitura indefinida não-específica, como nos exemplos em (6):

(6)

a.

_____MNM: não-específica

PESSOA

‘Uma pessoa’



b.

_____ MNM: não-específica
 TERCEIRO
 ‘Um terceiro’



Este resultado indica que, como ambos os grupos utilizam a MNM não-específica com nomes nus, no grupo de surdos bilíngues, haveria então 3 itens indefinidos, a saber: o item numeral UM, o nome nu (Dnulo) e a MNM não-específica.

Já no grupo de surdos monolíngues, como não há o artigo indefinido na gramática, a MNM não-específica estaria em oposição ao nome nu sem a MNM não-específica, por isso com leitura específica.

No próximo capítulo, oferecerei uma análise que mostra que esses elementos devem ser de fato artigos na libras e não somente traços ou marcas de concordância.

- *Uso obrigatório do numeral UM em contextos numerais*

Ambos os grupos utilizam obrigatoriamente o sinal 1 em contextos de numerais, com a forma em (7), para descrever o único carro que se desloca na imagem em 12, dentre os 9 apresentados. Observe que uma mão sinaliza o numeral enquanto a outra realiza o classificador (configuração de mão +movimento) para veículos.

(7)



Este resultado indica que a categoria numeral (cardinais) está presente na libras em ambos os grupos, independentemente do contato ou não com o PB.

5.3.1.2 Teste 2 – A libras codifica a especificidade gramaticalmente?

5.3.1.2.1 Introdução

No capítulo 2, vimos que a ASL e a HKSL marcam a diferença entre DPs específicos x não-específicos nos determinantes, já a LSC codifica essa diferença no espaço, com um morfema de altura. Portanto, nosso objetivo é identificar os itens e/ou os mecanismos morfossintáticos utilizados na libras para marcar essa diferença entre DPs específicos x não-específicos, já que os artigos indefinidos nas línguas do mundo, geralmente são ambíguos em relação à leitura específica x não-específica.

5.3.1.2.2 Materiais e método

Neste teste, solicitei que os surdos respondessem as perguntas abaixo formuladas. A resposta para essas perguntas obriga a menção de um referente completamente desconhecido para ambos locutor e interlocutor, pois se trata de uma situação hipotética (*irrealis*) e por isso, o locutor não pode ter nenhum referente em mente, mas somente a caracterização deste.

Questão 1 – Que tipo de pessoa você namoraria?

Resposta esperada: Uma pessoa/alguém que fosse...que tivesse...etc

Questão 2 - Se você fosse um empresário e estivesse contratando empregados, qual o perfil da pessoa para trabalhar na sua empresa? Como ela deve ser?

Resposta esperada: Uma pessoa/alguém que fosse...que tivesse...etc

5.3.1.2.3 Participantes

Esta coleta foi feita presencialmente com os dois grupos de surdos: bilíngues e monolíngues, na mesma sessão em que foram realizadas todas as outras testagens.

5.3.1.2.4 Resultados

Quadro 5.4. Resultados dos surdos monolíngues para DPs não-específicos

Surdos Monolíngues	Indefinido não-específico
1	<i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste. MNM não-específica aparece.</i>
2	<p style="text-align: center;">_____N.ESP PESSOA SURDA MULHER 'Uma pessoa que seja surda do sexo feminino.'</p>
3	<p style="text-align: center;">_____N.ESP PESSOA SURDA 'Uma pessoa surda.'</p>
4	<p style="text-align: center;">_____N.ESP PESSOA</p>
5	<i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste.</i>
6	<p style="text-align: center;">PESSOA GOSTA DIREITO SURDO 'Uma pessoa que respeite o direito dos surdos'</p>
7	<i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste.</i>
8	<i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste.</i>
9	<p style="text-align: center;">Usa os sinais IMAGINAR PERFIL PESSOA... 'Imaginemos o perfil de uma pessoa para essa vaga.'</p> <p style="text-align: center;"><i>Não usa os DPs alvo do teste. MNM não-específica aparece.</i></p>
10	<p style="text-align: center;">_____N.ESP CONTATO INTIMA</p> <p style="text-align: center;">_____AMIGA 'Uma que eu tenha contato, intimidade, amizade'.</p>
11	<p style="text-align: center;">_____N.ESP PESSOA</p>
12	<p style="text-align: center;">_____N.ESP MULHER CONVERSAR LIBRAS</p>

	'Uma mulher que converse em libras...'
13	____N.ESP NAMORADO CASAR SEMPRE++ 'Um namorado que seja fiel...'
14	PESSOA TER RESPONSABILIDADE...
15	EU ESCOLHO MAGRO BONITO...
16	____N.ESP IX _{BABY-C-3} COMBINAR SINAIS 'Uma pessoa que saiba sinais...'
17	____N.ESP NAMORADA
18	____N.ESP PESSOA
19	<i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste.</i>
20	____N.ESP PESSOA

Fonte: elaboração própria

Quadro 5.5. Resultados dos surdos bilíngues para DPs não-específicos

Surdos Bilíngues	Indefinido não-específico
1	<p>_____ N.ESP CABELO-CACHEADO 'um de cabelos cacheados'</p>
2	<p><i>Simula um diálogo para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste.</i></p>
3	<p>_____ N.ESP PALMAS-PARA-CIMA PESSOA IX_{BABY-C-3}</p>
4	<p>_____ N.ESP SURDO</p>
5	<p>_____ N.ESP PESSOA</p>
6	<p><i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste. MNM não-específica aparece.</i></p>
7	<p><i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste. MNM não-específica aparece.</i></p>
8	<p>PESSOA CONVERSA 'Uma pessoa que conversa' MNM não-específica aparece na fala.</p>
9	<p>_____ N.ESP UM NAMORADO</p>
10	<p>PESSOA CONSCIÊNCIA 'Uma pessoa que tenha consciência'</p>
11	<p>PESSOA UMA MENTE-ABERTA 'Uma pessoa de mente aberta'.</p>
12	<p><i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste.</i></p>
13	<p>EU COMBINAR É [SURDO] 'Eu combino com um surdo...'</p>
14	<p>_____ N.ESP PESSOA PACIENCIA 'Uma pessoa que seja paciente...'</p>

15	Usa sentenças condicionais, do tipo: SE EU GOSTAR ELA.
16	____N.ESP PESSOA 'Uma pessoa...'
17	<i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste.</i>
18	EU PREFERIR [PESSOA IX _{BABY-C-3}] SIMPLES 'Eu prefiro uma pessoa simples...'
19	<i>Conta uma história para responder as questões. Não usa os DPs alvo do teste. MNM não-específica aparece</i>
20	____N.ESP IX _{BABY-C-3} 'Uma pessoa...'

Fonte: elaboração própria

A mesma MNM não-específica que aparece nos resultados da produção ao estímulo nº5,



(figura 5.4 abaixo), onde havia uma foto de um homem qualquer, aparece nas respostas às questões feitas por esta testagem se espraiando sobre os DPs. Identificamos que o uso da MNM não-específica é de uso comum a ambos os grupos, como vimos nos resultados dos quadros 04 e 05 acima do teste 1, pois a maioria a utiliza, embora saibamos que, em qualquer teste de produção, nem sempre todos os participantes respondem aos estímulos da mesma forma, como vimos nos resultados.

Figura 5.4. ‘Boca de ferradura’ - MNM não-específica na libras



Fonte: elaboração própria

No exemplo em (8) abaixo percebemos que a MNM não-específica espraia em vários momentos da sentença que serve de resposta para a questão 01 acima. A MNM começa se espraiando sobre o sinal PALMAS-PRA-CIMA que, como veremos à frente, parece introduzir os contextos *irrealis* na libras, e logo em seguida, quando o DP se inicia a MNM começa se espraiar de forma sutil. Por isso a linha aparece espaçada. Quando o núcleo do DP PESSOA é realizado, a MNM aparece de forma clara e contínua. Mais à frente na sentença, a MNM volta a ocorrer, agora entre o tempo de realização do primeiro VP COMBINAR e do segundo VP COMUNICAR.

(8)

_____ MNM não-específica	----- MNM não-específica
PALMAS-PARA-CIMA	[MEU NAMORADO PESSOA]DP
COMBINA LINGUA-DE-SINAIS COMBINA	_____ MNM não-específica COMUNICAR

‘Deixe me pensar.... meu namorado tem que saber língua de sinais, porque é melhor pra gente se comunicar’

O leitor pode estar se perguntando por que o núcleo do DP é PESSOA e não NAMORADO como na tradução para o português da sentença em (8). Sintática e semanticamente fica claro que a predicação COMBINA LÍNGUA DE SINAIS, recai sobre a pessoa que o participante tem em mente que possa ser seu possível perfil de namorado. No entanto, os limites de início e fim do DP não são fáceis ou claros de delimitar e neste caso, o sinal PESSOA, realizado com a forma da mão IX_{baby-c}, que foi discutida no capítulo 3 da tese, tem um comportamento dual entre ser um substantivo e um determinante. Então, a interpretação pode ser ‘meu namorado tem que ser uma pessoa’ como um DP único, mas, neste caso não há marcas sintáticas indicando que haveria essa predicação dentro deste DP, ou, como prefiro assumir aqui, a interpretação desse DP deve ser algo do tipo ‘meu namorado este (que tenho possivelmente em mente)’, ou seja, o sinal de pessoa recebendo uma função de determinante demonstrativo, como eu hipotetizo para a apontação pós-nominal.

Em pesquisas futuras, deve-se investigar onde essas MNM iniciam e terminam exatamente e se se espraiam sobre o N somente, ou sobre o N e D obrigatoriamente, a fim de explicar os critérios prosódicos e morfossintáticos que garantem a constituição do DP na libras e talvez em outras LS.

Além da MNM se espraiar sobre o DP, a maioria dos nossos participantes utilizaram um sinal com as palmas para cima inclinadas acompanhado da MNM não-específica para marcar o contexto *irrealis*. A forma PALMAS-PARA-CIMA abaixo em (11) aparece sistematicamente nas respostas com DPs não-específicos, ou seja, aquelas nas quais o referente é imaginário.

O sinal pode ter tradução semelhante à expressão “deixe-me ver/deixe-me pensar...” em PB, ou “*let me see...*” em inglês, ou ainda “supondo que...”. Essas expressões sempre requerem uma complementação da qual não se pressupõe uma situação real, por isso, essa marca aparece nesses contextos. Não há registros na literatura sobre marcas deste tipo, pelo meu conhecimento.

A forma em (11) abaixo, associa a MNM não-específica com as PALMAS-PARA-CIMA e, a priori, possuem um efeito discursivo, no entanto, há uma contribuição desse marcador para o tipo de sentença que se está construindo, que tem a ver com um tipo de modalização epistêmica.

(11) _____ MNM não-específica

PALMAS-PARA-CIMA EU QUERO COMBINAR PESSOA SURD@ SÓ MULHER
'Supondo essa situação, eu gostaria de namorar alguém surdo e que seja do sexo feminino'



5.3.1.3 Teste 3 – Definitude x Indefinitude

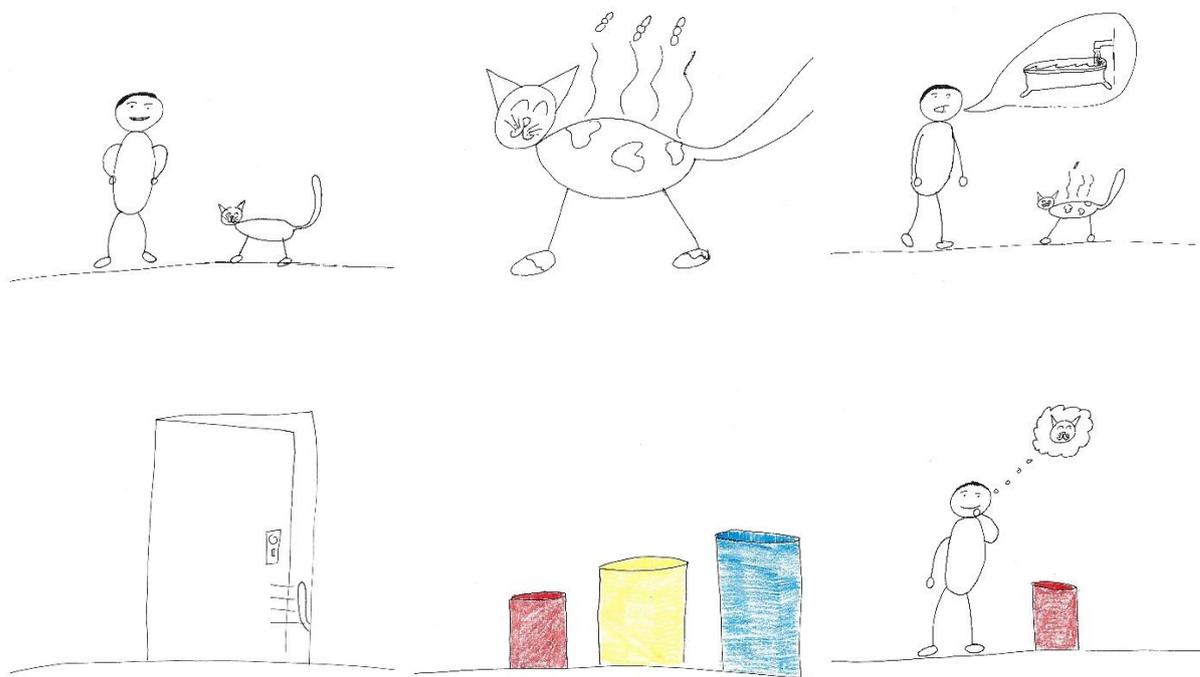
5.3.1.3.1 Introdução

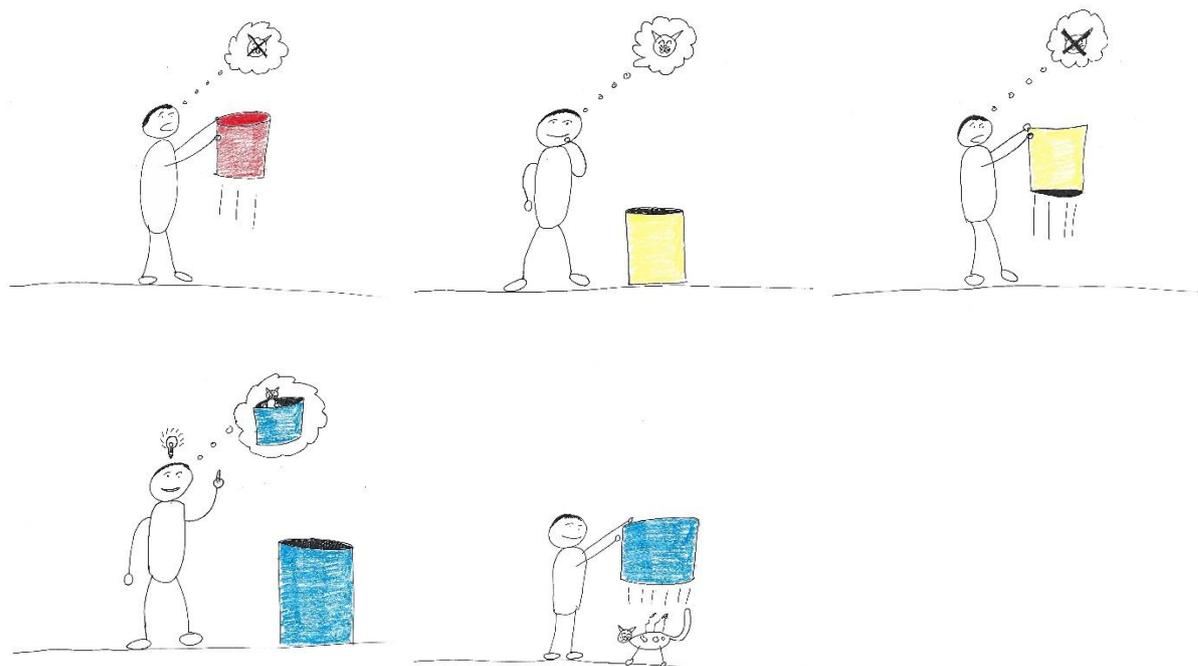
Se a familiaridade é uma propriedade dos artigos definidos, os contextos nos quais referentes são apresentados a primeira vez e são retomados mais tarde, constituem-se o cenário ideal para testar a definitude de um item. Como foi explicitado no capítulo 2, nas línguas do mundo, referentes completamente novos são geralmente introduzidos por artigos indefinidos, enquanto referentes familiares são introduzidos ou retomados por artigos definidos. Com essa testagem queremos verificar como a libras estabelece o contraste entre a primeira menção e a retomada de um referente.

5.3.1.3.2 *Materiais e método*

A história a seguir foi selecionada porque começa necessariamente com a apresentação dos personagens, um homem e um gato. Além disso, os quadros possuem informações mínimas, sem muitos elementos imagéticos ao fundo que poderiam desviar o foco da análise.

Produção de contextos novos x familiares





Descrição aproximada da narrativa: Era uma vez (havia) um homem e um gato. O gato estava fedido, e o homem disse ao gato que ele precisava tomar banho. O gato saiu correndo imediatamente pela porta e se escondeu dentro de um dos três baldes que estavam à vista. O homem pensou que o gato estava dentro do primeiro balde vermelho, mas o gato não estava. Daí, o homem pensou que ele só poderia estar no segundo, mas novamente, o gato não estava. Por fim, o homem pensou, agora ele só poderia estar dentro deste terceiro balde azul, e não é que o gato estava mesmo lá?

5.3.1.3.3 Participantes

Esta coleta foi feita presencialmente com os dois grupos de surdos: bilíngues e monolíngues, na mesma sessão em que foram realizadas todas as outras testagens.

5.3.1.3.4 Procedimentos

Todos os participantes recebiam a história dos personagens “*Tom and Mittens*” mencionada acima (ROLKA & CABLE, 2014)⁷⁷ impressa em um pequeno livreto. Eles eram orientados a aprender a pequena história porque em algum momento da coleta seriam solicitados a contá-la. Esse cuidado metodológico garante que os participantes não se apeguem à posição exata dos personagens na história e nem fiquem tentados a olhar o livreto outras vezes

⁷⁷ Totem Field Storyboards: <http://www.totemfieldstoryboards.org>

durante a contação. Insisti bastante nisso, pois, durante as entrevistas-piloto, percebi que quando os participantes contavam a história sem ter tido tempo para treiná-la mentalmente, a produção ficava muito restrita a copiar as imagens e não a reproduzir o enredo da narrativa.

O fato de os participantes aprenderem e treinarem exaustivamente a história antes de recontá-las garante que o texto-fonte influenciará em pouquíssima medida a sua produção. Outro ganho é que quando os participantes tinham acesso às imagens durante a contação, ao se utilizar dos sinais de apontação, eles apontavam para os locais onde os referentes estavam no papel. Isso enviesaria totalmente a minha análise visto que estou considerando que o artigo definido surge de uma apontação que se dirige para um espaço abstrato reservado à 3ª pessoa, como explicitado no capítulo 3.

Antes de contarem a narrativa, sugeríamos novamente que os participantes esquecessem a história do papel, e perguntávamos se eles tinham memorizado a história e se estavam prontos para recontá-la a seu modo para qualquer pessoa⁷⁸. Caso a resposta fosse positiva, deixávamos o participante sozinho no local de gravação. Contar uma história infantil não é uma tarefa do perfil de todos os adultos e ficar sozinho no ambiente permitiu que eles pudessem se expressar ao seu modo, sem observadores.

Por último, os participantes eram orientados a contar a história imaginando uma plateia de crianças surdas, inclusive utilizando *starters* como “Era uma vez”, pois esses elementos colocam o sinalizador dentro do gênero desejado. Caso contrário, o surdo produzirá nada mais do que uma sequência confusa de estilos textuais que dificultarão a análise.

5.3.1.3.5 Resultados

Os resultados são distintos para os grupos bilíngue e monolíngue como podemos ver no resultado global nos quadros abaixo:

⁷⁸ Tem-se abandonado o uso de imagens como formas de elicitare produção em LS, preferindo os textos escritos em LO, uma vez que depois de lê-los e internalizá-los, os surdos geralmente reconstróem a narrativa a seu modo independentemente dos itens da LO, o que não ocorre quando o texto-fonte é uma imagem, pois os surdos tentam por vezes reproduzir um decalque do que foi visto.

Quadro 5.6. Resultado da produção de primeira menção e retomada – surdos monolíngues

Surdos Monolíngues	Primeira menção (indefinido)	Retomada (definido)
1	ENCONTRAR [GATO] ‘Eu encontrei um gato...’ <i>Não há primeira menção ao homem. O corpo do sinalizador funciona como o homem da história na contação deste participante.</i>	[IX-3.SG] RS-HOMEM :FEDOR ‘Ele, estava fedido, nossa!’
2	[GATO] ‘Um gato’ [HOMEM] ‘Um homem’	RS-HOMEM: IX-2.SG SUJEIRAS-NO-CORPO ‘O homem diz: - você está cheio de sujeiras no corpo’ RS-GATO: FUGIR ‘O gato foge.’
3	[GATO] ‘Um gato’ <i>Não há primeira menção ao homem. O corpo do sinalizador funciona como o homem da história na contação deste participante.</i>	[IX-1.SG] SENTIR CHEIRO [GATO], AMO ‘Eu amo sentir o cheiro do meu gato’
4	MEU [GATO] JUNTO BRINCAR ‘Eu estava brincando junto com meu gato’ <i>Não há primeira menção ao homem. O corpo do sinalizador funciona como o homem da história na contação deste participante.</i>	[GATO] RS: CL:ANIMAL-ANDAR SUJO MOSCAS ‘O gato veio andando cheio de moscas’. [IX-1.SG] CASA ORGANIZAR ‘Eu estava organizando a casa’.
5	[GATO] CL:ANIMAL-ANDAR ‘Um gato veio andando’ <i>Não há primeira menção ao homem. O corpo do sinalizador funciona como o homem da história na contação deste participante.</i>	1-VER-3 IX-3.SG RS-HOMEM: SUJO ‘Eu vi que ele estava sujo.’

6	<i>O participante não consegue estabelecer a distinção entre primeira menção e retomada e aponta para o caderno de estímulos com as imagens. Por isso, descartamos a produção.</i>	
7	[HOMEM] 'Um homem' [GATO] 'Um gato'	IX-3.SG SUJO 'Ele estava sujo' RS-HOMEM: IR BANHAR! 'O homem ordena: - vá banhar!'
8	<i>O participante não consegue estabelecer a distinção entre primeira menção e retomada e aponta para o caderno de estímulos com as imagens. Por isso, descartamos a produção.</i>	
9	[HOMEM] CL:HOMEM-ANDAR 'Um homem andou' [GATO] CL:ANIMAL-ANDAR _k 'Um gato andou'	RS-HOMEM: PENSAR ENCONTRAR _k CONVERSAR O-QUE MOSCAS SUJEIRA- NO-CORPO 'Onde eu posso encontrar [o gato] falar com ele, ele está sujo, cheio de moscas.'
10	[HOMEM] _k 'Um homem de um lado' [GATO] _j 'Um gato do outro lado'	IX.SG _k CL:PESSOA-EM-PÉ ANDAR 'Ele andou...' [GATO] RS: CL:ANIMAL-ANDAR 'O gato veio andando'
11	[HOMEM IX _{BABY-C-3}] CL: PESSOA-EM-PÉ IX 'Um homem estava em pé' [GATO] CL: ANIMAL-ANDAR 'Um gato veio andando'	[GATO] RS-GATO: BRINCAR++ 'O gato brincava e brincava...' RS-HOMEM: QUE-SUJEIRA! 'O homem olhou e disse: - mas, que sujeira!'
12	OLHA IX.SG GATO IX.SG CARINHOSO. BOM GOSTAR. ⁷⁹ 'Olha o/este gatinho, que carinhoso! Que bom. Gostei dele.'	DEPOIS RS-HOMEM: EU CHAMAR++ ONDE? ENCONTREI. FEDOR!

⁷⁹ Neste caso em específico, contrariando as expectativas, o surdo utiliza o IX pré-nominal na primeira menção, no entanto, após análise, verifico que o produção se dá pelo fato de que o participantes não segue as orientações da tarefa que é a de apresentar a história sem se fixar na posição dos personagens no papel que receberam e ainda,

		‘Depois de um tempo, fique chamando ele, procurando, encontrei o gato. E disse: - que fedor!’
13	<i>O participante não consegue estabelecer a distinção entre primeira menção e retomada e aponta para o caderno de estímulos com as imagens. Por isso, descartamos a produção.</i>	
14	[HOMEM] ‘Um homem’ [GATO] ‘Um gato’	[GATO] ESTAVA RUA, MAS HOMEM SENTIR-TRISTE GATO. HOMEM PEGAR GATO LEVAR CASA ‘O gato estava na rua, o homem ficou triste pelo gato. O homem decidiu levar o gato para casa’.
15	[GATO] CL: ANIMAL-ANDAR ‘Um gato estava andando...’ <i>Não há primeira menção ao homem. O corpo do sinalizador funciona como o homem da história na contação deste participante.</i>	RS-HOMEM: EU ACHEI VOCÊ! BANHAR! ‘Eu te achei, hein! Vá banhar!’ RS-HOMEM: CL:PEGAR-GATO. FUGIR! ‘Peguei o gato, ele fugiu!’
16	[HOMEM] BAIXO ‘Um homem baixinho’ [GATO] IX.SG ‘Um gato, este aqui’.	RS-HOMEM: - VOCÊ SUJO... ‘-você está sujo!’ RS-GATO: - NÃO-QUERO TOMAR-BANHO! ‘eu não quero tomar banho’
17	[HOMEM] CL: PESSOA-ANDAR ‘Um homem andando’. [GATO] CL:ANIMAL-ANDAR SEGUIR ‘Um gato seguindo’.	RS-HOMEM: CL-PESSOA-ANDAR-TRANQUILLO OLHAR GATO ‘O homem estava andando tranquilamente e viu o gato...’ [GATO] VER RS-GATO: CL: ANIMAL CORRER ESCONDER ‘O gato viu a movimentação do homem e correu para se esconder’.

deveriam incorporar o papel de um contador de histórias, para adaptação ao gênero. O uso de IX pré-nominal neste exemplo é licenciado pois o participante tem uma intenção claramente demonstrativa, como os demonstrativos não gramaticalizados que propus anteriormente.

18	[HOMEM] 'Um homem'	IX-3.SG SUJO 'Ele estava sujo'
19	<i>O participante não consegue estabelecer a distinção entre primeira menção e retomada e aponta para o caderno de estímulos com as imagens. Por isso, descartamos a produção.</i>	
20	[HOMEM] CL; HOMEM-ANDAR 'um homem andando'	RS-HOMEM: - VOCÊ IR BANHAR '-você vai tomar banho!'
	[GATO] CL:ANIMAL-ANDAR 'um gato andando'	RS-GATO: - NÃO-QUERO! 'não quero!'

Fonte: elaboração própria

Quadro 5.7. Resultado da produção de primeira menção e retomada – surdos bilíngues

Surdos Bilíngues	Primeira menção (indefinido)	Retomada (definido)
1	CL;HOMEM-ANDAR 'um homem andando' CL:ANIMAL-ANDAR GATO 'um gato andando'	RS-HOMEM: - VOCÊ SUJO... '-você está sujo!' RS-GATO: - NÃO-QUERO TOMAR-BANHO! 'eu não quero tomar banho'
2	CL:ANIMAL-ANDAR GATO 'um gato andando' CL: HOMEM-OLHA-PARA-O-GATO 'um homem olha para o gato'	RS-HOMEM: VOCÊ QUER TOMAR BANHO? '-você quer tomar banho?' RS-GATO: EU, NÃO! 'Eu não!'
3	TER [HOMEM IX _{BABY-C-3}] 'Tinha um homem' GATO CL:ANIMAL-ANDAR 'Um gato andando'	[IX-3] PEDIR GATO TOMAR BANHO 'Ele pediu pra o gato ir banhar' [IX-3] SENTIR-NERVOSO CORRER 'Ele ficou nervoso e correu'
4	[IX _{BABY-C-3} HOMEM IX _{BABY-C-3}]VER [GATO] 'Um homem viu um gato'	RS-HOMEM: FEDOR' '-Que fedor!' RS-GATO: FACEIRO '-Isso não é comigo!'
5	[HOMEM] 'Um homem' [GATO] 'Um gato'	RS:HOMEM-OLHAR GATO CL:ANIMAR-ANDAR 'O homem olhou para o gato andando'
6	[HOMEM] 'Um homem' [GATO]	RS:HOMEM-APONTAR GATO CL:ANIMAR-ANDAR 'O homem apontou para o gato andando'

	'Um gato'	
7	[HOMEM ALTO] 'Um homem alto' [GATO UM] 'Um gato'	CL: ANIMAL-ANDAR 'O gato andando' HOMEM VER 'O homem viu...'
8	[GATO] 'Um gato' CL: HOMEM-OLHA-PARA-O-GATO 'um homem olha para o gato'	RS-HOMEM: VOCÊ PRECISAR TOMAR BANHO? '-você precisa tomar banho?' RS-GATO:QUERER-NÃO! 'Não quero!'
9	[HOMEM IX _{BABY-C-3}] 'Um homem' [GATO] 'Gato'	RS: CL:HOMEM-ANDAR 'O homem andou...' RS: CL: GATO-LAMBER-PATA 'O gato estava se lambendo'
10	TER [HOMEM] CL:HOMEM-ANDAR 'Tinha um homem andando' CL:ANDAR [GATO] 'E um gato andando'	RS:HOMEM-OLHAR-GATO, SUSTO, FEDOR 'O homem olha para o gato, e toma um susto com o fedor'.
11	[HOMEM] VER [GATO] 'Um homem viu um gato'	RS: HOMEM-PEGAR-GATO, FEDOR 'O homem pega o gato e sente o fedor'.
12	[HOMEM] VER [GATO] 'Um homem viu um gato'	RS HOMEM: PRECISAR BANHAR CL: PEGAR-GATO '-Você precisa de um banho, e pega o gato'
13	[GATO] CL:ANIMAL-ANDAR 'Um gato andando'	HOMEM OLHAR RS-HOMEM: VAI BANHAR! 'O homem olhou pro gato e disse: -vá banhar!'

	RS-HOMEM: SENTIR-FEDOR 'Um homem sentir fedor'	GATO RS-GATO: NÃO" CORRER 'O gato respondeu: -não" e correu.'
14	[HOMEM UM HOMEM IX _{BABY-C-3}] 'Um homem' [GATO] 'Um gato'	[IX HOMEM] FALOU... 'O homem falou...' [GATO] RS: EU? 'O gato perguntou: -eu?'
15	[HOMEM] CL:HOMEM-ANDAR IX 'Um homem andando' [GATO] CL: GATO-SENTADO 'Um gato sentado'	[IX-3.SG] PROPRIO [GATO IX] 'Ele era dono do gato'
16	[HOMEM IX _{BABY-C-3}] 'Um homem' [GATO] 'Um gato'	RS: VER GATO CL:ANIMAL-ANDAR 'O homem viu o gato andando...'
17	VI [GATO] 'Eu vi um gato...' <i>Não há primeira menção ao homem. O corpo do sinalizador funciona como o homem da história na contação deste participante.</i>	[IX-3.SG] RS-HOMEM :FEDOR 'Ele, estava fedido, nossa!'
18	IX-1.SG [MULHER] ADORO [UM GATO]. GATO ORULHO RABO LONGO... 'Eu sou uma mulher que adoro um gato'	GATO RS: ANIMAL-ANDAR 'O gato veio andando' MULHER RS: LINDO!! 'A mulher disse: - como é lindo!'
19	HISTÓRIA TEMA '[HOMEM] PROCURA [GATO]'	HOMEM TRABALHAR RS-HOMEM CANSADO OLHA-RELOGIO UFA! VOLTA CASA, RS-HOMEM :GATO ONDE? SAUDADE

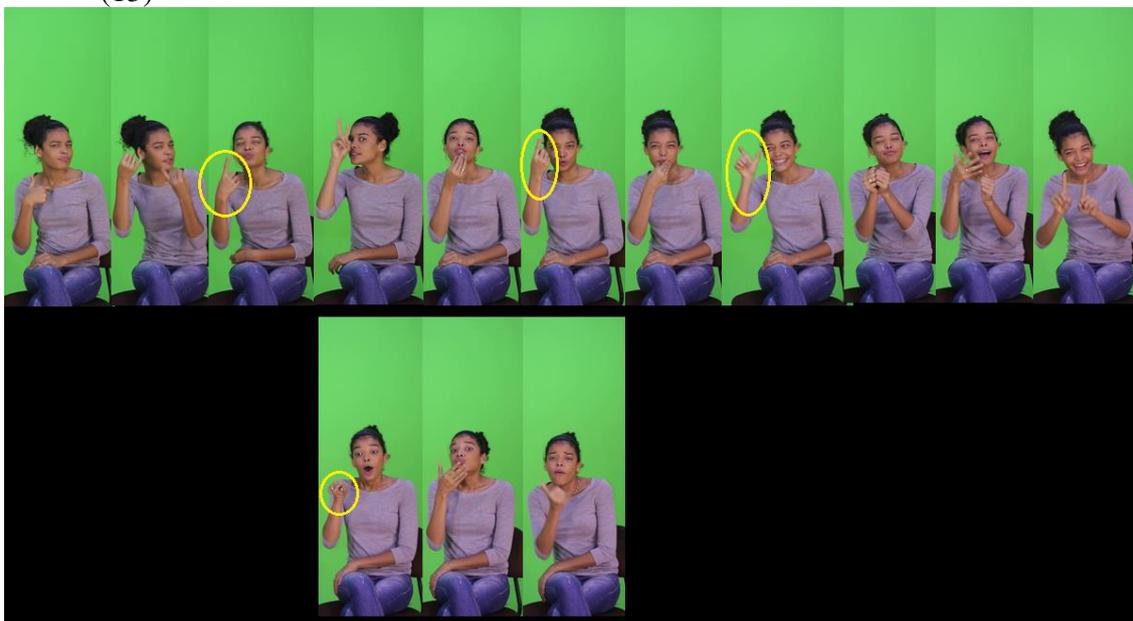
	<p>‘O tema da história é: Um homem procura um gato’</p>	<p>‘O homem estava tralhando, já muito cansado, olha o relógio. Ufa! Já deu minha hora de voltar pra casa. Onde estará o gato? Já sinto saudades.’</p> <p>GATO PERCEBER BANHO CORRER ‘O gato percebeu que ia tomar banho e correu’</p> <p><i>Nesse participante não é claro o uso do Role-shift com o gato na retomada.</i></p>
20	<p>[HOMEM] CL:HOMEM-ANDAR ‘Um homem andando’</p> <p>[GATO] CL:ANIMAL-ANDAR ‘Um gato andando...’</p>	<p>RS-HOMEM: OLHAR-3 O-QUE?? IX-3.SG ‘O Homem olha para o gato e interroga -mas, o que é isso?’</p> <p>RS-GATO: FACEIRO LAMBENDO-AS-PATAS ‘O gato faceiro continuar a lamber as patas’</p>

Fonte: elaboração própria

5.3.1.3.5.1 Resultado do grupo de surdos bilíngues

O grupo de surdos bilíngues utiliza o nome nu neutro no espaço ou precedido do artigo indefinido UM para introduzir um referente num contexto que é retomado com o artigo definido IX pré-nominal, como no exemplo abaixo em (13), uma vez que o nome nu não pode ser utilizado como um definido anafórico, de acordo com o julgamento de nossos participantes, como mostra o exemplo em (14).

(13)



EU EXPLICAR [1 HISTÓRIA] [Ø **HOMEM 1** **HOMEM IX_{baby-c}**] JUNTO [Ø GATO] CL_{MÃO-DIREITA}-1 CL_{MÃO-ESQUERDA}-1, [**IX.SG** **HOMEM**] 3-AVISAR-3...

‘Eu vou contar uma história sobre um homem e um gato, o homem falou para o gato...’

(14)

IX-1 COMPRAR [Ø GATO] ONTEM. *Ø/IX.SG GATO VIR LAMBER-PERNAS-1

‘Eu comprei um gato ontem. *(O) gato veio lamber minhas pernas.’

5.3.1.3.5.2 Resultado do grupo de surdos monolíngues

Como os surdos monolíngues não utilizam o item 1 como um artigo indefinido, o nome nu sempre é utilizado para a apresentação dos referentes e sua retomada é feita com outras estratégias.

Na nossa coleta, o grupo de surdos monolíngues usa prioritariamente o *role-shift* para efetuar a retomada do referente. O *role-shift* é o mecanismo pelo qual o sinalizador assume a

posição dos personagens, criando uma cena com discurso direto, com sentenças do tipo: “- Eu falei pro gato: vá tomar banho!” Nesse contexto fica claro que o sinalizador assume o papel do homem na história, mas não há marcas gramaticais das diferenças definido x indefinido.

Isso nos leva a assumir que não há um artigo definido na gramática dos surdos monolíngues. No entanto, em duas produções dos surdos monolíngues, começa-se a perceber o uso de IX isolado, ou pré-nominalmente fazendo a retomada anafórica dos referentes assim como na gramática dos surdos bilíngues. Com isso, o sinalizador diminui o uso da estratégia *role-shift*, como em (15) para a retomada. Cada palavra na glosa abaixo equivale a um quadro da sentença em libras. Chamo atenção para os quadros com círculos amarelos; em todos eles, há a retomada anafórica dos referentes, com o uso de IX pré-nominal.

Nos dois primeiros círculos amarelos, a apontação IX retoma o classificador que está sendo realizado pela outra mão, mais ou menos como um demonstrativo, ou seja, não exatamente pré nem pós-nominal, mas é simultâneo à realização do classificador que substitui o nome. Esta observação pode sugerir que foram nesses contextos que emergiram os primeiros usos de IX pré-nominal como um artigo definido, ou seja, primeiramente a apontação serviria para efetuar a retomada na posição absoluta do referente, que está à direita ou à esquerda, mas com o tempo a apontação pode estar se gramaticalizando e não mais indicar a posição absoluta dos referentes, mas como uma marca abstrata, por isso mais próxima de função de artigos. Essa é uma especulação que faço com base nesse dado que coletei.

(15)



Primeira apresentação:

HOMEM BAIXO_{CONTRALATERAL} GATO MAIS-BAIXO_{IPSILATERAL}

‘Um homem deste lado baixinho, e um gato deste outro lado mais baixo’



Retomada:

[AQUI CL:PESSOA-a **IX.SG-a** **HOMEM**] [ALI Ø GATO CAMINHAR] [**IX.SG-a**
CL:PESSOA-a] [IX-2 REFLETIR O-QUE?]_{role-shift} [**IX.SG** GATO FEDER]

‘Aqui nessa posição fica o homem, ali o gato vem caminhando, e aí ele: -Vou fazer alguma coisa com você!, o gato estava fedido’.

Mesmo com a ocorrência de IX pré-nominal para retomar os referentes, somente 2 dos 20 participantes do grupo monolíngue produzem a IX para retomada, ou seja, no geral, o grupo de surdos monolíngues utiliza o nome nu com a estratégia de *role-shift* para retomar os referentes apresentados.

5.3.1.3.5.3 Outras formas de marcar a definitude em libras

Ainda nos dados de produção, encontramos uma estratégia discursiva para se marcar a definitude na libras que é utilizando o verbo CONHECER. O falante faz uma pergunta do tipo “Você conhece (x)?”, e x pode ser uma pessoa ou um objeto, como vemos na sentença abaixo (16). No entanto, nesses casos, os verbos podem ser alterados por CONHECER, LEMBRAR, SABER e a ordem não é fixa.

(16)



(Teste 2 – entrevista)

Libras: CONHECER ELE?

PB: “Lembra o/*um ‘fulano’?”

Atestamos também o uso de IX_{baby-c} que é o item lexical para PESSOA em libras, que em contextos pré-nominais pode também comportar-se como determinante. Na sentença abaixo (17), vemos claramente que o item já está gramaticalizado para os dois usos, no primeiro círculo amarelo, a combinação [IX_{baby-c} CARACTERÍSTICA] gera o DP ‘características da pessoa’ na posição de argumento de ‘CONHECER’, mas no segundo uso, no segundo círculo amarelo, o mesmo sinal, agora funciona como um determinante, pois a combinação [IX_{baby-c} PESSOA] gera o DP ‘a pessoa’⁸⁰. Inclusive, o uso determinante, como resultado da constante decategorização, ainda conserva traços do item lexical PESSOA que lhe deu origem, por isso só pode se combinar com nomes animados, mas não com inanimados como mostra o contraste em (18). Por fim, este item também pode ocorrer com interpretação indefinida, por isso, não é um potencial artigo definido na libras, embora funcione claramente como um determinante, como vemos em (19).

(17)



CONHECER IX_{baby-c} CARACTERÍSTICA TAMBÉM IX_{baby-c} PESSOA [...] ‘Conhecer as características da pessoa, bem como a pessoa [...]’

(18)

- a. IX_{baby-c} ANDERSON
- b. IX_{baby-c} PROFESSOR
- c. * IX_{baby-c} CASA

(19) *Primeira menção*

HOJE ANIVERSÁRIO [IX_{baby-c} PESSOA ESPECIAL]_{DP}
‘Hoje é o aniversário de uma pessoa especial’

(vídeo da internet)

⁸⁰ Esse uso dual de IX_{baby-c} como nome (pessoa) e determinante já foi percebido também na libras por Finau (2014).

5.3.2 Tarefas de compreensão

5.3.2.1 Teste 4 – IX.PL pré-nominal se comporta como um artigo definido plural em libras?

5.3.2.1.1 Introdução

Se o item IX pré-nominal é um artigo definido como hipotetizo, a IX.SG deve codificar a unicidade ou familiaridade do referente, ou seja, como é o expoente do operador iota na língua, deve ser capaz de recuperar o indivíduo saliente no contexto de proferimento, bem como a sua versão plural IX.PL deve responder à condição de maximalidade, ou seja, o item deve ser capaz de retomar todos os referentes relevantes no contexto, sem exceção. Para isso, adaptei os testes semânticos de definitude propostos por Gillon (2015) para a libras com objetivo de avaliar se os itens acima descritos são potenciais artigos na língua.

5.3.2.1.2 Materiais e método

O teste avalia se IX.PL codifica a maximalidade, propriedade relacionada aos definidos plurais. Gillon (2015) propõe que, em línguas com artigos definidos, ao dizer: "- Eu vi 5 leões e 6 ursos" e continuar dizendo, "- Eu matei **os** ursos", ao ser perguntando sobre quantos ursos foram mortos, o falante de qualquer língua com artigos definidos deve responder obrigatoriamente "6". E ainda, uma continuação da sentença anterior do tipo, "mas um escapou", como em: "- Eu vi 5 leões e 6 ursos. Eu matei **os** ursos, #mas um escapou", não deve ser uma construção aceitável, dado que o artigo definido plural não licencia que nenhum nome escape de seu escopo. Ou seja, o artigo definido plural, retoma necessariamente a quantidade máxima de ursos mencionados e nenhum poderia ter escapado.

No capítulo 3, vimos a influência dos tipos de verbos nas LS: ancorados e não ancorados e do aspecto lexical na interpretação de número e quantificação dos argumentos. Por isso, no nosso teste criamos as sentenças de continuação alternando estas variáveis. Nas sentenças de 1 a 10 utilizamos um verbo não-ancorado (flexionável para número) com um predicado télico, nas de 11-16 utilizamos um verbo não-ancorado (flexionável para número) com um predicado atélico e nas de 17 a 25 utilizamos um verbo ancorado (não flexionável para número) com um predicado télico.

Temos o seguinte design experimental como na figura 5.5 abaixo, 5 condições para os tipos de verbos e a relação com o aspecto lexical e 5 condições para os tipos de DPs na libras, criando uma sentença para cada condição, teremos, então, 25 sentenças-teste.

Figura 5.5. Condições para os verbos e determinantes



Fonte: elaboração própria

Como proposto por Gillon (2015), nas sentenças de 1-16 o que estamos testando é a propriedade semântica da definitude em si, pois, como se pode ver nas glosas, alteramos entre o uso ou não da morfologia de número, utilizando o nome *nu vs* o nome precedido ou sucedido de IX para avaliar se os surdos responderiam diferentemente às questões sobre quantos ursos foram mortos, ou ainda, se permitiriam a continuação do tipo “mas, 1 escapou” com que/quais tipos de ordem dos elementos.

Nas sentenças de (11) a (16), a pergunta sobre quantos ursos foram mortos deveria então apresentar diferenças nos julgamentos de aceitabilidade, visto que o predicado ATIRAR possui alternância conativa, ou seja, a ação de atirar é télica, mas alguém pode fracassar na tentativa de acertar o seu alvo. Por isso, esperamos que os surdos julguem a continuação “mas, um escapou” possível com predicados télicos de alternância conativa como ATIRAR, mas não com MATAR.

Este teste pode ser realizado em pesquisas futuras controlando de forma mais detalhada as variáveis em questão. Há muitos outros fatores que não podem ser cobertos por este trabalho de tese, mas que podem ser atestados nas sentenças acima como, por exemplo, o fato de que além do aspecto lexical dos verbos, os verbos não ancorados em libras podem se flexionar para mostrar diferenças entre ações realizadas de forma exaustiva, ou distributiva, etc., o que pode de alguma forma influenciar na leitura eventiva e, assim, na quantificação dos referentes. Para nosso objetivo, basta que IX pré-nominal selecione o máximo de referentes apresentados no contexto e seja inaceitável com a continuação, “mas um escapou”, que contradiz a quantidade máxima de referentes selecionados sob o escopo do artigo.

As sentenças estavam disponíveis para os surdos em dois formatos (quadro 5.8, abaixo). No primeiro formato, os surdos viam a sentença inicial e a condição, mas não viam a continuação que contradiz a leitura definida “mas, um escapou”. Ao final da visualização do primeiro formato, há uma questão sobre quantos ursos morreram, feita após cada condição apresentada, que verifica que condições respondem à maximalidade.

No segundo formato, os surdos viam a sentença, a condição e a continuação “mas, um escapou”. E após a visualização, eles teriam que atribuir uma nota na escala *Likert* para a sentença que continha a continuação.

Quadro 5.8. Sentenças e sequência do teste 4

>>>>ORDEM DE APRESENTAÇÃO DO TESTE>>>>			
INÍCIO DO TESTE	1º FORMATO (SENTENÇA + CONDIÇÃO)		
	2º FORMATO (SENTENÇA + CONDIÇÃO + CONTINUAÇÃO)		
	SENTENÇA	CONDIÇÃO	CONTINUAÇÃO
	EU CAMINHAR ^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO ‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’	1. MATAR.PL IX.SG URSO V-plural D- pré-nominal/singular	MAS 1 ESCAPAR ‘Mas um escapou’
EU CAMINHAR ^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO ‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’	2. MATAR.PL URSO IX.PL V-plural D-pós-nominal/plural	MAS 1 ESCAPAR ‘Mas um escapou’	
EU CAMINHAR ^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO ‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’	3. MATAR.PL URSO IX.SG V-plural D-pós-nominal/singular	MAS 1 ESCAPAR ‘Mas um escapou’	

<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>4. MATAR.PL IX.PL URSO</p> <p>V-plural D-pré-nominal/plural</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>5. MATAR.SG IX.SG URSO</p> <p>V-singular D-pré-nominal/singular</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>6. MATAR.SG IX.PL URSO</p> <p>V-singular D-pré-nominal/plural</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>7. MATAR.SG URSO IX.PL</p> <p>V-singular D-pós-nominal/plural</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>8. MATAR.PL URSO</p> <p>V-plural Nome nu</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA</p>	<p>9. MATAR.SG URSO</p> <p>V-singular</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p>

<p>ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>Nome nu</p>	<p>‘Mas um escapou’</p>	
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>10. MATAR.SG URSO IX.SG</p> <p>V-singular D-pós-nominal/singular</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>	
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>11.IX-1 ATIRAR.SG URSO</p> <p>V-singular Nome nu</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>	
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>12. IX-1 ATIRAR.PL URSO</p> <p>V-plural Nome nu</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>	
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>13. IX-1 ATIRAR.PL IX.SG URSO</p> <p>V-plural D-pré-nominal/singular</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>	
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO</p> <p>‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’</p>	<p>14. IX-1 ATIRAR.SG IX.PL URSO</p> <p>V-singular D-pré-nominal/plural</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p> <p>‘Mas um escapou’</p>	
<p>EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA</p>	<p>15. IX-1 ATIRAR.PL IX.PL URSO</p> <p>V-plural</p>	<p>MAS 1 ESCAPAR</p>	

	ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO ‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’	D-pré-nominal/plural		
	EU CAMINHAR ^{ASP.CONTINUATIVO} ÁRVORE++MÃO DIREITA ÁRVORE++MÃO ESQUERDA VER-a 5 LEÃO 6 URSO ‘Eu estava andando pela floresta e vi 5 leões e 6 ursos...’	16. IX-1 ATIRAR.SG IX.SG URSO V-singular D-pré-nominal/singular	MAS 1 ESCAPAR	

O que fizemos foi alterar a continuação da sentença “Eu matei **os** ursos”, que é a parte da sentença que contém o artigo definido plural e a que atesta a leitura de maximalidade, e alteramos as condições considerando as variáveis expostas acima. Desta forma, se minha hipótese estiver correta, não deveríamos esperar que o nome nu nas continuações (8) e (9) sejam suficientes para retomar a quantidade máxima de ursos mortos, mas que IX.PL pré-nominal seja aceito nestes contextos. Contudo, como os verbos não ancorados em libras podem se flexionar para número, pluralizando os argumentos, talvez a morfologia verbal também seja capaz de recuperar a quantidade máxima de argumentos na ausência do determinante.

Utilizando a continuação em (1) MATAR.PL IX.SG URSO, espera-se que o participante perceba a incompatibilidade dos traços de número no verbo e a ausência de número no determinante, do tipo “**O urso morreram*”, e isso provoque uma desequilíbrio nas respostas ao teste ou se isso não influencia na sentença. Já numa continuação como em (5) MATAR.SG IX.SG URSO espera-se que o participante responda que um único urso foi morto já que a sentença diz literalmente “matou(singular) o(singular) urso”.

Neste teste não utilizamos sentenças distratoras por conta do tamanho do teste e da quantidade de condições que obtivemos. Ficaria muito difícil e mais cansativo para os participantes perceberem as diferenças entre a ordem e flexão de número exibida pelos determinantes se mascarássemos o objetivo do teste. Por isso, confiamos que, ao comparar as sentenças com nomes nus e com IX pré e pospostos, os surdos seriam provocados a perceber as possíveis diferenças semânticas que são atestadas na presença de IX.

O conjunto de (17) a (25) é também uma adaptação do teste proposto por Gillon (2015) para se avaliar a “restrição de domínio”, outra propriedade dos artigos definidos que prevê que os indivíduos retomados pelo artigo definido devem representar o número total de referentes apresentados na primeira menção, no entanto, com a condição que nenhum outro indivíduo que

não tenha sido anteriormente mencionado possa ser adicionado. A sentença existencial, “havia (x) animais” atribui uma leitura indefinida aos nomes acompanhados dos numerais cardinais; no entanto, a sua retomada com o artigo definido pela continuação deve retomar os mesmos indivíduos apresentados no contexto anterior. Por isso, adaptamos para a libras estas sentenças, alterando sua continuação e testando diferentes elementos na posição de objeto de “comprar”, como por exemplo, o quantificador TODOS, pois a adição do quantificador poderia nos dar uma pista se IX.PL seria insuficiente para recuperar a quantidade exata de referentes apresentados anteriormente ou não já que o verbo COMPRAR não flexiona para número⁸¹. Para as sentenças de (17) a (25) utilizamos apenas o predicado télico COMPRAR, pois não haveria previsão de alterações na interpretação utilizando um verbo atélico, como poderia haver no caso de (1) a (16).

Quadro 5.9 (cont.). Sentenças e sequência do teste 4

>>>>ORDEM DE APRESENTAÇÃO DO TESTE>>>>			
	SENTENÇA	CONDIÇÃO	PERGUNTA
INÍCIO DO TESTE	EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-a 6 GATO 5 CACHORRO ‘Eu fui à loja de animais e vi que havia 6 gatos e 5 cachorros’	17. COMPRAR TODOS GATO IX.SG V- télico Q-plural D- pós-nominal/singular	GATO, IX-1 COMPRAR QUANTOS? ‘Quantos gatos eu comprei?’
	EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-a 6 GATO 5 CACHORRO ‘Eu fui à loja de animais e vi que havia 6 gatos e 5 cachorros’	18. COMPRAR IX.SG TODOS GATO V- télico Q-plural D- pré-nominal/singular	GATO, IX-1 COMPRAR QUANTOS? ‘Quantos gatos eu comprei?’
	EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-a 6 GATO 5 CACHORRO	19. COMPRAR GATO IX.SG	GATO, IX-1 COMPRAR QUANTOS?

⁸¹ O leitor pode questionar o fato de que a reduplicação do verbo COMPRAR poderia implicar na compra de vários objetos, mas ao contrário do esperado, os verbos ancorados quando duplicados tem leitura de pluralização do evento de ‘comprar’. Somente a reduplicação de verbos não-ancorados pode ter a leitura de pluralização de argumentos. Na libras esse processo foi descrito por Sanchez-Mendes & Xavier (2016) e na LSF por Kuhn & Aristodemo (2017).

	<p>‘Eu fui à loja de animais e vi que havia 6 gatos e 5 cachorros’</p>	<p>V- télico D- pós-nominal/singular</p>	<p>‘Quantos gatos eu comprei?’</p>
	<p>EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-a 6 GATO 5 CACHORRO</p> <p>‘Eu fui à loja de animais e vi que havia 6 gatos e 5 cachorros’</p>	<p>20. COMPRAR TODOS GATO IX.PL</p> <p>V- télico Q-plural D- pós-nominal/plural</p>	<p>GATO, IX-1 COMPRAR QUANTOS? ‘Quantos gatos eu comprei?’</p>
	<p>EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-a 6 GATO 5 CACHORRO</p> <p>‘Eu fui à loja de animais e vi que havia 6 gatos e 5 cachorros’</p>	<p>21. COMPRAR GATO</p> <p>V- télico Nome nu</p>	<p>GATO, IX-1 COMPRAR QUANTOS? ‘Quantos gatos eu comprei?’</p>
	<p>EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-a 6 GATO 5 CACHORRO</p> <p>‘Eu fui à loja de animais e vi que havia 6 gatos e 5 cachorros’</p>	<p>22. COMPRAR IX.PL GATO</p> <p>V- télico D- pré-nominal/plural</p>	<p>GATO, IX-1 COMPRAR QUANTOS? ‘Quantos gatos eu comprei?’</p>
	<p>EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-a 6 GATO 5 CACHORRO</p> <p>‘Eu fui à loja de animais e vi que havia 6 gatos e 5 cachorros’</p>	<p>23. COMPRAR IX.PL TODOS GATO</p> <p>V- télico Q-plural D- pré-nominal/plural</p>	<p>GATO, IX-1 COMPRAR QUANTOS? ‘Quantos gatos eu comprei?’</p>
	<p>EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-a 6 GATO 5 CACHORRO</p> <p>‘Eu fui à loja de animais e vi que havia 6 gatos e 5 cachorros’</p>	<p>24. COMPRAR IX.SG GATO</p> <p>V- télico D- pré-nominal/singular</p>	<p>GATO, IX-1 COMPRAR QUANTOS? ‘Quantos gatos eu comprei?’</p>

	EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-a 6 GATO 5 CACHORRO ‘Eu fui à loja de animais e vi que havia 6 gatos e 5 cachorros’	25. COMPRAR GATO IX.PL V- tólico D- pós-nominal/plural	GATO, IX-1 COMPRAR QUANTOS? ‘Quantos gatos eu comprei?’
--	--	---	---

Fonte: elaboração própria

5.3.2.1.3 Participantes

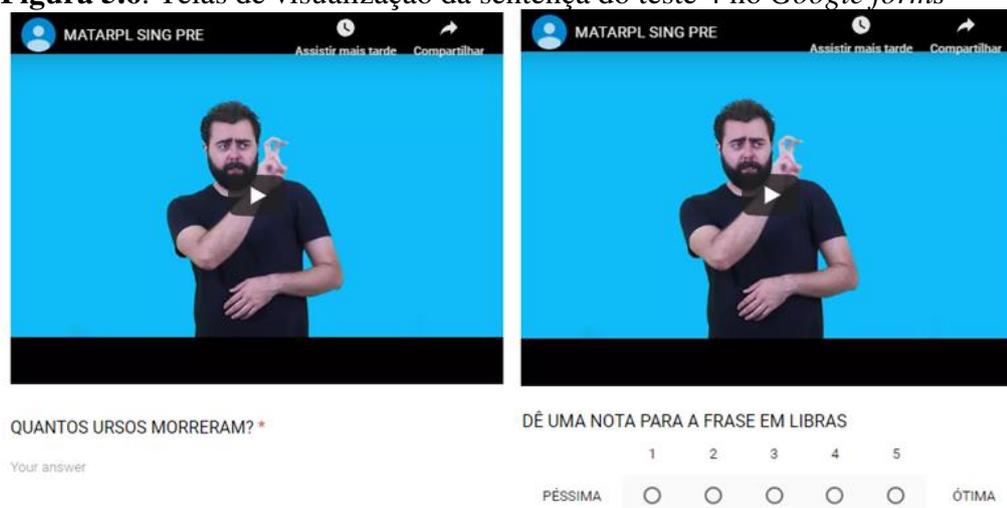
Esta coleta foi feita presencialmente com os dois grupos de surdos: bilíngues e monolíngues, na mesma sessão em que foram realizadas todas as outras testagens.

5.3.2.1.4 Procedimentos

O teste era feito *off-line* e os surdos viam a sentença em libras e respondiam a uma pergunta glosada em português⁸². Este tipo de uso do PB escrito na testagem não atrapalha o julgamento do falante, pois a metalinguagem é utilizada apenas para fins de acesso ao contexto sintático e, como afirma Matthewson (2004), não é de se esperar que os participantes transfiram estruturas da metalinguagem para o julgamento que estão produzindo sobre sua língua. A metalinguagem, então, não tem influência no julgamento dos participantes.

Na figura 5.6 abaixo, ilustramos a tela na forma como os surdos visualizaram no computador. A imagem da esquerda refere-se ao 1º formato do teste, e a da direita, ao 2º formato contendo a continuação. O teste era *selfpaced* e feito com sentenças gravadas também garante que não haverá diferenças de leituras decorrentes de mudanças na sinalização durante a apresentação visto que todos os participantes são expostos aos mesmos estímulos. Tanto a pergunta como a escala ficavam disponíveis para os participantes junto com a tela do vídeo. Monitores surdos me auxiliaram durante as coletas para sanar quaisquer dúvidas dos surdos sobre as palavras em português.

⁸² Todas as sentenças utilizadas na testagem são apresentadas no apêndice do trabalho com as imagens dos sinais em libras, permitindo que o leitor tenha acesso aos formatos dos sinais, além das glosas.

Figura 5.6. Telas de visualização da sentença do teste 4 no *Google forms*

Fonte: elaboração própria

5.3.2.1.5 Resultados

Os resultados para o teste 4 são semelhantes para ambos os grupos pesquisados, o que indica que provavelmente o contato com o PB não tem influência no **juízo** de IX pré-nominal como um artigo definido na libras. A seguir, podemos ver na tabela os resultados para as diferentes condições de (1) a (16) avaliando quais mecanismos morfossintáticos dão conta de codificar a leitura definida (maximalidade).

Tabela 5.1. Resultado para a maximalidade - 1º formato (sentença + condição)

CONDIÇÕES	Nº de ursos mortos
1. MATAR.PL IX.SG URSO	6
2. MATAR.PL URSO IX.PL	6
3. MATAR.PL URSO IX.SG	6
4. MATAR.PL IX.PL URSO	6
5. MATAR.SG IX.SG URSO	45% - 1 55% - 6
6. MATAR.SG IX.PL URSO	6
7. MATAR.SG URSO IX.PL	6

8. MATAR.PL URSO	6
9. MATAR.SG URSO	60% - 6 40% - 1
10. MATAR.SG URSO IX.SG	60% - 1 40% - 6
11. ATIRAR.SG URSO	50% - 1 50% - 6
12. ATIRAR.PL URSO	6
13. ATIRAR.PL IX.SG URSO	6
14. ATIRAR.SG IX.PL URSO	6
15. ATIRAR.PL IX.PL URSO	6
16. ATIRAR.SG IX.SG URSO	60% - 1 40% - 6

N= 40 participantes

Os resultados para ambos os grupos indicam que:

O contraste entre (1), na qual o V tem morfologia de plural e o D singular e (6) na qual o verbo tem morfologia singular e D plural (mas ambas selecionam a quantidade máxima de referentes) nos leva a assumir que não há necessariamente concordância entre os traços de número entre o V e o D em libras.

Os resultados na tabela 5.1 acima mostram que sempre que V estiver flexionado para número, independentemente de o D estar no singular ou plural, a maximalidade estará garantida.

A ordem do D, se pré ou pós-nominal, não parece ter uma influência na maximalidade, ou seja, ambos selecionam a quantidade máxima de indivíduos disponíveis, encabeçando a interpretação definida. Esta observação não descarta a minha proposta de que IX pós-nominal funciona como um demonstrativo, pois em várias línguas sem artigos, o demonstrativo é o expoente da definitude. Retomarei esta discussão no próximo capítulo de análise e conclusões.

Os resultados em (9) e (11) evidenciam que o nome nu é ambíguo para a leitura de unicidade e maximalidade quando combinados com o V no singular. Isso indica que IX.PL é

necessário para desambiguar a leitura de maximalidade do DP, como se observa em (6) e (14). Nas sentenças (5) e (9) e (10) com a condição de o V e o D estarem no singular, as respostas também são ambíguas, e os participantes respondem que poderia haver 1 ou 6 ursos mortos. Isso evidencia que a morfologia singular, na ausência ou presença de determinante é ambígua para a maximalidade, diferentemente da morfologia plural.

Pelos resultados das sentenças que só utilizam morfologia singular como em (5, 10 e 16) se atesta que IX.SG não responde totalmente à leitura de unicidade que é esperada para o artigo definido singular. No entanto, o resultado ambíguo mostra que alguns indivíduos já processam esse item como sendo o artigo definido singular.

Na tabela 5.2, abaixo, podemos ver os resultados para os julgamentos de aceitabilidade das sentenças quando acrescidas da continuação “mas, um escapou”, considerando o 2º formato visualizado pelos participantes.

Tabela 5.2. Julgamento de aceitabilidade - 2º formato (sentença + condição+ continuação)

CONDIÇÕES	Avaliação da sentença quando acrescidas da continuação, “mas um escapou”		
	INAC	DUVID	ACEIT
1. MATAR.PL IX.SG URSO	2,4%	14,6%	82,9%
2. MATAR.PL URSO IX.PL	7,5%	15%	77,5%
3. MATAR.PL URSO IX.SG	2,5%	17,5%	80%
4. MATAR.PL IX.PL URSO	12,5%	5%	82,5%
5. MATAR.SG IX.SG URSO	36,6%	26,8%	36,6%
6. MATAR.SG IX.PL URSO	22%	19,5%	58,6%
7. MATAR.SG URSO IX.PL	12,2%	29,3%	58,5%
8. MATAR.PL URSO	4,8%	9,8%	85,4%
9. MATAR.SG URSO	24,4%	34,1%	41,5%
10. MATAR.SG URSO IX.SG	36,6%	26,8%	36,6%

11. ATIRAR.SG URSO	36,6%	22%	41,5%
12. ATIRAR.PL URSO	19,5%	12,2%	68,3%
13. ATIRAR.PL IX.SG URSO	17,1%	17,1%	65,8%
14. ATIRAR.SG IX.PL URSO	24,4%	26,8%	48,8%
15. ATIRAR.PL IX.PL URSO	14,6%	22%	63,4%
16. ATIRAR.SG IX.SG URSO	39%	24,4%	36,6%

Legenda: INAC – Inaceitável, DUVID – Duvidosa e ACEIT – Aceitável
N= 40 participantes

Como eu não poderia prever quais das condições apresentadas atingiriam a maximalidade, a continuação “mas um escapou” deveria, então, ser mantida ao final de todas as sentenças, para somente assim saber quais das condições apresentadas provocaria uma contradição com a continuação “mas um escapou”. E, contrariamente ao esperado, os resultados acima indicam de forma geral que os surdos avaliam as sentenças com IX.PL como aceitáveis, exceto aquelas nas quais os itens não dão conta de codificar a maximalidade (5, 9, 10, 11 e 16 em negrito) e a quantidade de ursos mortos varia nos resultados. No entanto, isso não quer dizer que os itens que responderam à condição da maximalidade na tabela 5.1 não são artigos de fato.

É importante frisar que os julgamentos, neste caso, são de aceitabilidade, e não de gramaticalidade, já que todas as sentenças adaptadas para este teste foram feitas com o auxílio dos surdos.

Considerando que muitos dos percentuais de julgamento na tabela 5.2 se concentram entre os intervalos INAC e DUVID, percebemos que não há unanimidade sobre a (in)aceitabilidade das proposições. Ou seja, quando a maximalidade é garantida, os surdos aparentemente ignoraram a incompatibilidade de que um urso poderia ter escapado e avaliam as sentenças como aceitáveis. No entanto, com os resultados em 5, 9, 10, 11 e 16 em negrito percebemos que os julgamentos de aceitabilidade não escapam completamente aos efeitos da incongruência que a continuação “mas um escapou” causa sobre todo o enunciado, visto que em todas as condições em que o item não atinge a maximalidade, as sentenças são claramente avaliadas como pouco aceitáveis, com percentuais que variam entre 36,6% e 41, 5%.

Os percentuais de aceitabilidade menores atestados em 5, 9, 10, 11 e 16 em negrito podem ser pelo fato de que os participantes que julgaram que apenas um urso havia sido atingido do conjunto, ao se depararem com a continuação de que esse único urso, que teria sido morto, poderia também ter escapado, provavelmente avaliaram a sentença como ruim, o que faz com que o percentual de aceitabilidade dessas sentenças caia pela metade, se comparado aos percentuais das outras condições que não são ambíguas para a maximalidade. Ou seja, pelo resultado, parece pior aos participantes que um único indivíduo tenha morrido e logo após escapado da morte, do que asseverar que seis indivíduos tenham sido mortos, mas que algum possa ter escapado por quaisquer razões que possam ser criadas para tal.

Essa falta de homogeneidade nos julgamentos de aceitabilidade que aparentemente contradiz a possibilidade de IX.PL ser um artigo uma vez que os surdos avaliam as sentenças como aceitáveis, pode ter-se dado também em função do nosso design do teste. O formato da coleta, feita no formulário Google via internet, ao tempo em que assegura que as sentenças serão apresentadas em condições idênticas de sinalização e temos a garantia de coletar dados exatos (quantitativos), se perde também a capacidade de coletar de forma mais individuada a intuição dos falantes.

Por último, após visualizar os resultados, voltei a conversar com alguns surdos sobre os julgamentos, e aparentemente, há também algum problema de processamento causado pela continuação, “mas um escapou” do segundo formato. Os participantes alegam que a continuação, por ter sido dita por último, fica na memória do participante como se fosse verdade, e isso permitiria a eles ignorar a quantidade máxima de ursos apresentados e retomados por IX.PL, incluindo a telicidade do verbo MATAR. Essa observação acerca desse problema de processamento ou de atenção dos participantes com as sentenças se confirma com os resultados dos julgamentos obtidos para as sentenças de (11) a (16) com o verbo ATIRAR, que por licenciar a alternância conativa, deveriam ter recebido percentuais altos de aceitabilidade; no entanto, os valores são menores do que o predicado télico MATAR⁸³.

Os resultados das sentenças das condições (17) a (25) avaliando a restrição de domínio são:

⁸³ Atestei o mesmo efeito com ouvintes falantes de PB. Quando expostos a construção “Tinha 5 leões e 6 ursos, eu matei os ursos, mas um escapou” e indagados sobre quantos ursos morreram, muitos respondem 5, ignorando a maximalidade do artigo definido em contradição com a continuação, “mas um escapou”. No entanto, embora eles entendam a sentença como uma “construção confusa”, a maioria ignora a impossibilidade da continuação, “mas um escapou” com o artigo definido. Isso deve ser estudado em outros trabalhos.

Tabela 5.3. Resultados para a restrição de domínio e julgamento de gramaticalidade do teste

4

CONDIÇÕES	Nº de gatos comprados	Avaliação da sentença		
		INAC	DUVID	ACEIT
17. COMPRAR TODOS GATO IX.SG	6	0,0%	9,8%	90,3%
18. COMPRAR IX.SG TODOS GATO	6	4,8%	4,9%	90,3%
19. COMPRAR GATO IX.SG	65%-6 35%-1	19,5%	22%	58,5%
20. COMPRAR TODOS GATO IX.PL	6	14,6%	14,6%	70,8%
21. COMPRAR GATO	55%-6 45%-1	26,9%	17,1%	56,1%
22. COMPRAR IX.PL GATO	6	12,2%	14,6%	73,1%
23. COMPRAR IX.PL TODOS GATO	6	9,7%	12,2%	78,1%
24. COMPRAR IX.SG GATO	60%-1 40%- 6	26,8%	22%	51,2%
25. COMPRAR GATO IX.PL	6	14,7%	12,2%	73,2%

Legenda: INAC – Inaceitável, DUVID – Duvidosa e ACEIT – Aceitável

N= 40 participantes

Os resultados para ambos os grupos indicam que IX.PL sempre responde positivamente para a retomada de todos os referentes selecionados no contexto, comprovando que responde à condição de restrição de domínio, ou seja, a seleção de todos os referentes apresentados, e nenhum outro indivíduo é mencionado na resposta dada pelos participantes.

Como dissemos anteriormente, na presença do quantificador “todos” como na sentença “Tinha 6 gatos e 5 cachorros, e eu comprei todos os gatos”, nesse caso, indubitavelmente a restrição de domínio estaria garantida. Contudo, atestamos que mesmo na ausência do quantificador TODOS, a “restrição do domínio” está garantida pelo uso do artigo IX.PL.

A leitura incorporada (MITHUN, 1984), ou seja, aquela em que o complexo V+N denota o evento de “comprar gato” ao invés da compra de um gato específico, só é possível com o nome nu em (21), e é quebrada com a presença de um D em (22). Este fato evidencia que IX é um D. Retomaremos este fato nas análises.

Se compararmos (19) com IX pós-nominal e (24) com IX pré-nominal, vemos uma diferença sutil, mas uma preferência pela leitura de unicidade com IX pré-nominal, evidenciando a gramaticalização de IX como um artigo definido singular.

5.3.2.2 Teste 5 – Como IX.SG pré-nominal se comporta diante de nomes próprios em libras?

5.3.2.2.1 *Introdução*

O teste avalia a possibilidade de IX.SG pré-nominal, como um possível artigo definido singular em libras, ser licenciado diante de nomes próprios em contextos não-anafóricos, como os anteriores do teste 4. O nome próprio ou expressão referencial é conhecido na literatura como sendo únicos e máximos. Dentro dos nomes próprios, temos os antropônimos (nomes pessoais), topônimos (nomes de lugares) e os nomes de referência única (itens cuja extensão possui um único representante no mundo); todas estas classificações indicam nomes com alto grau de identificabilidade.

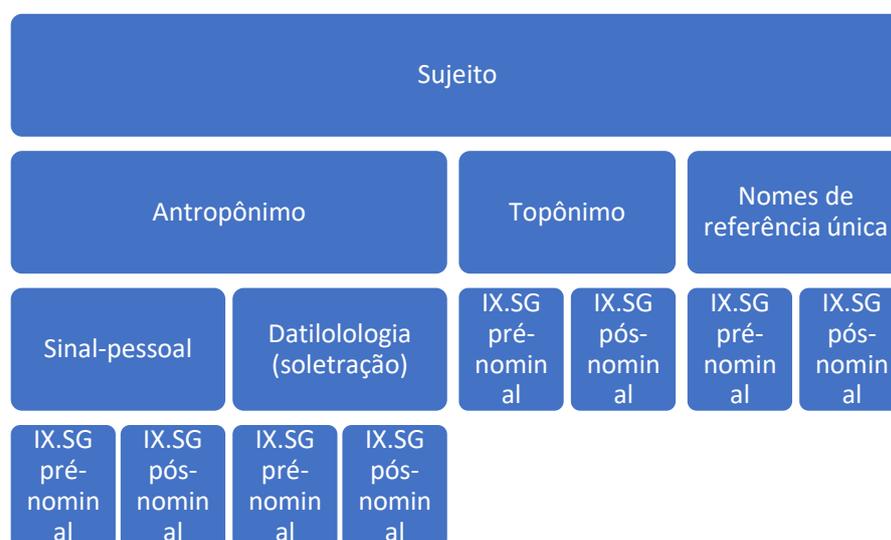
As línguas se comportam diferentemente de acordo com a possibilidade de licenciarem ou não o artigo definido diante de nomes próprios. Como os nomes próprios já são naturalmente definidos, a ocorrência do artigo definido nestes casos é entendida como a realização de um expletivo, já que aparentemente não são notadas diferenças de leituras semânticas na ausência destes (LONGOBARDI, 1994).

Com essa testagem, queremos verificar se a libras se comporta como a ASL, para a qual se assume que IX é agramatical diante de nomes de referência única (KOULIDOBROVA & LILLO-MARTIN, 2016; KOULIDOBROVA, 2017). Embora, a agramaticalidade atestada pelas autoras seja utilizada para justificar uma possível categorização de IX pré-nominal como um demonstrativo e não como um artigo, uma vez que translinguisticamente, os demonstrativos não são licenciados junto a nomes de referência única. As autoras não fornecem exemplos se IX é possível diante de antropônimos sinalizados (nomes soletrados e sinais pessoais).

Por isso, efetuamos essa testagem para coletar o julgamento de aceitabilidade das sentenças com IX pré e pós-nominal acompanhando os nomes próprios em libras, buscando verificar se o uso de algumas das apontações tornaria a sentença inaceitável, e ainda, se algumas das apontações contribuiria semanticamente para o enunciado, o que não é esperado se IX pré-nominal, nestes casos, for um artigo.

5.3.2.2.2 *Materiais e método*

Temos, então, o seguinte design experimental para o teste 5, com oito condições, sendo uma sentença para cada condição e nove sentenças distratoras.

Figura 5.7. Condições para os tipos de nomes e determinantes

Fonte: elaboração própria

Quadro 5.10. Sentenças utilizadas para julgamento de aceitabilidade no teste 5

SENTENÇA EM LIBRAS	TRADUÇÃO APROXIMADA EM PB	CONDIÇÃO
1.XUXA IX.SG FAMOSA	A Xuxa é famosa	Determinante singular sucedendo antropônimo (sinal pessoal)
2. IX.SG MULHER DANÇAR, IX.SG _{para-trás} MULHER DANÇAR NÃO	Esta/a mulher dança e esta/a mulher, aqui atrás, não dança	Distratora
3. J-O-A-O IX.SG SABER LIBRAS	O João sabe libras	Determinante singular sucedendo Antropônimo (datilológico)
4. IX.SG SOL AJUDAR VIDA MUNDO	O Sol é importante para a vida na terra	Determinante singular pré-nominal com nomes de referência única
5. FRANÇA, IX.SG CAPITAL QUAL?	Qual a capital da França?	Distratora
6. DINOSSAUR@ IX.PL ANOS-ATRÁS SUMIR	Os dinossauros foram extintos há anos	Distratora
7. IX.SG XUXA FAMOSA	A Xuxa é famosa	Determinante singular precedendo antropônimo (sinal pessoal)

8. IX.SG MULHER DANÇAR, IX.SG _{realizado-um-pouco-mais-para-trás} MULHER DANÇAR NÃO	Esta/a mulher dança e esta/a mulher, aqui um pouco mais ao lado, não dança	Distratora
9. IX.PL DINOSSAUR@ ANOS- ATRÁS SUMIR	Os dinossauros foram extintos há anos	Distratora
10. FRANÇA IX.SG PAÍS BONITO	A França é um país bonito	Determinante singular pós- nominal com topônimos
11. IX.SG FRANÇA PAÍS BONITO	A França é um país bonito	Determinante singular pré- nominal com topônimos
12. FRANÇA, CAPITAL IX.SG QUAL?	Qual a capital da França?	Distratora
13. SOL IX.SG AJUDAR VIDA MUNDO	O sol é importante para a vida na terra	Determinante singular pós- nominal com nomes de referência única
14. IX.SG MULHER DANÇAR, IX.SG MULHER DANÇAR NÃO	Esta/a _j mulher dança e esta/a _j mesma mulher não dança	Distratora
15. DINOSSAUR@ IX.SG ANOS- ATRÁS SUMIR	O dinossauro foi extinto há anos	Distratora
16. IX.SG J-O-A-O SABER LIBRAS	O João sabe libras	Determinante singular precedendo antropônimo (datilológico)
17. IX.SG DINOSSAUR@ ANOS- ATRÁS SUMIR	O dinossauro foi extinto há anos	Distratora

Fonte: elaboração própria

5.3.2.2.3 Participantes

Esta coleta foi feita presencialmente com os dois grupos de surdos: bilíngues e monolíngues, na mesma sessão em que foram realizadas todas as outras testagens.

5.3.2.2.4 Procedimentos

Os participantes respondem ao teste no computador utilizando uma plataforma *on-line*, o *Google Forms*, cujo formulário continha as sentenças-teste já gravadas em libras. A gravação em libras garante que a mesma sentença seja visualizada por todos sem quaisquer modificações

prosódicas. Por isso, quaisquer contrastes de julgamentos devem depender unicamente do falante, mas não de diferenças na prosódia da sentença⁸⁴.

Utilizando uma escala *Likert* poderiam atribuir uma nota de 1 a 5 a cada uma das sentenças. Ao final, registramos também o comentário dos surdos sobre a estrutura das sentenças. A tela do *Google Form* é ilustrada a seguir, e a testagem é *self-paced*. A única exceção para o uso de PB foi no título da pergunta da escala *Likert*, mas como os participantes foram monitorados durante toda participação, não há prejuízos previstos para a compreensão como já foi explicitado anteriormente nos outros testes.

Figura 5.8. Frases em libras para julgamentos de aceitabilidade



IX SING FRANCA

Assistir mais tarde Compartilhar

DÊ UMA NOTA PARA ESTA FRASE EM LIBRAS *

1 2 3 4 5

PÉSSIMA ÓTIMA

Fonte: elaboração própria

5.3.2.2.5 Resultados

Analisando as notas atribuídas pela escala *Likert* para as sentenças por ambos os grupos de participantes, atestamos que não há diferenças no julgamento de aceitabilidade das sentenças em relação à ordem de IX pré ou pós-nominal, segue o resultado com as médias obtidas por

⁸⁴ Todas as sentenças sinalizadas podem ser vistas nos apêndices, na forma de fotografia das sinalizações.

ambos os grupos. Peço atenção do leitor para a **nova numeração** que as sentenças, agora agrupadas, recebem na tabela 5.4 abaixo.

Tabela 5.4. Resultados para aceitabilidade de IX pré e pós-nominal com nomes próprios

Condição	Sentença em libras	INAC	DUVID	ACEIT
Nome de referência única precedido de IX.SG	1. IX.SG SOL AJUDAR VIDA MUNDO	14,6%	24,4%	61%
Nome de referência única seguido de IX.SG	2. SOL IX.SG AJUDAR VIDA MUNDO	7,3%	12,2%	80,4%
Topônimo precedido de IX.SG	3.IX.SG FRANÇA PAÍS BONITO	14,6%	22%	63,4%
Topônimo seguido de IX.SG	4.FRANÇA IX.SG PAÍS BONITO	4,9%	14,6%	80,5%
Antropônimo (sinal pessoal) precedido de IX.SG	5.IX.SG XUXA FAMOSA	2,4%	9,8%	87,9%
Antropônimo (sinal pessoal) seguido de IX.SG	6.XUXA IX.SG FAMOSA	7,3%	9,8%	83%
Antropônimo (soletrado) precedido de IX.SG	7.IX.SG J-O-A-O SABER LIBRAS	0,0%	2,4%	97,6%
Antropônimo (soletrado) seguido de IX.SG	8.J-O-A-O IX.SG SABER LIBRAS	0,0%	15%	85%

Legenda: INAC – Inaceitável, DUVID – Duvidosa e ACEIT – Aceitável
N= 40 participantes

Os resultados para ambos os grupos indicam que:

Os participantes aceitam antropônimos, topônimos e nomes de referência única precedidos de IX (em 1, 3, 5 e 7) contrariamente à ASL. Além disso, tanto IX pré como IX pós-nominal são aceitáveis na libras quando combinados com nomes próprios.

No geral, podemos perceber duas grandes tendências nos resultados deste teste. A primeira tendência é que IX pré-nominal seja bem avaliado quando combinado com antropônimos, como em (5) e (7), mas que não seja bem avaliado com elementos que tenham traços toponímicos, ou seja, de localização no universo, como mostram os resultados de (1) e (3). A segunda tendência é que IX pós-nominal seja bem avaliado com nomes próprios que possuam traços toponímicos, como em (2) e (4), se comparados com (1) e (3), respectivamente, mas não são bem avaliados quando combinados com antropônimos, como em (6) e (8), quando comparados com (5) e (7), respectivamente.

Baseado nos resultados aqui encontrados, (2) e (4) confirmam nossa hipótese de que IX pós-nominal é melhor entendido como um demonstrativo na libras, porque os nomes SOL e FRANÇA, por possuírem traços de lugar, se combinam bem com a iconicidade dêitica que IX pós-nominal ainda conserva em sua morfologia e ordem, como vimos no capítulo 3. Isso também mostra que, nem sempre as categorias das LOs, como os demonstrativos, podem ser aplicadas as LSs desprezando os efeitos da modalidade. Sentenças como (2) e (4) deveriam ser inaceitáveis em LOs já que demonstrativos não podem se combinar com nomes de referência única como em “#Esta/A França é bonita”, ou “#Este/O sol mantém a vida na terra”; no entanto, por conta da modalidade em que são produzidas, ambas apontações são aceitas com nomes de referência única em libras. Isso se dá, não porque o sinalizador assume que haja um “sol”, ou uma “França” específica para os quais ele esteja apontando, mas pelo fato de que os traços de localização de SOL e FRANÇA fazem com que IX pós-nominal (demonstrativo) seja mais aceito com essas sentenças.

O que análises futuras devem confirmar é se o sinalizador aplicar uma ênfase à apontação (traço focal), como nos casos dos DEM não gramaticalizados que descrevi no capítulo 3⁸⁵, para os quais se estende completamente os braços e se direciona o olhar como uma estratégia do sinalizador de chamar atenção para um ponto específico tornaria a sentença inaceitável, pois neste caso, teríamos a leitura demonstrativa ostensiva, que não é permitida como nomes de referência única.

⁸⁵ Esses casos são os casos de apontação absoluta, e não apontações abstratas, como explicitado no capítulo 3.

5.3.2.3 Teste 6 – Indefinidos não-específicos

5.3.2.3.1 Introdução

A partir da MNM não-específica identificada nas respostas à tarefa de produção 2, adaptamos para libras o teste semântico proposto por Partee (1970), no qual, sentenças com referentes não específicos não podem ser retomados por itens definidos como pronomes pessoais, mas somente por itens indefinidos, como mostra o contraste abaixo em (20).

- (20) a. *Eu queria comprar um livro (qualquer) de libras, mas não **o** encontrei
 b. ^{ok}Eu queria comprar um livro (qualquer) de libras, mas não encontrei **nenhum**

5.3.2.3.2 Materiais e método

Adaptamos o teste de correferência de Partee (1970) para a libras e as sentenças utilizadas eram sinalizadas conforme descrito na glosa abaixo em (21). Observe que a mesma MNM não-específica se espraiava sobre os DPs-alvo de nossa análise, possivelmente obrigando a leitura não-específica do mesmo. A diferença é que a continuação da sentença em (21a) é retomada por um item indefinido, e por isso, espera-se que os participantes aceitem essa construção, mas julguem como inadequada a continuação em (21b) que possui um item definido, um pronome pessoal de 3ª pessoa, retomando o livro não-específico.

- (21) a. _____ MNM não-específica
 EU QUERO COMPRAR LIVRO LIBRAS, MAS NÃO-ENCONTRAR **NADA 1 NADA**
 ‘Eu queria comprar um livro (qualquer) de libras, mas não encontrei **nenhum**’
- b. _____ MNM não-específica
 EU QUERO COMPRAR LIVRO LIBRAS, MAS NÃO-ENCONTRAR **IX-3(pron.) NÃO**
 ‘Eu queria comprar um livro (qualquer) de libras, mas não **o** encontrei’

5.3.2.3.3 Participantes

Este teste foi aplicado com alguns surdos dos dois grupos de surdos: bilíngues e monolíngues.

5.3.2.3.4 Procedimentos

As sentenças gravadas em (21) foram gravadas por um sinalizador surdo e foram exibidas para os nossos participantes, que deveriam julgar a aceitabilidade das construções por meio de comentários. O vídeo contendo a sentença acima e a continuação foram enviados pelo aplicativo *Whatsapp* e os surdos enviavam comentários na forma de vídeo em libras ou texto. Este teste não foi feito com escalas, mas somente coletando a intuição dos surdos sobre as sentenças gravadas.

5.3.2.3.5 Resultados

O resultado para ambos os grupos indica que a MNM não-específica obriga a leitura não-específica do DP em análise, pois a continuação em (21b) é julgada como inaceitável. Todos os participantes, em unanimidade, rejeitam a construção em (21b) e dizem que a MNM soa estranha no contexto da sentença, conforme hipotetizarmos⁸⁶.

- (21) a. _____ MNM não-específica
 OK EU QUERO COMPRAR LIVRO LIBRAS, MAS NÃO-ENCONTRAR **NADA 1 NADA**
- b. # _____ MNM não-específica
 # EU QUERO COMPRAR LIVRO LIBRAS, MAS NÃO-ENCONTRAR **IX-3(pron.) NÃO**

⁸⁶ Gostaria de agradecer aos surdos que compunham a audiência do simpósio de LS do congresso da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN, em Maceió (2019), que fizeram comentários positivos sobre a descrição desta MNM e confirmaram a leitura não-específica, durante minha apresentação sobre este recorte da tese.

5.4 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentei as testagens e os resultados obtidos, considerando a investigação sobre como a libras codifica a (in)definitude no seus DPs. Sob a hipótese de que os nomes não são sempre nus, procedemos com análise de dados naturalísticos e elicitados em busca de verificar tal hipótese.

Além disso, busquei verificar se a existência ou emergência de um paradigma de artigos definidos e indefinidos na língua, poderia ter sua origem no contato com o PB, por isso, nas análises, consideramos as variáveis: surdos monolíngues *vs* surdos bilíngues.

As coletas dos dados naturalísticos mostram que, ao contrário do que se assumia para a libras, os nomes nem sempre aparecem nus e vários itens determinantes também são identificados. Tomando como base as posições argumentais em que ocorrem DPs com artigos, identifica-se uma tendência decrescente no uso de determinantes considerando o seguinte *continuum* Objeto>Sujeito>Tópico.

A coleta de dados elicitados inclui as tarefas de produção, testes 1, 2 e 2, e de compreensão, testes 4, 5 e 6.

No teste 1 no qual investigamos quais itens seriam produzidos para marcar a indefinitude na libras, os grupos apresentam resultados distintos: enquanto o grupo de surdos bilíngues utilizam o numeral UM ou o nome nu em contextos indefinidos, os surdos monolíngues utilizam somente o nome nu, o que nos leva a assumir que a estratégia dos surdos monolíngues é categórica em relação à gramática bilíngue que possui o numeral UM e o Dnulo em distribuição complementar.

Ainda, no teste 1, constatou-se que ambos os grupos produzem uma MNM para referentes não-específicos, e essa marca pode se espalhar sobre o artigo indefinido, o Dnulo e o numeral UM, cancelando a leitura indefinida específica e obrigando a leitura não-específica do referente.

Por último, no teste 1 identificamos também que ambos os grupos produzem o numeral UM em contextos numerais. Ou seja, assim como no PB, os surdos bilíngues possuem um item homônimo que pode ser artigo e numeral. Na gramática monolíngue, o indefinido nunca aparece com a forma numeral UM, embora, como evidenciado acima, eles possuam na gramática o numeral UM.

No teste 2, verifica-se que a MNM não-específica aparece categoricamente nas respostas que deveriam conter necessariamente referentes não-específicas. Também

identificamos a realização de um marcador de contextos *irrealis* realizados pelas palmas da mão para cima acompanhado da MNM não específica.

No teste 3, analisando o contraste entre itens que são utilizados para apresentar referentes novos (indefinidos) e para retomar referentes familiares (definidos) identificamos que os surdos bilíngues utilizam o numeral UM ou o nome nu para referentes novos e utiliza o IX pré-nominal para retomar referentes familiares, enquanto os surdos monolíngues utilizam sempre o Dnulo para introduzir os referentes e os retoma com o uso do *role-shfit* e, em alguns poucos casos, IX pré-nominal também aparece.

Os testes 4, 5 e 6 envolvem tarefas de compreensão que envolvem os itens que hipotetizamos como artigos na libras.

No teste 4, constata-se a partir das respostas de ambos os grupos de surdos a tarefa que avaliava a propriedade da maximalidade, propriedade ligadas aos artigos definidos plurais, que IX.PL pré-nominal é suficiente para codificar a maximalidade, por isso, pode-se afirmar que IX.PL pré-nominal é um artigo na libras. Já IX.SG pré-nominal, ainda possui a leitura ambígua para unicidade e maximalidade como mostram os resultados. Por último, ambos os grupos confirmam que o nome nu é sempre ambíguo para as leituras de maximalidade e unicidade.

Ainda no teste 4 fica evidenciado que IX.PL responde satisfatoriamente a outra propriedade dos artigos definidos que é a restrição de domínio, ambos os grupos de surdos confirmam através das respostas ao teste que IX.PL atende a esta condição.

No teste 5, a partir de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade, evidencia-se que IX.SG pré-nominal é aceito e preferido antes de nomes próprios e IX.SG pós-nominal é mais aceito sucedendo nomes próprios com traços toponímicos, o que corrobora com a minha hipótese de que IX pós-nominal deve ser entendido como um demonstrativo gramaticalizado e não como um artigo. O resultado também indica que o item demonstrativo nas LS deve ser entendido a partir da modalidade da língua, dado que a carga dêitica do item é muito maior do que o que se entende como sendo um item demonstrativo nas LOs.

Por fim, no teste 6, o teste de correferência pronominal proposto por Partee (1970) confirma que a MNM não específica não é aceita em sentenças nas quais o referente não específico é retomado por um pronome definido, mas somente quando for retomado por um pronome indefinido. Com isso, confirma-se que a MNM não específica obriga a leitura não específica para o DP sobre o qual ela se espraia.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo faz uma análise dos resultados e das discussões apresentadas no capítulo anterior à luz da teoria apresentada nos dois primeiros capítulos da tese.

Nesta tese, lancei a hipótese de que a libras não era uma língua de nomes nus, mas que possuía um sistema de artigos realizados de forma aberta no DP. Além disso, assumi com autores como Caruso (2011) e Norris (2018) que a realização de artigos não tem relação com a (in)existência da projeção DP, já que línguas sem artigos tem demonstrando um comportamento sintático semelhante às línguas que possuem exponentes morfológicos para a (in)definitude. Por último, também aventei uma hipótese correlata de que o desenvolvimento de um sistema de artigos na libras poderia estar relacionado ao contato com o PB, já que o PB faz uso sistemático de artigos no DP e surdos bilíngues poderiam encabeçar mudanças gramaticais na língua a partir desse contato.

Nos capítulos 4 e 5, mostrei que as formas homófonas que envolvem a apontação para a lateral podem assumir as funções de pronome pessoal (IX-3_{pro}), pronome demonstrativo gramaticalizado (IX_{dem}) e artigo (IX_{det}), distinguindo-se pelo contexto sintático nos quais aparecem e pela ordem dentro dos sintagmas⁸⁷. Ademais, no capítulo 5 especificamente, consegui mostrar através das coletas e dos testes que a libras possui artigos realizados de forma aberta no DP.

Nas seções a seguir, analisarei como a definitude e a indefinitude são codificadas gramaticalmente em libras, verificando se os itens analisados responderam aos critérios apresentados no capítulo 2 para que um item seja considerado como um artigo, a saber, possuir alguma função referencial, o DP ser o seu domínio de atuação e ser de uso sistemático. Além disso, especulo com base nos dados sincrônicos e nas diferenças entre as variáveis monolíngues *vs* bilíngues dos nossos participantes sobre as possíveis origens para os artigos definidos e indefinidos na libras.

6.1 SEMÂNTICA DOS ARTIGOS NA LIBRAS

A partir dos resultados obtidos no capítulo anterior para os itens identificados como candidatos a artigos em libras, considerando as variáveis surdos monolíngues *vs* surdos

⁸⁷ IX_{det}= apontação pré-nominal, IX_{dem}= apontação pós-nominal e IX_{pro}= apontação que ocorre na posição de argumento de um verbo.

bilíngues, temos o seguinte paradigma da marcação gramatical da (in)definitude com artigos na libras, na figura 6.1 abaixo:

Figura 6.1. Paradigma de artigos na libras - gramáticas monolíngue e bilíngue

Gramática monolíngue >>					
Gramática bilíngue >>					
		Definido forte	Definido fraco	Indefinido	Indefinido não-específico
Traços		[+definido] [+anafórico] [+específico]	[+definido] [-anafórico] [+específico]	[-definido] [-anafórico] [+específico]	[-definido] [-anafórico] [-específico]
Artigo		IX pré-nominal sg. e pl.	<u>Ø</u> nulo (nome nu neutro)	Numeral UM	MNM: indefinido não-específico
Ilustração			Ø		
Semântica		Objeto familiar no discurso para ambos os interlocutores	Objeto familiar, mas não necessariamente único no contexto.	Objeto novo no contexto e identificável apenas para o locutor	Objeto novo no contexto e não identificável para ambos, locutor e interlocutor

Fonte: elaboração própria

Nas subseções a seguir, analisarei cada um dos itens apresentados na figura acima, observando o critério semântico apresentado no referencial teórico para cada um dos tipos de artigos.

6.1.1 Artigo definido forte (anafórico) em libras

Relativo aos definidos fortes, aqueles descritos por Schwarz (2013), Becker (2018) e Jenks (2018) como sendo os contextos em que há a retomada de um referente obrigatoriamente apresentado no contexto de proferimento, nossos dados mostram que a gramática monolíngue, dos surdos com baixo contato com o PB oral ou escrito, utiliza a estratégia do *role-shift* para retomar anaforicamente os referentes apresentados, diferentemente dos surdos bilíngues, aqueles que tem um alto contato com o PB oral ou escrito, que utilizam o IX_{det} para retomar os definidos fortes ou anafóricos. Uma exceção ao uso de IX_{det} pelo grupo de surdos bilíngues são os casos em que o núcleo nominal tenha sido apresentado na sua primeira menção e o mesmo sinal não seja retomado no proferimento; nestes casos, os surdos bilíngues também podem

utilizar a estratégia do *role-shift* para retomar o referente, sem ter que usar a mesma expressão referencial. Para que o leitor entenda melhor, exemplifico abaixo, com um texto em PB, as estratégias utilizadas pelos grupos de surdos pesquisados.

A retomada com o uso do *role-shift* está exemplificada em (1), enquanto a retomada com IX_{det} está exemplificada em (2). A diferença entre (1) e (2) é que em (1), a retomada do referente é feita pela incorporação do comportamento do referente pelo sinalizador, sem que o nome seja retomado, ou seja, como num discurso direto. Fica a cargo do interlocutor, a partir das expressões corporais, identificar qual dos referentes apresentados está sendo retomado, mesmo que os nomes HOMEM e GATO não sejam repetidos. Já em (2) temos um caso similar ao uso do artigo definido em PB, em que a retomada do nome deve vir acompanhada de IX_{det}.

(1) *Primeira menção:*

- Eu vou lhes contar uma história sobre **um** homem e **um** gato.

Retomada anafórica com o uso de role-shift:

- Vá tomar banho, você está fedido!

(O sinalizador incorpora o comportamento do homem, e isso equivale à continuação em português: ‘Esbravejou **o/*um** homem’)

- Não gosto de tomar banho, vou sair correndo.

(O sinalizador incorpora o comportamento do gato, e isso equivale à continuação em português: ‘Pensou e agiu **o/*um** gato’)

(2) *Primeira menção:*

Eu vou lhes contar uma história sobre **um** homem e **um** gato.

Retomada anafórica com o uso de IX_{det}:

O/*um homem mandou o gato tomar banho, mas **o/*um** gato saiu correndo.

No entanto, para ambos os grupos pesquisados, a retomada de um referente utilizando um nome nu realizado no espaço neutro é agramatical, ou seja, isso nos leva a concluir que, independentemente do expoente morfológico ou da estratégia sintática empregada para codificar a definitude anafórica, seja pelo emprego do *role-shift*, seja da IX_{det}, o nome nu neutro não é capaz de retomar um referente apresentado no contexto, confirmando a agramaticalidade do dado em (14), do capítulo 5, repetido aqui como (3).

No caso em (3), se o nome nu estivesse posicionado na área lateral do corpo, aquela reservada aos definidos fortes, como vimos nas análises de Sá et al (2012) e Koulidobrova (2017) ou se fosse utilizada a estratégia do *role-shift*, que, por ser uma estratégia de incorporação do referente, acaba por deslocar o corpo para as laterais, a sentença seria gramatical como no exemplo em (4).

(3) IX-1 COMPRAR [Ø GATO] ONTÉM. *Ø/IX.SG GATO VIR LAMBER-PERNAS-1

‘Eu comprei um gato ontem. *(O) gato veio lamber minhas pernas.’

(4)
$$\frac{[\emptyset \text{MULHER } 1]_{\text{DP}} \text{ CL:PESSOA-ANDAR } [\emptyset \text{MULHER}] \text{ ESTRATÉGIA+++}}{\text{CONVERSAR ENROLAR BEIJAR ACEITAR} \quad \text{NÓS-2 LÁ MOTEL?}}$$

‘**Uma** mulher veio, aí **a/*uma/mulher** falou: - Vamos conversar sei lá, a gente pode se beijar, ou se você quer ir comigo lá no motel?’

(vídeo 3 – dados naturalísticos)

Conforme previ no quadro 4.1 do capítulo 4 (reproduzida abaixo, quadro 6.1), somente os nomes nus deslocados ou a apontação pré-nominal pode cobrir a função de definido forte na libras, mas não o nome nu neutro.

Quadro 6.1. Nomes nus e com determinantes e suas funções na libras

ITENS/FUNÇÕES		Nome nu neutro (espaço neutro)	Nome nu deslocado (espaço lateral)	Nome precedido de IX
Definido forte – anafórico			X	X
Definido fraco		X		
Indefinido específico		X		

Fonte: elaboração própria

Esta análise encontra abrigo em Bolgheroni & Viotti (2013), que analisando o gênero narrativo em libras encontram também a utilização do *role-shift* (uso do espaço sub-rogado, ou incorporação do referente, na terminologia empregada pelas autoras) como a principal estratégia para retomada de referentes no discurso sinalizado.

Olhando como as gramáticas dos surdos monolíngues vs surdos bilíngues marcam a distinção entre definidos fortes e fracos encontramos um comportamento análogo, pois ambas as gramáticas empreendem nomes nus neutros com definidos fracos e exponentes/estratégias

distintos(as) para definidos fortes. Isso nos levaria a assumir que a libras seria uma língua do tipo “marcada anaforicamente” na análise de Jenks (2018), nas quais não há um expoente morfológico para os definidos fracos *t*. Por isso, os nomes nus neutros podem ser utilizados nestes contextos, mas utilizam um expoente distinto para os definidos anafóricos *t*^x.

No entanto, apesar do *role-shift* licenciar os definidos fortes na gramática monolíngue, eu não analiso a estratégia de *role-shift* como sendo um artigo de fato. O *role-shift* adiciona uma camada de informações sobre o referente, tornando explícita a posição e o comportamento dos referentes no contexto de proferimento. Isso faz com que a gramática monolíngue licencie a retomada anafórica com os nomes “nus”. Contudo, o nome não estaria completamente “nu”, uma vez que uma camada de informações sobre o comportamento do referente se espalha suprasegmentalmente, e isso garante que o nome não seja entendido como um nome nu fraco, como pode ser visto no exemplo em (4) acima⁸⁸.

No resultado da tarefa de produção 3 sobre que itens a libras emprega para marcar o contraste entre referentes novos e familiares, vimos que a gramática monolíngue também produz às vezes o IX para retomar os referentes familiares. Embora o uso do *role-shift* predomine nos dados, somente 2 dos 20 surdos monolíngues produzem IX para retomar os referentes.

No caso da gramática bilíngue, quando os surdos retomam o nominal repetindo o sinal do referente, como no caso em (2) acima, o uso de IX_{det} para retomar o referente familiar é obrigatório; no entanto, quando a retomada não é feita pelo sinal do referente, este grupo pode opcionalmente utilizar a estratégia *role-shift*, inclusive em conjunto com o uso de IX, como vemos no exemplo abaixo (5).

(5) ENTÃO, EU IDEIA AVISAR.pl PASSADO HISTÓRIA ACONTECEU-O-
 _____ **role-shift(homem)**
 QUE? **HOMEM** IX_{baby-c} CL:PESSOA-CAMINHAR O-QUE? PEGAR **1 GATO**
 _____ **role-shift(gato)** _____ **role-shift(homem)**
 LAMBER-PATAS CL:PESSOA-CAMINHAR RESPIRAR FEDOR
 _____ **role-shift (gato)**
 IX_{det} **GATO** LAMBER-PATAS

‘Então, eu tive uma ideia, vou contar uma história pra vocês que aconteceu há um tempo. **Um** homem. **O** homem estava caminhado. E aí, o que aconteceu? Ele pegou **um** gato.

⁸⁸ Em outras análises, outros tipos de narrativas envolvendo a retomada de DPs não-humanos e não-animados devem ser contemplados.

O gato se lambia. O homem caminhava e sentiu o mal cheiro que exalava do gato, que continuava a lamber as patas’.

(dados eliciados – tarefa de produção 3 – surdo bilíngue)

Percebemos que a primeira menção para o homem e o gato na história se dá com os DPs indefinidos em negrito em (5) [HOMEM IX_{baby-c}] e [1 GATO]. Logo após a apresentação de cada um desses referentes na história, sua retomada é feita com a estratégia descrita em (2), com os usos do *role-shift* em negrito em (5) [__*role-shift* (homem)] e [__*role-shift* (gato)]. No entanto, mais à frente, o gato é retomado utilizando o IX pré-nominal, como um expoente para o artigo definido, e não mais com o *role-shift*, ou seja, este dado dá suporte ao que propus acima, que quando a retomada não é feita através da repetição do sinal do referente, ela é feita através do *role-shift*; no entanto, se a retomada for realizada pela repetição do sinal, o uso de IX_{det} no grupo bilíngue é obrigatório.

Duas questões ainda permanecem em aberto com os resultados dos testes 4 e 5. Se IX_{det} é a realização de um D forte, e se a produção de IX na fala dos surdos monolíngues é pouco atestada, como explicar os resultados do teste de compreensão 4, no qual ambos os grupos compreendem IX.SG e IX.PL como artigos definidos na libras? Neste caso estamos falando de ι ou de ι^x ? Ademais, como explicar os resultados para o teste de compreensão 5, no qual IX_{det} é aceito antecedendo nomes próprios em frases declarativas sem menção prévia dos referentes por ambos os grupos, mas deveria ser licenciado somente em ambientes anafóricos?

Em relação à primeira questão, os resultados do teste de compreensão 4 mostram que apesar dos surdos monolíngues não produzirem o D forte na forma de IX_{det}, eles compreendem os efeitos de IX_{det} na codificação da maximalidade dos referentes selecionados pelo artigo definido em libras. Além disso, como ambas as gramáticas exibem alguma estratégia sintática para marcar DPs anafóricos, isto nos leva a assumir que a projeção DP está presente em ambas as gramáticas, pois mesmo com a ausência de IX_{det} na produção da gramática monolíngue, este grupo compreende os efeitos de D na estrutura. Como as sentenças no teste 4 são sentenças nas quais há a retomada dos referentes, trata-se claramente de um contexto anafórico e isto nos leva a concluir que a libras respeita o princípio *Index!*, como explicitado por Jenks (2018), que diz que se a língua possui um expoente morfológico ou uma estratégia sintática que possa realizar o D forte, ela deve fazê-lo e ligar todos os índices possíveis.

Este resultado nos leva a concluir também que a marcação da definitude em libras não tem relação com uma possível influência do PB, mas com mudanças internas nas gramáticas dos falantes, que elegem formas particulares como expoentes morfológicos da definitude.

Além disso, esse resultado nos levaria a assumir erroneamente, que se o IX_{det} na gramática bilíngue é o D forte ι^x , o nome nu automaticamente deveria ser o D fraco ι . E como sendo o expoente do operador ι , o nome nu, então, deveria ser suficiente para recuperar a quantidade máxima de referentes, codificada pelos artigos definidos nas línguas; no entanto, vimos nos resultados do teste 4 que o nome nu neutro em libras é ambíguo para a leitura de unicidade e maximalidade.

Não conseguirei resolver o problema que menciono a seguir nesta tese, mas acredito que esta análise lança luz sobre o seguinte fato: em línguas como o PB, o artigo definido é ao mesmo tempo o expoente do operador ι e também de ι^x . Como o mesmo expoente é utilizado nos dois contextos, de unicidade e anaforicidade, não temos como saber se é o operador ι ou ι^x que está no comando quando o PB atinge a leitura de maximalidade. Ademais, se compararmos o PB com o inuttut ou innu-aimun⁸⁹ (GILLON, 2015, p. 192) que empregam o nome nu em contextos familiares, mas quando usados anaforicamente, podem ou não se referir à quantidade máxima de referentes apresentados, vemos que talvez somente ι^x seja o verdadeiro responsável pela leitura de maximalidade e de restrição de domínio apresentada pelos artigos definidos nas línguas naturais, mas não o operador ι (iota). O lituano parece ser uma das poucas línguas das quais o nome nu sempre se refere à quantidade máxima de referentes mencionados. Isto indica que o lituano, apesar de ser uma língua de nomes nus, tem de fato um D coberto (GILLON & ARMOSKAITE, 2013).

Há que se investigar se línguas como o inuttut e o innu-aimun, que dispõem de um sistema de pronomes demonstrativos (OXFORD, 2007), não possuiriam um expoente para ι^x , e assim como o mandarim, poderiam empregar os demonstrativos para obrigar a leitura de maximalidade.

Com esta análise que acabo de prover, identifico que ambas as gramáticas dos surdos pesquisados exibem propriedades das línguas marcadas anaforicamente. No entanto, somente a gramática bilíngue estaria mais próxima de ser uma língua do tipo *iii* de Jenks (2018), que marca os definidos de forma generalizada, como o PB e o inglês, porque os resultados dos testes em 4 e 5 atestam que IX_{det} responde aos critérios de maximalidade, pode ser utilizado em

⁸⁹ O inuttut é uma língua esquimó falada na região de Labrador. Há aproximadamente 500 falantes. O innu-aimun é uma língua algonquiana falada na região de Labrador e no Quebec. Há aproximadamente 12.000 falantes da língua. (GILLON, 2015, p. 191)

contextos familiares e pode ser empregado antes de nomes próprios em contextos não-anafóricos. Isto responde parcialmente a segunda questão que apresentei acima, do porquê de IX_{det} estar se generalizando não somente para contextos anafóricos, mas também para contextos de sentenças declarativas sem antecedentes explícitos.

Já a gramática monolíngue pode ser classificada como uma língua do tipo marcada anaforicamente, pois, apesar de os surdos monolíngues compreenderem e julgarem como aceitáveis os usos de IX_{det} , a IX_{det} ainda é pouco atestada na sua produção e a aceitabilidade de IX_{det} antes de nomes próprios pode ser explicada provisoriamente pela existência da projeção DP de forma universal, que permite que aquele item de uso inconsistente em sua gramática, seja compreendido em outra⁹⁰.

Portanto, considerando ambas as gramáticas analisadas, a libras se aproxima do mandarim quando empreende os nomes nus neutros para os definidos fracos, mas emprega uma marcação distinta para os definidos anafóricos (IX_{det} ou *role-shift*). No entanto, a diferença entre a ausência na produção de um artigo definido na gramática monolíngue, mas a compreensão de IX_{det} como um artigo definido por ambos os grupos, atesta que o DP está presente na estrutura de ambas as gramáticas. Por fim, enquanto a gramática bilíngue caminha para uma língua de artigos definidos generalizados como o PB, a gramática monolíngue, ao produzir o *role-shift* somente para o D anafórico, se assemelha a línguas como o fering, ou o mandarim, que possuem marcas exclusivas para os definidos anafóricos, mas que não produzem um D explícito.

Uma última análise sobre o uso de IX_{det} nos proferimentos coletados mostra que o uso de IX_{det} vai depender de dois principais fatores: a menção prévia do N e a retomada do N. Se o N mencionado previamente na sentença for retomado com o mesmo N, o uso de IX_{det} é obrigatório na gramática bilíngue. Se a retomada for feita sem a repetição do N, mas com o uso do *role-shift*, IX_{det} é opcional. No entanto, como a gramática bilíngue parece estar gramaticalizando o IX_{det} para um D de uso geral, como o artigo definido no PB, ele pode opcionalmente ser utilizado em contextos não anafóricos, embora este caso seja de menor uso, já que como veremos na próxima seção, os nomes nus são mais utilizados em contextos de unicidade global, não anafóricos.

O único caso em que a libras permite a opcionalidade no uso do item IX_{det} ou do *role-shift* para a marcação da definitude forte é na posição de sujeito, pois como previsto pela análise

⁹⁰ Essa questão não é incomum em LOs, pois no PB há variantes gramaticais que são compreendidas, mas não necessariamente produzidas por todos os falantes. Como as variedades que permitem ou não o artigo antes de nomes próprios: João vs. O João. No geral, se assume que a variação é licenciada na língua, mas não somente no indivíduo que a produz. O licenciamento das variantes nas gramáticas certamente tem a ver com projeções funcionais já disponíveis na estrutura sintática da GU.

de Jenks (2018), nessa posição, o sujeito é um tópico que já se encontra indexado e isso neutralizaria os efeitos de Index!. Contudo, a ausência de marcação da definitude forte não é comum é nossos dados.

6.1.2 Artigo definido fraco (unicidade) em libras

Como vimos no capítulo 2 da tese, os artigos fracos, ao contrário dos fortes (seção anterior, 6.1.1), são aqueles que não necessitam de um antecedente explícito para serem licenciados, por isso, eles são licenciados nos contextos de unicidade global ou situacional. Os artigos definidos fracos, seriam, então, como os artigos definidos, os expoentes morfológicos do operador ι , aquele analisado por Russell (1905) como o codificador da leitura de unicidade aos referentes.

Aqui trago evidências de que o operador ι é o nome nu neutro na libras, uma vez que ele pode ser utilizado em contextos de unicidade, como no exemplo abaixo em (6) em que o nome nu neutro PROFESSOR pode ter uma interpretação de que havia algum professor saliente no contexto de proferimento, ou poderia se referir a qualquer professor disponível no contexto situacional. Por isso, a leitura do nome nu neutro na libras varia entre a leitura definida fraca e indefinida específica do N.

(6) EU MAIS-OU-MENOS 1-HORA-DURAÇÃO, DEPOIS [\emptyset PROFESSOR]_{DP}
CHEGOU

‘Eu estava há mais ou menos uma hora quando um/o professor chegou’

(vídeo 9 – dados naturalísticos)

Essa leitura de referência covariante só é permitida ao artigo definido fraco, por isso o nome nu em libras deve ter um D nulo que codifica a leitura de definido fraco. Jenks (2018) explica que a contribuição semântica da variável “contexto situacional” é um importante componente para o significado da unicidade (definidos fracos), porque o ι é um operador que ganha referência a partir do contexto. Por isso, se espera que os itens que codifiquem a unicidade nas línguas naturais também possuam essa leitura covariante, ou seja, que permita a captura de diferentes indivíduos em diferentes situações, o que é bloqueado por ι^x , que não licencia a leitura covariante, geralmente ligada aos demonstrativos. Isso explica a leitura aparentemente ambígua do nome PROFESSOR em (6) acima, entre ‘um/o professor’.

Sá et al. (2012), apoiados na proposta de Carlson & Sussman (2005) para a distinção entre definidos fracos e fortes, investigam a compreensão de sentenças em libras com nomes nus realizados no espaço neutro e deslocado e os resultados apontam que o nome nu neutro na libras pode ter a leitura fraca, mas não o nomes deslocados para a lateral. Os resultados desta tese corroboram com os resultados encontrados pelas análises dos autores.

O fato de IX_{det} estar se gramaticalizando para um artigo definido de uso geral, como atestamos na seção anterior, explica o comportamento dual do item nos contextos não anafóricos nos quais ele ainda varia entre a leitura covariante ou quantificacional, permitida pelos artigos definidos, e a leitura ligada ou referencial, permitida somente pelos demonstrativos ou outros itens anafóricos.

O exemplo repetido em (7), originalmente exemplo (26) do capítulo 4, mostra a diferença entre a análise de Koulidoubrova & Lillo-Martin (2016, p. 237), na qual as autoras propõem que IX_{det} seria melhor analisado como um demonstrativo na ASL por não licenciar a leitura quantificacional, aquela permitida pelos artigos definidos, e esta análise, para a qual os julgamentos de nossos participantes mostram que na libras, IX_{det} nem sempre possui uma leitura referencial, ou seja, a leitura covariante também é possível. Isto fortalece minha análise de que IX_{det} é um artigo definido que se gramaticaliza para o uso geral, e esse estranhamento das gramáticas é esperado no processo de decategorização. Em suma, enquanto IX_{det} na ASL representa t^x , mas não t , em libras, não há um julgamento categórico de que IX_{det} seja impossível com a leitura covariante, aquela encabeçada por t .

(7) **ASL:** IX PERSON RED SHIRT TEND WIN (referencial/*quantificacional)
Libras: IX PESSOA CAMISA VERMELHA SEMPRE GANHAR
(referencial/?*quantificacional)
‘A/Esta pessoa de camisa vermelha vai vencer’

Enquanto IX_{det} pode ou não receber uma leitura covariante, o nome nu neutro traz evidência de que sempre recebe a leitura covariante. Observe o contraste entre (7) e (8), a seguir, em que o nome nu neutro sempre tem leitura referencial ou quantificacional. Destaco que ‘esta pessoa’ na interpretação abaixo não indica a leitura ligada do D forte, senão o referente mais saliente no contexto que provavelmente satisfaça a condição de unicidade do D nulo fraco, já que não há menção anterior do referente que leve ao emprego do IX_{det} .

(8) **Libras:** ∅ PESSOA CAMISA VERMELHA SEMPRE GANHAR
(referencial/quantificacional)

‘A/Esta pessoa de camisa vermelha vai vencer’

Ademais, analiso aqui os contextos de unicidade em situações imediatas, aqueles nos quais os referentes presentes parecem licenciar exclusivamente a leitura referencial. Nestes casos de unicidade situacional, a libras se assemelha ao mandarim (9), em que o nome nu recebe uma leitura definida fraca ou indefinida específica, mas não necessariamente genérica, porque não é uma característica dos cachorros quererem sempre atravessar a rua. A leitura esperada do nome nu é a de que haja no contexto um/uns/o/os cachorro(s) específicos que atendam a verifuncionalidade da sentença.

(9) Gou yao guo malu.
cachorro quer atravessar rua
‘O(s) cachorros(s) quer(em) atravessar a rua.’

mandarim (CHENG AND SYBESMA, 1999, p.510)

Uma diferença entre o mandarim e a libras é que, neste mesmo contexto, o uso do D forte em mandarim, sem a menção anterior do referente, deve obrigatoriamente ser acompanhada de um gesto de apontação, já que t^x só deveria ser licenciado em contextos anafóricos. Como o nome nu ou a apontação pré-nominal atendem às funções dos artigos definidos na libras, como vimos nos exemplos anteriores, isto nos leva a concluir que o nome nu vai ser preferido em libras em contextos não anafóricos e com leitura covariante, mas que o uso de IX_{det} não é bloqueado por conta da gramaticalização da apontação como um artigo definido de uso generalizado, atestados na produção dos bilíngues e pela compreensão de ambos. E, como a apontação em si já é um recurso demonstrativo, a leitura demonstrativa ligada, na ausência de uma menção anterior, só deveria ser possível se adicionássemos um gesto paralinguístico ao proferimento, como aqueles mencionados nas análises de Aristodemo, Anvari e Santoro (2017) como a direção do olhar concomitante à realização da apontação. Daí teríamos um comportamento idêntico ao mandarim quando utiliza o demonstrativo em contextos de unicidade situacional. Futuras análises devem confirmar esses padrões que especulo nesta análise.

Por fim, o nome nu neutro acompanhado de um verbo que não apresente concordância pessoal pode ter também a leitura genérica, como na sentença abaixo em (10), na qual SURDO

pode ser interpretado genericamente ou, contextualmente, caso haja algum surdo saliente no contexto de proferimento.

(10) Ø SURDO QUER ESCOLA BILÍNGUE

Proferida *out-of-the-blue*: leitura genérica

Proferida numa reunião com surdos e ouvintes: leitura definida ou específica

(dados da entrevista)

Análises como as de Aguilar-Guevara & Zwarts (2010) para o espanhol dão suporte aos nossos resultados de que os artigos definidos fracos e os definidos genéricos, aqui tidos como sendo os nomes nus neutros⁹¹, são duas faces do mesmo fenômeno, e por isso, mais próximos das interpretações indefinidas específicas nas línguas naturais.

Em suma, no quadro 6.2 abaixo, descrevo o comportamento dos itens discutidos nas gramáticas analisadas. O quadro 6.2 mostra a sistematicidade no uso dos artigos definidos da libras correlacionando o contexto de proferimento, se novo ou familiar, de acordo com cada gramática.

Quadro 6.2. Sistematicidade no uso dos definidos fortes e fracos em libras

Itens	Retomada anafórica		Unicidade global ou situacional
	Com a repetição do N	Sem a repetição do N	
IX _{det}	opcional (M); obrigatório (B)	não atestado (M); opcional (B)	opcional (M/B)
Nome nu _{deslocado} ou <i>role-shift</i>	obrigatório (M); opcional (B)	obrigatório (M); obrigatório (B)	não licenciado (M/B)
Nome nu _{neutro}	não licenciado (M/B)		obrigatório (M/B)

Fonte: elaboração própria

Legenda: gramática monolíngue (M)/gramática bilíngue (B)

⁹¹ Tendo sempre em mente que nas LSs temos dois tipos de nomes nus, os neutros e deslocados, e somente os deslocados podem ter leitura anafórica.

6.1.3 Artigo indefinido em libras

Nos resultados do teste 1 vimos que só existe uma forma dedicada ao artigo indefinido na gramática bilíngue, que é sincrético ao numeral UM. E a gramática monolíngue sempre usa o nome nu nos contextos indefinidos, como em construções existenciais ou primeira menção dos referentes.

O artigo indefinido da gramática bilíngue, como se observa na figura 6.1 no início deste capítulo, não está em distribuição complementar com o D nulo fraco, porque ao empregar o artigo indefinido, o DP nunca pode ter a leitura definida fraca como o nome nu neutro. Contudo, o nome nu neutro pode ter a leitura indefinida específica que também é licenciada no uso do artigo indefinido UM. Isso explica por que o numeral UM está em variação com o nome nu na gramática bilíngue, mas não o contrário, o nome nu não está em variação com o numeral UM.

Como na gramática monolíngue o numeral UM nunca é utilizado como artigo indefinido assumimos que o nome nu será ambíguo para a leitura definida fraca e indefinida específica.

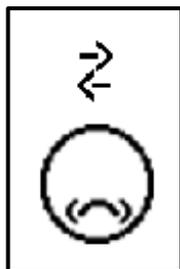
6.1.4 Artigo indefinido não-específico em libras

No que se refere aos contextos indefinidos não-específicos, as duas gramáticas, como vimos nos resultados do teste de produção 2 e de compreensão 6, empregam uma marca não-manual que pode se espriar sobre outros determinantes ou sobre o nome nu obrigando a interpretação não-específica ao DP.

São tipologicamente raras as línguas que possuem um item dedicado à marcação da não-especificidade, como vimos em Becker (2018). E como mostramos no capítulo 1, enquanto nas LOs os artigos indefinidos geralmente são ambíguos para a leitura de especificidade, nas LSs há uma tendência de se marcar a especificidade de forma não ambígua.

O artigo indefinido não-específico na libras, então, corresponde à marca não-manual escrita em sinais abaixo em (11) com os lábios curvados para baixo (boca de ferradura) e um leve balanço de cabeça para os lados, como no balanço da cabeça para negação. Em (12), temos um DP indefinido não-específico no qual a MNM não-específica é realizada concomitantemente ao nome sob o qual se espraia. Trata-se de um traço prosódico (suprasegmental) com função lexical de artigo.

(11)



(12)



_____ MNM não-específica
 Ø MULHER

‘Uma mulher (não-específica)’

(dados naturalísticos)

Embora não seja novidade que as LSs marquem a especificidade de forma não-ambígua como vimos nas referências citadas no capítulo 2, nenhum dos autores mencionados (MACLAUGLIN, 1997; TANG & SZE, 2002; BARBERÀ, 2012) afirma que a MNM não-específica é um artigo. Aqui analiso esta MNM como um artigo morfológicamente ligado, como na proposta de Simonenko (no prelo), e que se realiza suprasegmentalmente, como nas línguas tonais que possuem determinantes que marcam a diferença de definitude na prosódia (CLEMENTS, 2000; VAN DE VELDE & AMBOUROUÉ, 2011).

No quadro 6.3 a seguir, explico a sistematicidade no uso de itens indefinidos na libras, correlacionado com os contextos semânticos em que são licenciados.

Quadro 6.3. Sistemática no uso dos itens indefinidos em libras

Itens	Primeira menção	Leitura específica	Leitura não-específica
Nome nu _{neutro}	obrigatório (M/B);	obrigatório (M/B);	não-licenciado (M/B)
Art. indefinido/numeral UM	não licenciado (M); opcional (B).	não licenciado (M); opcional (B).	não-licenciado (M/B)
Nome nu + MNM não-específica	não licenciado (M/B)	não licenciado (M/B)	obrigatório (M/B)

Fonte: elaboração própria

Legenda: gramática monolíngue (M)/gramática bilíngue (B)

Na seção 6.3.3 mostrarei por que a MNM não-específica deve ser analisada como um artigo indefinido não-específico em libras e não somente um traço ou uma marca de concordância, especulando sobre sua possível origem.

6.2 SINTAXE DOS ARTIGOS NA LIBRAS

Nesta seção apresentarei a distribuição dos artigos em libras. A partir dos exemplos, mostrarei a ordem e o contexto sintático em que são usados. Como vimos na seção anterior, apesar das diferenças exibidas entre as gramáticas, o único item que não é encontrado na produção dos surdos monolíngues é o artigo indefinido/numeral UM. No entanto, descreverei a distribuição dos artigos como se houvesse uma única gramática, já que não temos dados suficientes para afirmar que, apesar de não produzirem o numeral UM nos contextos de artigos indefinidos, os surdos monolíngues não compreendam este item nos usos, análogo ao uso de IX_{det} como um artigo definido.

Apesar das diferenças observadas entre as gramáticas, sabemos que surdos monolíngues e bilíngues estão em contato, seja em suas comunidades de fala, nas suas cidades, por exemplo, ou em suas comunidades de prática, como na internet, nos blogs, que reúnem surdos de diferentes regiões e conseqüentemente, dialetos. Pouco se sabe sobre a variação sintática em libras, e como essa variação pode afetar a interpretação de enunciados por grupos distintos. Isto é algo que deve ser investigado também a partir desta tese, especificamente para os fenômenos relacionados à (in)definitude.

A partir da análise efetuada na seção anterior, pode-se concluir que a gramática monolíngue só possui um artigo, o item indefinido não-específico, já que o *role-shift* e o Dnulo não são analisados como artigos abertos. Já a gramática bilíngue, possui três artigos realizados de forma aberta, o IX_{det}, o artigo indefinido/numeral UM e o item indefinido não-específico. Isto indica que a gramática monolíngue da libras se alinha com línguas como o samoan que possuem um expoente para os referentes específicos e outro para os referentes não específicos, por isso, agrupa seus artigos pela especificidade e não pela definitude como proposto por Ionin, Ko & Wexler (2004) (quadro 6.4 abaixo). Já a gramática bilíngue, agrupa seus artigos de forma mista, pelo critério da definitude, e também pela especificidade, como no quadro 6.5 abaixo.

Quadro 6.4. Agrupamento dos artigos pela especificidade – gramática monolíngue

	+ definido	- definido
+ específico	Dnulo – Ø	
- específico	MNM não específica	

Fonte: Elaboração própria

Quadro 6.5. Agrupamento dos artigos de forma mista – gramática bilíngue

	+ definido	- definido
+ específico	IX _{det}	Art. indefinido/numeral 1 UM
- específico	Dnulo – Ø	MNM não específica

Fonte: Elaboração própria

6.2.1 Distribuição dos artigos

Os elementos analisados como artigos nesta tese possuem, então, a seguinte distribuição e interpretação.

6.2.1.1 Artigo definido fraco⁹²

⁹² Trabalhos futuros devem investigar se há diferenças entre o nome no singular e plural, já que a flexão de número embora exista na Libras é restrita a classe dos nomes não-ancorados, que estão em menor número, e, em posições argumentais, a pluralização não é atestada. Geralmente a Libras emprega determinantes, quantificadores e modificações na morfologia verbal quando fazem uso de nomes nus. Mas, outras análises devem investigar essas diferenças.

Sujeito

(13) _____top

[∅ CAVALO], IX-1 VER

(Específico ou Definido-fraco, se for contextualmente saliente, do contrário é indefinido)

‘Eu vi o(s)/um(ns) cavalo(s)’

(14) [∅ SURDO] QUER [∅ BILÍNGUE ESCOLA]

(Leitura genérica, definida fraca ou indefinida específica com verbos simples)

‘O(s) surdo(s) quer(em) a(s) escola(s) bilíngue(s)’

(15) [∅ SURDO] 3-DIZER-1 AMANHÃ [∅ FESTA]

(Específico/Definido-fraco com verbos com concordância)

‘O/um surdo me falou que amanhã tem a/uma festa’

Objeto

(16) IX-1 COMPRAR [∅ GATO] ONTEM.

(Específico/Definido-fraco)

‘Eu comprei (o)(s)/(um)(ns) gato(s) ontem’

(17) IX-1 ENCONTRAR [∅ SURDO] LÁ

(Específico/Definido-fraco)

‘Eu encontrei (o)(s)/(um)(ns) surdo(s) lá’

6.2.1.2 Artigo definido – singular ou plural

Sujeito tópico

(18) IX-1 COMPRAR [∅GATO] ONTEM. [*∅neutro/IX-3.SG] GATO VEIO
LAMBER-MINHAS-PERNAS (entrevista-piloto)

(Definido anafórico singular)

‘Eu comprei (o)(s)/(um)(ns) gato(s) ontem. O/*um gato veio lamber minhas pernas’

Sujeito em sentença matriz

(19) [IX-3.PL PESSOA] QUALQUER SURDO, OUVINTE, QUALQUER, PRECISA
CONSCIÊNCIA (vídeos espontâneos)

(Definido forte plural)

‘As/*umas pessoas, sejam surdas, ouvintes, qualquer uma, precisam ter consciência’.

Objeto

(20) POCOS OUVINTES RESPEITAR [∅ SURDO], DEFENDER [IX-3.SG LUTA]
JUNTO COMPARTILHAR, POCOS (vídeos espontâneos)

(Definido forte singular)

‘Poucos ouvintes respeitam o(s)/um/(ns) surdo(s), defendem a/*uma luta em conjunto, são poucos’.

(21) TER ALGUMAS PESSOA APROVEITAR [IX-3.PL SURDO]
 (Definido forte plural) (vídeos espontâneos)
 ‘Tem algumas pessoas que se aproveitam dos/*de uns surdos’

6.2.1.3 Artigo indefinido

Sujeito

(22) [1 SURDO] VIR ENSINAR AQUI
 (Obrigatoriamente indefinido)
 ‘Um/*o surdo veio ensinar aqui’

Objeto

(23) IX-1 ENCONTRAR [1 SURDO] LÁ
 (Obrigatoriamente indefinido)
 ‘Eu encontrei um/*o surdo lá’

6.2.1.4 Artigo afixal indefinido não-específico

A MNM não-específica pode se espraiar sobre o nome nu e o artigo indefinido, como em (24) e (25), e deve se espraiar sobre todo o DP e não somente parte dele, além de não poder iniciar tardiamente como em (26). A MNM não-específica não pode coocorrer com itens de leitura definida como em (27). A leitura obrigatória em todos os DPs acompanhados da MNM é a não-específica.

(24) _____ MNM não-específica
 [(1) SURDO (1)] VIR ENSINAR AQUI

(25) _____ MNM não-específica
 [∅ SURDO] VIR ENSINAR AQUI

(26) _____ MNM não-específica
 *[(1) SURDO (1)] VIR ENSINAR AQUI

(27) _____ MNM não-específica
 [* IX-3.sg SURDO] VIR ENSINAR AQUI

‘Um surdo (qualquer/*específico) vem/veio ensinar aqui’.

Nas próximas seções, exporei alguns fenômenos sintáticos que estão diretamente relacionados com os achados desta tese e que devem ser investigados com profundidade em trabalhos futuros; por isso, os faço na forma de uma agenda de investigação. Apesar de não me ater com detalhes aos fenômenos sintáticos que serão explicitados a seguir, eles mostram que os artigos aqui descritos para a libras já afetam e produzem efeitos sintáticos na gramática da língua.

6.2.2 O artigo e os traços de número na libras

Como vimos no capítulo dois, há evidência de que a libras flexione seus nomes para número, embora nem todas as classes de nomes possam fazê-lo. Nomes não-ancorados em libras apenas podem reduplicar com o deslocamento para a lateral (28), independentemente de serem sinais realizados no plano sagital (28a), ou de serem sinais realizados no plano lateral (28b). Nomes ancorados não sofrem reduplicação; por isso, não apresentam morfologia de número, mas um morfema zero.

- (28) a. [sagital]CASA>+>+/*CASA++
 b. [ipsilateral]CRIANÇA>+>+/*CRIANÇA++

Em relação à reduplicação dos nomes não-ancorados em libras, o que a língua não licencia é que o nome seja reduplicado no mesmo local onde é realizado, sem deslocamento. Na libras, mesmo que não haja a reduplicação como deslocamento para a lateral, o nome deve obrigatoriamente apresentar um movimento de deslocamento, seja ele em círculos, espalhados ou outros. Então, suponhamos que um surdo esteja falando sobre um conjunto de casas dispostas em círculos, a reduplicação, conseqüentemente o plural, será realizado não para a lateral, como em (29a), mas como em (29b):

(29)⁹³

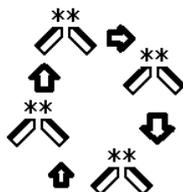
a.

⁹³ Sinal para casa escrito utilizado a escrita de sinais: SignWriting.





b.



Como vimos no resultado do teste de compreensão 4 em que testamos diferentes possibilidades dos traços de número realizados pela apontação pré e pós-nominal, identificamos que há um tipo de *spreading* na concordância de número na libras restringindo que somente após a marcação do primeiro elemento como plural, todos os outros seguintes podem ser marcados [+pl], mas se o primeiro estiver marcado como singular [+sing], nenhum outro pode ser marcado com plural.

Quando o artigo (em negrito) (30a, b) ou o nome (30c) aparecem flexionados para número na posição pré-nominal, outros elementos pluralizados só são permitidos na posição pós-nominal (30d-i):

- (30) a. **IX-3pl** HOMEM(++) (*+>+>) (IX-3pl) = ‘Os homens’
 b. (***IX-3pl**) HOMEM++ (*+>+>) (IX-3pl) = ‘Os homens’
 c. CASA(*++) VÁRIAS (IX-3pl) = ‘As (várias) casas’
 d. IX-3pl (*VÁRIAS) CASA(*++) VÁRIAS (IX-3pl) = ‘As(várias) casas’
 e. IX-3pl (*MUIT@) SURD@ MUIT@ (IX-3pl) = ‘Os/Muitos surdos’
 f. 5 LIVRO(*++)= ‘cinco livros’
 g. MUITO LIVRO(*++)= ‘muitos livros’
 h. LIVRO++ 5= ‘cinco livros’
 i. LIVRO++ MUITO= ‘muitos livros’

Isso significa que a libras não licencia a marcação redundante no ambiente pré-nominal. No entanto, quando o item é reduplicado numa região concentrada, como no exemplo em (29b) acima, sem deslocamentos para a lateral, ambos, o artigo e o nome podem apresentar morfologia de número. Caso contrário, a marcação de número é exclusiva em um único elemento pré-nominal.

No entanto, há um comportamento distinto entre os itens pré e pós-nominais relativo à concordância de número. Quando o artigo ou o nome não marcam número, o demonstrativo não pode aparecer com um traço discordante, ou seja, plural. Mas, se o traço plural estiver

marcado no artigo ou no nome, o demonstrativo pode ou não concordar com os traços de número, apresentando-se como singular ou plural. Isso indica que há um tipo de *spreading* ocorrendo na concordância dos traços de número internos ao DP em libras, e teremos as seguintes configurações: (31) Art+N+Dem, (32) Art+N ou (33) \emptyset N+Dem, já que as apontações podem ou não ocorrer a depender do contexto que explicitamos anteriormente no quadro 6.2 com a tradução literal em PB dos exemplos da libras.

(31)

Status	IX	N	IX	Exemplo
ok	-	-	-	A casa esta
*	-	+	-	A casas esta
*	-	+	+	A casas estas
*	-	-	+	A casa estas
ok	+	+	+	As casas estas
ok	+	+	-	As casas esta
ok	+	+/-	+	As casas estas
ok	+	-	-	As casa esta

(32)

Status	IX	N	Exemplo
ok	-	-	A casa
*	-	+	A casas
ok	+	+	As casas
ok	+	-	As casa

(33)

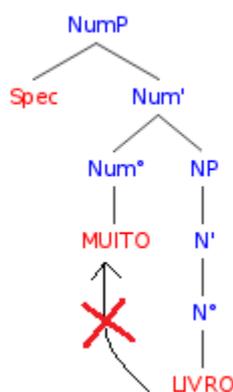
Status	N	IX	Exemplo
ok	-	-	\emptyset casa esta
ok	-	+	\emptyset casa estas
ok	+	+	\emptyset casas estas
ok	+	-	\emptyset casas esta

A possibilidade de haver sintagmas como “AS CASAS ESTAS” em (31) ou “AS CASAS” em (32) parece contradizer o previsto de que a libras não permite a marcação redundante nos elementos pré-nominais; no entanto, os itens nos exemplos devem ser reduplicados concentrados numa área, como em (29b), mas não deslocados para a lateral como em (29a). Essa análise é baseada em Quer (2011) em que o autor examina a questão da listabilidade dos pontos no espaço, e assume que o mais importante não é o “ponto físico real”, mas é a maneira como o espaço é linguisticamente e categorialmente percebido, tendo como consequência a atribuição de propriedades distintas. Por isso, a reduplicação em (29a) e (29b) embora, se trate do mesmo fenômeno e da realização plural de um item, é percebida de maneira diferente a depender da forma como é realizada. Isso não quer dizer que estejamos assumindo que em (29a) haveria necessariamente uma flexão para plural, mas não em (29b), mas que as diferentes realizações no espaço juntamente com a sua combinação com os determinantes levam a diferentes tipos de construções sintáticas.

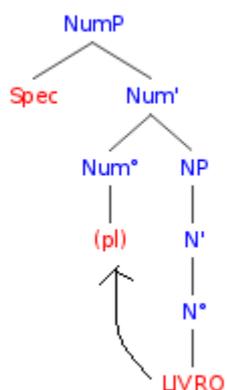
O traço singular, então, é incompatível com outros elementos plurais, mas o contrário não é verdade.

Em libras, a exemplo da análise de Pfau & Steinbach (2005) para a DGS, quando o determinante pré-nominal, o numeral ou o quantificador ocorre, eles ocupariam o Num°, o que impossibilitaria a marcação de plural no N (34); na ausência destes elementos, o N então sobe para o núcleo Num° onde recebe a morfologia de pluralização como em (35).

(34)



(35)



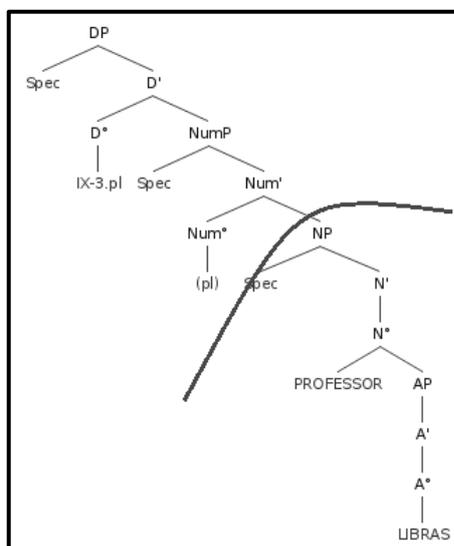
Há evidências sintáticas de que a libras possui a projeção NumP abaixo do DP, pois em contexto de elipses de nomes coordenados (36) como os que mostramos no capítulo 4, se os traços de número estivessem em D eles teriam sido copiados para o DP do segundo conjunto que não poderia ser realizado como singular, já que o primeiro DP é plural. Isso indica que se os traços de número não devem estar no D, eles devem estar num domínio abaixo deste, e se os traços de Num não foram copiados é porque o domínio da elisão deve estar abaixo de NumP, e acima de N, como mostra a estrutura em (37).

(36)

_____ ipsilateral _____ contralateral

IX-3.PL PROFESSOR LIBRAS (TAMBÉM) IX-3.SG MATEMÁTICA FALTAR HOJE.
 ‘Os/*estes professores de libras e o/*este professores de matemática faltaram hoje’

(37)



Esta análise confirma que IX_{det} é um artigo definido na libras, pois além de ter a leitura definida, é responsável pela atribuição de número ao DP nos casos nos quais os nomes não podem ser pluralizados. Além disso, a análise comprova que o IX_{dem} pós-nominal não pode estar numa posição de adjunção na estrutura sintática, como na estrutura proposta por MacLaughlin (1999), uma vez que o demonstrativo pós-nominal é sensível aos traços de números realizados em IX_{det} , pré-nominal, obedecendo ao *spreading* de traços descritos acima; por isso, deve estar numa posição de onde o IX_{det} c-comande toda a estrutura. As questões relativas à concordância de número e o *spreading* de traços deve ser desenvolvida em trabalhos futuros.

6.2.3 O artigo e a leitura incorporada

Um outro efeito concernente à existência de D na libras é a quebra da leitura incorporada. Como no resultado do teste 4, a leitura incorporada (BAKER, 1988; MITHUN, 1984) é aquela em que o complexo V+N denota um evento, como por exemplo, o evento de “comprar gato” e não a compra de um gato específico. Essa leitura incorporada do nome no verbo só é possível com o nome nu em (38), e é quebrada com a presença de um D em (39). Este fato evidencia que IX é um D.

(38) IX-1 COMPRAR [\emptyset GATO] JÁ

‘Eu já comprei (o)(s)/(um)(ns) gato(s)’

(39) IX-1 COMPRAR [$IX_{det.pl}$ GATO] JÁ

‘Eu já comprei os gatos/*comprei-gato’

A incorporação morfológica do N em construções com classificadores na libras também é desfeita na presença de D. As construções classificadoras em libras são aquelas em que a forma da mão e o movimento realizado por ela representam o objeto e a ação desempenhada pelo objeto. Como, por exemplo, na LSC em (40) o classificador PIANO-PLAY (tocar piano) é utilizado para mostrar as teclas do piano e a maneira como o objeto é tocado. Em libras, para dizer ‘A mulher pegou (uma) bola’ é utilizado um classificador no qual a mão fica com o formato de objetos redondos PEGAR-OBJ.REDONDO (41), porque ao pegar uma bola, a mão não pode assumir outro formato senão este. No entanto, ao utilizar o IX_{det} para pluralizar o nome BOLAS, a forma da mão que incorporava o objeto redondo (bolas), agora deve voltar para sua

forma de citação (não-flexionada) PEGAR (42). Isso indica que a presença do D quebra não somente a leitura incorporada nos verbos sem concordância como COMPRAR acima em (40), mas inclusive, impede a fusão morfológica do V+N observada nos classificadores em (41), mas indisponível em (42), dada a presença do D aberto.

(40) MARINA **PIANO-PLAY** MARC VIOLIN
 ‘Marina plays piano and Marc violin’
 ‘Marina toca piano e Marcos violino’

LSC (ZORZI, 2018, p.346, ex.384c)

(41) MULHER **PEGAR-OBJ.REDONDO** (N incorporado)
 ‘A/uma mulher pegou (uma) bola’

(42) MULHER **PEGAR** (N não incorporado) IX_{det}.PL BOLA
 ‘A/uma mulher pegou as bolas’

libras (dados da entrevista)

6.2.4 Bloqueio da leitura específica

Como afirmamos acima, o D nulo tem leitura definida fraca ou indefinida específica, e o artigo indefinido/numeral UM possui leitura ambígua para especificidade. No entanto, quando o artigo afixal não-específico se espalha sobre DPs contendo os artigos supracitados, como nos exemplos acima em (24) e (25), repetidos aqui como (43) e (44), os artigos estariam, então, em competição por diferentes interpretações.

(43) _____ MNM não-específica
 [(1) SURDO (1)] VIR ENSINAR AQUI
 ‘Um surdo (qualquer/*específico) vem/veio ensinar aqui’.

(44) _____ MNM não-específica
 [∅ SURDO] VIR ENSINAR AQUI
 ‘Um surdo (qualquer/*específico) vem/veio ensinar aqui’.

Nos exemplos em (43) e (44) vemos que o artigo afixal bloqueia as leituras definidas e indefinidas específicas, obrigando a leitura não-específica.

Há que se investigar se o que ocorre na libras encontra algum paralelo ao que ocorre no *numeral blocking* em línguas como o mandarim e o cantonês, nas quais um DP com o classificador seguido do nome (CL-N) pode ser interpretado como definido em cantonês, mas somente como indefinido em mandarim. Contudo, na presença do numeral (#) numa estrutura

do tipo (#-CL-N), ambas as línguas obtêm a interpretação indefinida. Hall (2019) interpreta esse fato, dentre outros argumentos, como uma evidência de que o número por ser hospedado em NumP, acima de ClassifierP, bloquearia o movimento do núcleo Cl por cima de Num para chegar em DP, o que desobedeceria a restrição dos movimentos de núcleo que diz que um núcleo não pode atravessar um outro núcleo acima dele, sem que o movimento seja feito de forma cíclica, bloqueando a leitura definida.

Temos evidências, então, de que a MNM não-específica obriga a interpretação não-específica no DP, bloqueando as leituras definidas fracas e indefinidas específicas, embora ainda não disponhamos de uma explicação sintática para este fato na libras.

6.3 ORIGEM DOS ARTIGOS NA LIBRAS

Nesta seção especulo sobre a possível origem dos artigos que identifiquei na libras, observando comportamentos de dados sincrônicos, típicos de itens em gramaticalização. Hopper & Traugott (2003) definem gramaticalização como o processo pelo qual itens/construções gramaticais emergem a partir de formas lexicais.

Primeiramente, não há como se comprovar se o que observo como a emergência de um paradigma de artigos na libras envolve gramaticalização, pois, para que um item mude seu valor, ele deve apresentar um estágio precedente de variação, e dependendo de como analisemos nossos dados, os mesmos itens podem ser entendidos como tendo valores variáveis, já que as gramáticas monolíngue e bilíngue estão em constante contato. Ou, podemos também analisar como não se tratando de um estágio de variação que levará a mudança do valor do item, já que poderia se tratar de duas gramáticas distintas.

Essa problematização já aparece anteriormente nesta análise, mas também não conseguiremos resolver isto nesta tese. Desse modo, mantenho a análise de que a despeito de grupos monolíngues e bilíngues apresentarem comportamentos distintos em relação à produção e compreensão dos itens analisados como artigos, como esses grupos estão permanentemente em contato, isso provavelmente provoca um estágio sincrônico com variações, mas que não necessariamente se trata de duas línguas distintas.

Como não temos dados diacrônicos que comprovem a existência de um estágio sem artigos para a libras, baseamo-nos na proposta de Hopper (1991) para se identificar itens gramaticalizados ou em gramaticalização. Alguns dos itens analisados como artigos apresentam um certo nível de estratificação (*layering*), ou seja, estágios nos quais a forma antiga coexiste

com sua nova forma e seu novo valor. E, também, atestamos a presença da decategorização ou *bleaching* semântico, ou seja, o processo que apaga gradativamente o valor antigo do item atribuindo-lhe um novo valor.

6.3.1 Origem do artigo definido

O IX_{det} na libras confirma as predições teóricas de que o artigo definido nas LS tem origem em itens com força demonstrativa. O exemplo abaixo em (45) evidencia que o artigo definido em libras é homófono ao pronome de 3ª pessoa e foi possivelmente nestes contextos que os artigos começaram a surgir na libras.

Em (45) o referente MEU GATO que não é apresentado como sendo necessariamente indefinido é retomado com o IX, mas com uma topicalização (leve quebra prosódica) do IX, por isso a glosa IX-3, GATO é traduzida em PB como ‘ele, o gato’. Nesse caso, há um único gato mencionado que está sendo retomado pela apontação pré-nominal e isso garante que a interpretação, nesse caso, é a definida, embora em outros casos, nenhuma pausa é observada entre a apontação e o nome que o segue, indicando um estágio mais gramaticalizado da apontação.

(45) ALGUMAS PESSOA 3pl-PERGUNTAR-1sg ACONTECER O-QUE SERRAR-BRAÇO **MEU GATO**. ENTÃO, IX-1 EXPLICAR...ANTES **IX-3, GATO** SINAL (SINAL DO ANIMAL) NOME J-O-N-A-S PORQUE ELE NASCER PATA-QUEBRADA.

(dados naturalísticos-vídeo 6)

‘Algumas pessoas me perguntaram sobre o que aconteceu que tivemos que serrar a pata do **meu gato**. Então, eu vou explicar...há um tempo atrás, **ele, o gato**, que tem esse sinal, e se chama Jonas nasceu com a pata quebrada’.

O exemplo anterior evidencia algum nível de estratificação do item, ou seja, sincronicamente, o IX-3 ainda pode ser interpretado como pronome pessoal na posição pré-nominal, se estiver topicalizado, já que não seria possível que dois DPs ocupassem a posição de sujeito da sentença “(*Ele) o gato que tem esse sinal”. Com a quebra prosódica, o item é licenciado na construção ‘Ele, o gato tem esse sinal’, e garante a leitura definida, retomando o gato já familiar no contexto de proferimento.

O uso a seguir em (46) também não é um uso clássico da IX como artigo definido, mas, certamente, o IX pré-nominal seguido do nome CURSO, garante que o referente curso seja interpretado como definido. Quando o sinalizador diz ‘Havia vários cursos’ e retoma um dos

curso com a apontação, neste caso, a leitura parece muito mais demonstrativa do que definida. E de fato, o item parece ter uma leitura demonstrativa mesmo na posição pré-nominal, devido ao acento longo e enfático que recebe, que não é característico das apontações definidas que analisamos, que são curtas e sem acentos.

Como vimos na literatura, os artigos definidos também se desenvolvem a partir de itens com função demonstrativa, porque estes têm leitura definida. Por isso, este exemplo lança luz sobre como IX_{det} vem sendo utilizado na língua para marcar a definitude dos referentes familiares no contexto, mesmo que em contextos atípicos e com realização morfológica distinta dos itens que tem a leitura definida. Mesmo sendo ambíguos entre a leitura demonstrativa e definida, percebemos que a ordem pré-nominal já é atestada, garantindo então, que IX pré-nominal se gramaticalize com uma ordem fixa e leitura invariável.

(46) _____top
 2005 ATÉ 2015 TER **CURSO**+>+>+> JÁ VÁRIOS... **$IX_{longo e enfático}$** CURSO MAIS
 PROFUNDO SABER TEORIA COMO SINTAXE MORFOLOGIA VÁRIOS
 DENTRO LIBRAS DENTRO DISCIPLINA CURSO FACULDADE
 UNIVERSIDADE CADA MOTIVO MAIS VALOR **$IX_{ispilateral++(longo e enfático)}$**
 LETRAS-LIBRAS **$IX_{contralateral}$** PROLIBRAS? IGUAL SUMIR
 (dados naturalísticos-vídeo 5)

‘De 2005 até 2015 havia **vários cursos**. **Este/o** curso mais profundo, para aprender teoria, sintaxe, morfologia da libras, (para ministrar) dentro das disciplinas de libras em cada uma das universidades. É por isso, que tem mais valor **o/*este** Letras-Libras do que **o/*este** Prolibras, que inclusive, já acabou’.

No próximo exemplo (47), já temos um estágio mais gramaticalizado da apontação pré-nominal, pois o IX_{det} recebe a leitura definida nas duas primeiras ocorrências, mesmo sem a menção anterior dos referentes PESSOA e PROFISSIONAL, respectivamente, confirmando que IX_{det} na libras se encaminha para um artigo definido de uso generalizado com na análise que provemos na seção 6.1.1. Na mesma situação de proferimento, o nome nu neutro PROLIBRAS, analisado aqui como um definido fraco, é retomado com o D forte anafórico, pois a repetição do nome obriga o uso de IX .

(47) PORQUE PASSADO 2015 **$IX_{IPSILATERAL}$** PESSOA PRECISAVA ENSINAR
 $IX_{CONTRALATERAL}$ PROFISSIONAL TAMBÉM INTERPRETE TRADUTOR COMO?
 MOTIVO SURGIR [ø **PROLIBRAS**]_{NEUTRO} SÓ TEMPORÁRIO 10 ANOS RÁPIDO
 PREENCHER-VAGAS... [**IX PROLIBRAS**] O-QUE? SÓ SABER ENSINAR
 LIBRAS_{IPSILATERAL} TAMBÉM INTERPRETE_{CONTRALATERAL} TRADUZIR SÓ.

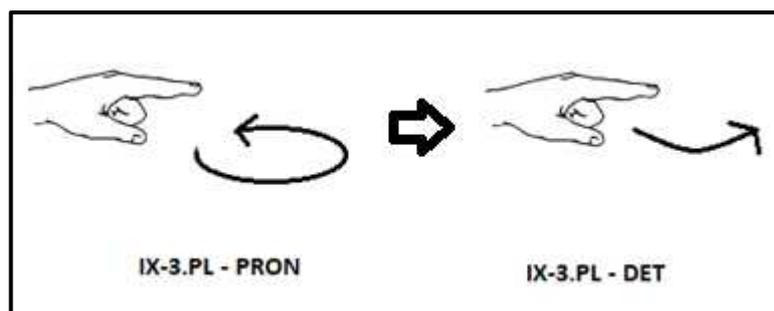
(dados naturalísticos-vídeo 5)

‘Meados de 2015, **a/*esta** pessoa precisava ensinar e/ou **o/*este** profissional intérprete tradutor precisavam de alguma segurança. Por isso surgiu o PROLIBRAS, de forma temporária no período de 10 anos para poder preencher as vagas, o que é **o/*este** PROLIBRAS? Ele somente verifica se a pessoa sabe ensinar libras como também interpretar o traduzir a libras, só isso’.

Nossa análise sugere que a proposta de Senghas & Coppola (2010) e Pfau (2010) sobre a gramaticalização da apontação faz boas previsões teóricas, pois os exemplos acima confirmam que na libras há uma tendência de que as apontações se tornem menos ligadas ao contexto e abstratizadas, obedecendo a um possível continuum de gramaticalização que vai de apontação > locativos > demonstrativos > pronomes pessoais > determinantes e outras funções.

Nos nossos dados, quando a apontação pré-nominal é utilizada como em (45) e (46), em posição de tópico, ou com leitura demonstrativa, a IX pode receber acento prosódico e ser longa, no entanto, as apontações D são fonologicamente reduzidas nos dados, se comparadas com as realizações pronominais, como em (48) abaixo. Esse tipo de erosão fonológica é típico de itens mais gramaticalizados, com a redução do movimento e do arco da apontação no IX_{det}, por exemplo, em (48) abaixo. Futuras análises utilizando sensores de movimento e quantificação da duração dos itens de apontação em corpus de libras podem confirmar os achados desta análise.

(48)



‘Eles/as’ > ‘Os/as’.

Por fim, ocorrências de IX_{dem} pós-nominal, que analiso como um demonstrativo gramaticalizado e que é homófono ao nosso artigo IX_{det} pré-nominal, atestam que: *i.* IX_{dem} não obriga à leitura definida do nome, dado que na construção existencial em (49) o nome LEI não tem leitura definida e apontação pós-nominal é licenciada; *ii.* a apontação pós-nominal não tem uma segmentação clara se pertence ao DP, ou se está na posição de sujeito da sentença

subsequente, aparentemente uma relativa. Esse comportamento confirma as previsões que fizemos na seção 3.1.1.1 sobre a projeção DemP nas línguas naturais, visto que há uma tendência de que IX pós-nominal se gramaticalize como um complementizador. Esse comportamento também deve ser observado em outras análises da libras.

(49) TER [LEI DECRETO 5.626 [IX]_{DP} JÁ EXPLICAR]_{TP} O-QUE? PROLIBRAS É 10 ANOS

(dados naturalísticos-vídeo 5)

‘Há **uma/*a** lei e decreto 5.626 **esta/ela** já dita o que? Que o PROLIBRAS deveria durar 10 anos.

Esta análise evidenciou que similarmente ao que ocorre em outras línguas, a libras parece gramaticalizar seu artigo definido a partir de itens demonstrativos e pronomes pessoais, neste caso, itens sincréticos em libras. A diferença categorial entre os itens se dá então pela ordem dentro do DP, pré-nominal (IX_{det}) e pós-nominal (IX_{dem}) e quando na posição de argumento do verbo a interpretação mais provável é a de pronome (IX_{pron}).

Uma pergunta ainda deve ser respondida, pois, pronomes demonstrativos também podem saturar a grade argumental de verbos; então, como saberíamos que IX na posição de argumento de um verbo é um demonstrativo ou um pronome pessoal? Como vimos na seção 4.5 do capítulo 4, os pronomes pessoais em libras e talvez em todas as LSs são complexos multimorfêmicos compostos pelo sinal de apontação IX + um morfema espacial, ou seja, os pronomes pessoais carregam na sua composição traços demonstrativos percebidos pela apontação. Isso nos permite concluir que IX é a realização de D na libras, mas a sua categorização só pode ser definida em função do contexto sintático. Sem a presença do N, a única interpretação que resta para IX é a pronominal, já que IX_{dem} só se define pela ordem em relação ao nome.

A emergência do IX_{dem} pós-nominal não é influência do PB uma vez que DPs com dois artigos, ou dois demonstrativos ou ainda um artigo e um demonstrativo em PB não são licenciados; por isso, o tipo de DP encontrado na libras do tipo [IX.SG CASA IX.SG], que pode ser traduzida como “A casa esta”, não deve ser resultado de contato com o PB, já que essa estrutura não é produtiva em PB e só é atestada em contextos muito específicos, do tipo “A casa esta que eu te mostrei”, em alguns dialetos.

6.3.2 Origem do artigo indefinido

Como somente a gramática bilíngue utiliza o numeral UM como artigo indefinido, fica evidenciado que o uso de UM é fruto do contato com o PB.

A alternância entre o uso do artigo indefinido UM com o nome nu em libras confirma as previsões de Le Bruyn (2010) em relação à gramaticalização de artigos indefinidos, para quem as línguas no estágio 1 e 2 da gramaticalização dos artigos indefinidos podem coocorrer com o nome nu, mas não quando o artigo indefinido se encontra completamente gramaticalizado.

6.3.3 Origem do artigo indefinido não-específico

Vimos na seção 6.2.4 que quando a MNM não-específica é utilizada, a leitura obrigatória é a indefinida não-específica; por isso, a forma não é ambígua para a leitura de especificidade, como são os artigos indefinidos na maiorias das LOs.

Um exemplo encontrado nos vídeos espontâneos da MNM não-específica é o exemplo em (50), no qual o referente MULHER é completamente desconhecido para ambos interlocutores.

(50)



MNM não específica

AVISAR-1 [1 PESSOA MULHER 1] [...]

‘Me disseram que **uma mulher (desconhecida)** vai me enviar a monografia, para eu poder participar da banca dela’

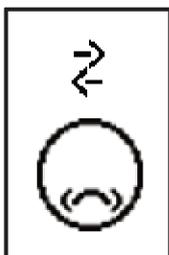
(dados naturalísticos)

Mas, essa MNM não-específica é um artigo?

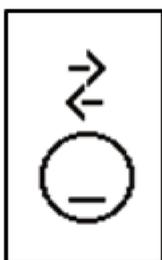
Como vimos no capítulo 4, a negação é realizada majoritariamente com o balanço de cabeça para os lados; no entanto, em libras, além do movimento de cabeça, podemos ter duas MNM associadas com a negação⁹⁴. Observe que o item em (51) possui a boca de “ferradura”, no contraste com (52) que não a possui.

Aparentemente, a MNM não-específica está associada a dois **itens não-manuais de negação** presentes na Libras. O primeiro em (51) é o ‘não’ que possui a MNM não-específica associada e é utilizada exclusivamente para a negação em contextos epistêmicos, e o item ‘não’ em (52) é a negação *default* utilizada para todos os outros contextos e verbos.

(51) NÃO-EPISTÊMICO



(52) NÃO-DEFAULT



A evidência de que se (51) e (52) são dois itens lexicais distintos e não somente marcas suprasegmentais é que estes itens podem aparecer livremente em respostas para perguntas sim/não, e ainda, há contextos em que NÃO-EPISTÊMICO (51) não é licenciado como resposta, como em (53), mas somente NÃO-DEFAULT (52) pode ser utilizado, como em (54):

⁹⁴ Algo semelhante vem sendo investigado por Steinbach (2019, slides de apresentação) no trabalho “JA, NEIN, DOCH or STIMMT-NICHT? An Empirical Study on Response Particles in German Sign Language.”, apontando que assim como o alemão, a língua de sinais alemã, possui diferentes itens de negação. Arroteia (2005.), pesquisando a negação na libras, não indica que a libras possua mais de um item de negação, mas somente que a MNM de negação predomina sobre o item manual de negação.

(53) Perg: IX-2 GOSTAR CAFE? (Você gosta de café?)

Resp: *NÃO-EPISTEMICO / ^{OK}NÃO-DEFAULT

(54) Perg: IX-2 SABER GANHAR QUEM? (Você sabe quem ganhou?)

Resp: ^{OK}NÃO-EPISTEMICO / #NÃO-DEFAULT

A marca não-manual de não-especificidade parece ter se gramaticalizado, então, a partir de contextos de negação que utilizavam itens de negação epistêmicos. Há indícios morfológicos de que a MNM não-específica perdeu sua carga lexical e deu origem a um item funcional, um artigo pois se atesta uma redução fonológica do item de negação epistêmica para um leve, ou nenhum movimento de cabeça, como nas imagens à direita na figura 6.2, com a manutenção somente da forma da boca em “ferradura” que, como vimos, carrega os traços indefinidos.

Figura 6.2. Redução fonológica da MNM não específica na libras



Fonte: elaboração própria

Assim como em q'anjobal (mayan) e no lakhota (BECKER, 2018) em que os artigos indefinidos não-específicos se desenvolvem a partir de marcadores condicionais ou de contextos *irrealis*, o contexto de emergência dessa MNM são os mesmos em libras, em que o marcador PALMAS-PRA-CIMA (Figura 6.3 abaixo) associado à MNM não-específica codifica a leitura *irrealis* ou condicional da sentença.

Figura 6.3. Sinal PALM-UP com MNM não específica na libras



Fonte: elaboração própria

Por fim, a maior evidência de que a MNM não-específica é um artigo em libras vem do DP exemplificado em (55) em que os 4 sinalizantes proferem o mesmo DP. Se a MNM espreada sobre o DP fosse um item de negação, como espelho sobre sua possível origem, a interpretação em *b*, teria que ser possível, mas o julgamento dos nossos participantes, diz que apenas *a* é possível, no qual a interpretação é de um DP e não da negação de um TP como em *b*, conforme se observa na interpretação em PB.

(55)



_____MNM não-específica
HOMEM

- a. ^{ok}Um homem qualquer (artigo indefinido)
- b. *Não é (um) homem (partícula de negação)

A partir desses resultados, podemos especular sobre a decategorização e gramaticalização destes itens quando passa de “Item de negação>Artigo não-específico afixal”, ou seja, assumindo a MNM não-específica como sendo um artigo realizado suprasegmentalmente na libras.

6.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo analisou os itens identificados na coleta de dados como sendo artigos na libras, explicitando as características semânticas, sintáticas e especulando sobre a possível origem desses itens na gramática.

7 CONCLUSÕES

Esta tese mostrou que a marcação da definitude e da indefinitude na libras é feita através de mecanismos gramaticais e não somente a partir do contexto, como são as línguas NP. Trouxemos evidências de que nem sempre os DPs são nus na libras e investigamos a possível contribuição semântica dos determinantes que aparecem juntos aos nomes na língua.

Uma das contribuições da tese é a constatação de que o contexto sociolinguístico do indivíduo, se bilíngue ou monolíngue, tem um efeito sobre a gramática dos falantes. Análises futuras devem considerar esses grupos em outras análises de fenômenos gramaticais.

Pode-se concluir, a partir dos resultados dos testes e da análise empreendida nos capítulos 5 e 6 que a gramática bilíngue possui três itens abertos com função de artigo, como se atesta no quadro 6.4 do capítulo 6, repetida aqui.

Quadro 7.1. Agrupamento dos artigos de forma mista – gramática bilíngue

	+ definido	- definido
+ específico	IX_{det}	Art. indefinido/numeral 1 UM
- específico	Dnulo – Ø	MNM não específica

Fonte: Elaboração própria

Já a gramática monolíngue só possui um item aberto que codifica a diferença de especificidade, mas não possui outros artigos sendo realizados de forma aberta, como vemos no quadro 6.5 do capítulo 6, repetida aqui.

Quadro 7.2. Agrupamento dos artigos pela especificidade – gramática monolíngue

	+ definido	- definido
+ específico	Dnulo – Ø	
- específico	MNM não específica	

Fonte: Elaboração própria

Mesmo a gramática monolíngue não possuindo artigos que codifiquem a definitude de forma aberta, ambas as gramáticas pesquisadas, monolíngue e bilíngue, utilizam alguma estratégia sintática para diferenciar os definidos fracos dos definidos fortes (SCHWARZ, 2013; JENKS, 2018). No entanto, a estratégia sintática utilizada pelo grupo monolíngue para retomar referentes apresentados no contexto (*role-shift*) não é considerada aqui como um artigo lexical.

O fato de que as gramáticas possuem itens distintos para codificar a (in)definitude, nos levaria a postular que se trata de gramáticas distintas, e que por isso, a gramática monolíngue seria uma língua na qual a projeção DP não existiria. Contudo, os resultados dos testes de compreensão mostraram que, apesar de não atestarmos itens definidos (IX_{det}) na produção dos falantes monolíngues, eles compreendem os efeitos de definitude carregados por IX_{det} na língua. Além disso, as duas gramáticas codificam de alguma forma a diferença entre definidos fortes e fracos, e somente a camada NP não daria conta de processar as questões de anaforicidade bem como as questões de concordância de número dentro do DP como foram apresentadas nas análises.

Um outro fator relevante é a relativa mistura de gramáticas observada na comunidade sinalizante, uma vez que os surdos estão em frequente contato pelas redes sociais, é difícil delimitar espaços geográficos ou dialetais, ou seja, isso nos permite especular que apesar de o item definido não ser produzidos por um grupo específico, não significa que a camada DP não esteja presente em ambas as gramáticas.

Essa tese também contribui com uma evidência de que não somente línguas com paradigmas de artigos consolidados possuem DP, mas a camada DP também pode estar presente em línguas que codificam diferenças de definitude utilizando outros expoentes morfológicos, portanto, a ausência de artigos, não implica a ausência do DP.

Comparando os resultados de produção e compreensão de artigos por ambos os grupos pode-se concluir que a gramática bilíngue caminha para uma língua de artigos que são utilizados de forma generalizada (JENKS, 2018), que podem ser utilizados tanto em contextos anafóricos como não-anafóricos. No entanto, a ausência de um item definido na gramática monolíngue, mas o uso do *role-shift* para marcar a diferença entre definidos anafóricos dos não-anafóricos nos leva a concluir que a gramática monolíngue comporta-se como o fering ou o mandarim, línguas nas quais há uma marca exclusiva para os definidos anafóricos, mas não há evidências para um D produzido de forma aberta.

Identificou-se também por meio desta investigação que os DPs indefinidos são marcados de forma diferentes nas gramáticas bilíngue e monolíngue. Enquanto os primeiros podem usar o nome nu ou o artigo indefinido UM, os últimos só utilizam o nome nu. Um outro achado desta tese é um artigo indefinido não-específico comum a ambas as gramáticas que é realizado de forma suprasegmental, classificado como um artigo prosódico, a exemplo das línguas tonais. Este artigo realizado pela MNM: não-específica é de uso sistemática nos dois grupos e é o único artigo produzido de forma aberta pelos falantes monolíngues.

No capítulo anterior mostramos que todos os itens identificados e as estratégias sintáticas para codificar a (in)definitude possuem uma sistematicidade no uso e por isso, não são opcionais nos contextos e com as interpretações que licenciam. Em um sistema como o bilíngue em que há o IX_{det} para os definidos fortes, por exemplo, o nome nu não está disponível para a retomada anafórica, porque no sistema há um item que pode realizar o operador *index*, alternativamente, essa retomada pode ser feita pelo uso do *role-shift*, dispensando o uso do artigo, contudo, algum deslocamento do referente deve ser feito para possibilitar sua retomada, visto que nesse sistema a operação de mudança de tipo está bloqueada para o nome nu neutro. Já no sistema monolíngue, no qual não se atesta a produção de IX_{det} , a retomada deve ser feita obrigatoriamente pelo uso de alguma estratégia sintática, como o *role-shift* ou o uso de predicados classificadores. Por isso, tanto na gramática bilíngue, como na gramática monolíngue, o nome nu neutro com leitura indefinida é incapaz de efetuar a retomada anafórica, pela existência de alguma estratégia sintática para codificar a anaforicidade.

O fato de que a ordem é que define a apontação pré-nominal como sendo um artigo definido atesta que há uma dependência grande do item em relação ao contexto gramatical para que seja definido sua categoria morfológica. Bem como, a sistematicidade no emprego dos itens é bastante sensível às informações contextuais, que podem alterar o seu valor para obrigatório ou opcional. Este comportamento aparentemente *fuzzy* é típico de itens em processo de mudança categorial, porque sua definição ainda é bastante dependente do contexto de produção. No entanto, uma vez que tenha ocorrida a mudança no valor do item são esperados os efeitos gramaticais na língua, assim como observamos no emprego dos itens definidos e indefinidos nesta tese.

Não conseguimos por meio desta análise definir se se trata de um processo de emergência ou gramaticalização propriamente, dado que não há provas sobre um estágio anterior em que não se ateste o uso de artigos. Restringimo-nos exclusivamente a especular sobre os possíveis itens ou contextos que deram origens aos itens atestados sincronicamente no sistema. Contudo, os dados coletados nos permitem confirmar que o emprego de itens definidos pode estar sendo encabeçado pelos usuários bilíngues, já que os itens não são atestados ou estão restritos à compreensão pela gramática monolíngue. Isso mostra que como os grupos estão em efetivo contato, os traços dos itens possivelmente já são compartilhados no sistema linguístico. Esse é um fato que merece uma pesquisa mais detalhada.

Por fim, apontamos para investigações futuras que provavelmente estão ligadas com a existência de um D aberto na libras, tais como a questão da concordância de número dentro do DP e a quebra da leitura incorporada pela ocorrência de D.

REFERÊNCIAS

ABNER, N. (2017), What You See Is What You Get. Get: Surface Transparency and Ambiguity of Nominalizing Reduplication in American Sign Language. *Syntax*, n. 20, p. 317–352. doi:10.1111/synt.12147

ABNER, Natasha. Syntactic Categorization in Sign Languages. In: COHEN, Henri; LEFEBVRE, Claire (Orgs). **Handbook of Categorization in Cognitive Science**. 2 ed. Amsterdã: Elsevier, 2017. p. 549-566.

_____. Determiner Phrases: theoretical perspectives. In: QUER, Josep; PFAU, Roland, HERRMANN, Annika (Orgs). **The Routledge Handbook of Theoretical and Experimental Sign Language Research**. Londres: Routledge, no prelo.

ABNEY, S. **The English Noun Phrase in its sentential aspect**. 1987. 363f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute Technology, University Indiana, Indiana, 1987.

ABBOTT, Barbara. Definiteness and indefiniteness. In: HORN, Laurence R.; WARD, Gregory L. (Orgs.). **The handbook of pragmatics**. Oxford: Blackwell, 2004.

ABOH, Enoch O.; ANSALDO, Umberto. The role of typology in language creation. In: ANSALDO, Umberto; MATTHEWS, Stephen; LIM, Lisa (Orgs.). **Deconstructing creole**. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 2007. p. 39-66.

AGUILAR-GUEVARA, Ana; ZWARTS, Joost. Weak definites and reference to kinds. *Semantics and Linguistic Theory*, n. 20, p. 179-196, 2010.

ALEXIADOU, Artemis. **Functional structure in nominals: Nominalization and ergativity**. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 2001.

ALEXIADOU, Artemis. **Multiple determiners and the structure of DPs**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2014.

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. **Noun phrase in the generative perspective**. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

ALIBASIC, Tamara; WILBUR, Ronnie B. Pronominal system in Croatian Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, Amsterdã, v. 9, n. 1, p. 95-132, 2006.

ALMEIDA-SILVA, Anderson. 2014. Sintagmas nominais: semântica da referencialidade e determinação na libras. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

ALMEIDA-SILVA, Anderson. **A significação na língua brasileira de sinais: uma introdução**. Teresina: FUESPI, 2015.

ALMEIDA-SILVA, Anderson; TAVARES, Cláudia Roberta. Libras: uma língua de sujeito nulo parcial?. **Caderno de resumos da ABRALIN 2017**, Niterói, UFF, 2017. Comunicação oral no simpósio temático: Aspectos gramaticais da libras.

ALMEIDA-SILVA, Anderson; SOUSA, Roger Silva. Avaliação da capacidade expressiva e de compreensão da libras: um estudo comparativo entre a aquisição de linguagem em comunidades surdas urbanas e desligadas. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (Orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais IV**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 37-60.

ALMEIDA-SILVA; TAVEIRA DA CRUZ & PARAGUASSU-MARTINS. Evidence for determiners (articles) in Brazilian Sign Language: an analysis of the syntactic-semantic evidence found in nominals. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/9783110218091-004>>. Acesso em: 14 de out. 2019. No prelo.

ANVARI, Amir. **Co-nominal pointing: Toward a formal semantic analysis**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Cognitivas). Université Pierre et Marie Curie, Paris, 2016.

ARISTODEMO, ANVARI & SANTORO (2017). Nominal pointing (in English and LIS): signs vs. gestures. Resumo expandido de apresentação.

ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; SANDLER, Wendy. The paradox of sign language morphology. **Language**, v. 81, n. 2, p. 301-344, 2005.

ARROTÉIA, Jéssica. O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira. 2005. 131f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BAHAN, Benjamin et al. Convergent evidence for the structure of determiner phrases in American Sign Language. In: FORMAL LINGUISTICS SOCIETY OF MID-AMERICA. MEETING, 6, 1995, Indiana. **Anais[...]** Indiana: Indiana University, 1995. p. 1-12.

BAHAN, Benjamin. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Boston University, Boston, 1996.

BAHAN, Benjamin; KEGL, Judy, LEE, Robert; MACLAUGHLIN, Dawn; NEIDLE, Carol. The licensing of null arguments in ASL. **Linguistic Inquiry**, n. 31, v. 1, p. 1–27, 2000.

BAKER, Mark C. Incorporation: A theory of grammatical function changing. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute Technology, University Indiana, Indiana, 1988.

BARBERÀ, Gemma. A unified account of specificity in Catalan Sign Language (LSC). **Proceedings of Sinn und Bedeutung**. v. 16, n. 1, p. 43-55, 2002.

_____. The meaning of space in Catalan Sign Language (LSC): Reference, specificity and structure in signed discourse. **Sign Language & Linguistics**, v. 16, n. 1, p. 97-105, 2013.

_____. Use and functions of spatial planes in Catalan Sign Language (LSC) discourse. **Sign Language Studies**, v. 14, n. 2, p. 147-174, 2014.

BARBERÀ, Gemma; ZWETS, Martine. Pointing and reference in sign language and spoken language: Anchoring vs. identifying. **Sign Language Studies**, v. 13, n. 4, p. 491-515, 2013.

BARWISE, Jon; COOPER, Robin. Generalized quantifiers and natural language. In: KULAS, Jack; FETZER, James H.; RANKIN, Terry L. (Orgs.). **Philosophy, language, and artificial intelligence: resources for processing natural language**. Amsterdã: Springer Science & Business Media, 1981. p. 241-301.

BECKER, Laura. **Articles in the world's languages**. 2018. Tese (Doutorado) – Universität Leipzig, Leipzig, 2018.

BERENZ, Norine Frances. 1996. 338f. **Person and deixis in Brazilian sign language**. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley, 1996.

BERENZ, Norine. Insights into person deixis. **Sign Language & Linguistics**, v. 5, n. 2, p. 203-227, 2002.

BERNATH, Jeffrey L. Pinning down articles in American Sign Language. **Ms., University of Connecticut**, 2009.

BERNSTEIN, Judy B. The DP Hypothesis: Identifying Clausal Properties in the Nominal Domain. In: BALVIN, Mark; COLLINS, Chris (Orgs.). **The handbook of contemporary syntactic theory**. Nova Jersey: Wiley John & Sons, 2001. p. 536-561.

BERNSTEIN, Judy B. Reformulating the determiner phrase analysis. **Language and Linguistics Compass**, v. 2, n. 6, p. 1246-1270, 2008.

BERTONE, Carmela. The syntax of noun modification in Italian Sign language (LIS). **Working Papers in Linguistics**, v. 19, p. 7-29, 2009.

BOLGUERONI, Thais; VIOTTI, Evani. Referência nominal em língua de sinais brasileira (libras). **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 15, n. 1, p. 15-50, 2013.

BOLINGER, Dwight; BOLINGER, Dwight Le Merton. **Meaning and form**. London: Longman, 1977.

BORIK, Olga; CYRINO, Sonia; ESPINAL, M. Teresa. On determiners in languages with and without articles. In: WORKSHOP ON LANGUAGES WITH AND WITHOUT ARTICLES, 1, 2012, Paris. **Anais [...]** Paris: CNRS, Paris-8. 2012. p. 1-13.

BÖRSTELL, Carl. **Object marking in the signed modality: Verbal and nominal strategies in Swedish Sign Language and other sign languages**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, Stockholm University, Estocolmo, 2017.

BOSQUE, Ignacio. Sobre las diferencias entre los adjetivos relacionales y los calificativos. **Revista argentina de lingüística**, v. 9, n. 1-2, p. 9-48, 1993.

BOSKOVIC, Zeljko. What will you have, DP or NP? In: PROCEEDINGS OF THE ANNUAL MEETING OF THE NORTH EAST LINGUISTIC SOCIETY, 37, 2008, Urbana-Champaign. **Anais [...]**, Urbana-Champaign: University of Illinois, 2008, p. 2-14.

BOŠKOVIĆ, Željko. On NPs and clauses. In: GREWENDORF, Günther; ZIMMERMANN, Thomas Ede (Orgs.) **Discourse and grammar: From sentence types to lexical categories**. Berlin: Walter de Gruyter, 2012. p. 179-242.

BOŠKOVIĆ, Željko. Now I'm a phase, now I'm not a phase: On the variability of phases with extraction and ellipsis. **Linguistic inquiry**, v. 45, n. 1, p. 27-89, 2014.

BRANCHINI, Chiara & DONATI, Caterina. Italian Sign Language relatives: a contribution to the typology of relativization strategies. In: Anikó Liptak (Org.). **Correlatives: Theory and typology** (North Holland Linguistic series 68). Amsterdam: Elsevier, 2009. p.157-191.

BRITO, A. M.; LOPES, R. E. V. The Structure of DPs. In: WETZELS, W. L.; COSTA, J; MENUZZI, S. **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2016. p. 254-274.

BRUENING, Benjamin. Selectional asymmetries between CP and DP suggest that the DP hypothesis is wrong. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 15, n. 1, p. 25-35, 2009.

BRUGÈ, Laura. The positions of demonstratives in the extended nominal projection. In: CINQUE, Guglielmo (Orgs.). **Functional structure in DP and IP: The cartography of syntactic structures**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 15-53.

BRUNELLI, Michele. **Antisymmetry and sign languages: a comparison between NGT and LIS**. 2011. 351f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Humanas, Università Ca' Foscari Venezia, Veneza, 2011.

CARDINALETTI, Anna; STARKE, Michal. The typology of structural deficiency: A case study of the three classes of pronouns. VAN RIEMSDIJK, Henk (Orgs.). **Clitics in the Languages of Europe**. Berlin: Walter de Gruyter, 1999. p. 145-234.

CARLSON, Greg N. **Reference to kinds in English**. 1977. Tese (Doutorado em Linguística) – Indiana University Linguistics Club, University of Massachusetts Amherst, Indiana, 1977.

CARLSON, Greg; SUSSMAN, Rachel. Seemingly indefinite definites. KEPSEK, Stephan; REIS, Marga (Orgs.). **Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives**. Berlin: Walter de Gruyter, 2005, p. 71-85.

CARUSO, Željka. Nominal phrases in Croatian as DPs. In: ONLINE PROCEEDINGS OF GLOW IN ASIA WORKSHOP FOR YOUNG SCHOLARS, 2011, Japão. **Anais [...]**. Japão: Mie University, 2011.

CHENG, Lisa Lai-Shen; SYBESMA, Rint. Bare and not-so-bare nouns and the structure of NP. **Linguistic inquiry**, v. 30, n. 4, p. 509-542, 1999.

CHIERCHIA, Gennaro. Reference to kinds across language. **Natural language semantics**, v. 6, n. 4, p. 339-405, 1998.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. **Readings in English Transformational Grammar**, Waltham (Mass.): Ginn, 1970. p. 184-221.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: Its nature, origin, and use.** California: Greenwood Publishing Group, 1986.

_____. **The Minimalist Program.** MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. Approaching UG from below. In: SAUERLAND, Uli; GÄRTNER, Hans-Martin (Orgs.). **Interfaces+ recursion: Chomsky's minimalism and the view from syntax-semantics.** Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p. 1-30.

CINQUE, Guglielmo. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. **Linguistic inquiry**, v. 36, n. 3, p. 315-332, 2005.

CLARK, Herbert H. Bridging. In: NASH-WEBBER, Bonnie L. *In: PROCEEDINGS OF THE 1975 WORKSHOP ON THEORETICAL ISSUES IN NATURAL LANGUAGE PROCESSING, 1975*, Massachusetts. **Anais [...].** Massachusetts: Association for Computational Linguistics, 1975. p. 169-174.

CLEMENTS, J. C. Evidência para a existência de um pidgin português asiático. In: D'ANDRADE, E; et al.(Orgs). **Crioulos de Base Portuguesa.** Braga: Associação Portuguesa de Linguística. p. 185-200.

COSTELLO, Brendan; FERNÁNDEZ, Javier; LANDA, Alazne. O Sinalizador nativo não-existente). In: QUADROS, Ronice Muller de; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de (Orgs.). **Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais – TILSR 9.** Petrópolis: Arara-azul, 2008.

DAYAL, V. Determining (In)definiteness in the Absence of Articles. In: HOHAUS, V; ROTHE, W. (Orgs). *In: PROCEEDINGS OF TRIPLEA 3 FIELDWORK PERSPECTIVES ON THE SEMANTICS OF AFRICAN, ASIAN AND AUSTRONESIAN LANGUAGES, 3*, Tübingen, 2017. **Anais [...].** Tübingen: University of Tübingen, 2017. p. 85-99.

DAVIDSON, Kathryn; GAGNE, Deanna. Vertical representation of quantifier domains. *In: ETXEBERRIA, URTZI et al (Orgs). PROCEEDINGS OF SINN UND BEDEUTUNG, 18, 2014*, Vitoria-Gasteiz. **Anais [...].** Vitoria-Gasteiz: University of the Basque Country, 2014. p. 110-127.

DEAL, Amy Rose. Countability distinctions and semantic variation. **Natural Language Semantics**, v. 25, n. 2, p. 125-171, 2017.

DE JONG, Franciska; VERKUYL, Henk. Generalized quantifiers: the properness of their strength. In: TER MEULEN, Alice; VAN BENTHEM, Johan (Orgs.). **Generalized quantifiers in natural language.** Berlin: Walter de Gruyter, 2013. p. 21-43.

DE SOUSA, Lilian Teixeira. Three types of negation in Brazilian Portuguese. **Lingua**, v. 159, p. 27-46, 2015.

DE VOS, Connie. **Sign-spatiality in Kata Kolok: How a village sign language of Bali inscribes its signing space.** 2012. Tese (Doutorado) – Radboud Universiteit, Nijmegen, 2012.

DICIONARIO VIRTUAL DE LIBRAS. Disponível: <www.acessobrasil.org.br>. Acesso em: out. 2018.

DIESSEL, Holger. Demonstratives, joint attention, and the emergence of grammar. **Cognitive linguistics**, v. 17, n. 4, p. 463-489, 2006.

DONELLAN, Keith S. Reference and definite descriptions. **The philosophical review**, v. 75, n. 3, p. 281-304, 1966.

DRYER, M. S. Definite Articles. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Orgs.) *The World Atlas of Language Structures Online*. München: Max Planck Digital Library, 2013a. Disponível em: <<http://wals.info/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

DRYER, M. S. Indefinite Articles. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Orgs.). *The World Atlas of Language Structures Online*. München: Max Planck Digital Library, 2013a. Disponível em: <<http://wals.info/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

EMMOREY, Karen; TVERSKY, Barbara. Spatial perspective choice in ASL. **Sign Language & Linguistics**, v. 5, n. 1, p. 3-26, 2002.

ENÇ, Mürvet. The semantics of specificity. **Linguistic inquiry**, p. 1-25, 1991.

ENGBERG-PEDERSEN, Elisabeth et al. From pointing to reference and predication: pointing signs, eyegaze, and head and body orientation in Danish Sign Language. In: KITA, Sotaro (Orgs.). **Pointing: Where Language, Culture, and Cognition Meet**. Erlbaum, Mahwah, NJ. New Jersey, London: Psychology Press, 2003. p. 269-292.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FINAU, Rossana. Uma análise do Sistema quantificacional da Libras. In: STUMPF, Marianne Rossi; DE ARANTES LEITE, Tarcísio; DE QUADROS, Ronice Müller. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Ed. Insular, 2014. p. 119-143.

FISCHER, S. The Head Parameter in ASL. In: EDMONDSON, W. H.; KARLSSON, F. (Orgs.). **Papers from the Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Hamburg: Signum-Verlag, 1990. p. 75-85.

GAMA, F.J. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E & S. Laemmert, 1875.

GERACI, Carlo et al. How grammar can cope with limited short-term memory: Simultaneity and seriality in sign languages. **Cognition**, v. 106, n. 2, p. 780-804, 2008.

GILLON, Carrie. Investigating D in languages with and without articles. In: BOCHNAK, M. Ryan; MATTHEWSON, Lisa (Orgs.). **Methodologies in semantic fieldwork**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 175-205.

GILLON, Carrie; ARMOSKAITE, Solveiga. Diagnosis: D. On getting a second opinion for Lithuanian. In: **PROCEEDINGS OF THE ANNUAL MEETING OF THE NORTH EAST**

LINGUISTIC SOCIETY, 41, 2013, Pennsylvania. **Anais** [...]. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 2013. p. 169-182.

GIOVANNETTI, Marcelo; BASSO, Renato Miguel. Demonstrativos, determinantes e definitude em Wapichana. **Revista Letras**, v. 96, p. 423-441, 2017.

GIUSTI, Giuliana. **La sintassi dei determinanti**. Padova: Unipress, 1993.

GIUSTI, Giuliana. The categorial status of determiners. In: HAEGEMAN, L. (Orgs.). *The new comparative syntax*. London: Longman, 1997. p. 95-123

GODINHO, Ricardo; KEOGH, Ivan; EAVEY, Roland. Perda auditiva genética. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v. 69, n. 1, 2003, p. 100-104.

GREENBERG, Joseph H. **Universals of language**. Cambridge: MIT Press, 1966.

GREENBERG, Joseph H. How does a language acquire gender markers. In: GREENBERG, Joseph Harold; FERGUSON, Charles Albert; MORAVCSIK, Edith A. (Orgs.). **Universals of human language**: phonology. Stanford: Stanford University Press, 1978. p. 48-82.

GUARDIANO, Cristina. The syntax of demonstratives. A parametric analysis. In: MISRA, Sanjay et al. (Org.). **Computational Science and Its Applications-ICCSA 2019**. Amsterdã: Springer, 2019.

GUILLEMIN, Diana. The emergence of the determiner system in Mauritian Creole: A syntax semantics mapping. In: JÄGER, Andreas; PENSALFINI, Rob. **University of Queensland Working Papers in Linguistics**. Queensland: UQ Press, 2007. p. 1-19.

HALL, David. Licensing D in classifier languages and “numeral blocking”. **Definiteness across languages**, v. 25, p. 221.

HANKAMER, Jorge; SAG, Ivan. Deep and surface anaphora. **Linguistic inquiry**, v. 7, n. 3, p. 391-428, 1976.

HASPELMATH, Martin. **Indefinite pronouns**: Oxford: OUP Oxford, 1997.

_____. Comparative concepts and descriptive categories in crosslinguistic studies. **Language**, v. 86, n. 3, p. 663-687, 2010.

HAVILAND, John B. Pointing, gesture spaces, and mental maps. In: MCNEILL, David (Orgs.). **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 13-46.

HAWKINS, John A. A processing approach to the typology of Noun Phrases. **Rivista di Linguistica**, 23.1, pp.59-78, 2011.

_____. **Word order universals**. Leiden: Elsevier, 2014.

HEIM, Irene. The semantics of definite and indefinite NPs. 1982. Tese (Doutorado) – University of Massachusetts at Amherst, Massachusetts, 1982.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **World lexicon of grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HERRMANN, Annika; STEINBACH, Markus (Orgs.). **Nonmanuals in sign language**. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 2013.

HOPPER, Paul J. et al. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elisabeth Closs; HEINE, Bernd. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 1991. p. 17-35.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elisabeth Closs. **Grammaticalization**: Cambridge textbooks in linguistics. Cambridge: CUP, 1993.

IONIN, Tania; KO, Heejeong; WEXLER, Kenneth. Article semantics in L2 acquisition: The role of specificity. **Language Acquisition**, v. 12, n. 1, p. 3-69, 2004.

IONIN, Tania. This is definitely specific: specificity and definiteness in article systems. **Natural language semantics**, v. 14, n. 2, p. 175, 2006.

IOUP, Georgette. Specificity and the interpretation of quantifiers. **Linguistics and philosophy**, v. 1, n. 2, p. 233-245, 1977.

JANZEN, Terence David. **Topicality in ASL**: Information ordering, constituent structure, and the function of topic marking. Tese (Doutorado) – University of New Mexico, Albuquerque, 1999.

JENKS, Peter. Articulated definiteness without articles. **Linguistic Inquiry**, v. 49, n. 3, p. 501-536, 2018.

JOHNSTON, Trevor. Nouns and verbs in Australian Sign Language: an open and shut case?. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 6, n. 4, p. 235-257, 2001. Disponível em: <<http://jdsde.oxfordjournals.org/content/6/4/235.full.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

KIMMELMAN, Vadim. **Binding Theory, ambiguity and Sign Languages**: the role of signing space. Slides da apresentação na Universiteit van Amsterdam. 2011.

KIMMELMAN, Vadim. Basic argument structure in Russian Sign Language. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 3, n. 1, 2018.

KITA, Sotaro (Orgs.). **Pointing**: Where Language, Culture, and Cognition Meet. Erlbaum, Mahwah, NJ. New Jersey, London: Psychology Press, 2003.

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Harvard: Harvard University Press, 1979.

KLIMA, E., BELLUGI, U., FISCHER, S., & NEWKIRK, D. The rate of speaking and signing. **The signs of language**. Harvard: Harvard University Press, 1979, p. 181-194.

KOULIDOBROVA, Elena; LILLO-MARTIN, Diane. A 'point' of inquiry: The case of the (non-) pronominal. TRUTKOWSKI, Ewa et al. **The impact of pronominal form on interpretation**. Boston/Berlim: De Gruyter Mouton, 2016. p. 221-250.

_____. Elide me bare. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 2, n. 35, p. 397-446, 2017.

_____. Counting nouns in ASL. **Counting nouns in ASL**. Manuscript, Central Connecticut State University, 2018. Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/003871>>. Acesso em: 10 jan 2018.

KRÁMSKÝ, Jiří. **The article and the concept of definiteness in language**. Berlim: De Gruyter Mouton, 1972.

KROEGER, Paul R. **Analyzing grammar: An introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KUBUŞ, Okan. **An analysis of Turkish Sign Language (TİD) phonology and morphology**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Departamento de Ciências Cognitivas, Middle East Technical University, Turquia, 2008.

KUHN, Jeremy; ARISTODEMO, Valentina. Pluractionality, iconicity, and scope in French Sign Language. **Semantics and Pragmatics**, v. 10, p. 1-49, 2017.

KURODA, S.-Y. Focusing on the matter of topic: A study of wa and ga in Japanese. **Journal of east asian linguistics**, v. 14, n. 1, p. 1-58, 2005.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LANG, E. Parallelismus als universelles Prinzip der Strukturbildung. In: Lang, E. & G. Sauer (eds.), **Parallelismus und Etymologie**. Berlin: Akademie der Wissenschaften der DDR, Zentralinstitut für Sprachwissenschaft, 1987. p.1-54,

LE BRUYN, Bert simonne walter. **Indefinite articles and beyond**. 2010. 227f. Tese (Doutorado) – Universiteit Utrecht, Utrecht, 2010.

LEISS, Elisabeth. **Artigo e Aspecto: Moldes gramaticais de definitude**. Tradução de Ina Emmel. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

LENNEBERG, Eric. **Biological foundations of language**. New York: John Wiley and Sons, 1967.

LICHTENBERK, Frantisek et al. On the gradualness of grammaticalization. TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Orgs.). **Approaches to Grammaticalization: Volume II**. Types of grammatical markers. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 1991. p. 37-80.

LIDDELL, Scott K. Real, surrogate, and token space: Grammatical consequences in ASL. In: EMMOREY, Karen; REILLY, Judy. **Language, gesture, and space**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1995. p. 19-41.

LIDDELL, Scott K. Blended spaces and deixis in sign language. MCNEILL, David (Orgs.). **Language and gesture**. Madrid: Cambridge University Press, 2000. p. 331-357.

LIDDELL, Scott K. et al. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LILLO-MARTIN, Diane C.; GAJEWSKI, Jon. One grammar or two? Sign Languages and the Nature of Human Language. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science**, v. 5, n. 4, p. 387-401, 2014.

LIMA, Ediane Silva. 2015. **O fenômeno dêitico e a sua relação com os verbos simples e não simples na Língua Brasileira de Sinais**: uma abordagem sintático-semântica. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

LONGOBARDI, G. Reference and proper names: a theory of movement in syntax and LF. **Linguistic Inquiry**, v. 25, p. 609-665, 1994.

LONGOBARDI, Giuseppe. The structure of DPs: Some principles, parameters and problems. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris (Orgs.) *The handbook of contemporary syntactic theory*. v. 10. Oxford: Blackwell, 2001. p. 562–603.

LOURENÇO, Guilherme; BONFIM DUARTE, Fábio. Caso e concordância em Língua de Sinais Brasileira: Investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa. **Revista Veredas**, v. 18, n. 1, 2014.

LOURENÇO, Guilherme. Por uma derivação Sintática Das Construções Bitransitivas Em Língua Brasileira De Sinais. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA DE LÍNGUAS DE SINAIS, 1, 2016, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016, p.1-13

LOURENÇO, Guilherme. Layering de informações visuais e a estrutura morfofonológica dos verbos em Libras. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA DE LÍNGUAS DE SINAIS, 2, 2018, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018, p.1-13.

LÜCKING, Andy; PFEIFFER, Thies; RIESER, Hannes. Pointing and reference reconsidered. **Journal of Pragmatics**, v. 77, p. 56-79, 2015.

LYONS, Christopher. **Definiteness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MACLAUGHLIN, Dawn. **The structure of determiner phrases**: Evidence from American Sign Language. Boston, MA: Boston University, 1997.

MAGALHÃES, Telma et al. A valoração de traços de concordância dentro do DP. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 20, n. 1, p. 149-170, 2004.

MATHUR, Gaurav; RATHMANN, Christian. Variability in verbal agreement forms across four signed languages. In: GOLDSTEIN, Louis; WHALEN, Douglas Harry; BEST, Catherine T. (Orgs.). **Laboratory phonology 8**. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 285-314.

_____ ; _____; Two types of nonconcatenative morphology in signed languages. MATHUR, Gaurav; NAPOLI, Donna Jo (Orgs.). **Deaf around the world: The impact of language**. New York: Oxford Press, 2011. p. 54-82.

MANTOVAN, Lara. **Nominal Modification in Italian Sign Language**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2017.

MARSAJA, I. Gede. **Desa Kolok: A deaf village and its sign language in Bali, Indonesia**. Bali: Ishara Press, 2008.

MATEO PEDRO, Pedro. **The acquisition of unaccusativity in Q'anjob'al Maya**. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 2015.

MATTHEWSON, Lisa. On the methodology of semantic fieldwork. **International journal of American linguistics**, v. 70, n. 4, p. 369-415, 2004.

MCBURNEY, Susan L. Pronominal reference in signed and spoken language: Are grammatical categories modality-dependent. In: CHEEK, Chris et al. **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 329-369.

MEIR, Irit. Grammaticalization and modality: the emergence of a case-marked pronoun in Israeli Sign Language. **Journal of Linguistics**, v. 39, n. 1, p. 109-140, 2003.

MEIER, Richard P. et al. Person deixis in American sign language. LUCAS, Ceil et al. (Orgs.). **Sign language research: Theoretical issues**. Gallaudet: Gallaudet University Press, 1990. p. 175-190.

MERCHANT, Jason et al. **The syntax of silence: Sluicing, islands, and the theory of ellipsis**. Oxford: Oxford University Press on Demand, 2001.

MILSARK, Gary L. Toward an explanation of certain peculiarities of the existential construction in English. In: GUTIÉRREZ-REXACH, Javier (Orgs.). **Semantics: Critical concepts in linguistics**. London: Routledge, 1977.

MITHUN, Marianne. The evolution of noun incorporation. **Language**, v. 60, n. 4, p. 847-894, 1984.

MORAES, Luciana Viegas Alves Craveiro. 2013. A gramática da língua brasileira de sinais: aspectos sintáticos. Dissertação (Mestrado em Teoria e análise linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MORFORD, Jill P.; GOLDIN-MEADOW, Susan. From here and now to there and then: The development of displaced reference in homesign and English. **Child development**, v. 68, n. 3, p. 420-435, 1997.

MULDER, Walter; CARLIER, Anne. The grammaticalization of definite articles. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Orgs.) **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 683-695.

MÜLLER, Ana; BERTUCCI, Roberlei. Sintagmas nominais nus expressam a distinção definido vs indefinido? O caso do karitiana. **Nominais Nus: Um olhar através das línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 149-180.

MÜLLER, Ana; SANCHEZ-MENDES, Luciana. The semantics of bare nouns in Karitiana. In: QUEIXALÓS, F.; GOMES, DM (Orgs.). **O Sintagma Nominal em Línguas Amazônicas**. Campinas, SP: Pontes, 2016. p. 241-261.

NEIDLE, Carol Jan et al. **The syntax of American Sign Language: Functional categories and hierarchical structure**. Indiana: MIT press, 2000.

NEWMAN, Aaron J. et al. Prosodic and narrative processing in American Sign Language: An fMRI study. **Neuroimage**, v. 52, n. 2, p. 669-676, 2010.

NONAKA, Angela M. The forgotten endangered languages: Lessons on the importance of remembering from Thailand's Ban Khor Sign Language. **Language in Society**, v. 33, n. 5, p. 737-767, 2004.

NORRIS, Mark. Nominal structure in a language without articles: The case of Estonian. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 3, n. 1, p. 1-39, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5334/gjgl.384>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

NOWAK, Ethan. Things a semantics for demonstratives should do. 2013. Tese (Doutorado) – University of California, Berkley, 2013.

NUHBALAOĞLU, D.; ÖZSOY, A. S. Linearization in noun phrases in Turkish Sign Language. **Formal and Experimental Approches in Sign Languages**, University of Venice, p. 9-11, 2014.

NUNES, J.; QUADROS, R. Phonetically Realized Traces in American Sign Language and Brazilian Sign Language. In: QUER, J.. (Org.). **Signs of the time: Selected papers from TISLR 2004**. Seedorf: Signum-verlag, 2008. p. 177-190.

NUNES, J.; QUADROS, R. M. de. Duplication of Wh-elements in Brazilian Sign Language. In: NELS 35, 2006, Storrs, CT (EUA). NELS 35: Proceedings of the Thirty-fifth Annual Meeting of the North East Linguistic Society. Amherst: GLSA, 2006. v. 2. p. 463-477.

ORFANIDOU, Eleni; WOLL, Bencie; MORGAN, Gary. **Research methods in sign language studies: A practical guide**. London: JohnWiley&Sons, 2015.

OXFORD, Will. **Towards a grammar of Innu-aimun particles**. 2007. Tese (Doutorado) – Memorial University of Newfoundland, 2007.

PADDEN, C. A. Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language (Garland, New York. Londres: Routledge, 1988.

PARTEE, Barbara Hall. Opacity, coreference, and pronouns. **Synthese**, v. 21, n. 3-4, p. 359-385, 1970.

_____. Quantificational structures and compositionality. In: BACH, E., et al. (Orgs.). **Quantification in Natural Languages**. Kluwer: Dordrecht, 1995. p. 487-540.

PAYNE, Thomas E.; PAYNE, Thomas Edward. **Describing morphosyntax: A guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PERNIS, Pamela. TILSR – Summer School. Slide da aula sobre Field Work, 2011.

PETITO, LAURA A; BELUGGI, Ursula. Spatial cognition and brain organization: clues from the acquisition of a language in space. In: STILES, Joan; KRITCHEVSKY, Mark; BELLUGI, Ursula (Orgs.). **Spatial cognition: Brain bases and development**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1988. p. 299-326.

PETRONIO, Karen. Bare noun phrases, verbs and quantification in ASL. In: BACH, Elke et al. (Orgs.). **Quantification in natural languages**. 1 ed. Massachusetts: Springer Science & Business Media, 2013. p. 603-618.

PFAU, R. **The grammar of headshake: a typological perspective on German Sign Language negation**. **Linguistics in Amsterdam**, v. 1, n. 1, p. 37-74, 2008.

PFAU, Roland. A point well taken. In: MATHUR, Gaurav; NAPOLI, Donna Jo (Orgs.). **Deaf around the world: The impact of language**. New York: Oxford Press, 2011. p. 144-163.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. Grammaticalization in sign languages. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Orgs.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 683-695

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. Modality-independent and Modality-specific Aspects of Grammaticalization in Sign Languages. **Linguistics in Potsdam**, n. 24, p. 3–98, 2006. Disponível em: <<http://www.ling.uni-potsdam.de/lip/>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. Relative clauses in German Sign Language: Extra-position and reconstruction. In: BATEMAN, Leah; USSERY; Cherlon. (Orgs.) **Proceeding of the North East Linguistic Society (NELS 35)**. v. 2. Amherst, MA: GLSA, 2005. p. 507-521.

PFAU, Roland; QUER, Josep. V-to-Neg raising and negative concord in three sign languages. **Rivista di Grammatica Generativa**, v. 27, 2002, p. 73-86.

PFAU, Roland; SALZMANN, Martin; STEINBACH, Markus. The syntax of sign language agreement: Common ingredients, but unusual recipe. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 3, n. 1, 2018.

PFAU, Roland; QUER, Josep. Nonmanuals: Their prosodic and grammatical roles. In: BRENTARI, Diane (Org.). **Sign languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 381-402.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; MEZARI, M. P. Nominais Nus: um olhar através das línguas. **Campinas: Mercado de Letras**, 2012.

PIZZIO, Aline. 2011. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PIZZUTO, Elena & CORAZZA, Serena. Noun morphology in Italian Sign Language (LIS). **Lingua**, n. 98, p. 169-196, 1996. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0024384195000372>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

POIZNER, Howard; TALLAL, Paula. Temporal processing in deaf signers. **Brain and Language**, v. 30, n. 1, p. 52-62, 1987.

POVINELLI, Daniel J.; DAVIS, D. Richard. Differences between chimpanzees (*Pan troglodytes*) and humans (*Homo sapiens*) in the resting state of the index finger: Implications for pointing. **Journal of Comparative Psychology**, v. 108, n. 2, p. 134, 1994.

PRADO, Lizandra Caires do. **Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

PROGOVAC, Lyjiljana. Determiner phrase in a language without determiners. **Working Papers in Linguistics**, v. 5, n. 2, 1995, p. 81-102, 1995.

PUNSKE, Jeffrey. Functional structure inside nominal phrases. CARNIE, Andrew; SIDDIQI, Dan; SATO, Yosuke (Orgs.). **The Routledge handbook of syntax**. Londres: Routledge, 2014. p. 83-106.

PUŠKAR, Zorica. Interactions of gender and number agreement: Evidence from Bosnian/Croatian/Serbian. **Syntax**, v. 21, n. 3, p. 275-318, 2018.

PYERS, Jennie E. Indicating the body: Expression of body part terminology in American Sign Language. **Language Sciences**, v. 28, n. 2-3, p. 280-303, 2006.

QUADROS, Ronice Muller. **As Categorias Vazias Pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição**. 1995. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

QUADROS, Ronice Müller de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

QUER, Josep. When agreeing to disagree is not enough: Further arguments for the linguistic status of sign language agreement. In: KRIFKA, Manfred; GÄRTNER, Hans-Martin (Orgs.). **Theoretical Linguistics**, v. 37, n. 3-4, p. 189-196, 2011.

QUER, Josep. Quantificational strategies across language modalities. In: ALONI, Maria et al. (Orgs.). **Logic, Language and Meaning: 18th Amsterdam Colloquium**. Amsterdã: Springer, 2012. p. 82-91.

QUER, Josep; STEINBACH, Markus. Handling sign language data: the impact of modality. **Frontiers in psychology**, v. 10, p. 1-8, 2019.

QUINTO-POZOS, David. Deictic points in the visual-gestural and tactile-gestural modalities. CHEEK, Chris et al (Orgs). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 442-468.

RAPOSO, Eduardo. Definite/zero alternations in Portuguese. In: SCHWEGLER, Armin; TRANEL, Bernard; URIBE-ETXEBARRIA, Myriam (Orgs.). **Romance Linguistics: Theoretical Perspectives**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998. p. 197-212.

RITTER, Elizabeth. A head-movement approach to construct-state noun phrases. **Linguistics**, v. 26, n. 6, p. 909-930, 1988.

RITTER, Elizabeth. Two functional categories in noun phrases: Evidence from Modern Hebrew. **Syntax and semantics**, v. 25, p. 37-62, 1991.

RITTER, Elizabeth. Where's gender?. **Linguistic inquiry**, v. 24, n. 4, p. 795-803, 1993.

RIZZI, Luigi. Null objects in Italian and the theory of pro. **Linguistic inquiry**, v. 17, n. 3, p. 501-557, 1986.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. **Elements of grammar**. Amsterdã: Springer, Dordrecht, 1997. p. 281-337.

ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna. **Syntactic change: A minimalist approach to grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

RODRIGUES, Angelica; ALMEIDA-SILVA, Anderson. Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (Língua Brasileira de Sinais). **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 46, n. 2, p. 686-698, 2017.

RODRIGUES, Angelica; ALMEIDA-SILVA, Anderson. A noção de erro, sinalizador nativo e comunidade de fala na libras: uma perspectiva sociolinguística. **Revista Leitura**, v. 1, n. 58, p. 68-91, 2018.

ROLKA, Matthew; CABLE, Seth. (2014). **Tom and Mittens**. Totem Field Storyboards. Disponível em: <<http://www.totemfieldstoryboards.org>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

RUSSELL, Bertrand. On denoting. **Mind**, v. 14, n. 56, p. 479-493, 1905.

RUTKOWSKI, Paweł et al. The structure of nominal constructions in Polish Sign Language (PJM): A corpus-based study. **Studies in Polish Linguistics**, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2015.

SÁ, Thaís Maíra Machado de.; SOUZA, Guilherme Lourenço de.; LIMA, Maria Luiza da Cunha.; BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. Definiteness in Brazilian Sign Language: a study on weak and strong definites. **ReVEL**. v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

SALLES, Heloisa Maria Moreira; CHAN-VIANNA, Adriana Cristina. Estudo da interlíngua de surdos usuários de Língua de Sinais Brasileira na aquisição de português (L2): nominais nus e definidos genéricos (Study of the interlanguage of deafs, users of Brazilian Sign Language, in the acquisition of Brazilian Portuguese (L2): bare nominals and generic definites). **Estudos da Língua(gem)**, v. 8, n. 1, p. 241, 2010.

SALZMANN, Martin. **Revisiting the NP vs. DP debate**. 2018. Tese (Doutorado) – University of Leipzig, Leipzig, 2018.

SANCHEZ-MENDES, Luciana; XAVIER, André Nogueira. A expressão da pluracionalidade em libras. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 45, n. 1, p. 292-304, 2016.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SCHMITT (2018). Handout da disciplina de Sintaxe Avançada: módulo sobre o DP. Universidade Estadual de Campinas. 2º semestre de 2018.

SCHREURS, Linda. The distinction between formally and semantically related noun-verb pairs in Sign Language of the Netherlands (NGT). 2006. Tese (Doutorado). **University of Amsterdam**, 2006.

SCHÜTZE, Carson T. **The empirical base of linguistics: Grammaticality judgments and linguistic methodology**. Berlin: Language Science Press, 2016.

SCHWAGER, Waldemar; ZESHAN, Ulrike. Word classes in sign languages: Criteria and classifications. **Studies in Language**. International Journal sponsored by the Foundation “Foundations of Language”, v. 32, n. 3, p. 509-545, 2008.

SCHWARZ, Florian. **Two Types of Definites in Natural Languages**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Linguística, University of Massachusetts Amherst, Massachusetts, 2018.

SCHWARZ, Florian. Two kinds of definites cross-linguistically. **Language and Linguistics Compass**, v. 7, n. 10, p. 534-559, 2013.

SENGHAS, Ann; COPPOLA, Marie. The emergence of deixis in Nicaraguan signing. **Sign languages: A Cambridge language survey**, p. 543-569, 2010.

SHOPEN, Timothy (Orgs.). **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SIMONENKO, Alexandra. Full vs. clitic vs. bound determiners. Manuscrito não publicado.
SMITH, Wayne H.; TING, Li-fen. Shou neng sheng qiao [**Your hands can become a bridge**], Vol. 1. Taipei: Deaf Sign Language Research Association of the Republic of China, 1979.

SOUZA, Isaac Gomes Moraes. **Concordância verbal e a hipótese do período crítico em Libras: Um estudo teórico-experimental**. 2016. Tese (Doutorado EM Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

STEINBACH, Markus. What do agreement auxiliaries reveal about the grammar of sign language agreement?. **Theoretical Linguistics**, v. 37, n. 3-4, p. 209-221, 2011.

_____. “**JA, NEIN, DOCH or STIMMT-NICHT? An Empirical Study on Response Particles in German Sign Language**”. Slides de apresentação – Barcelona – Universitat Pompeu Fabra. 2019.

STRAWSON, Peter F. On referring. **Mind**, v. 59, n. 235, p. 320-344, 1950.

SUPALLA, Ted; NEWPORT, Elissa L. **How Many Seats in a Chair?: The Derivation of Nouns and Verbs in American Sign Language**. Center for Human Information Processing, San Diego: University of Calif., 1977.

SZABOLCSI, Anna. The possessive construction in Hungarian: A configurational category in a non-configurational language. **Acta Linguistica Academiae Scientiarum Hungaricae**, v. 31, n. 1/4, p. 261-289, 1981.

SZABOLCSI, Anna. Functional categories in the noun phrase. In: KENESEI, István; PLÉH, Csaba, ALBERTI, Gábor. **Approaches to Hungarian: Theories and analyses**. Michigan: Jate, 1987. p. 167-191.

TANG, Gladys; SZE, Felix YB. Nominal expressions in Hong Kong Sign Language: Does modality make a difference? In: CHEEK, Chris et al. **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 296-319.

TKACHMAN, Oksana; SANDLER, Wendy. The noun–verb distinction in two young sign languages. **Gesture**, v. 13, n. 3, p. 253-286, 2013.

THOMPSON, Robin; EMMOREY, Karen; KLUENDER, Robert. The relationship between eye gaze and verb agreement in American Sign Language: An eye-tracking study. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 24, n. 2, p. 571-604, 2006.

TIEU, Lyn; SCHLENKER, Philippe; CHEMLA, Emmanuel. **Linguistic inferences without words: replicating the inferential typology with gestures**. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 116, n. 20, 2019. p. 1-21.

TORIGOE, Takashi; TAKEI, Wataru. A descriptive analysis of pointing and oral movements in a home sign system. **Sign Language Studies**, v. 2, n. 3, p. 281-295, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Ed.). **Approaches to Grammaticalization: Volume II. Types of grammatical markers**. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 1991.

ULLRICH, J; BLACK BEAR, B. Jr. **Lakota Grammar Handbook: a pedagogically orientated self-study reference and practice book for beginner to upper-intermediate students**. Bloomington: Lakota Language Consortium, 2016.

VAN DE VELDE, M. & O. Ambouroué. The grammar of Orungu proper names. **Journal of African Languages and Linguistics**, n. 32, p. 113-141, 2011.

VON HEUSINGER, Klaus. Specificity and definiteness in sentence and discourse structure. **Journal of semantics**, v. 19, n. 3, p. 245-274, 2002.

VON HEUSINGER, Klaus. Specificity, referentiality and discourse prominence: German indefinite demonstratives. In: REICH, Ingo; HORCH, Eva; PAULY, Dennis. **Proceedings of Sinn und Bedeutung**. v. 15, p. 9-30, 2011.

WILBUR, Ronnie B. Stress in A SL: Empirical Evidence and Linguistic Issues. **Language and Speech**, v. 42, n. 2-3, p. 229-250, 1999.

_____. The point of agreement: Changing how we think about sign language, gesture, and agreement. **Sign Language & Linguistics**, v. 16, n. 2, p. 221-258, 2013.

_____. The point of agreement. **Signs and Structures: Formal Approaches to Sign Language Syntax**, v. 71, p. 103, 2015.

_____. Internally-headed relative clauses in sign languages. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 2, n. 1, 2017.

WILCOX, Sherman. 'Gesture and language; cross-linguistic and historical data from signed languages', **Gesture**, n. 4, p. 43-73, 2004.

XAVIER, André Nogueira; AGRELLA, Regiane Pinheiro. Brazilian Sign Language (Libras). In: JEPSEN, Julie Bakken et al. (Orgs.). **Sign languages of the world: A comparative handbook**. Amsterdã: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2015. p. 129-158.

ZESHAN, Ulrike. **Sign language in Indo-Pakistan: A description of a signed language**. Amsterdã; John Benjamins Publishing, 2000.

ZESHAN, Ulrike. Hand, head and face-negative constructions in sign languages. **Linguistic Typology**, v. 8, n. 1, p. 1-58, 2004.

_____. **Interrogative and negative constructions in sign languages**. Nijmegen: Ishara Press, 2006.

ZIMMER, June; PATSCHKE, Cynthia. A Class of Determiners in ASL. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. **Linguistics of American sign language: an introduction**. Washington: Gallaudet University Press, 1990. p. 201-210.

ZORZI, Giorgia. Coordination and gapping in Catalan Sign Language (LSC). 2018a. 410f. Tese (Doutorado em Linguística e línguas) – Departamento de Tradução e Ciências de Linguagem. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2018.

_____. Coordination in Catalan Sign Language: a syntactic account for conjunction. **FEAST**, n. 2, p. 132-142, 2018b.

APÊNDICES

APÊNDICE A - SENTENÇAS UTILIZADAS NO TESTE 5 – EM LIBRAS



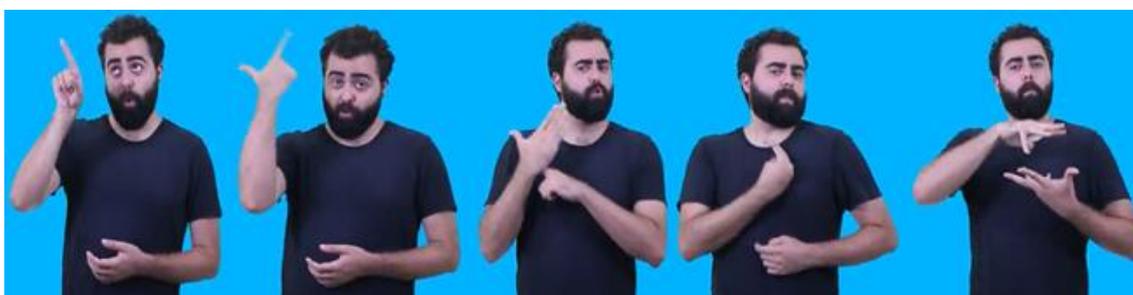
1. XUXA IX.SG FAMOSA



2. IX.SG MULHER DANÇAR, IX.SG PARA-TRÁS MULHER DANÇAR NÃO



3. J-O-A-O IX.SG SABER LIBRAS



4. IX.SG SOL AJUDAR VIDA MUNDO



5. FRANÇA, IX.SG CAPITAL QUAL?



6. DINOSSAUR@ IX.PL ANOS-ATRÁS SUMIR



7. IX.SG XUXA FAMOSA



8. IX.SG MULHER DANÇAR, IX.SG REALIZADO-UM-POUCO-MAIS-PARA-TRÁS MULHER DANÇAR NÃO



9. IX.PL DINOSSAUR@ ANOS-ATRÁS SUMIR



10. FRANÇA IX.SG PAÍS BONITO



11. IX.SG FRANÇA PAÍS BONITO



12. FRANÇA, CAPITAL IX.SG QUAL?



13. SOL IX.SG AJUDAR VIDA MUNDO



14. IX.SG MULHER DANÇAR, IX.SG MULHER DANÇAR NÃO



15. DINOSSAUR@ IX.SG ANOS-ATRÁS SUMIR



16. IX.SG J-O-A-O SABER LIBRAS



17. IX.SG DINOSSAUR@ ANOS-ATRÁS SUMIR

Apêndice B - SENTENÇAS UTILIZADAS NO TESTE 4 – EM LIBRAS

SENTENÇAS DE 1-10



LIBRAS: EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ARVORE++MÃO DIREITA ARVORE++MÃO
ESQUERDA VER-A 5 LEÃO 6 URSO



1. MATAR.PL IX.SG URSO



3. MATAR.PL URSO IX-3.SG



4. MATAR.PL IX-3.PL URSO



5. MATAR.SG IX-3.SG URSO



6. MATAR.SG IX-3.PL URSO



7. MATAR.SG URSO IX-3.PL



8. MATAR.PL URSO



9. MATAR.SG URSO



10. MATAR.SG URSO IX.SG

SENTENÇAS DE 11-16

LIBRAS: EU CAMINHAR^{ASP.CONTINUATIVO} ARVORE^{++MÃO DIREITA} ARVORE^{++MÃO ESQUERDA} VER-A 5 LEÃO 6 URSO
LIBRAS (CONTINUAÇÃO): IX-1 ATIRAR.PL IX-3.PL URSO



11. ATIRAR.SG URSO



12. ATIRAR.PL URSO



13. ATIRAR.PL IX.SG URSO



14. ATIRAR.SG IX.PL URSO



15. ATIRAR.PL IX.PL URSO



16. ATIRAR.SG IX.SG URSO

SENTENÇAS DE 17-25



LIBRAS: EU IR LOJA ANIMAL++ VÁRIOS VER-A 6 GATO 5 CACHORRO
LIBRAS (CONTINUAÇÃO): IX-1 COMPRAR GATO
PERGUNTA: QUANTOS GATOS EU COMPREI?



17. COMPRAR TODOS GATO IX.SG



18. COMPRAR IX.SG TODOS GATO



19. COMPRAR GATO IX.SG



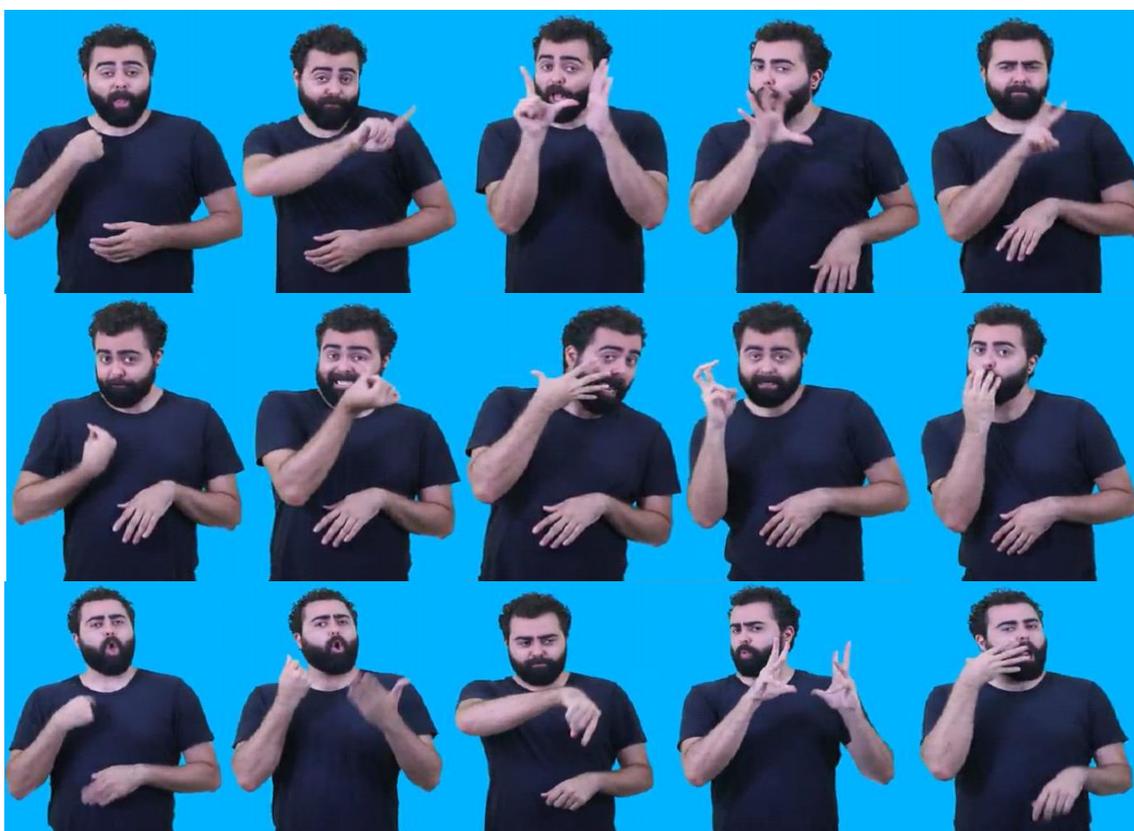
20. COMPRAR TODOS GATO IX.PL



21. COMPRAR GATO



22. COMPRAR IX.PL GATO



23. COMPRAR IX.PL TODOS GATO



24. COMPRAR IX.SG GATO



25. COMPRAR GATO IX.PL

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
A DEFINITUDE NO SINTAGMA NOMINAL EM LIBRAS: UMA INVESTIGAÇÃO
NA INTERFACE SINTAXE-SEMÂNTICA

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: ANDERSON ALMEIDA DA SILVA
ORIENTADORA: PROF^a DR^a RUTH ELISABETH VASCONCELLOS LOPES (IEL -
UNICAMP)
COORIENTADOR: PROF. DR^o. JOSEP QUER VILLANUEVA (ICREA – UPF –
BARCELONA)

NÚMERO DO CAAE: 80652117.0.1001.8142

VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO A PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO DE UMA PESQUISA. ESTE DOCUMENTO, CHAMADO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, VISA ASSEGURAR SEUS DIREITOS COMO PARTICIPANTE E É ELABORADO EM DUAS VIAS, UMA QUE DEVERÁ FICAR COM VOCÊ E OUTRA COM O PESQUISADOR.

POR FAVOR, LEIA COM ATENÇÃO E CALMA, APROVEITANDO PARA ESCLARECER SUAS DÚVIDAS. SE HOVER PERGUNTAS ANTES OU MESMO DEPOIS DE ASSINÁ-LO, VOCÊ PODERÁ ESCLARECÊ-LAS COM O PESQUISADOR. SE PREFERIR, PODE LEVAR ESTE TERMO PARA CASA E CONSULTAR SEUS FAMILIARES OU OUTRAS PESSOAS ANTES DE DECIDIR PARTICIPAR. SE VOCÊ NÃO QUISER PARTICIPAR OU RETIRAR SUA AUTORIZAÇÃO, A QUALQUER MOMENTO, NÃO HAVERÁ NENHUM TIPO DE PENALIZAÇÃO OU PREJUÍZO.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS:

A REALIZAÇÃO DESTE ESTUDO SE JUSTIFICA PELA NECESSIDADE DE APROFUNDAR OS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS UTILIZADA PELOS SURDOS DO BRASIL, A LIBRAS.

OS OBJETIVOS DA PESQUISA SÃO: COLETAR E ANALISAR DADOS PARA AVALIAR SE HÁ INDÍCIOS DE QUE ALGUNS SINAIS ESPECÍFICOS ESTEJAM SENDO UTILIZADO COMO OS FAMOSOS ARTIGOS DEFINIDOS E INDEFINIDOS QUE EXISTEM NO PORTUGUÊS E EM MUITAS OUTRAS LÍNGUAS DO MUNDO. JÁ QUE A LIBRAS POR MUITO TEMPO FOI CONSIDERADA COM UMA LÍNGUA SEM ARTIGOS.

PROCEDIMENTOS:

PARTICIPANDO DO ESTUDO VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO A PARTICIPAR DE UMA COLETA QUE SERÁ FEITA EM DUAS ETAPAS: NA PRIMEIRA VOCÊ SERÁ ENTREVISTADO E CONVIDADO A PRODUIR ALGUMAS SENTENÇAS UTILIZANDO A SUA PRÓPRIA LÍNGUA, A LIBRAS, ESTE PRIMEIRO MOMENTO DURA EM TORNO DE 20 MINUTOS, E NUM SEGUNDO MOMENTO VOCÊ ASSISTIRÁ A UM CONJUNTO DE VÍDEOS EM LIBRAS E TERÁ QUE ATRIBUIR UMA NOTA DE 1 A 5 ÀS SENTENÇAS APRESENTADAS. A ENTREVISTA E O TESTE ACONTECERÃO

EM APENAS UM ENCONTRO E TERÃO DURAÇÃO MÁXIMA DE **50 MINUTOS**. CASO SE SINTA DESCONFORTÁVEL COM QUALQUER ETAPA DO PROCESSO, PODERÁ INTERROMPER OU CANCELAR A PARTICIPAÇÃO A QUALQUER MOMENTO, SEM QUALQUER DANO. DEIXAMOS CLARO QUE A ENTREVISTA É SIGILOSA E, EM NENHUM MOMENTO, SERÁ IDENTIFICADA A SUA IDENTIDADE.

DESCONFORTOS E RISCOS:

DEIXAMOS CLARO QUE, DADA A NATUREZA DA PESQUISA, OS RISCOS APRESENTADOS SÃO MÍNIMOS E/OU IMPREVISÍVEIS: TAIS COMO CONSTRANGIMENTO, DESESTABILIZAÇÃO EMOCIONAL E DESCONFORTO DE QUALQUER NATUREZA. VOCÊ **NÃO** DEVE PARTICIPAR DESTA PESQUISA CASO SINTA QUE QUALQUER UM DOS RISCOS E DANOS APRESENTADOS ANTERIORMENTE SEJA PERCEBIDO POR VOCÊ.

BENEFÍCIOS:

A REALIZAÇÃO DESTA PESQUISA NÃO OFERECE BENEFÍCIOS DIRETOS A VOCÊ. DESTACAMOS QUE BENEFÍCIOS INDIRETOS PODEM ADVIR DO CONHECIMENTO QUE OS PARTICIPANTES RECEBERÃO SOBRE A SUA LÍNGUA COM OS RESULTADOS DA PESQUISA E TAMBÉM O RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS COMO LÍNGUA NATURAL, JÁ QUE MESMO NA ACADEMIA, ALGUNS SE POSICIONAM CONTRA ESTE FATOS. ALÉM DISSO, OS RESULTADOS DESTA PESQUISA PODERÃO SER PUBLICADOS EM PERIÓDICOS E LIVROS DE CIRCULAÇÃO NACIONAL, TRAZENDO VISIBILIDADE PARA A LÍNGUAS DE SINAIS BRASILEIRA.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA:

ESCLARECEMOS QUE AS ENTREVISTAS E OS DADOS COLETADOS FICARÃO ARQUIVADAS COM O PESQUISADOR E, A QUALQUER MOMENTO (ANTES, NO DECORRER OU DEPOIS DA PESQUISA), NOS DISPONEMOS A DAR QUALQUER SUPORTE SOBRE O MATERIAL COLETADO. PODENDO SER TAMBÉM SOLICITADA A GRAVAÇÃO E MATERIAL TRANSCRITO. ISSO PODERÁ SER FEITO MEDIANTE CONTATO ATRAVÉS DOS ENDEREÇOS, E-MAILS E TELEFONES DISPONÍVEIS NO FIM DESTA DOCUMENTO.

SIGILO E PRIVACIDADE:

VOCÊ TEM A GARANTIA DE QUE SUA IDENTIDADE SERÁ MANTIDA EM SIGILO E NENHUMA INFORMAÇÃO SERÁ DADA A OUTRAS PESSOAS QUE NÃO FAÇAM PARTE DA EQUIPE DE PESQUISADORES. NA DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS DESSE ESTUDO, SEU NOME NÃO SERÁ CITADO.

RESSARCIMENTO:

ESCLARECEMOS QUE A PARTICIPAÇÃO NESTA PESQUISA É FACULTATIVA E VOLUNTÁRIA. AS ENTREVISTAS E OS TESTES SERÃO REALIZADOS NO LOCAL E HORÁRIO DE MAIOR CONVENIÊNCIA PARA VOCÊ. NÃO HAVERÁ, PORTANTO, NECESSIDADE DE SE DESLOCAR DE SUA LOCALIDADE, NEM DISPOR DE GASTOS

PARA A PARTICIPAÇÃO DESTA PESQUISA.

CONTATO:

EM CASO DE DÚVIDAS SOBRE O ESTUDO, VOCÊ PODERÁ ENTRAR EM CONTATO COM O PESQUISADOR **ANDERSON ALMEIDA DA SILVA**, NO ENDEREÇO PROFISSIONAL **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS-UNICAMP, INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, IEL, DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA**, TELEFONE (19) **3521-1490**, PELO E-MAIL **ANDERSONALMEIDA@UFPLEDU.BR**, OU PELOS NÚMEROS PESSOAIS DO PESQUISADOR (86) **98188-1748**.

EM CASO DE DENÚNCIAS OU RECLAMAÇÕES SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO E SOBRE QUESTÕES ÉTICAS DO ESTUDO, VOCÊ PODE ENTRAR EM CONTATO COM A SECRETARIA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP) DA UNICAMP DAS 08:30HS ÀS 13:30HS E DAS 13:00HS AS 17:00HS NA RUA: TESSÁLIA VIEIRA DE CAMARGO, 126; CEP 13083-887 CAMPINAS – SP; TELEFONE (19) 3521-8936; FAX (19) 3521-7187; E-MAIL: CEP@FCM.UNICAMP.BR

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

APÓS TER RECEBIDO ESCLARECIMENTOS SOBRE A NATUREZA DA PESQUISA, SEUS OBJETIVOS, MÉTODOS, BENEFÍCIOS PREVISTOS, POTENCIAIS RISCOS E O INCÔMODO QUE ESSA POSSA ACARRETAR, ACEITO PARTICIPAR DO ESTUDO E AUTORIZO A UTILIZAÇÃO DA GRAVAÇÃO E DOS RESULTADOS DO TESTE LINGUÍSTICO PARA FINS DE ESTUDO:

NOME DO(A) PARTICIPANTE:

(ASSINATURA DO PARTICIPANTE)

DATA: ____/____/____.

RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR:

ASSEGURO TER CUMPRIDO AS EXIGÊNCIAS DA RESOLUÇÃO 466/2012 CNS/MS E COMPLEMENTARES NA ELABORAÇÃO DO PROTOCOLO E NA OBTENÇÃO DESTE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. ASSEGURO, TAMBÉM, TER EXPLICADO E FORNECIDO UMA VIA DESTE DOCUMENTO AO PARTICIPANTE. INFORMO QUE O ESTUDO FOI APROVADO PELO CEP PERANTE O QUAL O PROJETO FOI APRESENTADO E PELA CONEP, QUANDO PERTINENTE. COMPROMETO-ME A UTILIZAR O MATERIAL E OS DADOS OBTIDOS NESTA PESQUISA EXCLUSIVAMENTE PARA AS FINALIDADES PREVISTAS NESTE DOCUMENTO OU CONFORME O CONSENTIMENTO DADO PELO PARTICIPANTE.

(ASSINATURA DO PESQUISADOR)

DATA: ____/____/____.

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP